



# O DITADOR QUE AGRADOU A DEUS

EVERTON A. P. TIMÓTEO

## **Sumário**

<b>Dedicatória.....</b>	<b>Pg. 4</b>
<b>Sinopse.....</b>	<b>Pg. 5</b>
<b>O Autor.....</b>	<b>Pg. 7</b>
<b>Prólogo.....</b>	<b>Pg. 8</b>
<b>Capítulo 1.....</b>	<b>Pg. 12</b>
<b>Capítulo 2.....</b>	<b>Pg. 14</b>
<b>Capítulo 3.....</b>	<b>Pg. 19</b>
<b>Capítulo 4.....</b>	<b>Pg. 22</b>
<b>Capítulo 5.....</b>	<b>Pg. 28</b>
<b>Capítulo 6.....</b>	<b>Pg. 35</b>
<b>Capítulo 7.....</b>	<b>Pg. 39</b>
<b>Capítulo 8.....</b>	<b>Pg. 44</b>
<b>Capítulo 9.....</b>	<b>Pg. 56</b>
<b>Capítulo 10.....</b>	<b>Pg. 61</b>
<b>Capítulo 11.....</b>	<b>Pg. 71</b>
<b>Capítulo 12.....</b>	<b>Pg. 75</b>
<b>Capítulo 13.....</b>	<b>Pg. 87</b>
<b>Capítulo 14.....</b>	<b>Pg. 93</b>
<b>Capítulo 15.....</b>	<b>Pg. 101</b>
<b>Capítulo 16.....</b>	<b>Pg. 110</b>
<b>Capítulo 17.....</b>	<b>Pg. 115</b>
<b>Capítulo 18.....</b>	<b>Pg. 122</b>
<b>Capítulo 19.....</b>	<b>Pg. 130</b>

<b>Capítulo 20.....</b>	<b>Pg. 135</b>
<b>Capítulo 21.....</b>	<b>Pg. 142</b>
<b>Capítulo 22.....</b>	<b>Pg. 152</b>
<b>Capítulo 23.....</b>	<b>Pg. 162</b>
<b>Capítulo 24.....</b>	<b>Pg. 171</b>
<b>Capítulo 25.....</b>	<b>Pg. 177</b>
 <b>Epílogo.....</b>	 <b>Pg. 183</b>

Dedico esta minha primeira obra para Aquele que me inspirou a construí-la. Estou me referindo ao Senhor Nosso Deus, Criador de todas as coisas. Ele é a primeira e essencial razão da construção desse projeto. O objetivo desta obra é mostrar uma das diversas formas que Deus pode operar em nossas vidas, independente do nosso caráter, modo de vida ou mesmo indiferente de nossa personalidade. Gostaria de ressaltar que é uma obra de ficção, porém a presença de Deus, o carinho que Ele tem por todas as formas de vida existentes nesse Universo são a mais pura realidade. Espero que você, caro leitor, assim como eu, inspire-se Naquele que é o Soberano de todas as coisas, que é a derradeira razão de nossa existência e a principal fonte de nossas forças. Espero do fundo do meu coração que você possa se alegrar com essa leitura e ser um amigo muito mais íntimo de Deus.

Dedico essa obra também á meus filhos, minha esposa, meus pais e toda a minha família, que são meus verdadeiros tesouros aqui nesta Terra.

**Everton A. P. Timóteo**

## SINOPSE

*Pedro Alcântara era um exímio líder desde sua infância. Sua facilidade em trabalhar em grupo e seu forte senso de percepção o levaram a ocupar um cargo muito importante em uma grande montadora de automóveis. Seu grande desempenho dentro da empresa consegue conquistar a confiança de seu patrão, o Sr. Garcia, que resolve selecioná-lo para ser seu substituto na diretoria. No entanto, todo esse poder desperta em Pedro um autoritarismo extremamente radical, tornando-o semelhante a um ditador. Com resultados positivos e um alto número de vendas, Pedro conquista a admiração dos sócios japoneses, que retribuem o sucesso presenteando os representantes brasileiros com um cruzeiro em um navio de luxo. Porém, uma grande tragédia marca esse cruzeiro, deixando Pedro sozinho, sem a companhia de sua família, que desaparecera em alto-mar. Naufragado em uma ilha, ele tem a companhia de um garoto que vinha aparecendo para ele misteriosamente em diversos momentos de sua vida. Após a tragédia, o garoto se apresenta como Deus e diz a Pedro que a partir daquele momento, todo o seu senso de liderança e percepção seriam usados para um propósito muito maior: Salvar a vida de cinco pessoas que o próprio Pedro ajudou a destruir com sua arrogância. Uma obra de ficção que promete levar o leitor à reflexão e mostrar como o poder de Deus pode reconstruir o que parecia ser quebrado para sempre.*

**Dedicado ao amor da minha vida, Rosângela**

## **O Autor**

Everton A.P. Timóteo nasceu no dia 19 de abril de 1990, na cidade de Arujá, no Estado de São Paulo. Formou-se em Logística pela ETEC de Ferraz de Vasconcelos. Além de escritor, atua como auxiliar de recebimento em uma empresa de embalagens plásticas, localizada na cidade de Itaquaquetuba-SP, onde também reside. Evangélico, tem como *o Ditador que Agradou a Deus* como sua primeira obra. Seu principal autor de inspiração é o Pr. Juanribe Pagliarin, cujas obras *Quando não dá mais* e *Jesus, a Vida Completa* serviram de motivação para Everton iniciar sua carreira como escritor.

## PRÓLOGO:

São Paulo, ano de 1986. O Senhor Hélio Alcântara e a Senhora Nair Alcântara orgulhavam-se grandemente do seu único filho de seis anos, o pequeno Pedro Alcântara. Desde os quatro anos de idade, o menino apresentava uma inteligência que era considerada fora do comum por seus pais, por seus parentes e também pelos seus amigos de mesma idade ou até de idade superior. Pedro apresentava grande interesse por leitura, ora por historinhas em quadrinhos, ora por livrinhos de atividades, e por qualquer placa que avistasse na rua ou qualquer coisa do gênero. Com seis anos de idade, já estava no primeiro ano escolar. Manifestava uma enorme facilidade em absorver tudo o que sua professora, a Senhora Sônia aplicava aos seus alunos. Certa ocasião, a professora elaborou uma atividade na qual os alunos precisavam se dividir em grupos e pegar uma cartolina cada grupo. Em seguida, cada equipe precisava discutir um desenho para ser feito naquela cartolina. O desenho precisava ser feito, contornado e pintado, características de qualquer desenho que fosse bem-feito.

E para essa tarefa, havia no grupo de Pedro Alcântara, um garoto de nome Maurício Cavalcante, um desenhista prodígio. Maurício, com apenas sete anos, já tinha uma grande paixão por desenhos. Era capaz de fazer espécies de caricaturas de seus colegas de classe, assim como fazia com a Senhora Sônia e, sempre que podia, desenhava seus pais. Obviamente não eram caricaturas de foro profissional, como era de costume sair das mãos de grandes artistas, mas os traços de Maurício impressionavam qualquer adulto.

Maurício não era muito alto, tinha cabelos castanhos. Dava pra se perceber que ele não gostava muito de apresentar o estilo de criança boazinha, seus cabelos eram bagunçados, a contragosto de sua mãe. Seus olhos eram castanhos e fixavam-se nos olhos de todas as pessoas que ele conversava. Era um exímio líder, assim como Pedro, que também tinha olhos fixos e esverdeados e, ao contrário de Maurício, gostava que seus cabelos ficassem da mesma maneira que sua mãe havia deixado antes de deixa-lo na escola. Isso a fazia feliz, e a felicidade de Dona Nair Alcântara era algo que Pedro sempre procurava preservar. Pedro e Maurício eram grandes amigos desde o primeiro dia de aula e sempre desejavam estar um em companhia do outro, quando Dona Sônia elaborava atividades em grupo.

Depois de conversar com Elisabeth e Franklin, dois colegas de seu grupo, Maurício se encarregou de produzir o desenho do cartaz. Como se fosse

num passe de mágica, os traços foram surgindo e se interligando, ativando imediatamente a imaginação dos outros colegas. Iniciava-se com um triângulo na parte superior do cartaz. Era um triângulo perfeito, como o de uma pirâmide. Era impressionante como Maurício tinha noções de medidas sem nem mesmo usar uma régua. Logo, foram aparecendo outras formas. Depois de apenas dois minutos, Pedro imediatamente conseguiu identificar o que Maurício tinha em mente. Ousou perguntar-lhe:

- Maurício, isso que você está fazendo é um castelo, não é?

Não foi por acaso que Pedro descobriu o objetivo do desenho antes dos outros colegas. Ele, sem se dar conta, tinha uma capacidade enorme de intuição e planejamento. Conseguia enxergar perspectivas e decifrar ideias quando estas sequer se materializavam. Assim como Maurício, Pedro era um grande líder. Não era à toa que, independentemente da formação do grupo, os dois sempre eram encarregados de estar a frente de todas as tarefas. E isso despertou a curiosidade e o encanto da Professora Sônia, e era por isso que ela sempre permitia que os dois trabalhassem juntos.

- Exatamente, Pedro – respondeu Maurício. – Aqui nós vamos desenhar um castelo com um moinho ao lado. E aqui nessa parte a gente vai desenhar o rio que movimenta o moinho e bem aqui no canto, a gente desenha o jardim. Todos de acordo?

- De acordo! – responderam Pedro, Elisabeth e Franklin em uníssono.

- Elisabeth, será que você pode ficar com a parte do contorno e da pintura? – perguntou Maurício.

Elisabeth logo lhe atende com empolgação:

- Claro, Maurício, como você quiser!

Franklin, que era um dos garotos mais calados da classe, mas não menos engenhoso, questionou:

- Maurício, e o que eu posso fazer?

Maurício logo lhe respondeu:

- Franklin, com certeza a Professora vai pedir pra nós criarmos alguma coisa em cima do desenho. Essa tarefa está fácil demais para quatro pessoas fazerem. Pelo tempo que ela deu e pela quantidade de pessoas por grupo, pode ter certeza de que iremos mexer com esse desenho de alguma forma. Você e Pedro ficam com o restante da tarefa. Combinado?

Com um sorriso tímido e um balanço de cabeça, Franklin assentiu.

E realmente foi como Maurício disse: A Professora Sônia avaliou os desenhos de cada grupo e voltou-se para o centro de sua classe. De lá, ela ordenou:

- Meus tesouros, os desenhos de todos vocês estão lindos. – Evidentemente, ela teve uma admiração especial no desenho do grupo de Pedro, mas ela não poderia deixar isso transparecer para não desmotivar os outros alunos. – Mas agora eu gostaria que vocês desenhassem uma espécie de tabela em cima de seus desenhos, como se fosse um tabuleiro de damas. Depois disso, quero que vocês recortem os quadrados que se formaram e o grupo vai montar um quebra-cabeça com seus desenhos. Vamos fazer isso?

Foi um grande desafio para as crianças. Todas coçaram as cabeças e torceram os lábios, com exceção de Pedro e Maurício, que sempre gostavam de desafios. Mais do que depressa, Franklin pegou sua régua e desenhou uma tabela em cima do lindo castelo de Maurício, que teve suas cores criadas por Elisabeth. Feito isso, Pedro lançou mão de sua tesoura e começou a cortar todo o desenho. Eram cortes sutis e perfeitos. Mas tão perfeitos que conseguiam dar ao grupo um certo ar de conforto, pois o garoto fazia aquilo com tanta tranquilidade e facilidade que parecia que montar aquele quebra cabeça não seria problema.

Mas apenas parecia. Decidiu-se então que Franklin e Elisabeth iriam começar a montar o quebra-cabeça. Os dois apresentavam uma grande dificuldade em encontrar as peças, pois se tratavam de 51 peças para recompor o desenho. Apresentava-se então uma pequena diferença entre Pedro e Maurício.

Enquanto Maurício observava pacientemente e orientava os outros garotos, Pedro apenas fechou-se em uma expressão insatisfeita e sua falta de paciência era cada vez mais evidente, a cada erro dos dois. O tempo passava e a hora de Dona Sônia encerrar o prazo para o término da atividade se aproximava. Ainda não foi montado nem metade do quebra-cabeça. Pedro olhou ao redor e viu que a dificuldade era igual para todos os grupos. Era uma atividade que exigia o máximo de concentração das crianças. Mas Pedro não conseguia se conformar. Seu grupo era o melhor em tudo. Não poderia ficar para trás de maneira alguma.

Quando faltaram apenas dez minutos para a atividade se encerrar, Pedro perdeu a paciência de vez:

- Vocês dois, me deem licença! – disse, já empurrando os garotos. – Pelo amor de Deus, vocês não conseguem resolver um problema tão fácil como esse. Não sei o que me deu para escolher vocês para meu grupo!

Maurício apenas olhava fixamente seu companheiro, sem surpresa, de expressão séria, como se já estivesse esperando essa atitude desde o início. Claramente frustrado, Pedro reúne sozinho todas as peças da figura em uma velocidade incrível e consegue montar o quebra-cabeça.

Após Pedro terminar o trabalho, havia ainda dois minutos para a Professora Sônia encerrar o prazo para a entrega da atividade. Ela já tinha visto que o grupo de Pedro havia terminado o trabalho, mas esboçou indiferença mediante a isso. Encerrou-se o tempo. Alguns grupos conseguiram terminar no último segundo. Outros nem conseguiram chegar a metade.

Dona Sônia, após recolher todas as atividades, faz sua consideração:

- Meus tesouros, estou muito orgulhosa de vocês! Os trabalhos ficaram maravilhosos, e o empenho de vocês realmente me impressionou. Só teve um grupo que estive observando que infelizmente não conseguiu me surpreender.

O grupo que não conseguiu montar o quebra-cabeça encontrava-se com seus membros cabisbaixos, aparentemente decepcionados. Não conseguiram encontrar as peças que se encaixavam e, por mais que se concentrassem, não conseguiram sequer montar a terceira parte da figura. Porém, o que a professora disse a seguir, foi ao contrário do que todas as crianças esperavam:

- O grupo do Pedro infelizmente me decepcionou! – Todas as crianças ficaram perplexas. Como isso era possível? Era um desenho perfeito, cortes perfeitos. Sem contar que eles terminam antes de todos. – Meninos, quero que vocês observem algo nesse trabalho – todos olharam atentamente para o grupo em questão: - Vejam que o desenho é lindo, está bem pintado e bem montado. Mas deixe-me perguntar-lhe uma coisa, Pedro: Se eu for aí e desmontar essa figura, o Franklin ou a Elisabeth vão conseguir monta-la novamente, com a mesma facilidade?

Pedro congelou-se e fixou os olhos em Dona Sônia, percebendo o grave erro que cometeu. Percebeu também qual era o real objetivo da tarefa.

- Meus amores – continuou a professora – Quando eu proponho qualquer atividade em grupo, a minha expectativa é que vocês aprendam justamente a trabalhar em equipe. E uma equipe consiste em um ajudar o outro, e

nunca condenar um membro de seu grupo por uma dificuldade que ele apresenta. Pedro, quando Elisabeth e Franklin estavam sofrendo para montar um quebra-cabeça que você considerou simples, sua obrigação era auxiliá-los. Guia-os através de sua sabedoria. Você tem um grande senso de liderança, meu amor. Explore isso ao máximo da próxima vez, está bem?

Pedro olhou Dona Sônia com admiração e respeito. Sabia que ela estava certa. Olhou também para seus companheiros de grupo e se desculpou com eles.

E assim, entre uma lição e outra, Pedro foi ganhando mais sabedoria e aprendia mais e mais com sua professora, com seus amigos e, em especial, com seu grande companheiro Maurício, cujo qual sua amizade e cumplicidade cresciam a cada dia. E passaram-se vinte anos após essa convivência de Pedro no âmbito escolar.

## Capítulo 1

São Paulo, ano 2006. É a noite mais esperada pelos jovens alunos de Administração de uma das universidades mais respeitadas da cidade. A noite do baile de Formatura, onde os alunos enfim podem dizer que tanto esforço e dedicação valeram a pena. Também é a noite mais esperada de Pedro Alcântara, que dedicou seis anos de sua vida a entrar de vez no mundo do gerenciamento de empresas. Ele desejou saber o que pensam os empresários, executivos, os desafios que todos os diretores de empresas tinham que enfrentar. E nessa noite, ele estava feliz não somente por concluir uma etapa tão importante de sua vida, mas também porque dividia com ele esse momento seu grande amigo de infância, Maurício Cavalcante, um desenhista talentoso, que cativava a todos ao seu redor. Fazia todos ficarem encantados com as caricaturas, que vieram se aperfeiçoando dentro desses vinte anos de atividades. Assim como Pedro, Maurício tinha uma paixão enorme por novos desafios e tinha muita curiosidade no que dizia respeito ao empreendedorismo.

Seus traços perfeitos o presentearam com um trabalho muito respeitado: O de professor de artes em uma escola de Ensino Fundamental. A paciência e a bondade de Maurício são qualidades que o acompanham há três anos em sua jornada junto aos seus alunos. Maurício não chegou a casar-se, pois mantinha sua vida focada em seus desenhos e nos seus aprendizes mirins.

Por outro lado, Pedro, que nunca teve preguiça para absolutamente nada, conseguiu um emprego de líder de produção em uma respeitada montadora de automóveis. Sua equipe sempre estava tarefaada e seu patrão, o Sr. Garcia o reverenciava em diversas ocasiões, pois uma vez que Pedro estivesse na frente das tarefas, tudo saia conforme suas expectativas. Houve duas ocasiões em que Pedro acompanhou o Sr. Garcia em suas viagens ao exterior apara tratar de investimentos junto aos outros sócios da montadora. Não era segredo que Pedro estava muito realizado profissionalmente.

Além disso, Pedro Alcântara formou uma linda família ao longo de sua vida. Sua esposa Sofia era uma grande companheira e cúmplice. Pedro a conheceu no primeiro ano de faculdade. Estiveram tão apaixonados um pelo outro que se casaram um ano depois de se conhecerem. Exatamente nove meses depois, como se isso fosse alguma coincidência, trouxeram ao mundo Beatriz, uma criança linda, que se tornou uma das razões mais fortes e uma das maiores inspirações para Pedro crescer como pai, como marido e como profissional.

E naquela noite de formatura, Sofia dividiu com o marido a alegria de também ter se formado em Administração. Ela também era muito amiga de Maurício, e adorava quando os dois se reuniam para rir das piadas um do outro, por mais sem graça que essas fossem. Depois da cerimônia de encerramento e de todos se abraçarem, chorarem e se despedirem com alegria e votos de Boa Sorte, Pedro quis aproveitar um momento mais íntimo com sua família e com aquele que ele sempre considerou um irmão.

- Maurício, venha com a gente! Vamos tomar nosso último porre como universitários. Prometemos te entregar em segurança pra sua mãe assim que terminarmos.

Mas o amigo, pela primeira vez, recusou a um convite de Pedro:

- Hoje não, meu amigo! Essa noite foi mágica pra todos nós. Por isso, desta vez quero que vocês dois comemorem como merecem. Juntos! Em família! Quanto a carona, fiquem tranquilos: Gilberto, o grande Nerd vai comemorar com uma galera na cidade vizinha e vai passar bem em frente da minha casa.

Porém, Pedro e Sofia insistiam:

- Maurício, entramos juntos nessa faculdade, tudo o que passamos até aqui teve a ver um com o outro. Como é que, na noite da nossa formatura, você vai passar sem a gente?

Mas Maurício não se convenceu:

- Não se preocupem comigo! Irei com minha mãe e faremos um jantar especial em casa. Nos vemos em breve.

Dizendo isso, Gilberto se aproxima e apressa Maurício:

- Pessoal, imagino que a conversa esteja agradável, mas temos uma família para deixar em casa e uma noite interminável nos esperando.

Maurício assentiu:

- Claro, vamos! Já te agradeço pela carona. Pedro, Sofia, a noite foi incrível. Um bom descanso pra vocês!

Pedro e Sofia, assim que viram os três carros dos boêmios saírem, retomaram seus planos:

- Vamos, meu amor! Acho que seus pais não irão se importar em levar a Beatriz pra passar a noite com eles. Vão?

Sofia lhe respondeu:

- Não, meu príncipe. Pode deixar que eu converso com eles. Depois de seis anos de responsabilidades sufocantes, temos que aproveitar a noite e tomarmos um drinque antes que o mundo real nos surpreenda de novo.

E assim, Pedro e Sofia partiram pra relembrar os tempos de namoro, tomando um champanhe em seu barzinho favorito e aproveitando o que restava daquela noite que, sem dúvida alguma, marcava um novo início.

## Capítulo 2

Pedro Alcântara, como de costume há cinco anos, levanta-se às 05h30 da manhã, tomava seu banho de exatos 5 minutos, cobria sua esposa e sua filha com o início do cobertor que ele havia levantado, e dirigia-se a cozinha para aprontar o café da manhã. Terminando de fazer sua primeira refeição do dia, pegava as chaves de seu carro e se dirigia para o trabalho. A empresa não era muito distante, o percurso era possível de ser feito em quinze minutos, mas o trânsito no caminho dobrava esse tempo. Como Pedro era líder de sua seção, tinha a obrigação de pelo menos chegar meia hora mais cedo para aferir os detalhes e repassar qualquer anormalidade que pudesse atrapalhar a equipe durante aquela segunda-feira.

Os funcionários foram chegando aos poucos. Tanto o pessoal da portaria, o pessoal da produção, da expedição, a administração, os operadores de empilhadeiras foram todos chegando no horário que as atividades começavam: sete da manhã. Contudo, havia um certo Carlos, que era um operário da equipe liderada por Pedro, que pela terceira segunda-feira consecutiva, chegava quarenta minutos mais tarde, além de estar com uma afeição abatida e um forte hálito de bebida alcoólica. Era evidente pra todos ali o quanto e como ele aproveitou o seu final de semana.

Pedro aturava aquelas atitudes de Carlos há algum tempo, e já foi chamado a atenção pelo Sr. Garcia. É claro que como um ser humano, Pedro tentou iniciar uma conversa com seu subordinado. Ele ouviu que Carlos perdeu um filho há dois anos, mas nunca se recuperou dessa perda completamente. Sua esposa o deixou justamente pelo vício na bebida e a única coisa que ele tinha era o seu emprego. Em virtude dessas circunstâncias, Pedro resolveu relevar essa atitude, mas sua paciência já estava se esgotando:

- Carlos, bom dia! Olha, eu não vou lhe perguntar como foi o seu final de semana. Pelo visto, o senhor se esbaldou novamente.

O homem, envergonhado, mal conseguia olhar nos olhos de Pedro. Tentou se explicar:

- Perdão, Pedro! Eu estive com um amigo que eu não via há mais de dez anos. A gente conversou, e eu o apresentei aos meus colegas do bairro. Fomos ao barzinho e ali o Domingo passou tão rapidamente que, quando dei por mim já eram duas da manhã. Mas prometo que será a última vez!

Como Pedro sempre se sacrificou, perdeu incontáveis noites de sono realizando monografias para a faculdade e ainda tinha que estar na empresa

antes de todo mundo e com a melhor cara que um homem poderia fazer, não aceitou essa desculpa:

- Carlos. O horário de nosso expediente é às sete da manhã! Você já é um homem feito. Como é possível que não tenha noção de responsabilidade depois de trabalhar em uma empresa grande e exigente como essa há mais de dez anos? Se eu não fosse seu amigo, te mandaria embora, sem sombra de dúvidas! Agora, pelo amor de Deus! Coloque sua cabeça no lugar e as mãos em sua máquina!

O senhor Carlos, ficou ainda mais cabisbaixo do que estava e dirigiu-se à sua máquina, passando naquele corredor humano, feito por seus colegas de trabalho que os observavam com olhos piedosos.

Pedro, vendo que seus subordinados pararam para assistir àquela bronca, imediatamente bradou:

- Pessoal, podem ter certeza de que o salário deste homem não irá diminuir por causa disso! Fiquem tranquilos, não quero demitir nenhum de vocês! Portanto, não me deem motivos pra isso! Comecem a trabalhar, pois temos um pedido enorme pra cumprir!

Ninguém ousou fazer nenhum argumento. Todos iniciaram novamente o trabalho, cada um com suas máquinas, inclusive Carlos.

Quando se findou o horário de almoço, o Senhor Garcia chamou a todos os funcionários para a chamada Reunião de Desempenho, realizada uma vez por mês.

A sala de audiência era enorme. No centro ficava um púlpito, no qual o Sr. Garcia ministrava reuniões com o auxílio de seu microfone. Havia alto-falantes instalados em cada canto da sala. Estavam lá para que todos ficassem realmente situados do que fosse explicado nas reuniões. Quando Pedro entrava lá, lembrava-se muito do auditório da faculdade. Pouco a pouco, os trabalhadores iam chegando e tomando os seus assentos. Havia um total de mais ou menos duzentas cadeiras enfileiradas ao estilo Stadium, semelhante a uma sala de cinema. Na primeira fila, ficavam as cadeiras reservadas para os líderes de cada setor da fábrica. Tinha que ser assim porque em cada reunião havia um momento para cada líder subir ao púlpito para dar sua posição mediante ao desempenho do seu setor.

O Sr. Garcia já se encontrava em pé atrás do púlpito aguardando até que todos já estivessem acomodados e em perfeitas condições de ouvir o que se iria passar na reunião. Em uma questão de dez minutos, todos já estavam

em seus lugares. Funcionários, seus líderes e a chefia administrativa. Momentos depois, o Sr. Garcia iniciou a reunião:

- Senhores, muito bom dia! Como é de costume, estamos presentes em mais uma reunião com assuntos pertinentes à nossa montadora. Sempre ressalto que é essa a oportunidade que temos de ouvir os senhores, atualizá-los acerca da posição de nossa empresa no mercado, corrigir os senhores sobre algo que esteja de alguma forma saindo dos padrões estabelecidos, além de apresentarmos em primeira mão toda e qualquer proposta ou novidade. Quero já iniciar esse nosso encontro dando parabéns aos senhores! Esse mês nossas vendas triplicaram com relação ao mês passado. É com grande orgulho que anuncio que alcançamos mais um recorde de faturamento, além de inúmeros pontos positivos com nossos sócios, além de um projeto que acredito que vai ser um grande passo na vida de cada um de nós. Mas sobre esse projeto falaremos no final da reunião.

O Sr. Garcia tranquilamente organizou os inúmeros papéis que tinha em cima do púlpito, lançando mão da pauta da reunião, que era prioridade daquele momento em diante. Tendo a pauta em mãos, leu a ordem e iniciou:

- Bom, de início, eu quero ouvir como anda a segurança de nossos operadores e se há alguma sugestão com relação ao processo produtivo. E quero agora chamar o nosso amigo Rogério, que é nosso técnico de segurança.

Rogério era o responsável pela Segurança do Trabalho na montadora, além de ser amigo de todos os operários do chão de fábrica. Graças a ele, os trabalhadores conseguiram luvas mais resistentes, um modelo de óculos especial, alguns conseguiram uniformes anti-chamas, entre várias outras melhorias. Depois dos líderes de setor, era o principal canal dos operários e a direção.

Rogério então se levantou e se dirigiu ao Púlpito. Olhou para toda a assembleia e iniciou:

- Bom dia a todos! Durante esse mês, não sofremos nenhum acidente, graças a Deus. Tampouco tivemos situações de risco. Quero agradecer mais uma vez o empenho de vocês e reiterar o pedido de sempre usarem os equipamentos de segurança, não conversarem muito durante o trabalho e sempre terem a consciência de que, se algo de ruim acontecer à vocês aqui, é em casa que vocês farão mais falta. Obrigado a todos e tenham um ótimo dia!

Terminando sua declaração, Rogério pegou sua prancheta com os números e se retirou, dando novamente o lugar ao Sr. Garcia. O patrão assumiu o microfone e continuou:

- Bem, continuando... Vamos ver como se encontra a situação de cada setor da empresa, começando com a Expedição. Eu gostaria de chamar o Ailton, responsável por nossa parte de controle e expedição.

Ailton era o líder da equipe de expedição, que tinha como missão identificar as peças a serem vendidas, carregar os caminhões para transporte, além de conferirem a matéria-prima que chegava aos galpões. Assumindo a posição no púlpito, Ailton iniciou:

- Bom dia, senhores! Nosso setor de expedição como sempre está bem entrosado, todos estão realmente comprometidos com as tarefas, sem exceção. Porém, nesse último mês, como foram muitas vendas, foi muita correria e praticamente extrapolamos em horas extras. Gostaria de solicitar aos responsáveis pelos Recursos Humanos que contratassem mais funcionários para suprir nossas necessidades. Eu mesmo me comprometo a dar o treinamento e a integração necessária aos novos recrutas.

O Sr. Garcia, do seu lugar, lançou mão de outro microfone e imediatamente respondeu com firmeza:

- Senhor Ailton, seu pedido é uma ordem! – todos riram. – Vamos lá, Pessoal, não queremos sobrecarregar ninguém. Se você quer ampliação da equipe, nós faremos isso. O Recursos Humanos já está com seu pedido no papel e amanhã já abriremos oportunidades para processos de seleção. Muito obrigado!

Ailton, satisfeito pela posição do chefe, assentiu com a cabeça e deixou o púlpito. O Sr. Garcia se levantou e novamente assumiu a reunião:

- Muito bem! Como próximo item da pauta, eu gostaria de chamar o Senhor Pedro que, como todos sabemos, é responsável pela produção de nossos automóveis. Pedro, assume o microfone por gentileza.

Pedro Alcântara, como em todas as reuniões, subiu ao púlpito com o peito pra frente, demonstrando postura e um certo orgulho, pois sabia que a produção era o coração dos processos produtivos e que, se houve algum setor que realmente deu o sangue pela empresa, esse setor foi o dele. Tomando o ar, Pedro começou seu depoimento:

- Bom dia a todos! Bem, esse último mês realmente foi terrível pra nós, mas é muito gratificante saber que o resultado foi maravilhoso. E esse

mérito não pode ser meu de forma alguma. Todos os caras que trabalham comigo, deles sim é o mérito! Eu, mais do que todos lá embaixo, vi o quanto esses pais de família são guerreiros. Cada um deles significa o futuro dessa empresa sem sombra de dúvidas. E se depender de mim, essa equipe só tem a ganhar, e podem ter certeza absoluta que as melhorias que estiverem ao meu alcance, eu irei correr atrás. A começar pedindo aqui na frente de todos vocês uma bonificação para cada membro da produção pelo grande feito no mês passado! Muito obrigado e um bom dia a todos!

Pedro desceu ovacionado por todos. Realmente, era um líder exemplar. As lições que aprendeu desde criança e até mesmo na faculdade o fizeram melhorar muito como pessoa. E isso agradava aos olhos do Sr. Garcia, que logo lhe respondeu, com alegria:

- É o mínimo que posso fazer por seus meninos, Pedro! Meus parabéns a todos! E como prometido, irei contar aos senhores o projeto que ganhamos de nossos sócios!

Sr. Garcia ligou os slides e apresentou aos colaboradores uma fotografia do Central Park, um dos pontos mais importantes da cidade de Nova York. Caminhou quatro passos mais perto da plateia e perguntou:

- Algum dos senhores sabe que lugar é esse?

Fez-se uma pausa. Ninguém ousou responder. Alguns ali até sabiam, mas ninguém queria dar uma de metido. Momentos depois, o Sr. Garcia continuou:

- Senhores, esse lugar é o Central Park, uma praça muito importante na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. O que quero dizer, meus caros, é que nossos sócios americanos aprovaram a ampliação dos negócios de nossa montadora para os Estados Unidos. Quero dizer também que construiremos uma filial em Nova York. E se tudo der certo, quero que todos façam um curso de Inglês que oferecerei aqui na empresa, pois com certeza terão ocasiões em que alguns dos senhores serão convocados por mim para prestar algum serviço nessa nova montadora. Mas não vou obrigar ninguém a se mudar pra lá. Meu projeto se concentra em deixar tudo pago a vocês nessas ocasiões, desde hospedagem, comida, entre outras coisas, inclusive o turismo pra vocês e pra família de vocês. A única condição que peço é que usem os mesmos talentos que desenvolvem aqui em prol dessa nova unidade. Provavelmente precisarei desse tipo de serviço a cada seis meses ou a cada ano. Não sei ao certo. Mas não se preocupem.

É um projeto que ainda estamos montando. Qualquer novidade será passada pra vocês em alguma de nossas reuniões extraordinárias.

Em um instante de silêncio, todos que ali estavam se entreolhavam, como se estivessem esperando que o chefe dissesse que aquilo não passava de uma brincadeira. Mas Sr. Garcia não esboçou sorriso algum, e aquilo só poderia significar uma coisa: Ele não estava brincando e o projeto já estava em andamento. A vida de todos ali naquela sala poderia mudar de uma forma radical.

Após o Sr. Garcia dar as considerações finais e encerrar a reunião, todos saíram da sala de reuniões conversando sobre as oportunidades que viriam, o tal curso de Inglês e discutiam bastante sobre como seria passar algumas temporadas nos Estados Unidos.

Era fato que todo esse processo mudaria a vida de todos na empresa. Entretanto, haveria uma mudança definitiva na vida de uma pessoa ali em especial. E essa pessoa era Pedro Alcântara, que jamais em sua vida esperou o que iria acontecer a seguir.

### CAPÍTULO 3

Pedro Alcântara, ainda orgulhoso por ter mostrado naquela reunião o quanto era forte sua liderança e o quanto sua equipe era eficiente, estava se dirigindo à porta de saída do auditório, quando é surpreendido pela voz calma e autoritária do Sr. Garcia:

- Pedro, só aguarde um pouco, por favor! Quero conversar com você em particular!

Antes que o chefe mandasse, Pedro deu meia-volta e se dirigiu até onde estava o púlpito para saber o que o chefe lhe diria. Uma promoção, talvez? Um aumento salarial? Teria algo a ver com a novidade apresentada na reunião? A resposta era Sim, mas não como Pedro imaginaria.

- Pedro, quero que você, antes que todos, saiba que nossos sócios deixaram toda a responsabilidade dessa nova filial em minhas mãos. E como toda a infraestrutura ainda está no papel, será preciso que eu fiscalize de perto a construção do prédio, a compra de maquinários, a regularização do terreno, e todos os trâmites que você e eu já conhecemos.

Pedro olhava para o Sr. Garcia com uma ansiedade que ele jamais havia sentido. O chefe nem havia designado a missão e o líder já sentia aquele frio na barriga. E isso não era uma mera impressão: Desde criança, Pedro tinha um talento de percepção fora do comum. Antes mesmo de uma ideia ser criada, ele de uma forma estranha, já podia presumir o que iria se passar. Então, Sr. Garcia continuou:

- O que quero dizer é que, todo esse processo vai exigir minha atenção por uns dois anos, no mínimo. São melhorias a longo prazo. E nesse período, nossos colaboradores estarão se especializando na Língua Inglesa. E o que quero de você, meu rapaz, é algo que eu, com certeza não pediria nunca a qualquer pessoa. Você já está comigo há muito tempo e minha confiança em você cresceu a cada dia que você trabalhou aqui.

Pedro permaneceu em silêncio, apenas aguardando a conclusão do Sr. Garcia:

- Pedro, durante o tempo que eu estiver fora, quero que você assuma o comando de nossa montadora. Sei muito bem que você será capaz. Você se formou em Administração e eu pude ver o que tem absorvido durante esses seis anos. Além de ter um talento nato para a liderança, seu jogo de cintura em situações adversas é algo que quero explorar a partir de agora.

Pedro ficou estático, congelado. Definitivamente, ele não esperava por aquilo. Não tão de repente. Ele se preparou para administrar uma empresa por seis anos, é verdade, mas Garcia o pegou de surpresa e ele não sabia o que responder. Mas de uma coisa ele sabia: Toda a carreira dele dependia daquela resposta. Ele poderia dizer não, mas sem dúvida alguma perderia muitos pontos de uma hora para outra. Então, observando esse raciocínio, Pedro declarou:

- Sr. Garcia, realmente eu não sei o que dizer, é uma honra. Pode ficar tranquilo. Concentre-se apenas no projeto americano e deixe a montadora em minha responsabilidade sem medo.

Garcia, olhando com alegria para seu sucessor, apertou-lhe a mão e agradeceu:

- Eu sabia que poderia contar com você, meu garoto. Prepare-se, pois a partir da semana que vem embarcarei para Nova York e darei início ao projeto o mais rápido possível.

Semana que vem? Aquilo não podia ser verdade. Era um prazo muito curto de tempo. É claro que com isso, seu salário dispararia de uma forma incrível, e sua família se encheria de orgulho dele mais uma vez. Pedro só queria encontrar o chão e colocar seus pensamentos em ordem. Seria o maior desafio de sua vida, disso ele tinha certeza. Mais do que depressa, Sr. Garcia, levantando-se, disse a Pedro:

- Hoje mesmo irei providenciar o aumento em seu salário, além de vários outros benefícios. Só faça um favor pra mim: Deixe isso como nosso segredo, tudo bem?

Pedro, já se estabilizando, lhe respondeu:

- Não se preocupe, senhor. Até a semana que vem, trabalharei naturalmente, como sempre fiz.

O Sr. Garcia novamente agradeceu e o dispensou. Pedro, ainda incerto do que tinha acabado de fazer, voltou ao seu trabalho e cumpriu sua jornada de trabalho com a mente longe, exatamente uma semana no futuro. Sua preocupação era imensa. Chegada às 17:00, Pedro pega seu carro no estacionamento e se dirige de volta para casa.

Sua esposa Sofia aguarda-o ansiosa como sempre para o café da tarde. A pequena Beatriz já está de banho tomado e também se alegra ao ver que o pai chegou em casa. Sofia conhecia Pedro tempo o suficiente para

identificar em sua expressão que algo hoje saiu dos padrões de normalidade. Assim sendo, ela questiona:

- Meu amor, aconteceu algo?

Pedro não tinha costume de mentir para a esposa. Logo ele responde:

- Princesa, eu recebi hoje uma proposta excelente do Sr. Garcia. Confesso que isso me pegou de surpresa, eu não esperava uma coisa assim.

Ansiosa, Sofia pediu:

- Continue, querido....

Bem, o que acontece é que os sócios da montadora nos presentearam com uma oportunidade de ampliarmos nossos negócios para Nova York e com isso, construirmos uma filial lá. E o próprio Sr. Garcia encabeçará todo o desempenho dessa operação, sendo obrigado a ficar por lá por um ou dois anos. E ele me encarregou de administrar a empresa em seu lugar. 21

Os olhos de Sofia encheram-se de lágrimas de felicidade e em seguida ela pulou aos braços do marido.

- Meu amor, mas que notícia maravilhosa! É a oportunidade que você sempre esperou! Não sei como você não chegou aqui com um largo sorriso. Você vai presidir uma empresa. Não sabe o que isso significa?

Pedro lhe respondeu:

- Eu sei, minha vida! É que a ficha ainda não caiu. Aconteceu tudo tão depressa. Puxa, nossa vida irá mudar tanto... Como será?

Sofia percebeu que o marido estava tão alegre e entorpecido com a boa nova que quis ajuda-lo a voltar para a realidade:

- Meu amor, tome um banho bem demorado e respire o ar do descanso. Preparei um delicioso jantar pra nós dois.

Pedro respondeu em seguida:

- Claro, meu anjo. Mas antes deixe-me beijar essa preciosidade do papai...

Depois de um beijinho na pequena Beatriz, Pedro Alcântara toma um banho contrário ao que está acostumado. De cinco minutos, ele precisou de um banho de quase vinte para relaxar e colocar as ideias em ordem. Após um delicioso jantar com sua família, o agora realizado Pedro parte para seu merecido descanso.

## Capítulo 4

Passaram-se sete dias desde que Pedro Alcântara entrou naquela sala de reuniões presidida pelo Sr. Garcia e soube do projeto internacional que mudaria o modo de vida de sua transportadora, de seu patrão, de seus colegas de trabalho e, sobretudo, de sua vida. Pedro esperou por aquela Segunda-feira como uma criança espera pela noite de Natal para abrir os presentes. Não, talvez ele ainda estivesse mais ansioso do que uma criança. O fato é que, pela primeira vez desde que ele iniciou sua carreira profissional, acordou antes do despertador. Pra dizer a verdade, ele sequer dormiu. Quando o relógio marcou 05:30, ele já estava terminando seu banho matinal. Quando ele saiu do banheiro, e dirigiu-se à cozinha, sua esposa estava esperando-o para tomar café, hábito que ela nunca teve. Definitivamente, aquela não era uma Segunda-feira qualquer.

- Meu amor, acordada a essa hora? Fiz muito barulho?

Sofia, com um sorriso no rosto, o beijou e disse:

- Só quero te desejar sorte, meu bem. Eu sei o quanto você esperou esse dia. Eu não me perdoaria se deixasse você sair por aquela porta sem dizer o quanto te amo e te admiro.

Surpreso e admirado, Pedro respondeu:

- Minha linda, você realmente não existe! Obrigado!

Após terminar o café, Pedro pega se despede de seus dois amores, pega seu carro na garagem e parte para a transportadora.

Mal começa a pegar a estrada, Pedro sente os efeitos da ansiedade percorrendo o seu sistema nervoso. Apesar do trânsito daquele dia estar exatamente igual aos outros dias, parecia que estava mais congestionado do que nunca. Dentro do carro estava um calor insuportável e Pedro sentia seu coração bater acelerado. Era a primeira vez que ele sentia algo assim.

Seu senso de ditador que o acompanha desde criança se manifestou bem mais cedo naquele dia. Vendo aquela fila interminável de veículo, ele começou a buzinar intermitentemente e os carros que estavam atrás dele acompanharam aquele ritmo de barulho infernal. O relógio instalado no painel de seu carro parecia acelerar. Como era possível? Pedro saiu cerca de quinze minutos mais cedo de sua casa e parecia que ele estava começando a se atrasar.

Na verdade, o tempo estava completamente a favor de Pedro. Acontece que ele não queria perder a chance de mostrar a todos na empresa que ele conseguia ser ainda mais responsável do que já era. Ele queria averiguar tudo antes que qualquer pessoa chegasse. Queria estar impecável para o Sr. Garcia. Ora, era a chance de sua vida!

Tendo todo esse raciocínio em sua mente, Pedro Alcântara colocou em sua cabeça uma ideia que ele nunca teve até hoje: Resolveu olhar o lado contrário da enorme fila de carros na esperança de conseguir observar pelo menos meio quilômetro livre, já que o fluxo se encontrava todo em direção ao centro. Pedro sabia das leis do horário de pico e resolveu então quebrar uma lei de trânsito. Observando a contramão, viu que tudo estava livre. Era possível andar ali com a terceira marcha engatada. Pedro pisou na embreagem, engatou a primeira e saiu em uma disparada inacreditável na contramão. Era como se um espírito de rachador tivesse encarnado no rapaz. Em menos de dez segundos, o velocímetro marcava oitenta quilômetros por hora. Era uma visão maravilhosa: Um a um os veículos iam ficando pra trás, enquanto ele disparava com seu conversível em direção ao final da enorme fila de automóveis.

Acontece que, como Pedro não tinha a menor experiência como piloto de rchas, ele não se deu conta de que o último veículo da fila do fluxo de carros estava reduzindo sua velocidade, pois o semáforo acabara de marcar o sinal amarelo. Seu velocímetro marcava noventa por hora. O raciocínio de Pedro funcionava na mesma velocidade de seu carro: Se pisasse nos freios naquele momento, certamente seu veículo patinaria e colidiria com algum dos carros ao seu lado. A única coisa que ele pensou em fazer era continuar acelerando e tentar burlar o semáforo enquanto ainda estivesse no amarelo.

Pedro só não contava com uma coisa: Abaixo do semáforo havia uma faixa de pedestres. E bem acima da faixa, um menino passava solitário e tranquilo, aparentemente não se dando conta da situação pela qual iria passar em poucos instantes.

O velocímetro do carro de Pedro agora marcava noventa por hora, em decorrência da súbita aceleração para tentar burlar o semáforo antes que este se avermelhasse. Mesmo se Pedro pisasse naquele momento no freio com toda a força, o carro derraparia na direção do garoto. Mas pelo menos o impacto seria menor. Então foi essa a decisão que ele tomou. Na esperança de desviar, mesmo que um pouquinho, de um impacto fatal, Pedro concentrou-se no pedal de freio e pressionou-o, fazendo o carro

deslizar para fora do trânsito. O objetivo era lançar o carro para um canteiro em uma praça no canto da estrada.

Mas não deu tão certo como Pedro pensou. O carro tomou uma direção incerta e a lateral acabou lançando o garoto aproximadamente dois metros longe dali. O carro, por sua vez, terminou sua trajetória de derrapagem de encontro a uma grande e antiga árvore na praça. O impacto foi violentíssimo. Talvez se não fosse pelo cinto de segurança, Pedro seria lançado de encontro ao para-brisa.

Pedro não deu a menor atenção para o sangramento em seu nariz, que se ocasionou pela brutal colisão de sua face no volante. Imediatamente abriu sua porta amassada e saiu correndo, cambaleante em direção ao garoto que inacreditavelmente já se encontrava em pé e parado na calçada, como se estivesse esperando Pedro pedir desculpas, ou algo do gênero. Correndo feito louco em direção ao garoto, Pedro agachou-se e começou a procurar ferimentos nele. Parecia que aquele era o dia de sorte daquela criança. Ela estava intacta. Como se isso não fosse o suficiente, o garoto olha nos olhos de Pedro e pergunta:

- O senhor está bem?

Totalmente ofegante, Pedro pareceu não ouvir a pergunta do garoto:

- Pelo amor de Deus, garoto! Entre no meu carro, eu vou te levar ao hospital! Onde estão seus pais?

A criança tinha um olhar calmo, olhava Pedro dos pés á cabeça, como se estivesse tentando entender o que tinha acontecido. Pedro, ainda desesperado, insiste:

- Vamos, menino! Eu vou te socorrer! Você bateu com a cabeça? Eu devo ter-lhe quebrado alguma costela, não entendo como você ainda está em pé! Vamos depressa, entre no meu carro! Está logo ali!

Mas o garoto simplesmente responde:

- Acalme-se, senhor! Eu estou bem, prometo!

Pedro via aquilo, mas não acreditava. Como era possível uma criança receber uma pancada violenta como aquela, não sofrer nenhum arranhão e ainda estar consciente? Por um momento, Pedro se perguntou se ele estaria sonhando. Mas era certeza que não. Seu nariz sangrava, ele sentia o sangue. E o garoto estava realmente ali, em sua frente, o olhando sem parar. Parecendo sem mais alternativas, Pedro perguntou ao garoto:

- Você viu o que te aconteceu? Lembra-se de alguma coisa?

Coçando a cabeça, e olhando para o chão, a criança começou a falar:

- Bom, eu lembro que eu estou há muito tempo andando procurando minha moeda que perdi. Á propósito, o senhor não a viu por aí?

Pedro não estava entendendo muito bem a situação. Há doze minutos atrás, ele saiu de sua casa, deparou-se com um trânsito que ele pensou que o atrasaria para sua grande promoção na montadora, avançou na contramão em alta velocidade, atropelou uma criança, colidiu com o seu carro brutalmente em uma árvore, e momentos depois essa mesma criança olha pra ele e pergunta se ele viu uma moeda perdida. Aquilo não fazia sentido. Mas Pedro resolveu ignorar totalmente aquela situação, e voltou a insistir:

- Garoto, procure por essa moeda uma outra hora, tudo bem? Agora, eu vou pegar você, vou colocá-lo em meu carro e vou te levar pra ter cuidados médicos antes que essa população venha me linchar. Fui bem claro?

Incrivelmente, a criança abre um grande sorriso e diz:

- Não se preocupe mais, eu estou muito bem! Me lembro muito bem do que aconteceu e foi tudo muito rápido. Veja, ninguém está olhando! Ninguém percebeu o que aconteceu!

Pedro vagorosamente olhou ao redor e, de fato, parecia que ninguém tinha visto aquele acidente. Será que foi tudo realmente tão rápido? Ele mal terminou de observar ao redor, e a criança cutucou seu ombro e disse:

- Viu? Estão todos te procurando lá no seu carro! Estão preocupados. Vai ser nosso segredo, tá bom?

Pedro, ainda sem entender, avistou seu carro no lugar onde ele havia colidido. Havia ali uma multidão aglomerada. Será que ninguém havia o visto sair do carro? Será que ninguém viu o garoto? Mas quando Pedro volta-se para trás, nem ele via mais o garoto. Ele sumiu. Totalmente sem norte, Pedro volta para o seu carro para de alguma forma, continuar o seu dia.

De volta ao local do acidente, as pessoas se dirigem para Pedro, mas não pareciam estar com ódio a ponto de quererem linchá-lo. Pelo contrário: Pareciam preocupadas. Um idoso que ali estava lhe pergunta:

- Meu jovem, você está bem?

Totalmente confuso, Pedro responde-lhe:

- Sim, eu acho que sim! Sim, estou sim, obrigado, senhor! Acho que foi apenas um susto!

Um outro rapaz que ali estava lhe pergunta:

- Você está ferido, Irmão! Quer que eu leve você ao Hospital?

Pedro lembrou-se então porque estava ali. Aquele dia tinha um objetivo e nada poderia atrapalha-lo, muito menos uma situação estranha como aquela. Então, recobrando a razão, ele diz á toda a multidão:

- Não, Pessoal, obrigado! Eu estou bem, foi um susto mesmo! Acho que perdi o controle e acabei derrapando. Apenas isso! Agora eu preciso ir, estou atrasado!

O mesmo rapaz lhe pergunta novamente:

- Você tem certeza de que está bem?

Pedro, apressadamente recolhendo suas coisas e entrando no carro, responde-lhe:

- Sim, sim, obrigado! Vai passar! Obrigado, Pessoal!

Mais do que depressa, Pedro consegue ainda dar a partida no carro e sair, desta vez mais devagar. E não é que ele estava mais devagar por estar com medo. Acontece que ele olhou para o relógio no painel do seu carro e viu que não haviam se passado nem dois minutos entre o último momento em que ele conferiu o relógio antes de arrancar naquela velocidade e quase matar a criança. Só poderia haver uma explicação: Pode ser que o relógio tenha se danificado com o impacto da batida. Mesmo assim, Pedro pega o celular do bolso de sua calça social e confere o horário. Ainda eram 06:12 da manhã. Ele só não duvidou que o celular estivesse intacto porque o relógio da Avenida Paulista marcava exatamente o mesmo horário e a temperatura de treze graus. Aquele acidente parecia que não aconteceu. Mas seu nariz ainda sangrava um pouco, e a lateral do carro estava amassada. A dor nas costas também era real.

Pedro abre seu porta-luvas e pega um lenço de papel para limpar o sangue do seu nariz. E meio a todos os acontecimentos, ele ainda consegue chegar à montadora às 06:25. Como ele previu, ninguém ainda havia chegado. Lentamente, ele estaciona seu carro em sua vaga, pega a chave da porta do escritório e dirige-se até o banheiro para lavar seu rosto e dar um jeito em seu cabelo. Pelo menos ele saiu cedo de sua casa. A única coisa prudente que ele fez até aquele momento.

Pedro ainda se encarou por cerca de um minuto em frente ao espelho, tentando esquecer-se do que acontecera na última hora e concentrar-se no grande momento que aquele dia ainda lhe reservaria. Quando o relógio marcava 06:50, eis que aparece no vestiário o senhor Carlos. Aquele que Pedro repreendeu sete dias atrás, por ter chegado atrasado ao trabalho. Com uma expressão bem melhor do que na semana passada, Carlos o cumprimenta:

- Bom dia, Pedro!

Já de rosto lavado, Pedro corresponde:

- Bom dia, Carlos! Tudo em paz?

O homem responde:

- Graças a Deus, pronto pra mais uma semana!

Com um meio-sorriso, Pedro lhe responde:

- Todos nós, Amigo! Todos nós!

Pouco a pouco, todos os funcionários iam chegando e assumindo suas posições, como faziam todos os dias. Pedro tinha uma expressão diferente. Ainda estava assustado com o que aconteceu há uma hora. Mas ao mesmo tempo estava alegre e ansioso com a grande promoção de sua vida. Então, chegou o grande momento. O Sr. Garcia acabou de passar pela área de produção saudando á todos. E naquele dia ele estava mais bem vestido do que habitualmente. Ele vestia um lindo smoking, muito bem desenhado e com fios perfeitos. Era evidente que ele não ficaria na montadora o dia inteiro. E Pedro sabia que, na verdade aquela seria a última vez naquele ano que o patrão pisaria naquela fábrica.

Mal os funcionários ligaram suas máquinas, e já foram convocados para uma reunião extraordinária. Muitos se surpreenderam, pois além de chegar bem cedo, o que era muito raro, Sr. Garcia não costumava fazer reuniões em um período tão curto de tempo, a não ser pra tratar de um assunto vital para a empresa.

Em questão de poucos minutos, a assembleia já estava composta por todos os membros da montadora. Pedro permanecia calado, aflito. O único momento em que ele abriu a boca foi para saudar o Sr. Carlos no vestiário. Momentos depois, o Sr. Garcia se aproxima da cadeira onde Pedro estava sentado, cumprimenta-o e pergunta-lhe, em um sussurro:

- Está pronto, Rapaz?

Tentando esconder a sensação estranha que sentia, Pedro respondeu com firmeza:

- Mais do que nunca, Chefe!

Então, o Sr. Garcia sobe em seu púlpito e inicia seu discurso:

- Bom dia, senhores! Hoje serei mais breve do que o habitual, pois quero tratar de apenas um assunto muito importante! Trata-se de uma pequena mudança em nossa diretoria em virtude daquele projeto que lhes apresentei na semana passada.

Dava pra ver que todos se entreolhavam, certamente se perguntando onde Sr. Garcia queria chegar. Sem mais delongas, Garcia continuou:

- Como vocês sabem, devido ao desempenho positivo que viemos apresentando aos nossos sócios, eles nos recompensaram com a oportunidade de instalarmos uma filial em Nova York. E com toda a certeza, isso trará pra nós melhores condições de trabalho, além de uma melhora muito grande em nossos salários. Porém, como condição, eles determinaram que eu ficasse totalmente á frente desse projeto. Portanto, estarei me ausentando do Brasil por um ano ou talvez até mais. Dependerá muito do andamento da construção da nova filial.

Houve um alarde no auditório. Todos falavam baixo, talvez surpresos com a notícia. Não se importando com tal manifestação, o chefe continuou:

- Mas não pensem os senhores que vou deixá-los na mão de qualquer desconhecido! O novo gestor dessa unidade da montadora será uma pessoa que conhecemos bem, que trabalha conosco há anos e com certeza é uma pessoa muito capacitada. E eu não diria isso se não tivesse plena convicção. Essa pessoa é Pedro Alcântara! Ele assumirá os negócios e encabeçará toda a dinâmica da fábrica. Qualquer dúvida ou sugestão que vocês tiverem a partir de agora, é só falar com o Pedro.

A reação de todos foi instantânea e sincronizada. Os olhares mudaram de foco e não estavam mais no púlpito e sim na cadeira onde estava Pedro. E a partir daquele momento, Pedro também veria aquelas todas aquelas pessoas de maneira diferente.

## CAPÍTULO 5

Aquela reunião havia terminado e, com certeza nenhum dos funcionários que ali estavam saíram do mesmo jeito que entraram. Uns estavam orgulhosos pela promoção de Pedro Alcântara. “Ele merecia isso, há muito tempo ele dá o sangue por essa empresa. Já passou da hora.” Outros, foram tomados por um leve toque de inveja: “Era tudo o que ele queria. Depois de tanto lambar as botas do Garcia, finalmente conseguiu o osso. Agora vamos ver quem vai lambar as botas dele.” De qualquer forma, era fato consumado: Pedro já era o gestor da montadora e todos os acontecimentos tinham que estar ao conhecimento dele.

Acompanhando Garcia até sua sala, Pedro permanecia calado, apenas ouvindo suas orientações. O chefe deu conselhos sobre gestão administrativa, liderança, comportamento humano, negociações com clientes nativos e estrangeiros, contabilidade, entre outras coisas. Pedro conseguia absorver aquilo com facilidade, nem precisou anotar. Na realidade, ele conhecia todas as rotinas da empresa. Era muito curioso e, durante sua carreira desde o início, sempre perguntava como se fazia determinada tarefa. Sabia o fluxograma de todos os processos ali dentro. A única diferença é que agora, ele iria cuidar daquilo tudo de uma só vez. Ele não podia falhar. Tinha um mundo inteiro em suas mãos.

Garcia, depois de ter dado as orientações a Pedro, despediu-se de sua equipe administrativa. Não era um adeus. De tempos em tempos ele apareceria para ver se as coisas estavam em ordem por ali. Mas de alguma forma, todos viram aquilo como um momento sentimental. Após isso, desceu até o setor de produção, onde levou quase três horas para se despedir de todos, já que a empresa tinha pra mais de duzentos funcionários. Quando ele pegou seu carro, foi até a portaria e se despediu do segurança, Pedro estava lá para vê-lo pela última vez. Quando aquele carro saísse pelos portões, Pedro seria a pedra angular daquela empresa.

Quando os portões se fecharam, Pedro respirou muito fundo e caminhou devagar em direção à sala cuja porta estava escrita “Diretor”. Por mais que ele tentasse manter a naturalidade, ele percebeu claramente que todos o olhavam de forma diferente. Não o criticavam, nem elogiavam. Apenas olhavam com clima de novidade. Mas isso incomodava um pouco.

Quando Pedro subiu até o andar da parte administrativa, ele realmente pôde sentir a diferença. O pessoal da Contabilidade, do Faturamento e até o

peçoal do setor de Recursos Humanos acompanhavam seus passos com os olhos. Aquilo era muito estranho. Tudo estava sendo tão rápido que Pedro estava se esquecendo do acidente e do garoto que cruzou seu caminho.

Quando ele estava começando a acostumar-se com a ideia, tomou um fôlego mais suave e preparou-se para entrar em sua sala. Mas as tarefas não podiam esperar. Quando ia estender a mão para abrir a porta, Pedro é surpreendido por Daniel, o assistente de Recursos Humanos. Estendendo sua mão para o novo chefe, Daniel diz:

- Bom dia, senhor Pedro. Parabéns pela promoção, estamos todos muito felizes pelo senhor.

Sorrindo, Pedro respondeu-lhe:

- Ora, obrigado! É uma honra pra mim e...

Pedro foi imediatamente interrompido pelo primeiro desafio do dia:

- Senhor, eu preciso da autorização por escrito para poder contratar mais pessoal para ajudar o Ailton na expedição. O senhor pode providenciar isso pra mim até o final do dia?

Pedro, não querendo demonstrar fraqueza, disse em seguida:

- Claro, pode deixar! Farei isso agora mesmo!

Em seguida, Luiza, a assistente do setor financeiro se aproxima e não também lhe dá os parabéns, além de desejar-lhe um bom dia com um grande sorriso. Terminada a saudação, ela diz á Pedro:

- Senhor, nossas receitas e despesas estão se igualando. O senhor me autoriza a pedir um novo empréstimo?

Garcia orientou-o sobre a inviabilidade de se pedir empréstimos. A ordem foi para que ele autorizasse os mesmos só quando for realmente necessário. Então ele respondeu á Luiza:

- Não, não precisa! Me avise se entrarmos no vermelho, então veremos o que fazer.

Terminando com os dois, Pedro resolve entrar em sua nova sala e resolve se sentar para pensar um pouco. Aflito, diz a si mesmo:

- Meu Deus, quanta loucura! Será que realmente estou pronto pra isso? É pressão em cima de pressão! Mas se Garcia conseguiu se acostumar, com

certeza eu conseguirei. É só ter um pouco mais de pulso forte! É só mostrar quem manda. Sim, isso era exatamente o que ele fazia!

Mal ele acabou de sentar, o telefone começa a tocar. Sem esperar tocar mais uma vez, Pedro atende:

- Alô?

- Alô, quem fala?

- Aqui é o Pedro, quem gostaria?

- O Garcia já veio verificar os projetos aqui em Nova York?

Pelo modo de falar, era um dos sócios da empresa. Eles não gostavam de perder tempo, queriam sempre acompanhar tudo em tempo real e com o maior número de satisfações possíveis. Então, Pedro respondendo-lhe com respeito, disse:

- Sim, ele saiu faz uma meia-hora. Com certeza já está pegando o voo pra aí.

- Sim, ótimo! Bom, Pedro, aqui é Walter Oliveira, sócio do Garcia. É um prazer conhece-lo. Então deixe-me passar as informações. Estamos com um pedido vindo de Fortaleza. Temos mil e novecentos modelos para produzir. Vou mandar a especificação por e-mail. Em quanto tempo acha que conseguem entregar esses pedidos?

Pedro tinha experiência em produzir dentro do prazo de entrega. Ele já tinha trabalhado com esse mesmo número. Ele conseguiu cumprir esse pedido em dez dias. E foi exatamente esse o prazo que ele deu.

- Olha, consigo entregar esses carros pra Fortaleza em dez dias, sem problemas!

- Ótimo, então eu vou mandar o e-mail para Fortaleza pedindo que eles mantenham estoque e passarei o prazo então. Muito obrigado e tenha um bom trabalho!

O telefone desligou antes que Pedro pudesse dizer: “De nada, foi um prazer!” Pedro então abriu o e-mail e recebeu as especificações do pedido. Assim sendo, encaminhou a correspondência a todos os setores da montadora.

Pedro só se esqueceu de um fator crucial: Os operários já estavam com um pedido de mil e trezentos modelos para serem entregues dali a seis dias. Estavam apenas na metade do pedido. Não demorou muito para que Davi, o líder que o substituiu no setor de produção, fosse até a sala da diretoria para protestar a ordem. Pedro ouve a porta bater.

- Pode entrar, por favor!

A porta se abre e Davi se aproxima de sua mesa. Calmamente, Pedro pergunta:

- Pode falar, Davi! Está tudo tranquilo lá embaixo?

Com a cara fechada e visivelmente frustrado, Davi responde:

- Mais ou menos, chefe! O senhor acabou de mandar pra gente um pedido de mil e novecentos modelos pra entregar em dez dias. Foi isso mesmo?

- Sim, exatamente. Alguma dúvida?

Coçando a cabeça, como se estivesse se contendo, Davi lhe responde:

- Bom, é que nós já estamos com um pedido de mil e trezentos modelos pra entregar na próxima semana. Conseguimos produzir a metade, mas estamos com problemas para produzir o restante. Todas essas reuniões estão de certa forma atrapalhando nossas atividades.

Pedro viu que aquilo era verdade. Ele se esqueceu completamente daquele pedido de mil e trezentas unidades que ele havia começado a produzir na semana passada, quando estava no lugar de Davi. Ele não devia ter dado aquele prazo tão curto. Mas á essa altura, ele também não poderia ligar para o sócio Walter e desfazer o pedido. Seria uma prova de incompetência como diretor. Foi aí que ele enxergou uma suposta solução:

- Sim, mas houve esse aumento de produção realmente. Lá em Fortaleza, eles estão precisando urgentemente desses veículos. A procura lá aumentou demais com a diminuição do IPI. E nós também não podemos cancelar aqueles mil e trezentos. É de um cliente muito fiel a nós. Mas fique tranquilo. No final do dia, vou convocar todos a uma reunião, onde será passado todo o procedimento, como será o regime para horas extras, e todas as demais dúvidas, tudo bem?

Davi permaneceu estático, encarando o novo diretor como se estivesse esperando ele dizer que estava brincando. Vendo que Pedro permaneceu em silêncio, o líder respondeu:

- Desculpe-me, senhor, mas acha mesmo que essa solução é a melhor? Os meus auxiliares já estão cansados e reclamam da correria. Não sei se eles vão concordar...

Pedro repentinamente interrompe Davi:

- Davi, acho que ainda não ficou claro o que foi dito em reunião na semana passada: O Sr. Garcia precisa resolver os problemas no exterior. E toda a autoridade pertinente às rotinas dessa empresa foram passadas á mim. Portanto, sou eu quem decide o que vai ser feito e o que vai deixar de ser feito aqui. Mais alguma dúvida?

Olhando fixamente, espantado com a mudança de comportamento de seu até então antecessor, o líder de produção apenas responde com um ar de desânimo:

- Tudo bem, senhor. Isso é tudo! Tenha um bom dia!

Davi dá as costas sem dizer mais nada e se retira da sala do mais novo diretor da grande montadora.

Terminada a jornada de trabalho, Pedro Alcântara cumpre o que disse á Davi mais cedo: Convoca a todos os colaboradores do setor de produção de automóveis para uma reunião no auditório. O frio na barriga de Pedro ainda não havia cessado e toda aquela sensação de poder percorria cada célula do seu corpo. E ao mesmo tempo, ele sentia em seu íntimo que Davi tinha razão. Foi um erro prometer aquele prazo á Walter Oliveira. Eram 3.200 unidades para serem entregues em dez dias. Realmente isso iria cobrar muito mais responsabilidades e comprometimento de todas as pessoas embaixo daquele teto. Mas o único pensamento que ocorria na cabeça de Pedro era: *“Sou o chefe. Não posso voltar atrás logo na minha primeira ordem. Todos me achariam um idiota.”*

Em mais ou menos dez minutos todos os colaboradores envolvidos com a produção estavam assentados, cada um em seu lugar de costume. Sim, eram tantas reuniões naquela empresa que cada funcionário se apossou de uma cadeira para si. Pedro lentamente se posicionou em frente ao púlpito, olhou aquela multidão e notou algo diferente: O olhar das pessoas ali presentes era diferente. Não o olhavam do mesmo jeito que olhavam para o Sr. Garcia. O senso de percepção de Pedro dizia isso. De alguma forma, era como se todos estivessem muito ansiosos pra sair logo daquela sala. Pedro pensou que essa hostilidade poderia ser normal, pois ele saiu da linha de produção e foi ocupar aquele cargo supremo. Deixando essa impressão de lado, Pedro iniciou a reunião:

- Senhores, boa tarde! Obrigado por virem a reunião. Sei que o expediente dos senhores já se encerrou, mas acreditem: Foi o único momento que pude me dedicar a conversar com os senhores. Como todos já sabem, o nosso patrão, Sr. Garcia está resolvendo pendências em prol da nossa empresa e, durante sua ausência eu estarei ocupando seu posto, que pra mim é uma grande honra.

A expressão de seus colegas não mudou nem um pouco. Todos permaneciam atentos, com o mesmo ânimo que entraram na sala. Era possível ver um ou outro olhando para o relógio de pulso e respirando fundo, ou até mesmo virando os olhos para o alto, ou torcendo os lábios, em sinal de desprezo.

Tentando ignorar isso, Pedro continuou:

- Sem mais delongas, vamos ao objetivo dessa reunião: Os senhores devem ter estranhado a programação de produção desse mês. Concordo que são muitas unidades a serem produzidas e muito pouco tempo pra concluir essa tarefa. Mas tais números significam apenas uma coisa: Nossa empresa está progredindo de vento em popa, estamos conquistando cada vez mais nossos clientes, o faturamento tende a aumentar e, claro que, consequentemente, será possível aumentar a nossa remuneração. Mas eu gostaria de deixar bem claro que eu, assim como o Sr. Garcia, não gosto de ver ninguém fazendo sacrifícios absurdos. Queremos concretizar essa produção no prazo estabelecido? Evidentemente. Mas queremos priorizar o bem-estar de nossos colaboradores. Por isso, em vez de estendermos o horário nos dias normais da semana, quero propor aos senhores apenas um final de semana conosco. Apenas um. O prazo de entrega é de dez dias. Se fizermos dessa maneira que estou propondo, não precisaremos correr e a qualidade de nossos veículos se manterá. Os senhores concordam?

O coração de Pedro acelerou nesse momento. Ele precisava estar preparado para ouvir todos os tipos de respostas e responder a todos os tipos de pergunta.

No mesmo instante, o Sr. Carlos – aquele que Pedro repreendeu na semana anterior por ter chego quase embriagado ao trabalho – levanta sua mão e pergunta:

- Sr. Pedro, isso quer dizer que teremos que trabalhar no Sábado e no Domingo em horário integral?

Na verdade, soava muito estranho a qualificação de “senhor” saindo da boca daquele homem que Pedro conhecia por tanto tempo. O chefe, sentindo uma mistura de espanto e orgulho, respondeu-lhe:

- Isso mesmo, Sr. Carlos! Porém, quero deixar bem claro que os senhores serão remunerados em dobro, como está previsto em lei. Não se preocupe, volto a ressaltar que é somente esse final de semana que peço á vocês.

Com um ar que parecia não ser tão sincero, o Sr. Carlos diz á Pedro Alcântara:

- E se eu vir esses dois dias, há uma possibilidade de eu sair antes do horário? É que tenho compromissos nas tardes de fim de semana.

Pedro sabia muito bem de que compromisso o Sr. Carlos estava falando. O homem estava a poucos passos de se tornar um alcoólatra. Talvez, se não fosse aquela empresa para o manter ocupado, Carlos Ferreira seria um morador de rua ao invés de estar naquela reunião. Pedro sempre cuidou para que Carlos deixasse o vício de beber. Ele administrava esse objetivo colocando responsabilidades, ensinando novas técnicas de trabalho e inclusive, aumentando o seu salário.

Certa vez, em segredo, Pedro colocou uma meta pessoal para Carlos: A cada mês que ele passasse sem ter uma única falta ou qualquer problema com indisciplina, Carlos receberia uma cesta básica extra. Isso funcionou por um tempo. O homem trabalhou de forma exemplar, chegando inclusive mais cedo todos os dias. E com isso, Pedro cumpria com sua palavra: Todos os finais de mês, ele mandava para a casa do colega uma cesta básica a mais. Certa ocasião, a esposa de Carlos mandou uma carta de agradecimento á Pedro. Ela dizia que a paz havia voltado a reinar naquele lar, e que ela nunca esqueceria sua atitude.

Porém, exatamente um ano depois, alguém – nunca se soube quem – descobriu essa atitude de Pedro e resolveu levar a questão ao Sr. Garcia, que imediatamente vetou o benefício extra. No mesmo dia, Garcia chamou Pedro em sua sala com a intenção de interroga-lo sobre o fato. O líder não omitiu a verdade e disse que a intenção era unicamente ajuda-lo e que a tal cesta básica saia de seus próprios recursos, sem interferir no caixa da empresa.

Mesmo assim, Garcia o advertiu e disse que tal atitude provocaria inveja nos outros funcionários. Não seria uma situação agradável se mais alguém descobrisse que o senhor Carlos estaria recebendo um benefício a mais do que os outros, apenas pelo fato de não conseguir largar a bebida. Isso

poderia sim desencadear uma greve, na melhor das hipóteses. E a última coisa que o Sr. Garcia queria era o sindicato no seu pé. Quanto ao senhor Carlos, evidentemente ficou descontente com aquilo. Infelizmente, o homem tinha o péssimo defeito de acomodar-se com a ajuda de qualquer pessoa. Gostava de ser digno de pena, e isso irritava Pedro profundamente. Como consequência, sem a segunda cesta básica mensal, Carlos voltou a afundar-se na bebida, e adotou novamente o costume das faltas e atrasos.

E agora, como diretor geral da montadora, a atitude de orientar o senhor Carlos para um caminho profissional próximo da perfeição precisava ser mais enérgica. Respondendo-lhe a pergunta, Pedro somente disse:

- Senhor Carlos, infelizmente esse número absurdo de pedidos irá exigir bastante de todos nós. Eu preciso do senhor aqui durante todo o dia. É um dos profissionais mais experientes que nós temos, e sua ausência será muito sentida, principalmente neste momento. O que eu preciso saber do senhor agora é se o senhor vem ou não vem neste final de semana...

Depois de um curto silêncio, senhor Carlos responde-lhe:

- Claro, senhor. Pode contar comigo. Estarei aqui!

Voltando a olhar para o auditório, Pedro pergunta:

- Alguém tem mais alguma dúvida ou observação?

Davi, seu sucessor, levanta sua mão e pergunta:

- Devemos priorizar algum pedido ou podemos produzir os dois simultaneamente?

Pedro lhe responde:

- Bom, eu estou pensando em montar duas equipes. Uma ficaria focada no pedido de Fortaleza e a outra estaria envolvida com o pedido anterior, de mil e trezentos veículos. Acredito que seria menos cansativo pra todos.

Sem dizer nada, Davi senta-se. Era óbvio que ele não estava nem um pouco satisfeito com aquela proposta.

Com a expressão um pouco mais séria, Pedro volta a perguntar:

- Mais alguém, senhores?

Desta vez, o silêncio foi geral. Como ninguém mais se manifestou, Pedro resolveu encerrar a reunião:

- Bom, senhores, isso é tudo. Obrigado pela atenção e, sobretudo pela cooperação de todos!

O silêncio que percorria aquela sala de auditório era perturbador. Não se ouvia ninguém criticar nada. Aliás, não se ouvia ninguém dizer nada. Aquela reunião não foi tão interativa quanto as reuniões do Sr. Garcia. Pedro pensou que talvez isso se devesse ao fato de os colaboradores estarem cansados depois de um dia inteiro de trabalho. Ele também detestava reuniões extraordinárias de final de expediente. Era compreensível.

Após alguns minutos, a sala de auditório estava vazia e oca. Apenas Pedro Alcântara estava lá. A estreia como diretor da empresa não foi ruim, mas foi estranha. Era uma tarefa difícil ser um administrador geral. Mais difícil ainda seria aprender a lidar com todas as personalidades de todas as pessoas que ele iria liderar. O homem estava esgotado.

Inesperadamente, veio nos pensamentos de Pedro à imagem daquele garoto que ele atropelou de manhã. Não havia dúvidas. Aquela criança saiu intacta daquele desastre. Mas como? Aquele impacto mataria um elefante. Pedro se perguntava por que aquelas pessoas que testemunharam o acidente não queriam linchá-lo. Aquilo era completamente incomum. Aquele garoto poderia estar com alguma fratura interna sem que ele soubesse. Estranhamente, todo aquele ambiente empresarial se apagou dos pensamentos de Pedro e a única coisa que ele dizia pra si mesmo naquele exato momento era:

- Eu deveria ter procurado aquele garoto e tê-lo socorrido. Ele estava saudável na minha visão, mas e por dentro? Será que não sofreu complicações?

Pedro então começou a questionar se aquele dia estranho na empresa tivesse relação com aquela sensação de arrependimento pelo fato que ocorreu naquela manhã.

## CAPÍTULO 6

Pedro Alcântara se dirigiu ao seu carro no estacionamento, que se localizava no subsolo da empresa. Após destravar o alarme, dá um profundo suspiro de cansaço. Abrindo a porta e entrando lentamente no carro, Pedro deseja apenas esquecer-se daquele dia cansativo. Não era uma sensação muito agradável ser o centro das atenções de mais de duzentas pessoas. Ligando os motores e saindo portões afora, o veículo segue lentamente, em uma velocidade de aproximadamente quarenta quilômetros por hora, muito diferente da velocidade que percorria naquele mesmo dia de manhã. Deixou a janela aberta, a fim de poder sentir a brisa da noite em seu rosto. É claro que o conversível de Pedro tinha ar condicionado embutido, mas por algum motivo que ele mesmo não sabia qual, queria sentir tudo o que a natureza tinha a oferecer-lhe naqueles minutos que antecederiam a sua chegada em casa.

Passando pelo local do acidente que ocorrera naquele dia, Pedro ainda tem os traços do garoto em sua mente. A preocupação era grande. Ele só desejava profundamente saber se o garoto estava bem, se estava inteiro, se estava vivo. Passando pela via oposta, ele ainda conseguia ver a árvore onde seu carro colidiu após atropelar a criança. Ela tinha um enorme arranhão da cor vermelha, de um veículo que se encontrou com ela a mais de oitenta por hora. Definitivamente, não era um sonho.

Apagando aos poucos os devaneios, Pedro chega à garagem de sua casa. Sofia, sua esposa, o aguardava com Beatriz em seu colo, ansiosa para saber novidades sobre o dia que seria tão especial para o marido. Ela viu Pedro descer do carro, ligar o alarme e se dirigir a ela com uma expressão que ela não esperava ver. Ele estava apático, com um olhar preocupado, como se alguma coisa naquele dia estivesse incompleta. Sentindo isso, Sofia pergunta-lhe:

- Bem-vindo de volta, Querido! Está tudo bem? Como foi o dia de hoje?

Suspirando lentamente, Pedro a encara, levantando levemente a cabeça em sua direção, e responde-lhe:

- Meu amor, só o que posso dizer é que vivi tudo o que esperava e o que não esperava viver em toda a minha vida em um único dia!

Aparentemente, não entendendo nada, Sofia apenas lhe diz:

- Vamos, entre, meu amor! Pelo visto seu primeiro dia na nova vida não foi nada fácil! Tome um banho e venha jantar, está bem?

Pedro por pouco se esquece do beijo de saudação de sua esposa. Ele a saúda e vai direto ao banho, ainda um pouco fora de si. Em meio ao banho, ele se recorda de Maurício Cavalcante, seu grande amigo de infância:

- Puxa, ele saberia o que me dizer! Ter a companhia dele juntamente com Sofia e minha linda Beatriz vai ser um ótimo remédio pra me ajudar a relaxar.

Saindo dez minutos depois, Pedro consulta sua esposa sobre ligar para Maurício para convidá-lo para jantar. Sofia logo lhe responde:

- Até que enfim resolveu ter uma vida social fora do trabalho, Doutor Alcântara! – ela ri – Claro que seria uma ótima ideia. Faz muito tempo que não vemos Maurício. Ligue pra ele, sim.

Então, puxando seu celular do carregador, Pedro discar um número que ele não discar há pelo menos uns quatro meses. Não muito longe dali outro celular toca e seu dono demora um pouco para atender. Não era possível. Oito e pouco da noite, e depois de tanto tempo, aquele amigo que sumiu sem dar notícias entrou em contato. Maurício apenas pensava o pior. Será que aconteceu alguma coisa? A pequena Beatriz está bem? Ou Sofia? “Tomara que aquele filho da mãe não me convoque pra ir um hospital, delegacia ou coisa parecida.” Não vendo outra saída, Maurício atende:

- Boa noite, meu amigo! Tudo bem?

A voz do outro lado responde:

- Boa noite, meu camarada! Puxa, há quanto tempo não ouço sua voz!

Parecia que nada de ruim havia acontecido. Maurício dá um suspiro de alívio. O tom descontraído do amigo o confortou e o alegrou. Assim sendo, ele responde com uma descontração ainda maior:

- O que aconteceu, voltou ao mundo real? A que devo a honra?

Pedro ri do outro lado e depois responde:

- Cara, tantas coisas aconteceram nesses últimos dias. Preciso muito conversar com você. Será que você consegue vir jantar com a gente hoje?

Maurício não estava ocupado. Mas mesmo se estivesse, é claro que ele aceitaria o convite. Ele era uma pessoa um tanto solitária. Ainda morava com a mãe, tendo ele vinte e cinco anos de idade. Seu pai falecera depois de uma cirurgia malsucedida no cérebro na tentativa de cura de um câncer. Isso fazia mais de quinze anos, mas sua mãe, a senhora Eleonor Cavalcante

ainda não havia superado esse trauma por completo. Por essa razão, Maurício temia em deixá-la sozinha. Ele era filho único. Até conhecia algumas garotas, mas nunca levou essa coisa de relacionamento muito a sério. Dedicava-se muito na editora de quadrinhos onde trabalhava e também aos seus alunos do Ensino Fundamental. Era um exímio desenhista desde sua infância. Na realidade, as pessoas que ele se sentia mais à vontade em uma conversa eram sua mãe e a família de Pedro. Maurício era tímido e se comunicava mais através de seu lápis e seus traços. Talvez isso também se deva ao fato de perder seu pai daquela maneira. Como ele sempre evitava falar sobre o assunto, isso nunca ficou em evidência.

- Você está com muita fome? Vou demorar uma meia hora pra chegar aí.

Feliz com a resposta do amigo, Pedro apenas responde:

- Não se preocupe! Já demos o jantar à Beatriz e estamos aguardando você!

Assim sendo, Maurício, também com muitas coisas a contar, se apronta, pega o seu capacete, beija sua mãe no rosto, pede-lhe a bênção, pega a chave de sua Suzuki e vai até a casa da Família Alcântara.

Em cerca de vinte e sete minutos, ouve-se o som de uma moto estacionando e uma buzina. Pedro recebe o amigo com um abraço. Convidando-o a estacionar sua moto na garagem, o homem logo chama o amigo de infância para dentro de casa. O estrogonofe de frango já estava servido, e os amigos estavam novamente reunidos à mesa. Na verdade, desde a formatura, Pedro, Sofia e Maurício não se sentavam em uma reunião totalmente informal. Eles conversaram muito sobre o tempo de faculdade, sobre as coisas que aconteceram durante os anos seguintes, sobre a pequena Sofia e, por fim, sobre a grande promoção de Pedro.

Maurício Cavalcante sorri sinceramente para o amigo. Era uma notícia fantástica. Os dois estudaram juntos por toda a vida. Era maravilhoso ver que Pedro alcançou um grande estágio em sua vida. Depois de desejar os maiores votos de felicidade, Maurício diz:

- Meu grande amigo, estou muito orgulhoso de você. De verdade. Mas se quer um conselho, deixe de lado esse seu lado autoritário. Isso costuma atrapalhar de vez em quando, ainda mais na posição em que você se encontra agora. Vai por mim, não existe nada mais chato do que um padrão que é comparado a uma pedra no sapato!

Pedro olha o amigo com admiração. Porém, ao mesmo tempo pensa consigo mesmo: *“Mas o que ele sabe sobre isso? Trabalhou a vida inteira*

*com desenhos e apenas isso. Ele deve apenas estar surpreso com a novidade, mas ele verá que não sou tão incompetente quanto ele pensa.”* Sorrindo para Maurício, Pedro apenas responde:

- Vou me lembrar disso, Brother!

Depois disso, a conversa ainda durou duas horas. Após ter recusado educadamente o convite de Pedro de dormir em sua casa, Maurício se despede da família, pega sua Suzuki e parte rapidamente para a realidade de sua casa.

A semana se segue em sua rotina natural. É evidente que Pedro não esconde a ansiedade logo que acorda de manhã. É uma nova realidade. Agora tudo depende dele. Cada funcionário, cada documento, cada planilha, cada entrega, cada saída de material, tudo precisava estar sob seu olhar. Pedro chegava a empresa e, vagarosamente, ia se adaptando a todos os fatores, enquanto observava o ritmo de produção. Até onde ia seu entendimento, tudo estava ocorrendo normalmente. Mas ao desenrolar do dia, Pedro percebia que o ritmo de produção estava ficando um pouco lento. Talvez isso fosse natural. Se Pedro ainda estivesse encabeçando as máquinas, ele pensaria que não adiantaria correr tanto. Ainda haveria o restante da semana e ainda o final de semana pela frente.

A semana foi passando naquela montadora e Pedro seguiu resolvendo os problemas que iam aparecendo. Como era de se esperar, comentários foram surgindo. Alguns estavam aprovando a liderança do homem. Outros murmuravam negativamente. Nada com o que se alarmar. Os que o apunhalavam pelas costas são os mesmos que apunhalavam Garcia. E isso nunca iria mudar, não importa o que acontecesse.

O Sábado chegou. Era um dia de expectativas para Pedro. Faltavam poucos veículos a serem produzidos. Ele acreditava que ainda naquele dia, a tarefa seria cumprida e que, provavelmente não precisariam do Domingo. Mas o que Pedro não sabia era que, aquele dia iria contribuir para o início de uma nova fase de sua vida. Na verdade, seria o início da fase decisiva de toda a sua história.

## CAPÍTULO 7

Pedro Alcântara chega com seu conversível meia hora antes do início do expediente extra do Sábado para poder averiguar algumas coisas que ficaram pendentes do dia anterior. Seu escritório costumava ser bem organizado. Cada gaveta de seus gabinetes de arquivos era nomeada de acordo com o seu conteúdo. O chão era bem encerado e todas as canetas e cliques ficavam em caixinhas improvisadas por ele mesmo. Porém naquele Sábado não era possível enxergar um ambiente de organização como era de costume. O dia anterior tinha sido fatigante. Foi realizada uma reunião com alguns sócios e isso tomou um pouco da noite de Pedro. Além de conferir os pedidos e os relatórios que lhe foram enviados, o chefe ainda se sentia na obrigação de organizar todo aquele carnaval de papéis espalhados em sua mesa. O que Pedro não contava era que isso levaria quase uma hora e meia. Esse prazo se passou e o homem notou algo estranho: Entre o horário que ele adentrou o escritório, o tempo que ele levou para organizar tudo e o som das máquinas ligando levou cerca de duas horas. Porém, as máquinas só foram ligadas há quinze minutos. Era para Pedro escutar aquele barulho há muito mais tempo. Precisamente há quarenta minutos. Algo estava errado. Será que todos os funcionários se atrasaram? Será que aconteceu algum acidente antes? O sistema nervoso de Pedro se agita, pressentindo alguma anormalidade. Algo saiu completamente dos planos e ele iria descobrir do que se tratava em questão de minutos.

Saindo de seu escritório, descendo as escadarias e se dirigindo à sala de máquinas, Pedro avista Davi Siqueira, o seu sucessor na liderança da produção, fazendo as anotações de qualidade das peças que iam saindo. Esquecendo-se completamente de saudar o rapaz com “bom dia”, Pedro lhe interroga:

- Davi, algo saiu errado com as máquinas hoje?

Davi, ainda fazendo as anotações e sem sequer olhar nos olhos do chefe, responde:

- Tudo normal, senhor!

Enxergando certo cinismo por parte de Davi, Pedro adota uma postura um pouco agressiva e deixa, por um instante, transparecer sua insatisfação:

- Bom, e eu posso saber por que as máquinas começaram a operar há vinte minutos? Já são oito e meia da manhã!

Davi, apoiando a caneta atrás da orelha esquerda e finalmente olhando nos olhos do patrão responde-lhe:

- Bom, senhor, alguns dos meninos chegaram um pouco tarde, e eu liberei vinte minutos pra eles poderem tomar um café.

Visivelmente irritado, Pedro lhe pergunta:

- E por que eu não fiquei sabendo dessa parada para o café e também não fui informado sobre o atraso de funcionários, Davi? Pode me explicar?

Calmo como um monge em meditação, Davi lhe responde:

- Sr. Pedro, com o devido respeito, estamos cumprindo horas extras. Como líder de produção, eu enxerguei o cansaço dos operadores durante a semana e não vi problema algum em diminuir a pressão em um dia como hoje. E, mais uma vez com o devido respeito, senhor, mas o Sr. Garcia não via nenhum problema quando fazíamos isso no final de semana.

Pedro estava no limite de sua paciência. Seu sucessor estava o desafiando desde o seu primeiro dia na diretoria. Tentando ainda manter a autoridade naquele local, Pedro encara Davi e exclama:

- Davi, quero lembrar-lhe mais uma vez que o Sr. Garcia está ausente e que quem dá as ordens aqui neste momento sou eu! O fato de estarmos em horas extras não significa que podem fazer o que querem e quando querem! Temos uma meta a cumprir e eu não estou a fim de atrasar o prazo por falta de motivação. Eu fui bem claro?

O ódio no olhar de Davi aumentava naquele momento, mas a única coisa que ele fez foi balançar positiva e lentamente a cabeça, e responder:

- Perfeitamente claro, senhor!

Olhando em volta da produção, Pedro percebe que o quadro está incompleto. Faltaram três operadores, entre eles Carlos Ferreira, o homem que sempre deu trabalho á Pedro durante toda a sua carreira na montadora. Ele sabia que Carlos era o mais experiente montador dali e que sem ele, sem dúvida alguma, dificuldades surgiriam na produção. E àquela altura do campeonato, dificuldade era algo que não poderia existir. Um tanto tenso, Pedro volta a questionar Davi:

- O senhor Carlos, o Claudemir e o Diego ainda não apareceram?

Dando um suspiro quase imperceptível, Davi lhe responde:

- Não, senhor! Ainda não chegaram e não me deram notícias.

Pedro Alcântara, sabendo que aquele dia iria ser conturbado, não responde mais nada, dá as costas ao seu sucessor, e sai apressadamente, como se fosse caçar outra vítima para devorá-la com seu mau-humor. Davi, mudo, balança a cabeça negativamente, claramente sentindo saudades do Sr. Garcia.

Definitivamente, aquele Sábado não estava sendo agradável aos olhos de Pedro. Metade do dia já havia se passado e a produção não alcançou a quarta parte do que o chefe esperava. Era desesperador. Os operadores pareciam não estar preocupados. Estavam em um ritmo tão vagaroso que parecia que as máquinas iriam parar a qualquer momento. Pedro só conseguia enxergar a bronca dos sócios de Fortaleza, sem contar a bronca dos clientes do pedido anterior, e o mais grave: A bronca do Sr. Garcia, que iria se descabelar em plena Nova York ao saber que a escolha que ele fez foi muito errada. E assim foi durante todo aquele dia e também durante o Domingo, Não iria ser possível entregar o pedido inteiro, nem se aquela montadora funcionasse por vinte e quatro horas.

Aquilo era inaceitável. Foi combinado entre todos. Qual seria a dificuldade afinal? Será que os colaboradores não entenderam a proposta? Nada disso importava mais. O relógio marcava dezessete horas e, dez minutos depois, não se via uma alma vivente naquele chão de fábrica. Todos foram embora para seus lares sem dar-lhe uma única satisfação. Pedro estava sem chão. Só o que lhe restava era fazer o mesmo que todos. Deixando sua escrivaninha no estado em que se encontrava, sem dar o toque de organização que tanto cuidava para não esquecer, o homem, abalado, lança mão das chaves de seu carro e sai porta afora, batendo-a iradamente. O fato era que, após descer ao estacionamento, Pedro andava tão depressa que seu blazer, que estava aberto, quase saía de seu corpo. Mas ao contrário do que se pode pensar, Pedro não estava com pressa de chegar logo em casa em um Domingo à tarde. Desde criança, quando ele se frustrava muito, seus movimentos dobravam a velocidade e em quase todas as situações, ele acabava estragando tudo.

Após os motores do conversível ligarem-se, ouve-se um cantar de pneus violento. O porteiro fica atento lá da entrada da empresa. Ele pensou que o veículo do patrão estivesse sendo roubado. Essa não era uma reação natural vinda de Pedro. Porém, avistando um rosto muito conhecido e estranhamente frustrado através do para-brisa, o porteiro, sem discussão, abre os grandes portões. Pedro dispara quase colidindo contra o portão que ainda não havia terminado de ser aberto. Àquela altura havia uma

quantidade pequena de veículos nas ruas de São Paulo. Não era possível saber se isso era bom ou ruim, pois se não há carros a frente, também não havia motivos para Pedro reduzir a velocidade do seu carro. O homem estava descontrolado, estava sem o cinto de segurança. Não existiam pensamentos razoáveis em sua mente. A única coisa que passava pela sua cabeça era como ele iria dizer às pessoas que lhe solicitaram os pedidos que não seria possível entregar toda a mercadoria. O trato não continha entrega parcial em suas cláusulas. Neste momento, Pedro estava no futuro, sem se dar conta de que estava atrás de um volante. O homem chega em casa em um tempo recorde de sete minutos. O portão automático se abre e o conversível entra na garagem de uma maneira feroz, como se fosse um veículo roubado fugindo das autoridades e que encontrava o primeiro esconderijo e não pensou duas vezes em invadir o local.

Sofia se assustou no primeiro momento. O que poderia significar aquilo? Não era normal o carro do seu marido estacionar daquela maneira tão brusca. Cobrindo a pequena Beatriz com um cobertorzinho da Minnie Mouse, a mulher avança para a garagem ao encontro do marido. O que ela viu foi um homem com a face avermelhada, as pupilas dos olhos quase que dilatadas, descabelado, a gravata torta e o blazer aberto. Algo muito grave aconteceu e era evidente que, Pedro não soube lidar com a situação, fosse ela qual fosse. Espantada, Sofia pergunta:

- Querido, aconteceu alguma coisa?

Sem sequer olhar nos olhos da esposa, Pedro responde de forma áspera:

- Não foi nada, meu amor! Correu tudo bem!

Parando um instante, Sofia apenas observava o marido, alterado, pegando sua valise no banco traseiro. Era possível ver as duas axilas de Pedro molhadas de suor, indicando sinais de estresse muito elevado. Com a voz ainda suave, Sofia lhe pergunta novamente:

- Querido, tem certeza de que está bem? Você me parece bem tenso!

Ainda sem olhar para a esposa, Pedro bate a porta do seu carro, caminha para dentro de casa, aparentemente cego a ponto de não reparar que Beatriz estava acordada no colo de Sofia. Com um suspiro, não de cansaço, mas de frustração, Pedro lhe responde:

- Já disse que não foi nada, Sofia! Vou para o banho e já desço para jantar!

A mulher ficou muda de espanto. Pedro quase nunca a chama pelo nome. Se havia uma coisa que Sofia detestava era ser tratada com hostilidade sem

ter merecido. Ela não se formou em Administração, nem muito menos fora criada para ser um saco de pancadas ou um filtrador de estresse. Talvez naquele dia, Pedro não iria ouvir o que merecia ouvir. Mas quando ele estivesse são, isso com certeza aconteceria.

Após o banho, Pedro conseguiu acalmar os ânimos. A preocupação com sua vida profissional ainda não desapareceu, mas ele sentiu uma ponta de arrependimento por tratar pessoas que não mereciam da forma que tratou. Quando se sentou a mesa, o que viu foi uma mulher calada, já jantando. Ela não tirava os olhos do nada à sua frente. Pedro teve a impressão de que ela olhava pra tudo, menos em sua direção. O homem se sentia mal, mas não se atrevia a pronunciar uma única palavra. O casal jantava como dois estranhos em um restaurante. Era um silêncio perturbador. Sofia conseguia impor um pavor muito grande, não pelo fato de ela poder dizer alguma coisa a qualquer momento, mas era pela façanha de fazer Pedro enxergar que a atitude dele foi grave, infantil e que machucou de verdade o seu coração. Ele não conseguia ver outra coisa a fazer a não ser agradecer pelo jantar, arrastar sua cadeira para trás e se dirigir à sala para ver um pouco de tevê, na esperança de que sua esposa o acompanhasse. Porém, antes que ele desse o segundo passo em direção à sala, Sofia lhe diz com uma voz calma e aterradora:

- Seu blazer limpo estará pendurado aqui na cadeira amanhã!

E foi só isso. Pedro ficou parado, esperando algo mais que Sofia pudesse dizer. Mas na verdade, ela nem ao menos olhou para ele ao dizer essa frase. Continuou comendo a macarronada que havia feito com tanto carinho e que aparentemente não serviu para derrubar o orgulho do marido. Ele sequer elogiou a comida, como sempre fez. De cabeça baixa, Pedro apenas assente com a cabeça e resolve ir direto para a cama. Demorou muito para que ele conseguisse pegar no sono. Meia hora depois, Sofia ainda se deitou junto dele, mas não pronunciou palavra alguma. Pedro percebeu o quanto foi idiota. Mas isso não o fez se dirigir à esposa e pedir perdão. Após uma pequena onda de lágrimas que, silenciosamente deixou cair, o homem pôde finalmente adormecer.

Em meio à escuridão do quarto, Pedro abre os olhos subitamente. Uma sensação estranha percorre sua mente. Subitamente, ele levanta a cabeça do travesseiro e olha em volta do quarto como se estivesse procurando alguma coisa. Aparentemente tudo normal. Mas o subconsciente de Pedro insiste que há algo de anormal naquela noite. Misteriosamente, ele consegue ouvir passos na cozinha. Pelo som, eram passos lentos, de uma pessoa que

andava por alguns segundos e depois parava, como se estivesse procurando alguma coisa. Sofia estava ao seu lado, dormindo profundamente. A pequena Beatriz repousava em seu berço. Não havia dúvida alguma: Alguém invadiu a casa! Mantendo a calma, Pedro se levanta sem fazer nenhum barulho. Sofia era muito medrosa nesse sentido e, qualquer ruído súbito poderia causar uma reação inesperada na pessoa que estivesse lá embaixo. Andando descalço para não fazer barulho, ele mantém o passo lento. Aparentemente, a pessoa ainda não percebeu sua presença, pois os passos continuam de forma calma e pausada. Pedro coloca o primeiro pé de degrau abaixo e se equilibra na ponta do pé para conseguir colocar o outro e assim por diante. Descendo o último degrau, ele agora se encontra na sala. Os passos na cozinha ainda não mudaram o ritmo. Sendo assim, Pedro se dirige lentamente a cozinha. Poderia ser uma tarefa fácil surpreender a pessoa, amarra-la com uma coisa qualquer e ligar para a Polícia. Chegando a entrada da cozinha, Pedro estica o pescoço na esperança de ver quem era o invasor. Porém ao fazer isso, ele se amedronta profundamente. Os passos continuam dentro daquele ambiente, mas ele não consegue ver ninguém. Ele olha ao redor com cuidado, chega a esfregar e apertar os olhos em foco a cozinha, mas ainda sem sucesso. Ninguém está ali.

Mas os passos vêm dali. E não cessam. O coração de Pedro começa a acelerar. Isso só tinha uma explicação racional: O invasor já o viu, e está prestes a surpreendê-lo pelas costas. E depois de alguns segundos, aconteceu o que Pedro temia: os passos pararam. Ele está paralisado de medo, não consegue ver ninguém, por mais que procure. O coração dele está disparado. Onde ele poderia estar? De todas as coisas que poderiam acontecer, acontece exatamente o inesperado. Pedro sente um cutucão de dedo indicador em suas costas. Alguém o estava chamando. Virando-se lentamente para trás, ele vê uma figura que o deixa mudo. Tratava-se realmente de um invasor. Ele tinha uma estatura de aproximadamente um metro e quarenta, cabelos loiros cacheados, os olhos azuis como uma piscina que acabou de ser limpa, sem contar que aqueles olhos eram de uma pessoa alegre, doce, que transbordava paz. Ele trajava uma camisa verde, um macacão jeans e um par de tênis com o branco mais impecável que Pedro já tinha visto. Não restava dúvida alguma: Era o menino que Pedro havia atropelado há uma semana atrás.

## CAPÍTULO 8

Pedro Alcântara via aquilo, mas não podia acreditar. A mesma criança que ele pensou ter matado naquela crise de ansiedade na Segunda-feira passada agora estava ali, em sua casa, de madrugada, e não se sabia como ele tinha entrado sem acionar o alarme. O menino o olhava fixamente depois de ter chamado sua atenção. Com uma voz doce e alegre, o menino sorri e apenas diz:

- Oi! Como vai?

Pedro, boquiaberto, pensa em qualquer maneira de reagir. Não sabia se chamava a Polícia, ou os pais do garoto. Ele não sabia se dava uma bronca no garoto por provavelmente ter fugido de casa e invadir sua residência. Mas a única coisa que sobreveio em sua mente foi dizer:

- Menino, o que você está fazendo aqui?

Colocando o polegar e o dedo indicador no queixo como alguém que está analisando alguma coisa, o garoto responde:

- Estou procurando minha moeda preciosa que perdi! Você não a viu por aqui?

Completamente perturbado, Pedro lhe pergunta:

- Como entrou na minha casa? Você sabe que horas são?

O garoto, olhando em volta da cozinha, responde:

- Na verdade não sei! A única coisa que sei é que minha moeda está aqui!

Pedro não estava compreendendo coisa alguma. Em um instante, ele dorme brigado com sua esposa depois de um final de semana difícil e no momento seguinte, ele se vê diante de uma criança que ele achou ter matado. Naquele dia, o garoto também estava procurando por uma moeda. Parecia que essa moeda significava muito para ele. A criança não se importava com a situação na qual ela se encontrava. Ela queria apenas encontrar a tal moeda. Diante disso, Pedro ainda pôde encontrar uma solução que lhe parecia razoável. Por mais que ele não soubesse como aquele garoto estaria ali, muito menos soubesse como ele descobriu onde era sua casa e como a invadiu, ele se dirige ao garoto e pergunta:

- Olhe, garoto! Eu sei que sua família está cobrando uma indenização minha, não é? Olha, eu posso ajudar você! Peça para os seus pais me enviarem uma relação de remédios que eu terei o maior prazer em comprar.

Tudo isso eu posso fazer amanhã de manhã. Mas por ora eu preciso que você volte para casa. Seus pais devem estar preocupados. Tudo bem?

Após ter ouvido atentamente cada palavra de Pedro, o garoto dá um grande sorriso e lhe diz:

- Já te disse que estou bem! Você é que não parece estar muito bem, não é?

Começando a ficar com medo, Pedro lhe pergunta:

- Como assim, o que você quer dizer?

O garoto chama Pedro para perto de seu rosto e lhe diz bem baixinho:

- Olha, o seu coração está machucado! Você feriu o coração de outras pessoas também, e não se sentiu bem com isso. Mas não fique assustado. Eu gosto muito de você, é uma boa pessoa! E sei que muitas pessoas também amam você!

Pedro sentiu como se tivesse sido tragado por uma onda de emoções. Quem era aquele garoto? Como ele sabia de tudo aquilo? De onde mais ele poderia conhecê-lo? O homem estava estático diante da criança. Lágrimas saíram de seus olhos. Tentando se conter, Pedro diz:

- Olha, menino. Eu não sei quem é você, mas é melhor parar de...

Neste momento, o garoto o interrompe colocando a mão em sua boca e diz:

- Faça silêncio, senhor! Acho que estou muito perto de encontrar minha moeda valiosa!

Para Pedro, a situação era tão diferente que ele enfim ousou perguntar:

- Me responda, garoto! O que tem de especial nessa moeda para que nenhuma moeda possa substituí-la?

Deixando de olhar ao redor, olhando nos olhos do homem e dando um largo e agradável sorriso, o menino responde:

- Essa moeda é única pra mim! Nada pode substituí-la, é muito valiosa! Sei que estou muito perto de encontrá-la. E quando isso acontecer, eu nunca mais vou perdê-la.

Ainda sem compreender muito bem o que o garoto dizia, Pedro lhe pergunta:

- Mas por que tem tanta certeza que essa tal moeda está na minha casa?

Fazendo uma pausa de aproximadamente uns 3 segundos, o menino responde:

- Olha, eu tenho certeza que ela está aqui! Hoje mesmo você não vai poder me ajudar, mas sem dúvida nenhuma é a única pessoa que pode cooperar comigo na busca da minha moeda.

Pedro começa a achar uma pura perda de tempo continuar a conversar com aquela criança. Ele pensou que ela não deveria estar em sua completa sanidade mental, que poderia até mesmo ser uma criança esquizofrênica, ou algo do gênero. As coisas que ele dizia não faziam sentido algum. Só havia algo que o intrigou: Realmente naquele dia, Pedro tinha magoado algumas pessoas e que, realmente naquele dia, Pedro não estava nada bem. Mas com certeza ele deve tê-lo seguido durante o dia, não se sabe como. Mas o fato era que o que aquele garoto disse, realmente o fez sentir algo muito estranho. Não seria exagero dizer que era uma sensação inédita. Com um turbilhão de emoções em sua mente, Pedro esfrega os olhos durante um tempo, morrendo de sono. Tentando aliviar sua dor nos olhos devido à noite mal dormida, ele diz:

- Olha, garoto! Vamos fazer o seguinte: Eu vou tirar esse pijama e vou levar você pra casa, tudo bem? Prometo que amanhã ou outro dia bem próximo eu ajudo você a encontrar sua moeda da sorte. Combinado?

Silêncio.

Pedro, tendo a visão restaurada após esfregar os olhos, presencia um fato que havia ocorrido duas semanas antes no primeiro encontro com o garoto: Novamente ele se vê sozinho, sem companhia alguma à sua frente, e em lugar algum. Não há mais nenhuma voz. Nem passos. Nem criança. O garoto desapareceu. Atordoados, Pedro procura sem sucesso o menino pela cozinha. Depois se dirige à sala. Nada. O banheiro está vazio. O homem se vê parado no meio da sala, coçando a cabeça e se perguntando se estaria louco. Após essa experiência que lhe pareceu mais sobrenatural do que qualquer coisa, Pedro sente sua cabeça doer. Uma dor crescente e infernal. Uma dor que foi capaz de lhe colocar ajoelhado no chão. O que seria aquilo? Estava certo que o dia não foi nada fácil, mas aquela sensação era completamente incomum. Pedro começa a correr vacilante pela casa. Desesperadamente, ele abre a torneira da pia da cozinha e molha seu rosto na tentativa de aliviar a dor, mas não obtém resultado algum. A dor não para de aumentar. O homem sente uma tontura fortíssima. Ele não aguenta mais. Cai violentamente no chão da cozinha.

Momentos depois da queda, Pedro abre os olhos, mas ainda assim não consegue ver o que está á sua volta. O ambiente está escuro. Ele ainda está tonto, sua cabeça está estranha, mas não dói mais. Olhando mais atentamente, ele observa um pequeno clarão em seu lado esquerdo. Os primeiros raios de sol entravam pela janela. A seu lado, Sofia ainda estava deitada e a pequena Beatriz ainda repousava tranquilamente em seu berço. Parecer não haver anormalidade ali. Tudo não passara de um sonho. Sem dúvida o sonho mais real que Pedro Alcântara já teve. As emoções, a visão do garoto, as lembranças dos últimos dias e a forte dor de cabeça. Pedro tinha certeza de ter sentido tudo aquilo. Mas a realidade logo lhe provou o contrário:

Faltavam poucos minutos para o relógio despertar. Pedro resolve desligar o despertador e ir logo para o banho. Como de costume, ele toma uma ducha rápida e vai fazer seu café. Apesar de tudo ter sido um sonho, aquela cozinha estava com uma estranha sensação de paz, de calma. Não havia qualquer tipo de ansiedade da parte de Pedro naquela manhã. O ar estava diferente. E não era por causa do clima lá fora. O sol ainda estava nascendo e a brisa soprava suave, típico de toda manhã de Outono.

Terminando de fazer sua refeição matinal, Pedro sentiu vontade de se despedir de sua esposa com um beijo carinhoso. Ele foi ao quarto, olhos para Sofia, que dormia com uma grande tranquilidade. Sua expressão não aparentava rancor, e parecia que ela estava tendo um sonho agradável, pois tinha até um sorriso no rosto. Por um momento, Pedro pensou que a pequena briga do casal também fizesse parte do sonho. Mas àquela altura, isso não importava mais. Aquele sorriso fez o homem se sentir muito melhor. Ele achou melhor não acordá-la. Após se despedir da esposa e da filha, ele parte para o trabalho.

Após pegar o trânsito maluco que já era rotina no percurso para o trabalho, Pedro Alcântara chega a empresa primeiro do que todos, exceto o porteiro. Lentamente, ele se dirige ao seu escritório, abre a porta e vê resquícios da dor de cabeça que o seu fim de semana lhe trouxe. Havia papéis espalhados em sua mesa e alguns também no chão. Respirando fundo, ele começa a fazer a organização que já fazia parte de sua realidade. Pedro não consegue deixar de pensar no sonho que teve. Mais uma vez ele questiona em seu pensamento se aquele garoto estaria bem. O pior é que nem o nome da criança ele sabia. Os pensamentos se evaporam com o rugido das primeiras máquinas sendo ligadas. Como já havia terminado a arrumação em seu

escritório e já ter ligado seu computador, Pedro acha conveniente descer à linha de produção e fazer uma pré-avaliação do dia.

As máquinas trabalhavam de forma rápida e eficaz. Era possível ver que os esqueletos de automóveis tomavam forma como em um passe de mágica. Era isso o que Pedro queria ver no final de semana. Há uns quinze metros de distância, Pedro avista Davi Siqueira se aproximando com uma prancheta com alguns papéis. Pedro se preparou para ouvir qualquer coisa, já que o líder havia sido a primeira vítima de seu colapso de estresse no Sábado. Mas o que ele viu foi um homem sério, que aparentemente não se importou muito com o que aconteceu. Tirando a caneta de sua orelha, e o saudando com “Bom Dia”, Davi lhe diz:

- Senhor, a máquina dezessete e vinte e um que estavam com problema nas engrenagens no fim de semana já estão consertadas. Foram liberadas há cinco minutos pelo pessoal da manutenção.

Olhando a relação de peças que foram trocadas, Pedro responde:

- Eu não sabia que elas estavam quebradas! Deve ter sido por isso que a produção do final de semana não vingou. Por que não me comunicou?

Enfim, encarando o diretor iniciante nos olhos, Davi lhe responde:

- Tentei falar com o senhor no início do dia, mas o senhor saiu andando enquanto conversávamos. Além disso, bati diversas vezes na porta do seu escritório e o senhor não me atendeu. Mande-i-lhe um e-mail, mas não me respondeu. Então pensei que estivesse muito ocupado e resolvi falar hoje!

De fato, Pedro estava tão alvoroçado com aquela situação que não quis ouvir o que seu subordinado tinha a dizer. Estava tão concentrado em sua raiva que sequer conseguia ouvir o barulho da porta do escritório, que estava trancada por dentro. E naqueles dois dias, nem o computador ele se prestou a ligar para conferir os e-mails. As máquinas dezessete e vinte e um eram justamente as que cuidavam da parte do motor. Não poderia haver nenhum erro naquela parte, e Pedro sabia muito bem desse detalhe. Passou pela cabeça de Pedro a intenção de se desculpar com o pessoal, mas antes que isso acontecesse, ele viu algo que despertou o seu desânimo novamente: Carlos Ferreira novamente estava atrasado. Além de não ter cooperado no fim de semana, o homem teve mais uma vez a audácia de não cumprir com a obrigação de vir trabalhar na semana. Abaixando a cabeça e voltando a olhar para Davi, Pedro fala com uma voz baixa e visivelmente irritada:

- O senhor Carlos ainda não chegou, não é?

Olhando ao redor para ver se conseguia avistar o homem, Davi responde:

- Não senhor! Parece que ainda não chegou!

Colocando as mãos na cintura e soltando o ar de seus pulmões num sopro lento, Pedro ordena:

- Quando ele chegar, se é que ele vai chegar, peça para ele subir na minha sala, por favor!

Davi, com a expressão inalterada, responde-lhe:

- Como quiser, senhor!

Do lado de fora do grande galpão, um homem com roupas completamente amarrotadas, cabelos despenteados, barba por fazer, olhos vermelhos que deixavam bem claro o quão pouco ele dormiu e um hálito forte de cerveja se aproxima da portaria. Portando o crachá funcional e é liberado pelo porteiro, que o olha com pena e indignação. Aquele homem tinha uma sorte grande de ainda estar ali, trabalhando para a empresa. Carlos Ferreira mais uma vez extrapolou na bebida, chegou em casa na madrugada de Domingo para Segunda-feira e não conseguiu acordar a tempo de chegar no horário. Passando pelo pátio da expedição, ele entra no corredor que dá acesso à produção. Mal ele acabou de colocar os óculos e as luvas, Davi, seu atual líder se encarrega de dar o recado de Pedro:

- Senhor Carlos, bom dia! O senhor Pedro pediu para o senhor passar na sala dele!

Apenas com um gesto positivo com a cabeça, Carlos deixa seus equipamentos de proteção sobre a mesa e se dirige ao andar superior. O homem, ainda tonto pelo curto sono pensava em uma nova desculpa para dar ao chefe. Ao mesmo tempo, ele parecia despreocupado. Pedro o conhecia há anos e o máximo que poderia acontecer era ele dar-lhe uma advertência, ou uma suspensão na pior das hipóteses. Ele segurou sua barra quando Garcia era o diretor. Agora que Pedro tinha o poder nas mãos, ele não seria cruel de forma alguma. Mas ao bater na porta e entrar na sala da diretoria, Carlos sentiu um grande pavor: A expressão do chefe estava diferente e sentados à sua frente estavam Claudemir e Diego, dois operadores também veteranos que deram sua palavra que viriam no final de semana e acabaram por não honrar a promessa. Pela expressão dos três homens, aquela situação não estava nada boa. Mais uma vez deixando de lado o “bom dia”, Pedro simplesmente ordena:

- Senhor Carlos, estávamos esperando o senhor. Sente-se por gentileza!

Tremendo como vara verde, Carlos ajeita a cadeira que já estava reservada para ele, e se sente, sem conseguir olhar nos olhos de Pedro e dos dois colegas. Tomando um gole de água, Pedro inicia a pequena reunião:

- Bom dia, senhores! Quero adiantar esse encontro dizendo que essa é uma reunião que eu não desejava ter de jeito nenhum com nenhum de vocês. Como com certeza sabem, essa é uma empresa muito respeitável, com tradição e principalmente, compromisso com nossos clientes! E como vocês sabem também, nós temos um pedido enorme de produção que só seria possível ser realizado se viéssemos trabalhar no final de semana. E realmente nós viemos. Mas o resultado não foi alcançado! E eu confesso que senti uma enorme falta dos senhores no setor de produção nesses dois dias. Os senhores me deram a palavra de que viriam no final de semana e, no entanto, isso não aconteceu! E eu queria saber dos senhores que foi que aconteceu.

Claudemir, sendo o primeiro a se manifestar, respondeu:

- Com todo o respeito, senhor, mas o Sr. Garcia já sabia que eu não tenho condições de vir aos finais de semana. Minha esposa trabalha e tenho um bebê de dois anos para tomar conta. Eu não prometi que viria.

Inabalável, Pedro lhe responde:

- Senhor Claudemir, quero lhe deixar bem claro que o Sr. Garcia está resolvendo negócios fora do país e ele não tem mais nada a ver com essa filial. Quem obtém a autoridade neste momento, sou eu! Qualquer que seja a causa de alguma dificuldade, vocês têm a obrigação de se dirigir a mim! Esqueçam os líderes. Falem direto comigo! Eu fui bem claro?

Claudemir, olhando ao redor, percebe a expressão de indignação de seus colegas. Olhando de volta para Pedro, ele somente responde:

- Entendido, senhor!

Olhando para os papéis em sua mesa e fazendo algumas anotações, Pedro diz a Claudemir:

- Bem, eu vou dar uma suspensão de dois dias ao senhor como exemplo. Está bem?

Indignado, Claudemir altera sua voz:

- Como assim? Não pode me suspender! Os finais de semana são dias de repouso! Não somos obrigados a vir!

Pedro, olhando-o por baixo, responde:

- Exatamente, rapaz! Ninguém é obrigado a vir. Você não é melhor do que os outros. Fica a dica: Quando não puder vir, me avise. Assine essa suspensão, por favor! Daqui a dois dias nos vemos novamente!

Balançando a cabeça negativamente, Claudemir pega a caneta e assina aquele papel com um ódio mortal. Não proferindo mais nenhuma palavra, o homem se levanta bruscamente e sai apressado pela porta bufando como um touro que avista uma muleta vermelha em uma tourada na Espanha. Os dois colegas que ali estavam sentados olham perplexos aquele decorrer de acontecimentos. Assustados, não se atrevem a dizer uma só palavra. Pedro se mantém inabalável, apenas olhando os papéis em sua mesa. Após a porta bater violentamente, Pedro volta a olhar para os dois subordinados e se dirige a Diego, outro que não veio trabalhar no final de semana:

- E quanto a você, Diego? Há alguma justificativa para não cooperar com a empresa nesses dois dias?

Trêmulo e muito tenso, Diego responde:

- Bom, senhor, Domingo foi o aniversário de minha filha e no Sábado precisei realizar os preparativos para a festa. Não foi possível eu comparecer.

Fulminando-o com o olhar, Pedro lhe responde:

- Diego, eu imagino que todos aqui nessa organização sejam pais de família. Inclusive eu sou pai de uma menina com a mesma idade da sua. Eu gostaria muito, mas muito mesmo de estar com ela nesse final de semana. Ou você acha que eu não gosto de estar com a minha família? Você acha isso?

Muito incomodado com a pergunta, Diego responde quase com tom choroso:

- É claro que não, senhor!

Encarando fixamente Diego como um juiz prestes a dar uma sentença gravíssima para um acusado, Pedro responde em um tom de voz baixo e assustador:

- Então você deve concordar que não é melhor do que nenhum pai de família aqui presente. Concorda com isso?

Sem mais nenhuma coragem de encarar o chefe, Diego responde:

- Não, senhor!

Pedro continua encarando o homem, com as mãos entrelaçadas sob o queixo e finalmente dá ao homem a sentença que, segundo ele, era justa:

- Pois bem! Assim como eu adverti seu colega, assim também eu te advirto! Me avise se não puder ou se não quiser vir! Não quero mais passar por idiota aqui dentro dessa empresa! Conteí com todos vocês, não havia razão para me deixarem na mão dessa maneira! Você também pegará uma suspensão de dois dias! Aqui está o documento para você assinar!

Com as mãos extremamente trêmulas, Diego mal consegue segurar a caneta azul que estava presa a uma pequena corrente sobre a mesa. Ao seu lado, Carlos consegue enxergar o papel sendo molhado por uma gota d'água. Diego não consegue esconder a tristeza e a decepção. Mas ao mesmo tempo não estava arrependido. Ele amava demais sua filha e não faltaria ao seu aniversário nem sob pena de tortura. Terminando de escrever seu nome no documento, Diego entrega-o para Pedro e pergunta:

- É só isso, senhor?

Olhando na direção da suspensão e assinando seu nome, Pedro responde, gesticulando em direção a porta:

- É só isso, Diego! Nos vemos em dois dias!

Desconsolado, o homem se levanta e caminha em direção á porta. Cabisbaixo, ele a abre suavemente, diferente de Claudemir. A porta do escritório mal terminou de ser fechada e Pedro Alcântara se dirige firmemente á Carlos Ferreira, que foi o último a estar sentado na sala. E pelo jeito era o que estava mais apavorado. Deixando todos os papéis de lado e focando inteiramente o outro homem, Pedro pergunta:

- Senhor Carlos, vou fazer uma pergunta diferente da que fiz aos seus colegas. Era de se esperar que o senhor não viesse no fim de semana. O que quero saber é por que chegou tão atrasado hoje, Segunda-feira! O senhor tem algum motivo em especial?

Sempre olhando pra baixo, Carlos responde:

- Desculpa, senhor Pedro! O meu despertador não funcionou, não deu tempo nem de fazer a barba, me arrumar direito...

Impaciente, Pedro nem esperou o homem tentar se justificar, aumenta o tom de voz e lhe bronqueia:

- Não é de hoje que o senhor vem me decepcionando! Desde que eu trabalhava na produção, o senhor faz essas palhaçadas, e eu sempre tive que levar a responsabilidade pela sua falta de comprometimento! Por diversas vezes eu tentei te ajudar, mas você mesmo não quer se ajudar! Não posso deixar alguém como o senhor atrapalhar meus planos no comando dessa empresa. Não posso admitir um homem com hálito de álcool trabalhando nessas máquinas, sem sequer saber o que está fazendo. Sua carreira aqui acabou, senhor Carlos! Vou demiti-lo por justa causa! E não venha me dizer que não estou sendo justo. Todos aqui sabem da sua reputação de alcoólatra!

Erguendo lentamente sua cabeça e enfim olhando fixamente para Pedro, Carlos parece não acreditar no que está ouvindo. Ele concordava plenamente que era um dependente alcoólico e que, apesar de toda a ajuda que Pedro dera no passado, ele não conseguiu se livrar do vício. Não havia dúvidas de que ele merecia aquela demissão. Mas a questão ali naquele momento era outra: Pedro nunca havia falado daquela maneira com ninguém. Era sempre uma pessoa que tinha o dom das palavras e um forte espírito de liderança. Às vezes sim, era rabugento como é o normal de qualquer chefe, mas todas as broncas da época eram construtivas, com o intuito de melhorar a situação em questão, seja ela qual for. Mas no cotidiano, Pedro era manso, era um grande amigo que aconselhava muitas pessoas ali dentro, já almoçou com a família de muitos ali naquela empresa. Era um homem forte e exemplar para os mais novos e também para os mais experientes. E Carlos o conhecia o suficiente para perceber, mesmo embriagado, que aquele não era mais o Pedro de algumas semanas atrás. O homem estava feroz, sentia prazer em punir as pessoas, parecia se divertir com o sofrimento dos que ele julgava estar vários degraus abaixo. Não havia mais conselho, não havia mais liderança, não havia mais um amigo atrás daquela mesa de escritório. Pedro Alcântara havia se tornado um verdadeiro ditador.

Parecendo se recuperar de sua embriaguez, Carlos diz em voz baixa e firme para o ditador à sua frente:

- Fui eu quem ensinou tudo o que você sabe sobre montagem de carros, garoto! Fui eu quem te indicou a ser nosso líder para o Sr. Garcia. Aliás, fui

eu quem te apresentou ao Sr. Garcia e para todos os figurões dessa empresa! E hoje você está aí, sentado de frente pra mim, me olhando como se eu fosse um criminoso, com o seu nariz empinado, de um jeito que eu nunca vi. Você devia se olhar no espelho para ver no que se transformou!

Pedro permaneceu calado, aparentemente não dando muita importância para o que Carlos dizia. Enquanto continuava a falar, o homem levantou-se, ajeitou sua cadeira e continuava a olhar Pedro firmemente e dizia:

- Tome muito cuidado, rapaz! Esse poder que você possui é grande, mas é traiçoeiro! Cuide para que ele não aja contra você!

Incomodado com o que Carlos disse, Pedro se levanta rapidamente e pergunta:

- Espere! O que o senhor quis dizer com isso?

Antes de fechar a porta e ir embora definitivamente, Carlos Ferreira apenas responde:

- Que Deus te proteja, meu rapaz! Apegue-se á Ele! Deus sim tem a verdadeira autoridade. Se quiser realmente ser um líder sem precisar se machucar e machucar os outros, inspire-se nele!

Dizendo isso, Carlos fecha a porta e vai embora. Pedro sente um calafrio percorrer todo o seu corpo. Ele nunca havia visto Carlos falar daquela maneira e muito menos falar de Deus. A autoridade que saía de sua boca não era característica dele. Não seria possível algo assim ser proveniente de efeito de alguma bebida. Aquilo foi surreal. Pedro conhecia Carlos Ferreira desde que ingressou naquela montadora como estagiário. Carlos era mais experiente no ramo de produção, mas como não obtinha quase nenhuma formação escolar, não se sentia em condições de assumir um posto mais avançado. Ele sempre tinha um jeito simples, um vocabulário típico de uma pessoa sofrida do interior, sem muita preocupação em pronunciar corretamente as palavras que saíam de sua boca. E o vício da bebida, segundo ele, o acompanha desde os quatorze anos de idade. E àquela altura já estava quase impossível de controla-lo. Mas naquele dia, Pedro viu aquele homem falar tudo de forma correta, pausadamente, com uma autoridade nunca vista. O medo tomou conta de suas entranhas. Era difícil de aceitar, mas parecia que o próprio Deus falou com Pedro naquele momento. A única reação do homem foi sentar-se novamente em sua cadeira e ficar olhando para a porta tentando absorver o que havia acontecido.

Enquanto aquele turbilhão de pensamentos tomava conta da mente de Pedro Alcântara, ouve-se o barulho da cadeira do outro lado da sala ser arrastada. Naquele instante, Pedro acorda de seus devaneios e se assusta mais uma vez. Passos são ouvidos em algum lugar do escritório. O forte senso de percepção de Pedro nunca o enganou e não seria agora que isso iria acontecer. Ele teve a certeza absoluta: São os mesmos passos que ele ouviu na cozinha de sua casa no suposto sonho da madrugada daquele dia. Levantando-se subitamente de sua cadeira, eis que ele se agacha próximo à mesa do outro lado e avista o garoto que parecia o estar seguindo de muito perto, com seu mesmo macacão jeans, a camisa verde e o tênis branco impecável com que havia aparecido pra ele naquela noite.

Visivelmente em pânico, Pedro apenas se vê na alternativa de perguntar:

- O que está fazendo aqui? O que foi fazer em minha casa? Me responda, garoto! Por acaso você está morto?

Olhando, com seus olhos azuis fixamente para Pedro, o garoto faz outra pergunta:

- Morto? Por que pensa que estou morto?

Ofegante e suando frio, Pedro pergunta gaguejando um pouco:

- Você estava na minha casa hoje à noite, invadiu minha cozinha e agora está aqui no meu escritório! Quem deixou você entrar aqui?

Colocando o dedo indicador no peito de Pedro como se o estivesse o apontado, o garoto diz:

- Você me prometeu que iria me ajudar a procurar a moeda que eu perdi! Não se lembra?

Extremamente confuso, Pedro responde:

- Então não era um sonho. Você estava mesmo na minha casa esta noite! Apenas me responda: Como conseguiu entrar aqui e lá na minha casa sendo que a segurança é reforçada?

Sorrindo, o garoto responde:

- Sabe, eu gosto muito de você! É um homem muito legal! E engraçado! Só que você mesmo ainda não se deu conta disso!

Ainda com a cabeça estonteada com tantas confusões, Pedro lhe diz:

- Você só diz coisas sem sentido! Nem me conhece! Olha, mais uma vez eu peço desculpas por ter atropelado você naquele dia. Já lhe disse que ficarei feliz em ajudar no que for preciso. Mas eu tenho que pedir a você que pare de me seguir e me surpreender dessa maneira. Você me entende?

Olhando em volta, parecendo não se importar com o que Pedro acabara de dizer, o garoto faz uma longa pausa, como se estivesse estudando aquele ambiente. Curioso, Pedro pergunta:

- Algum problema?

Com a voz tênue e doce, o garoto começa a dizer:

- Sabe, aqueles senhores com quem você gritou pareceram estar muito tristes com você!

Coçando a cabeça mostrando ansiedade e pressa, Pedro responde:

- Você é ainda muito novo, garoto! Existem coisas que os adultos discutem que não é interessante que as crianças saibam.

Olhando com olhos sinceros e agora com uma expressão séria, o menino responde:

- Eles têm filhos pequenos! Tem uma esposa! Conheço eles. Neste momento, estão chateados porque cada um está levando uma notícia muito grave pra casa!

Apoiando o braço direito sobre seu joelho, Pedro pergunta:

- E de onde exatamente você conhece aqueles senhores?

Olhando para o nada, o garoto responde:

- Conheço cada um de vocês! Sei que vocês eram amigos. Alguma coisa muito grave aconteceu para que brigassem. E a única coisa que posso dizer é que tudo isso é culpa sua!

Admirado e assustado, Pedro pergunta:

- Culpa minha? Você está me espionando, menino? O que pensa que eu sou? Olha, acabou a brincadeira! Quero que saia daqui agora, eu tenho muito trabalho a fazer!

Voltando a sorrir, o menino responde:

- O trabalho mais importante de sua vida ainda não começou! Então é melhor você estar pronto!

Pedro não estava entendendo mais nada. Do que aquele menino estaria falando? Como ele sabe todas aquelas coisas? Será que ele é filho de um dos funcionários? Como ele poderia falar coisas como aquelas? E o mais importante: Como ele entrou naquele escritório e na sua casa na noite anterior? Antes que ele pudesse responder mais alguma coisa, ouve-se a porta bater. Então, nesse momento, o garoto diz:

- Mas não se esqueça! Você prometeu me ajudar a encontrar minha moeda valiosa!

A porta se abre. Davi Siqueira entra no escritório de Pedro para poder mostrar-lhe o relatório de produção da manhã. Antes que o rapaz pudesse dizer qualquer coisa, Pedro pergunta:

- Davi, você sabe me dizer como esse menino entrou em meu escritório?

Olhando em volta do escritório, Davi não vê mais ninguém além de Pedro. Ele apenas vê as mesas organizadas como sempre, os computadores ligados mostrando algumas planilhas e um chefe agachado no chão, aparentando ter visto um fantasma. Tentando não se constranger com a situação, Davi responde:

- Senhor, não há nenhum garoto aqui! O senhor está bem?

Olhando rapidamente cada metro quadrado daquela sala, Pedro se apavora e começa a falar, assustado:

- Havia... Um garoto... Aqui! Ele entrou no escritório, mexeu nas cadeiras, conversou comigo. Davi, esse menino está me seguindo desde a madrugada de hoje! Não sei se os pais dele estão o mandando fazer isso como sendo uma represália pelo atropelamento daquele dia. Não seria muito mais fácil pedir uma quantia para comprar remédios do que me assustar dessa maneira?

Davi permanece parado, com a prancheta na mão, presenciando o chefe ter uma crise de nervos aparentemente sem motivo. Ele ouve o que Pedro diz, mas não entende nada. Que atropelamento? Que garoto? Tentando não colocar mais lenha na fogueira, Davi apenas tem a reação de lhe dizer:

- Se o senhor quiser, eu posso perguntar ao rapaz da portaria se ele não viu nenhuma criança entrar sem que ele tenha percebido, ou posso ver com as meninas da recepção!

Completamente sem noção de nada do mundo real, Pedro responde:

- Sim, faça isso, por favor! Precisamos reaver a segurança por aqui! Isso não pode ficar assim!

Pegando seu Nextel e ligando para a portaria, Davi contata o porteiro perguntando sobre o tal garoto. O porteiro diz que até aquele momento, ninguém diferente entrou ali. O mesmo dissera as duas mulheres que trabalhavam na recepção. Ninguém passa pela recepção da empresa sem se identificar, muito menos uma criança desacompanhada. Mas Pedro tinha a certeza absoluta de não estar maluco. O garoto estava ali há pouco menos de dois minutos e desapareceu instantaneamente, como nos dois últimos encontros. Aparentemente preocupado, Davi pergunta:

- Senhor Alcântara, tem certeza de que está bem? Quer que eu ligue para a enfermaria?

Estabelecendo sua sanidade e levantando-se, Pedro responde:

- Não, não, Davi, obrigado! Mas vamos lá... Você queria falar comigo?

Voltando ao foco, Davi pega a caneta de sua orelha esquerda, mostra a prancheta ao chefe e inicia:

- Achei que precisaria ver isso, senhor! As máquinas dezessete e vinte um, além de serem ajustadas, alcançaram melhor performance e agora nós podemos fazer quase o dobro de peças que fazíamos normalmente. Foram implantadas engrenagens importadas e isso aumentou a velocidade da máquina. Se tudo correr bem, conseguiremos terminar os dois pedidos na Quarta-feira.

Correndo os olhos pelo relatório de produção, Pedro sente uma grande satisfação. No final das contas, o atraso em virtude da manutenção das máquinas não foi tão ruim assim. Ainda era possível recuperar o tempo perdido. Sim, ainda era possível conseguir a admiração e o respeito dos investidores da empresa. Agora que a frustração havia se dissipado um pouco, Pedro pensou que talvez tivesse sido muito rude com os três homens com quem conversou pouco tempo atrás. Mas esse pensamento durou apenas uns dois ou três segundos. Em sua concepção, ele era o chefe e tinha mesmo que manter a disciplina de seus subordinados, caso contrário tudo iria ficar fora de controle.

Com o relatório em mãos, Pedro se dirige a Davi e diz:

- É ótimo ouvir isso, Davi! Vamos seguir em frente então. Muito obrigado e parabéns!

Não se podia dizer que Davi sentiu alguma vangloria com aquele elogio. Ele apenas balançou a cabeça uma vez de forma positiva e logo saiu da sala.

## CAPÍTULO 9

Dia após dia, Pedro Alcântara ia se desvencilhando das dificuldades que se apresentavam durante seu comando naquela montadora. Com seu jeito autoritário, de alguma forma conseguia fazer com que os colaboradores se intimidassem e com isso, tivessem medo. Consequentemente, o ritmo de produção aumentava, as faltas diminuía, o temor pela demissão apenas aumentava. Todos aqueles duzentos e poucos funcionários eram pais de família. A maioria deles tinha mais de dez anos de atividades naquela organização. Além de o salário ser excelente, a idade de alguns ali iria comprometer caso precisassem procurar outro emprego, por essa razão, mesmo desagradando-se da situação, todos colaboravam.

Por outro lado, a confiança e o carisma por parte dos sócios e dos figurões que, de alguma forma eram ligados com a realidade da empresa ia crescendo. Pedro sempre jantava com homens importantes, fechava negócios internacionais, adquiria novos maquinários, investia na tecnologia de uma forma inédita naquela montadora. O senhor Garcia tentou por diversas vezes adaptar tecnologia de primeiro mundo na empresa, mas desistia caso não conseguisse na primeira vez. Garcia não via aquilo como prioridade. Seus colaboradores eram profissionais por excelência, além de serem seus amigos de longa data. Ele não teria coragem de trocar seus homens por robôs, por mais que o competitivo mercado de automóveis exigisse isso. Porém, Pedro, em um mês de liderança, demitiu sete funcionários. Sem a menor consideração, sem a menor piedade. O que importava para ele era fechar negócios, era lucratividade, era progresso em caixa. Garcia sabia do que estava acontecendo, mas não poderia fazer nada para intervir. Além do fato de não poder se ausentar de Nova York para resolver o que quer que seja no Brasil, ele deixou bem claro naquela ocasião que Pedro teria o total controle da empresa. Não fica bem para um homem da reputação de Garcia voltar atrás em sua palavra.

O nome de Pedro Alcântara ficou conhecido em Nova York, na Alemanha, em todas as conferências de sócios do senhor Garcia e, algumas vezes seu nome aparecia nas revistas de negócios e personalidades. Era totalmente venerado mundo afora, mas um completo desconhecido na empresa que gerenciava e também em sua casa. Sofia nunca esperou uma série de atitudes rudes, indiferenças, finais de semana sozinha e sem satisfações. A mulher já estava cansada de ser tratada como uma simples opção. A cabeça do marido estava completamente entorpecida pelo poder. O homem abandonou a Igreja, passava dias fora de casa e não se importava em não

ver sua filha crescer. Aquilo que era para ser uma bênção em sua vida se tornou uma maldição que, a cada dia, ganhava mais forças.

Em uma tarde de Sexta-feira, Pedro recebe uma ligação do senhor Masao Kurosaki, um sócio do Japão. Com um português em perfeita fluência, Masao cumprimenta o mais novo chefe:

- Alô! É o Senhor Pedro Alcântara?

Sabendo de quem se tratava, Pedro, orgulhoso e cheio de si, responde:

- Senhor Kurosaki? Como está? A que devo a honra?

Simpático, o homem responde:

- Tudo em perfeita ordem, senhor! Na verdade, estávamos analisando o desempenho da filial brasileira e não pudemos esconder nosso entusiasmo! O trabalho de vocês reflete muito aqui em Tóquio. Muitos japoneses que viajam ao Brasil compram seus produtos e divulgam aqui no Japão. É incrível como as vendas aqui aumentaram e nossa lucratividade também.

Pedro movimentava sua cadeira giratória para a esquerda e para direita, evidentemente orgulhoso, como se todo o mérito do trabalho pertencesse a ele. Ele responde:

- É nosso trabalho, senhor! É bom ver que o pessoal do Japão está satisfeito com nossos projetos. E é bom dizer que nosso esforço não irá parar por aí! Sempre visamos inovar cada vez mais!

Com um tom sereno e sempre razoável, Kurosaki responde:

- Obrigado, muito obrigado! Garcia, como sempre, fez a melhor escolha, sem dúvida. E como prova de nossa gratidão, queremos fazer um convite a vocês do Brasil.

Pedro ficou curioso:

- Convite? E o que seria, senhor?

Kurosaki responde:

- Bom, como nossa filial está próxima de fazer aniversário, nós adquirimos um grande e lindo transatlântico. Nós o batizamos com o nome de Samurai. E como estamos muito felizes com seu trabalho, fizemos uma reunião e decidimos fazer nosso primeiro cruzeiro em águas brasileiras com a companhia do senhor e de todos os seus colaboradores. Se o senhor aceitar, é claro!

Os olhos de Pedro brilharam. Um cruzeiro em um navio japonês. Garcia nunca havia conseguido uma gratificação semelhante de algum dos sócios. O ego de Pedro aumentava a cada segundo. Sem pensar em absolutamente nada, ele responde:

- Mas é claro que aceito! Como não aceitar um convite honroso como esse? Podemos marcar pra quando o senhor quiser!

Aparentando estar contente com a aceitação imediata do convite, Kurosaki responde:

- Estávamos pensando em realizar esse cruzeiro daqui á exatamente um mês. É só o tempo de prepararmos o pessoal, desenrolar alguns trâmites com a Alfândega, esse tipo de coisa que você conhece bem. Pode convidar quem você quiser, o Samurai é imenso, é um monstro!

Agradecido, Pedro responde:

- Será uma honra, senhor Kurosaki! Muito obrigado pelo convite!

Após finalizar o contato, Pedro rapidamente faz uma nova ligação. Em um momento raro, ele liga para sua casa, para sua esposa. É claro que a primeira reação dela foi de preocupação. O homem não ligava em casa já há algum tempo. O único contato que ele tinha com Sofia era presencial e nem sempre o encontro era saudável em decorrência da nova personalidade que ele adotara. Preocupada, ela pergunta:

- Pedro? Aconteceu alguma coisa?

- Sim, meu amor, aconteceu! Algo grandioso. Talvez a coisa mais grandiosa que tenha acontecido em minha vida!

- Que ótimo, querido! Posso saber que novidades são essas?

Pedro tentou segurar sua euforia. Ele parecia uma criança que acabara de receber a notícia de que seus pais o levariam ao parque de diversões dos seus sonhos.

- Os sócios japoneses acabaram de entrar em contato comigo! Disseram que meu desempenho na fábrica está cada vez melhor e que, como recompensa eles irão dar de presente a todos da empresa um cruzeiro em um navio deles. Com certeza será um grande upgrade em minha carreira.

Sofia, do outro lado, manteve-se indiferente. Talvez fosse em decorrência da mágoa que vinha sentindo de Pedro nos últimos tempos. Todo esse sucesso do marido vinha acabando com a família aos poucos e por isso, ela

sentia um pouco de medo toda vez que Pedro dava um passo adiante. Com a voz serena, apenas lhe diz:

- Puxa, querido, estou muito feliz! É ótimo receber uma notícia como essa. Você deve estar muito contente!

Pedro pôde perceber o sentimento negativo de sua mulher camuflado com aquelas palavras fingidas. Então, vendo isso, ele resolve desistir de fazer mais suspense e vai direto ao assunto:

- E eu quero muito que você vá comigo, meu amor! Sabe, precisamos passar mesmo um tempo juntos. Os últimos tempos não têm sido fáceis para nós. Quero aproveitar essa oportunidade para estar mais perto de minha família, que tanto amo! Você aceita fazer essa viagem comigo?

Sofia percebeu a sinceridade no marido. Ainda havia uma gota de amor naquele coração trancado pela ganância. E Sofia o amava demais. Por mais cabeça-dura que ele fosse, sempre foi um excelente namorado, um marido honrado e um pai amoroso. Ela preferia acreditar que ele só vinha agindo daquela maneira por não estar preparado para aquele estilo de vida. Então, com um tom de perdão em sua voz, ela responde:

- Senti muita falta desse seu romantismo, Pedro! Claro que aceito. Tenho saudades de você. Será ótimo fazermos essa viagem. Estarei pronta daqui a um mês.

- Te amo muito, Sofia! Perdoe-me por tudo! A única coisa de que não me orgulho é de estar deixando minha família escapar por entre meus dedos!

- Quem ama, compreende um ao outro! Palavras do Professor Jefferson! Lembra-se?

Os dois riem deliciosamente pelo telefone. Naquele instante, Pedro Alcântara se esquece um pouco de sua vida de ditador e se vê novamente na pele de um marido dedicado, que sempre diz a coisa certa no momento certo. Talvez a ideia do cruzeiro fosse o fator-chave para ele deixar de ser um ditador e voltar a ser apenas um líder exemplar, como foi desde criança.

Pedro sentiu vontade de convidar seu amigo de infância Maurício Cavalcante, e assim o fez. Porém, infelizmente o rapaz tinha outros planos: Ele tinha que viajar para o Sul, para uma conferência na empresa que trabalhava. Maurício seria uma ótima companhia nesta viagem. Mas ele deixou bem claro que em outra oportunidade aceitaria com todo o prazer. Mas mesmo assim, Pedro ainda estava feliz. Seria a viagem de sua vida, uma viagem que representaria seu sucesso, suas conquistas, a realização de

tudo pelo que ele lutou. Agora ele estava ali, no cargo mais alto, com o status mais significativo e com seu orgulho expresso em sua face de uma forma como nunca se viu.

Em menos de vinte e quatro horas, todos os funcionários da empresa estavam sabendo do cruzeiro. Pedro era ansioso, não gostava de deixar nada para depois. Mais do que depressa, ele havia feito uma reunião extraordinária para tratar dessa viagem por cortesia dos japoneses e não hesitou em encher a boca para dizer o quanto havia crescido o conceito da montadora no exterior desde o início de sua gestão. O senhor Garcia, lá de Nova York ficou sabendo dessa oportunidade proporcionada à montadora no Brasil e evidentemente, ligou para Pedro para parabenizá-lo. Também lamentou não poder participar, mas desejou muita sorte ao sucessor do fundo do coração. Parecia que nada mais podia parar aquele homem. Seu modo de administrar era digno de um mestre, ele agora tinha o total controle de cada processo, cada centavo que entrava e que saía, conquistava clientes, era enérgico no que diz respeito à cobrança por resultados, e o mais importante: Seu senso de percepção não permitia que ninguém lhe passasse a perna.

Mais um dia havia se encerrado e Pedro ainda mantinha o brilho nos olhos. Sua postura, antes acorcondada, transformou-se em uma postura totalmente ereta, com o peito completamente estufado, o terno agora lhe cabia perfeitamente, e o nó da gravata não poderia estar mais bem-feito. O interior do seu carro, que antes cheirava apenas a estofado novo e conservado, exalava agora um perfume que, de alguma forma lembrava luxo, ostentação, poder. Com esse aroma em suas narinas, ele dirige seu novamente pelas ruas de São Paulo. Mergulhado em devaneios, ele imagina cada edifício daqueles em seu poder. Com poucos meses na diretoria daquela montadora, ele havia conseguido o prestígio dos japoneses. Imagine como seria se ele permanecesse naquela posição ainda por, no mínimo dez anos. Aquele cruzeiro seria apenas o começo de seu reinado. Ao som de Miles Davis tocando em seu automóvel, Pedro adentra a garagem de sua casa. Após ativar o alarme do seu carro, ele presencia uma cena que não via há muito tempo: Sua esposa Sofia o estava esperando com um lindo vestido lilás, o colar de prata que o marido lhe deu no aniversário de casamento em seu pescoço, o cabelo preso como uma dama que vai participar de uma festa de gala e exalando Notorious de Ralph Lauren em seu corpo, que também foi um presente do seu amado. Pedro não precisou de seu senso de percepção para saber que aquela noite seria mais do que

especial. A passos curtos, Sofia se dirige ao marido e depois de um beijo longo lhe diz:

- Já faz muito tempo que não temos uma conversa tão romântica! Eu não queria perder a oportunidade de recomeçarmos nossa história!

Pedro apenas admira a esposa, sem conseguir dizer uma única palavra. Ela estava tão radiante quanto no dia de seu casamento. Ele curtia naquele momento, a mesma sensação que sentiu anos atrás, quando a conheceu na faculdade, e como não se importava em largar a vida de boemia com os amigos só por causa dela. A única coisa que conseguiu dizer foi:

- Meu amor, você está... Linda!

- Obrigada! Deixei Beatriz com minha irmã. O que acha de jantarmos fora essa noite?

Com um grande sorriso, Pedro lhe responde:

- Acho uma ideia maravilhosa! Irei tomar um banho e colocar uma roupa mais romântica!

E naquela noite, renascia uma família que estava á beira do abismo. A ideia do cruzeiro não foi o fator determinante para que isso acontecesse. Na verdade, no mais íntimo do seu ser, Pedro sempre queria pedir perdão á sua mulher, mas seu orgulho não permitia isso. Um homem com todo aquele poder em suas mãos não deveria se rebaixar em implorar por perdão, ainda mais com a razão que ele jurava ostentar. E com aquele cruzeiro, Pedro tinha um pretexto para ser romântico sem precisar se humilhar. E deu certo. Aquele casal que parecia ser composto de dois estranhos dentro de casa, estava agora jantando mariscos e apreciando uma taça de Cune Rioja Imperial em um dos melhores restaurantes da cidade, em um banquete bem romântico e totalmente apropriado para um casal que acabara de se reconciliar.

## Capítulo 10

O transatlântico Samurai era um gigantesco e imponente transportador dos mares. Com 720 cabines e capacidade para até 1.900 passageiros ostentava um azul metálico de ofuscar a visão. Apresentava tecnologia de última geração em sua confecção. Masao Kurosaki havia investido muito dinheiro na aquisição daquele gigante. Mas sabia que seria um investimento que valia a pena. Segundo ele mesmo, Pedro Alcântara trouxe uma lucratividade monstruosa para a unidade japonesa da montadora e um cruzeiro seria uma forma de agradecimento e, ao mesmo tempo um incentivo para que o sucessor de Garcia continuasse mantendo bons resultados. Kurosaki garantiu que tudo seria por sua conta, desde o jantar até o baile de gala. Todos os integrantes da unidade japonesa estariam ali naquele evento. Seria uma noite memorável e tanto Pedro quanto Masao Kurosaki teriam certeza absoluta disso.

Aquele mês passara para Pedro na velocidade de um ano. Ele estava ansioso para conhecer os colegas japoneses e em especial, o sócio Kurosaki. O homem acordou antes do despertador e, em cerca de quinze minutos já havia tomado seu banho, vestido seu melhor terno e concluído o nó de sua gravata. O cabelo apresentava sempre um belo penteado e sua barba estava bem aparada. Seu sapato estava em um preto tão brilhante que era possível se ver o reflexo do resto de seu corpo. Sua esposa Sofia também estava radiante, com os cabelos devidamente modelados a caráter para um evento formal. Seu vestido longo e cor de vinho faziam transparecer sua beleza e sua simpatia. E ela estava realmente feliz por depois de tanto tempo, poder ter um dia agradável e livre com seu esposo e sua filha. A mesa continha um belo café da manhã, com direito a frutas da época e um suco e uma jarra média de suco natural de manga. Pedro Alcântara tinha a mais absoluta certeza de que aquele dia mudaria para sempre sua vida. Porém, o que ele não imaginava era que, realmente aquele dia marcaria uma nova fase, mas não da forma que ele esperava.

Abrindo o porta-malas do seu conversível, Pedro deposita as malas da família. Um frio corre em sua barriga desde o dia anterior. Na verdade, nem quando iria começar sua gestão na montadora ele sentia uma ansiedade tão grande. Ignorando este sentimento, ele trata de prender a pequena Beatriz no assento infantil. Estranhamente, ao fazer isso, algo como um choque percorre todo o seu corpo. O homem olha para o rosto de sua filhinha que ainda dormia e não para mais de olhar. Por algum motivo, seu coração acelera e seus olhos se enchem de lágrimas. Beatriz nunca foi tão inocente,

tão doce e tão linda. Pedro se deu conta de que sua família era o seu maior tesouro. Naquele momento, sua memória o faz viajar para o passado, precisamente há quatro meses, e mais precisamente ainda no dia em que ele assumiu a diretoria da empresa. Desde aquele dia, ele deixava sua família o esperando sem dar notícias, e muitas vezes ia dormir sem sequer vê-las, pois já estavam dormindo. Ele havia esquecido a importância do aconchego familiar, das conversas com a esposa, das noites mais íntimas e as únicas coisas que ele conseguia dar atenção eram as pilhas intermináveis de relatórios, o Nextel e as planilhas de pedidos dos clientes. Nada mais importava. E agora, naquele momento, admirando os olhinhos fechados de sua filha, Pedro percebeu que havia perdido um tempo precioso.

Após cerca de um minuto, Sofia se agacha na direção da porta traseira, olha o seu marido estático olhando para a cadeirinha do bebê e pergunta, assustada:

- Meu amor, está tudo bem?

Piscando três vezes e acordando de sua viagem no tempo, Pedro responde:

- Sim, Querida! Já está tudo pronto?

Com uma risadinha, Sofia responde:

- Quase tudo! Só falta você!

Com o portão automático já aberto, Pedro dá a partida em seu carro e parte em direção ao Porto para embarcar no Samurai. Era Domingo e quase não havia trânsito na cidade. O dia estava em clima ótimo. O sol brilhava no céu, mas não estava fazendo o calor insuportável como era de costume. Soprava-se uma brisa agradável e Pedro resolve abrir mão de seu ar condicionado. Tudo estava extremamente calmo. Sofia e Beatriz dormiam no banco de trás. Com aquele turbilhão de sentimentos em seu corpo em meio a um dia tranquilo, Pedro raciocinou uma coisa naquele momento: Em todos os dias que continham essas características climáticas, ele encontrava aquele misterioso menino. Quando Pedro o atropelou, o clima estava exatamente daquele jeito, assim como na noite em que ele apareceu em sua cozinha e no dia em que ele demitiu o senhor Carlos Ferreira. Com aqueles fatos sendo assimilados, um temor muito grande tomou conta de Pedro Alcântara. Mas ele mesmo não sabia exatamente o que sentia.

Era mais ou menos uma e quinze da tarde quando Pedro, Sofia e a pequena Beatriz chegaram ao porto de Santos, que seria o local de onde sairia o transatlântico para o cruzeiro. Não era difícil encontrar o ponto de

encontro, já que havia uma grande multidão reunida a uns duzentos metros do estacionamento. Uma parte daquelas pessoas era conhecida de longa data de Pedro. Entre elas estavam o pessoal do escritório, os responsáveis pela expedição, o setor de produção que era antes liderado por ele. Todos estavam vestidos de acordo com o que a ocasião exigia. Olhando ao redor ainda não era possível avistar nenhum japonês. Talvez tivessem ido tomar um lanche ou algo do tipo. Um pouco mais próximo ao cais, estava reunida uma turma muito conhecida: Davi Siqueira e o pessoal do setor de produção conversavam descontraidamente. O clima estava ótimo até Pedro se aproximar. As gargalhadas cessaram-se dos rostos de todos eles. Estava claro que a presença de Pedro não era mais tão agradável como era antes. Aquele pouco tempo no comando da empresa foi o suficiente para que ele despertasse muito temor em todos naquele ambiente. E infelizmente, ele percebeu que sua rispidez refletia não somente nos quatro cantos do grande galpão da montadora, mas em qualquer lugar que fosse.

Tentando amenizar o constrangimento de todos, inclusive o dele mesmo, Pedro cumprimenta a todos com um aperto de mão e começa a falar:

- Faz tempo que chegaram?

Davi foi o primeiro a tomar a atitude de responder:

- Não muito tempo. Chegamos há uma meia-hora. Viemos na Van do Francisco.

Francisco Xavier era outro membro muito experiente daquela montadora. Não era um homem de muitas palavras, mas tinha um caráter esplêndido. Pai de três filhos e avô de quatro netos, já pensava na aposentadoria. Faltavam apenas três anos, e ele já sentia o alívio de poder descansar depois de vinte e quatro anos de colaboração com Garcia e já tinha planos de comprar um sítio para que ele possa aproveitar os seus netos ao máximo. Ele conseguiu comprar uma Van há pouco tempo. Como gosta de ir à praia e levar toda a sua família, aquele veículo seria o ideal. E naquele dia, como não pôde levar os filhos, pois os mesmos tinham já outros compromissos, levou seus colegas de trabalho.

Pedro apresentou sua filhinha aos colegas, que fizeram questão de notar e comentar a semelhança com o pai. Enquanto aguardavam os japoneses para iniciar o passeio, o grupo conversava sobre diversos assuntos, incluindo possíveis projetos futuros para a empresa e para todos os operários. Mas por mais que se o tempo de conversa se estendesse, não se via mais aquele clima amistoso que havia da parte dos colegas para com Pedro. O homem

havia mesmo se tornado um ditador nos últimos dias, e a maneira como ele demitiu Carlos Ferreira foi um golpe muito duro para todos. Todos que interagiam com Pedro tomavam um grande cuidado, mediam severamente suas palavras, procuravam ter o mínimo de contato com ele. Mesmo Davi Siqueira, que foi seu aprendiz agora mantinha uma distância maior a cada dia que passava.

Quase uma hora havia se passado desde então. Pedro e os outros, olhando na direção da praia, avistam uma turma de sete homens totalmente desconhecidos. Todos vestidos de terno e gravata, com um ar de autoridade. O semblante de todos eles não poderia negar: Todos eram japoneses. Eram os representantes da filial de Tóquio que estavam chegando para enfim conhecer os representantes brasileiros e assim começar a viagem que foi combinada há um mês. Chegando mais perto, o homem mais magro e aparentando ser de mais idade que os outros, dá um passo mais adiante na direção de Pedro. Com um grande sorriso, ele propõe:

- O senhor é Pedro Alcântara, eu suponho...

- Sim, sou eu!

Depois de apertar a mão de todos ali presentes, o homem juntamente com os outros seis que o acompanhavam, se curva para frente, saudando novamente os brasileiros, mas agora na cordialidade japonesa. Após fazer isso, ele se apresenta:

- Muito prazer, eu sou Masao Kurosaki! É uma honra conhecê-lo!

Tentando demonstrar respeito, Pedro também se curva para frente, e responde:

- A honra é minha, senhor! Quero mais uma vez agradecê-lo por esse presente fantástico! Não sabemos como retribuir esse privilégio!

- Isso não é nada demais! Estamos muito agradecidos por tudo o que vocês têm feito pela empresa. Como eu disse, graças a vocês, a venda de nossas unidades no Japão cresceu de uma forma grandiosa. É o mínimo que podemos fazer! Espero que apreciem o melhor que o nosso Samurai tem pra oferecê-los!

Enquanto o homem falava, as pessoas iam sendo conduzidas para dentro do transatlântico por outro representante japonês, que conferia a documentação necessária e entregava a cada um que entrava, a chave de sua respectiva cabine. Pedro, assim como todos os colegas dele que ali estavam, notavam que apenas Masao Kurosaki falava do roteiro da viagem,

do design das cabines, dos jantares e da festa de gala. Os outros seis japoneses, todos com óculos escuros, mantinham os braços para trás, como se fossem guardas da Rainha da Inglaterra. Mas por mais que isso parecesse estranho, ninguém se atrevia a dizer nada. Talvez devesse fazer parte da cultura japonesa deixar apenas o líder falar.

Finalmente, depois de todos embarcarem e o cais ficar quase vazio, Pedro, sua família e seus colegas são convidados a embarcar também. Visto de perto, o transatlântico Samurai parecia muito maior. Era imenso. Uma mansão aquática, sem sombra de dúvidas. Enquanto Pedro e os outros embarcavam, os seis assistentes de Kurosaki formavam um corredor entre ele, como se estivessem os escoltando. Eles mantinham uma expressão séria, não proferiam sequer uma palavra e permaneciam com os braços para trás, em posição militar. Kurosaki ia à frente dos brasileiros enquanto mantinha um sorriso agradecido nos lábios. Falando da montadora e da tecnologia japonesa, ele conduzia a todos pelo interior do grande navio, apresentando-os ao hall principal, o salão de jantar que por sinal era imenso e seguindo então corredor à frente para a primeira parte das dependências nas quais se encontravam as cabines. Todas as portas mantinham um mesmo padrão de cor e formato de fechadura. Em vez de uma maçaneta, havia na frente de cada porta uma fenda que servia para acesso de cartões. Pedro recebeu o cartão de número 410. Tudo era iluminado com enormes lustres de mais ou menos quinze braços cada um. E não era uma iluminação forte. Estava até um clima agradável, com uma luz elaborada inteligentemente, fazendo parecer como se tudo parecesse à luz de velas. Era um clima típico de um cruzeiro de luxo. O piso era vermelho Bordeaux, e brilhava constantemente. Pedro, juntamente com Sofia, apreciava muito tudo aquilo enquanto ouvia Kurosaki falar:

- E então, Sr. Alcântara? O que está achando do Samurai?

Ainda olhando impressionado ao redor, Pedro responde:

- É maravilhoso, Sr. Kurosaki! Nunca havia visto um navio desta dimensão!

- Nos esforçamos em fazer o melhor em retribuição a vocês! – responde Kurosaki – Espero que isso estreite mais ainda os laços entre nós!

Ao dizer isso, Masao Kurosaki se inclina mais uma vez para frente em sinal de reverência. Pedro, imediatamente faz o mesmo gesto, dizendo:

- Pode ter a certeza absoluta de que a filial japonesa estará sempre em nossa lista de prioridades, senhor!

Pedro, agora respirando fundo, toma a coragem de olhar diretamente de olhar nos olhos de Kurosaki e perguntar:

- Mas, com tudo isso, eu vejo que o Sr. Garcia ainda não apareceu por aqui. Nem ao menos me ligou para dizer algo sobre o cruzeiro. O senhor teria alguma notícia dele?

Ao ouvi-lo dizer isso, os japoneses que acompanhavam Kurosaki se entreolhavam como se estivessem em dúvida se deveriam dizer ou não alguma coisa. A expressão dos homens mantinha-se inalterada. Sempre sérios, como cães de guarda. Kurosaki, por sua vez tentou responder de forma que demonstrasse segurança:

- Tive pouco contato com Garcia durante esses dias, mas pelo que ele me disse, estava bem ocupado com o projeto em Nova York. Inclusive ele pediu para que eu me desculpasse com você por ele e te desejou muita sorte nesse período.

Pedro não saberia dizer se o que ele sentia naquele momento era um mau pressentimento ou apenas uma insegurança de principiante. Mas o fato era que, o forte senso de percepção do rapaz dizia que algo não estava certo naquele lugar. Mas mesmo assim, ele respondeu:

- Eu imagino que sim! Nossa filial em Nova York deve estar exigindo muito do Sr. Garcia.

Abrindo mais um sorriso, Kurosaki se despede do Pedro e o os outros, apertando suas mãos e dizendo:

- Não tomaremos mais o tempo de vocês! Aproveitem a viagem e se precisarem de alguma coisa é só nos avisar! Logo mais a noite teremos um belo jantar. Será uma honra pra nós se vocês comparecessem!

- Mas é claro que estaremos lá! – respondeu Pedro – A honra sem dúvida será nossa!

E então, curvando-se á frente como manda a cordialidade japonesa, Kurosaki e seus homens se despedem e seguem em direção ao hall principal. Finalmente, Sofia cutuca o ombro de Pedro e pergunta:

- Querido, não me leve a mal, mas... Será que foi uma impressão só minha ou você também reparou que esses homens são muito estranhos?

Ainda olhando para o grupo de japoneses que se ausentavam corredor adentro, Pedro responde:

- Não foi impressão só sua, meu amor! Também não gostei muito desses caras! Mas acho que seja a cultura deles. Talvez eles sejam assim mesmo, misteriosos por natureza. Tomara que tudo isso seja somente nossa primeira impressão!

Respirando fundo, apreensiva, Sofia responde:

- Tomara que sim!

Os colegas de Pedro que apenas assistiam a tudo aquilo sem dizer nada estavam também desconfortáveis com a presença daqueles homens. Mas ao contrário de Sofia, eles não ousavam comentar nada. Ainda estavam com receio de dizer qualquer coisa que pudesse dizer respeito ao governo de Pedro. Apenas se despediram cada um rumo à sua cabine. Davi disse-lhe:

- Olha, Sr. Pedro! Nós também vamos conhecer nossa cabine, se não se importa!

- Claro, claro, Davi! Aproveitem bem, e obrigado pela companhia!

Olhando para seu cartão, Pedro olha para Sofia adotando uma expressão contente, e diz-lhe:

- Meu amor, já que todos vão conhecer seus aposentos de luxo, por que não fazemos a mesma coisa?

- É uma ótima ideia, Querido – Respondeu Sofia – Estou ansiosa pra começarmos logo essa viagem!

Pegando a pequena Beatriz no colo, Pedro segue em direção a sua cabine de número 410. Como ainda estavam em frente ao nº 302, ainda havia muito a andar. Conforme iam passando, eles viam muitos japoneses – certamente funcionários da empresa em Tóquio – perambulando já com o que parecia ser uma garrafa de Saquê. Certamente, não ligavam muito para o fuso horário. Queriam começar cedo com a bebedeira. E no decorrer de seu andar pelo interior do Samurai, Pedro via crianças, adultos e pessoas de meia idade passando para lá e para cá. A maioria estava como pedia a ocasião: Com roupas de gala, vestidos radiantes, alguns adornados de joias, outras mulheres sustentavam colares de bijuterias idênticas as originais. Mas uma coisa todos tinham em comum: O conhecimento de Pedro Alcântara, o representante brasileiro que conseguiu mudar a histórias das vendas de automóveis daquela empresa, tanto no Brasil como no Oriente. O

homem era notado por todos ali presentes, alguns o cumprimentavam com um sorriso, outros até o paravam para conseguir tirar uma foto. Era uma celebridade. E à medida que iam caminhando pelos corredores, a família de Pedro era cada vez mais assediada. Todos queriam uma conversa com Pedro Alcântara, todos queriam prestar-lhe elogios, homenagens, queriam pedir conselhos, convidá-lo para dar palestras, workshops ou simplesmente apertar sua mão. Sofia estava ficando impaciente com a situação. Além de não estar acostumada com aquela legião de pessoas o cercando como se eles fossem um casal de famosos de Hollywood, a pequena Beatriz estava sentindo fome e começava a chorar incessantemente.

E notando que as pessoas não iriam deixá-los em paz facilmente e que Pedro estava tão hipnotizado com aquilo que sequer ouvia o choro de sua filha, Sofia afasta aquela pequena multidão, toca o ombro de Pedro e diz:

- Meu amor, depois falamos com o pessoal! Acho que Beatriz está com fome.

Nem Pedro nem ninguém deu a menor atenção a Sofia. Estavam todos empolgados demais, todos falando ao mesmo tempo, se amontoando um após o outro. Aquilo era um alarde ensurdecedor. A pequena Beatriz estava assustada com tudo aquilo e chorava cada vez mais alto. Um choro capaz de adentrar o interior dos tímpanos de sua mãe, que a segurava no colo. Pedro ainda hipnotizado pelo sucesso, não se abalou. Na verdade, ele não deu atenção alguma a nada que não fosse seu pequeno grupo de fãs. Sofia começava a suar e a olhar para os lados, como se estivesse buscando uma solução por conta própria. Tentava balançar Beatriz na tentativa de acalmá-la, além de entoar cânticos que eram impossíveis de serem ouvidos pelo barulho da multidão que rodeava seu marido. A paciência de Sofia estava mais uma vez chegando ao limite. Por uma segunda vez, ela tenta se aproximar de Pedro, mas as pessoas pareciam zumbis o rondando e sequer notaram a existência da mulher. Não encontrando mais nenhuma solução, Sofia agarra fortemente o ombro de Pedro com as mãos firmes, dá um pequeno puxão no homem e diz em um pequeno brado:

- Pedro! Precisamos ir agora! Beatriz está com fome e eu não sei onde fica a nossa cabine! Dá pra você ouvir o que eu digo?

Finalmente Pedro olha para sua esposa, mas desta vez sua expressão está mudada. Ele a olha sério, com olhos impiedosos, demonstrando constrangimento. Com um rápido impulso, ele consegue afastar a mão da esposa de seu ombro e grita, cheio de raiva:

- Mas que droga, Sofia! Não está vendo que estou ocupado aqui? Vá indo na frente e pergunte a qualquer pessoa, ou então siga a numeração das portas! Será que você não consegue fazer nada sozinha?

Silêncio.

Havia naquele momento cerca de dezessete pessoas, fora Pedro e sua família. Dezessete pessoas assistiram aquele homem tratar sua esposa como se ela fosse uma acompanhante contratada ou um funcionário que acabara de atrapalhar uma reunião importante de negócios. O único ruído que cortava aquele silêncio era o choro de Beatriz, que finalmente pôde ser ouvido por todos. Sofia encarava o marido espantada, perplexa, amedrontada. Ela não o reconhecia. Mais uma vez estava tomado pelo seu lado ditador. Passeando com os olhos ao redor, via aqueles japoneses e também alguns brasileiros olhando aquela cena deplorável. O cruzeiro mal havia começado e não apenas Pedro Alcântara seria o assunto do dia. Mas a sua esposa, que mais parecia naquele momento uma acompanhante de aluguel, também estaria na boca de todos. Era um fato irreversível. E pensando não apenas em sua vergonha, mas também pensando no rumo trágico que a personalidade do seu marido tomou, Sofia apenas encara Pedro pela última vez com lágrimas nos olhos, vira o rosto com Beatriz no colo e sai correndo pelo corredor. Todos estavam estáticos. Ninguém ousa dizer uma palavra sequer. Aquele grupo que antes irradiava um terrível falatório, agora estava calado. Era possível ouvir a música baixa no ambiente. Voltando a si, Pedro olha para todas as pessoas ao seu redor e depois de respirar fundo, diz:

- Bom, Pessoal, eu agradeço muito a atenção de todos. Agradeço do fundo do meu coração! Mas agora, como todos puderam perceber, tenho problemas a resolver! Com licença!

E dizendo isso, Pedro passa por todas aquelas pessoas sem dizer mais nada. O problema é que ele não sabia para onde Sofia poderia ter ido. Ela não estava com o cartão da cabine. Tampouco sabia onde ficava a cabine onde eles se hospedariam. Ela saiu atordoada, isenta de pensamentos racionais. Correu a esmo. Seria difícil encontra-la em meio aquele transatlântico enorme. Apesar de tudo, Pedro não estava arrependido. Para ele, Sofia deveria se acostumar com toda aquela agitação. A pequena Beatriz também deveria aprender com isso desde muito nova. A vida deles apenas havia começado a mudar. Talvez a rapidez dos fatos estivesse mexendo com o psicológico de todos naquela família. Era assim que Pedro pensava. No entanto, após dez minutos procurando sua esposa e sua filha pelo interior

do navio, os pensamentos de Pedro se esvaíram. Os olhos dele fixaram-se para frente, em direção ao acesso ao pátio do navio, no lado externo. O homem parecia estar congelado. Um temor tomou conta de seu corpo. Dos pés à cabeça. Boquiaberto, ele não consegue conter seu espanto. Não conseguia acreditar no que estava vendo. Ou melhor, não conseguia acreditar em quem estava vendo. Seus olhos espantados contemplavam mais uma vez a figura de um garoto de cabelos loiros cacheados, olhos que tinham um azul tão belo quanto um céu de primavera, vestindo uma camisa verde, um macacão jeans e um tênis branco, que permanecia limpo por mais que aquele garoto andasse. Ele caminhava agachado, como se procurando alguma coisa. Apesar de procurar uma valiosa moeda por tanto tempo, ele ainda aparentava estar muito calmo, procurando pacientemente, na esperança de encontrar aquela moeda no navio. Pedro, como sempre, esfregava os olhos e os cerrava logo depois, para ter a certeza de que não estava tendo uma alucinação. E realmente não estava tendo. O garoto estava ali. E ninguém reparava nele. Por mais que ele rodeasse aquele pátio agachado, olhando o chão, de vez em quando parando por alguns instantes para olhar ao redor, ninguém parecia se incomodar com a presença dele. Ainda boquiaberto, Pedro avança passo a passo, bem devagar, em direção daquela criança. As pessoas que passavam atrás de Pedro, como andavam mais rápido, muitas vezes trombavam com ele à medida que iam passando. Mas ele estava hipnotizado com a presença daquele garoto. O mundo parecia sumir diante dele. Os passos eram lentos, de certa forma temerosos. A impressão que se tinha era de que alguma coisa movia Pedro para frente enquanto ele estava em Alfa. Após alguns momentos, finalmente ele consegue chegar à presença do garoto, enquanto este ainda procurava sua moeda valiosa. Percebendo a presença de Pedro, o menino o saúda:

- Olá, senhor! É muito bom vê-lo aqui!

Apontando lentamente o dedo indicador na direção do menino, Pedro, gaguejando, diz:

- Qu... Quem foi que trouxe você aqui?

Sorrindo e olhando na direção de Pedro, o menino responde:

- É minha moeda perdida! Ela está aqui! – diz, apontando para o chão do navio.

- Onde exatamente você está dizendo que está sua moeda? – Indagou Pedro.

- Ela está aqui nesse grande navio! – responde o menino – E eu estou muito perto de encontrá-la! Pode me ajudar?

Pedro olha para os lados e coça a cabeça, pensando se aquilo seria uma brincadeira ou até uma vingança de alguém da empresa que, aproveitando aquele episódio de sua crise nervosa em seu escritório, resolveu combinar uma brincadeira com aquele garoto.

O garoto puxa o paletó de Pedro para chamar sua atenção e diz em seguida:

- Olha, não pense muito! Eu escolhi você para me ajudar a encontrar minha moeda! Você tem uma mente boa, não tem? Consegue resolver muitos problemas, não consegue? Acho que não seria difícil me ajudar!

Tentando manter a calma, respirando fundo e olhando nos olhos do garoto, Pedro responde:

- Olha aqui, garoto! Estamos em alto-mar! Não conheço você, não sei quem são seus pais! Você não pode andar sozinho dessa maneira procurando por algo que eu sei que não existe. Sou um empresário muito ocupado, não tenho tempo de brincar de esconde-esconde com você! Na verdade, estou tentando resolver um problema muito sério. Tão sério que você não entenderia. Por isso eu não tenho tempo e nem paciência para...

O garoto coloca o dedo indicador na boca de Pedro, como se solicitando que ele ficasse em silêncio.

- Não precisa me contar! – exclama o garoto – Quando vai aprender a cuidar dos presentes que Deus te deu?

Franzindo as sobrancelhas, Pedro sente uma corrente de ar percorrer todo o seu corpo, mais uma vez. Ele conseguiu compreender de que presentes o garoto estava se referindo. Sofia e Beatriz eram seus maiores tesouros, antes de sua posse na empresa. Mas em menos de três meses, ele agiu duas vezes como nunca havia agido com elas. Por mais autoritário que fosse, Pedro nunca ousou levantar a voz para sua família. Ele mantinha uma postura de autoridade, mas ao mesmo tempo amorosa. Sempre tinha a solução para qualquer tipo de problema. Mas nos últimos dias, a única solução que ele encontrava era afastar todos do seu caminho, como se ele quisesse encontrar fôlego. Mesmo sabendo de tudo isso, Pedro pergunta:

- Presentes de Deus? Mas do que você está falando?

Adotando uma postura mais séria, o garoto responde:

- Todos nós recebemos presentes de Deus e presentes dos homens! O problema é que temos que decidir em nossas vidas quais presentes são mais valiosos! Você, por exemplo, recebeu de presente de Deus uma capacidade muito grande de cativar pessoas, de fazer amigos, de ser inteligente, e às vezes, até sábio. Você abriu muitas portas ao longo da sua vida. Não apenas para você, mas sempre abriu portas á muitas pessoas. Em outras palavras, você usou o dom que Deus te deu para salvar algumas vidas. Mas há pouco tempo, você recebeu um grande presente dos homens! E esse presente você não soube aproveitar! Sua ganância cresceu e seu ego se tornou muito mais forte sobre você. Todos ao seu redor sofrem muito com a sua presença. E por mais que isso esteja claro e patente na sua frente, você não sente vontade de mudar de atitude! Com todos os seus atos egoístas, você vem destruindo muitas esperanças, e cada vez mais alimenta os sentimentos negativos que podem existir contra você!

Os olhos de Pedro se enchem de lágrimas. Ele fica trêmulo. Se lembra perfeitamente das pessoas que prejudicou, e sua família está incluída nesse número. Até aquele momento, a prosperidade havia aumentado, assim como o seu prestígio e seu status. Mas Pedro sabe que tudo isso havia lhe custado muito caro. O que ele não sabia era que, a partir daquele momento, ele seria muito mais cobrado. Não importava mais quem era aquele garoto. Alguém estava observando Pedro desde muito tempo e parecia que esse alguém usou aquela criança para lhe passar um sermão. Recompondo-se de suas emoções, Pedro olha mais uma vez para o menino e diz:

- Me deixe em paz, garoto! Você não sabe nada sobre mim! A pessoa que mandou você pra me vigiar também não deve me conhecer! Ninguém sabe o quanto eu batalhei pra chegar onde estou! Será que é pecado tentar dar condições melhores para a minha família? Será que Deus condena isso?

O garoto fulmina Pedro com o olhar como nunca havia feito até então, e lhe diz:

- Pedro Alcântara, Deus não irá condenar você! Ele se agradou de sua vida e te dará uma segunda chance, um segundo presente. E Ele sabe que, desta vez você não irá falhar!

Assustado, Pedro pergunta:

- Do que está falando, garoto?

Abrindo um sorriso mais uma vez, o garoto responde:

- A sua nova vida irá começar a partir de agora!

A exclamação do garoto parece soar nos ouvidos de Pedro como sons de corneta. Seu corpo fica pesado e ele não consegue se mexer. Seu senso de percepção o alerta para um mau pressentimento imediato. E infelizmente, ele não estava errado. O próximo som que Pedro escuta é o de uma explosão. Uma bola de fogo é vista a vários metros dali. Toda a estrutura do navio tremeu. Pedro Alcântara ainda não havia percebido, mas estava sozinho no pátio do navio, assistindo a uma cena de horror.

## CAPÍTULO 11

O Samurai, que era um imponente e luxuoso transatlântico agora se encontrava em chamas. O pátio onde Pedro estava antes sozinho, havia se tornado um campo de refugiados desesperados. Havia muitas pessoas correndo como loucas, sem saber exatamente pra onde ir. A maioria delas com algum tipo de ferimento causado pelo impacto, ou pelos escombros de algum lugar. Mães protegiam seus filhos escondendo-os com seus casacos, ou mesmo apagando algumas fagulhas de chamas que ainda estavam em seus bebês. Aquela grande explosão veio acompanhada de gritos agoniados, choro e desespero. Pedro ficou um tempo contemplando aquele inferno. A explosão havia se dado e dentro do convés onde se encontravam os motores do navio. Uma imensa bola de fogo havia subido pela escotilha, seguida de um ruído ensurdecedor de impacto. O problema é que, estando a bola de fogo já suspensa no ar, outra explosão aconteceu, disparando rajadas flamejantes por todos os cantos do navio, como se fosse uma chuva de fogo. Pedro ainda ficou olhando admirado para aquele espetáculo horrendo quando se lembrou de Sofia e Beatriz. Elas ainda não haviam passado por ali. Olhando para trás, viu que o garoto também havia desaparecido. Pedro correu desesperadamente para dentro dos salões para procurar sua família. Em meio àquela multidão que corria em disparada e gritava constantemente, ele também gritava pelos seus entes queridos:

- SOFIA! SOFIA! SOFIA!

Seus gritos se tornavam mais altos e desesperados. Ele não as via. A confusão era enorme. Os guardas que estavam trabalhando no cruzeiro tentavam conter aquela multidão, soprando seus apitos sem sucesso. Cerca de vinte ou mais guardas já haviam aparecido em menos de dois minutos e o alarme soava sem parar. Pedro ainda estava correndo quando sente alguém o agarrar pelas costas com todas as forças, impedindo que ele continuasse. Era um dos guardas. Ele ordenava a Pedro:

- Senhor Alcântara, acalme-se! Não corra tanto pelos salões do navio! Não sabemos quanto estrago essa explosão causou! Se pisar em solo cedente, a situação pode ficar muito pior!

- Me solta! – esbravejou Pedro – Eu preciso encontrar a minha família! Minha filha e minha mulher estão aqui dentro! Me larga agora!

- Todos têm parentes aqui dentro, senhor! – gritou o guarda – E nós já estamos tomando as providências! Por favor, volte para o pátio e concentre-se lá junto com o pessoal! Não podemos ter mais desaparecidos!

Pedro estava descontrolado, tentava se desvencilhar do guarda a qualquer custo. Cheio de medo, ele grita novamente:

- Você faz o que você quiser! Eu vou procurar minha família! Me larga, seu imbecil!

O chão parece se desnivelar, e tanto Pedro quanto o guarda são lançados violentamente para trás. Acompanhados deles, mais um grupo de treze pessoas também vem deslizando de cima até embaixo, de acordo com o desnivelamento do navio. Aquilo só poderia significar uma coisa: O Samurai estava afundando, e não iria demorar muito até que ele ficasse totalmente submerso. Sabendo disso, Pedro rapidamente se levanta e tenta correr para cima, na esperança de encontrar Sofia, Beatriz e o garoto misterioso. Ele vê as luzes piscarem sem parar. De repente, o barulho de vidros estilhaçados se junta aos gritos de desespero. Um grande lustre acabara de cair no chão, bem na frente de Pedro. Talvez se o homem não caísse junto com o guarda fazendo-o se atrasar, ele seria atingido por aquela grande peça de porcelana. Livrando-se dos cacos que atingiram seu ombro, ele continua a correr, chamando pela sua esposa e sua filha. Nada. O navio balança mais a cada segundo e Pedro tem muitas dificuldades para se manter equilibrado, uma vez que pessoas caíam o tempo inteiro ao seu redor, muitas vezes fazendo-o tropeçar. Ele ainda não havia encontrado nenhum conhecido. Nem Davi Siqueira, nem o pessoal da produção, ninguém além de alguns japoneses e outras pessoas desconhecidas que fugiam do pior. E o mais grave: Nem sinal de Sofia e Beatriz. A água já havia começado a entrar pelas janelas, estimulada pelas ondas. O navio já estava mais fundo do que o normal. O tempo era curto demais.

Em uma tentativa desesperada, Pedro se lança a frente de um homem japonês que também estava correndo. Conseguindo interromper a trajetória do homem, Pedro pergunta, em um tom de voz apreensivo:

- Por favor! Deve me conhecer, sou Pedro Alcântara! Eu procuro minha esposa e minha filha, que ainda é de colo! Você não as viu por aqui?

Infelizmente, o homem não compreendia o idioma Português e a única resposta que Pedro teve foi um empurrão. O japonês gritou algo em seu idioma nativo, afastou Pedro para a esquerda e continuou a correr. Parando no lugar e olhando para todos os lados, Pedro procura insistentemente por

Sofia. Sem sucesso. Foi então que ele se lembrou do cartão da cabine 410. Talvez Sofia tivesse encontrado a cabine, mas como saiu apressada, havia se esquecido do cartão. Elas deviam estar próximas a esse lugar. Procurando as escadarias, Pedro saca de seu celular e tenta ligar para sua esposa. O celular dela só chamava. Isso significava que ela estava sem ele, portanto, era um péssimo sinal. Tinha que haver outra alternativa. A solução era correr e procurar por alguma pista, fosse ela qual fosse. E não havia tempo para pensar. O Samurai estava ficando mais torto a cada minuto e, àquela altura, já era praticamente impossível se manter em pé. O mar já começara a invadir os saguões e algumas pessoas de menor estatura já não podiam com a força das águas. Pedro sentia vontade de ajuda-las, mas sabia que se perdesse um minuto que fosse, corria o risco de não encontrar mais Sofia e Beatriz. Pedro fez muito mal em ter olhado para trás para olhar algumas pessoas sendo levadas pela correnteza, pois fora surpreendido por uma grande onda que invadira o corredor. Não houve tempo para qualquer reação. O homem foi violentamente abraçado pelas águas e lançado fora de seu objetivo. Enquanto a água entrava nos seus pulmões, ele lamentava ter dito aquilo à Sofia. Talvez se não tivesse agido daquela maneira, o garoto teria salvado os três. Não que isso fosse totalmente possível, mas ao menos eles estariam juntos naquela hora extremamente difícil.

Enquanto era levado pelas águas com violência, Pedro ainda insistia em gritar:

- SOFIA! SOFIA! RESPONDE, SOFIA!

Nada. Nem sinal da mulher. E o pior de tudo é que Pedro já não sabia onde estava. As luzes piscavam incessantemente, indicando um curto-circuito. Logo a situação estaria muito pior. O navio ficaria em uma escuridão total e tomado pelas águas. Com um percurso em seu corpo que parecia alcançar duzentos quilômetros por hora com a força da correnteza, Pedro ainda consegue avistar um balaústre em seu caminho. Era a única chance que ele tinha para se conter e continuar sua busca. O balaústre se encontrava descaído, em uma posição favorável para Pedro se apoiar e se livrar da correnteza. Então, calculando o tempo de percurso, ele precisava de um décimo de segundo para se agarrar ao balaústre. Mas quando já estava para levantar os braços para se apoiar em sua salvação, uma nova onda é influenciada pelo vento, cobrindo o homem por completo. Quando Pedro consegue recobrar as forças e emergir à superfície, o Balaústre já havia passado por ele. Não seria possível definir se Pedro teve sorte ou mais uma

fração de azar, mas o fato é que, em certo momento, havia uma cratera em seu caminho por onde a água despencava na forma de uma cachoeira. Então, chegando á cratera, Pedro cai violentamente de uma altura de quase três metros, encontrando-se em uma parte ainda rasa da correnteza. Não havia tempo para gemer de dor. Logo a água influenciada pela nova onda iria invadir aquele lugar e seria impossível correr novamente. Tratando de se levantar rapidamente, Pedro ignora aquela dor insuportável e recomeça sua procura. Sua voz, mesmo fraca, continua clamando pelo nome de Sofia. Sua perna direita parece que vai se desmembrar de seu corpo. A dor é infernal. O coração de Pedro vai se acelerando mais a cada momento. Aos poucos, Pedro vai acreditando que nunca mais verá sua família. Não há mais ninguém ali. Alguns já devem ter sido salvos. Outros já devem ter morrido. Mas onde estaria Kurosaki? E o pessoal da empresa? Aquilo mais parecia um pesadelo horrível do qual Pedro estava louco para acordar. Mas infelizmente, aquela era a realidade, Ele se encontrava sozinho, correndo contra o tempo, ferido, encharcado, lutando contra a morte. Desde criança, Pedro não gostava da ideia de desistir facilmente de algum desafio. E aquele era um momento que com certeza, ele devia dar o máximo de si. Até porque toda aquela cadeia de eventos era de total responsabilidade dele. A água subia cada vez mais e os passos se tornavam cada vez mais inúteis. Pedro tropeçou na água por umas quatro vezes e se levantava rapidamente. Caso contrário, a água entraria nos seus pulmões e ele seria levado a inconsciência. Até que, depois de dez minutos tentando correr para a escadaria, eis que Pedro é surpreendido pelo impacto de um grande suporte de madeira caindo em sua cabeça. Foi muito rápido. Ele não pôde prever aquilo. A pancada foi fortíssima. Sua força de vontade de encontrar sua família não era suficiente para ele conseguir seguir em frente. Sua visão ia ficando escura, ele não sentia mais os seus passos. A água batia cada vez mais forte em seu rosto. Ele sentia o gosto de água salgada em sua boca. Sentia o mar entrando por suas narinas. Não era mais possível continuar. Seus olhos ficaram pesados, seus ouvidos se entupiram. O único som que ele ouvia era o som do movimento das águas em seus tímpanos. Todas as luzes do mundo se apagavam naquele momento. Pedro não sentia mais nenhum membro de seu corpo. Ele agora estava leve como um dente-de-leão. Em uma questão de segundos, toda aquela agonia estava desaparecendo. Ele sentia uma enorme paz invadindo o seu ser. Seu corpo agora repousava flutuante no nada. Era o fim. O sofrimento acabou.

## CAPÍTULO 12

Os olhos de Pedro Alcântara, antes envoltos em uma enorme escuridão, começaram a sentir uma claridade que ia chegando aos poucos. Seu corpo inteiro formigava, tudo parecia girar. Algumas dores começavam a aparecer, mas eram passageiras. Pedro ia sentindo os movimentos de seu corpo voltarem de forma lenta. No começo ele sentia medo de mexer qualquer músculo. Ainda estava navegando por outra dimensão, e algo o puxava para a realidade. De repente, suas narinas sentiam um delicioso perfume. Um aroma feminino, que Pedro conhecia muito bem. Na verdade, ele conhecia desde sua juventude. Tratava-se do Notorious de Ralph Lauren, o perfume importado com o qual ele havia presenteado sua esposa Sofia. Depois que seu olfato voltou a funcionar, sua audição também estava retornando. Uma voz doce entoava em seus ouvidos como uma linda canção:

- Meu amor! Acorde! Está tudo bem agora! Pode se levantar!

Os olhos de Pedro iam se abrindo vagorosamente, por causa da luz do sol. A imagem de uma linda mulher, de cabelos presos, expressão sorridente e olhos que brilhavam foi a primeira coisa que seus olhos viram naquele momento. Então, ainda com dificuldade, Pedro falava:

- S... S... So - fia! B... Beatriz!

- Estamos bem, meu amor – respondeu Sofia – E a nossa princesinha... Veja onde ela está agora!

Pedro conseguiu, com muita dor, levantar a cabeça. O lugar onde estavam era lindo. Um grande e belo jardim se apresentava em sua visão, repleto de figueiras, orquídeas, girassóis, dentes-de-leão que se desfaziam ao ritmo do vento. Era uma brisa agradável e fresca. O som de agonia que ele ouvia naquele transatlântico deu lugar ao som de bem-te-vis, andorinhas e algumas gaivotas que cantavam sob um lindo céu sem nuvens. Mas não foram essas as imagens que deixaram Pedro mais feliz. E sim a imagem de sua filhinha Beatriz, correndo atrás de uma borboleta colorida. Ela parecia feliz, realizada, com toda a sua inocência, sem nenhum tipo de preocupação. Um grande sorriso ficou estampando no rosto de Pedro durante um tempo até que ele voltou a olhar para Sofia, perguntando-a:

- Como conseguiram sair do navio?

A mão de Sofia acaricia o rosto de Pedro, confortando sua aflita expressão. Com uma voz suave e baixa, ela sussurra ao marido:

- Foi Deus quem nos tirou de lá, meu amor! E também tirou você e a Beatriz.

- Deus? – perguntou Pedro. Tentando voltar a si – Como foi isso? Aquele navio afundou e vocês estão inteiras, sem nenhum ferimento! Como isso aconteceu?

Sofia faz uma longa pausa, dá um beijo carinhoso em sua testa e responde-lhe com um sorriso que há muito tempo Pedro não via estampado no rosto da amada:

- Deus nos salvou, querido! Á todos nós! Mas nós não podemos estar juntos agora! Você foi escolhido por Deus para uma missão muito importante. E essa missão não pode esperar, querido. Você deve partir agora mesmo!

- Partir? – pergunta Pedro, assustado – Mas partir pra onde? De que missão você está falando? Estamos juntos e a salvo, Sofia! Isso é o que importa! Não é?

Ainda com um sorriso, Sofia lhe diz:

- Deve partir, meu amor! Não deixe o Senhor Deus esperando!

Quando termina de ouvir essas palavras, Pedro avista uma onda gigantesca se formar atrás de Sofia. Era maior do que todas as ondas que ele viu durante o naufrágio do Samurai. A onda tinha cerca de seis metros e ia aumentando. Em pânico, Pedro tenta se levantar e começa a gritar desesperadamente:

- Sofia, vamos sair daqui! Vamos morrer! Cadê a Beatriz?

Sofia mantém a expressão piedosa e inabalável e continua dizendo, em voz baixa:

- Precisa ir, querido! Deus precisa de você, apresse-se!

- Você enlouqueceu, Sofia? – Pedro tenta tirar a esposa de cima dele, mas não consegue mover um músculo. A onda alcançou o seu topo e parece se preparar para despencar.

Tomando todo o fôlego que podia, Pedro concentra sua voz em um único grito de alerta e pânico:

- SOFIA!

Tarde demais. O gigantesco Tsunami abraça todo aquele lugar com grande impacto. Pedro acompanha aquele pesadelo passo-a-passo e seu corpo está totalmente imóvel. Mais uma vez ele sente milhares de litros d'água vindo de encontro a sua face, devorando também Sofia e Beatriz. A escuridão volta a tomar conta das visões de Pedro. Mas desta vez foi por pouco tempo. Um segundo e meio, talvez. E de repente, todo o ar volta repentinamente para os pulmões de Pedro, que sofre um grande impacto e acorda imediatamente, levantando-se em um forte impulso:

- NÃO! SOFIA! FILHA!

Não há mais nada. Mais ninguém. Nem Sofia e nem Beatriz estão mais na companhia de Pedro. Tudo volta a ficar em silêncio. Mas não foram somente elas que desapareceram. Os girassóis, os Bem-te-vis, as andorinhas, as gaivotas, os dentes-de-leão, tudo desapareceu. Só o que restou na frente do homem foi o grande oceano, que estava há poucos metros, dando a entender que ele estava à deriva e escapou. Havia muita areia ao seu redor. Na verdade, todo aquele ambiente era coberto de areia. Algumas pequenas moitas encontravam-se nas arestas daquela praia, e era apenas isso. O sol estava escaldante, e homem não conseguia olhar para o céu. Tampouco saber onde estava. Quando finalmente consegue examinar o ambiente com os olhos, finalmente ele observa que atrás de si há um imenso e interminável bosque. Havia coqueiros na entrada do bosque e algumas árvores mortas. Dessa vez não era um sonho. Ele conseguia caminhar perfeitamente. Seus pés descalços sentiam a areia. Seu rosto sentia o breve vento que soprava. Sua cabeça estava confusa e doendo muito. Finalmente ele se deu conta da realidade. Estava sozinho em uma ilha desconhecida e, ao que parece, o Samurai naufragou muito distante dali, e pior do que isso: Todas as pessoas que fizeram parte de sua vida haviam desaparecido num piscar de olhos. Pedro esfregou os olhos repetidas vezes na esperança de acordar de mais um sonho. Sem sucesso. Tudo era real. O que restou para aquele homem foi cair de joelhos sobre a areia e chorar, lamentando por todas as coisas que aconteceram antes e durante aquela tragédia. Ainda havia um pouco do perfume de Sofia em sua mão. Mesmo com toda aquela batalha pela sobrevivência, o perfume não se dissipou. Cheio de tristeza e lamento, o homem cheira sua mão constantemente lembrando-se de todos os momentos que teve com a esposa e sua filha. Com as roupas rasgadas, com muitos ferimentos e completamente distante de tudo o que lhe pertencia, só restava a Pedro

Alcântara se levantar e procurar algo para comer. Ele não se importava se aquela ilha poderia o amedrontar de alguma forma. Já estava tudo perdido. Pedro pensava, na verdade, que morrer àquela altura não seria tão mau negócio assim.

Com dificuldades para se levantar devido a perna ferida, Pedro tenta organizar seus pensamentos para poder encontrar algum alimento. Não seria bom aparecer um animal selvagem, pois ele nunca havia caçado na vida. Também seria arriscado sair colhendo qualquer planta que visse em seu caminho. Ele não entendia de plantas e temeu que alguma fosse envenenada. Só restou a ele buscar os cocos que ali existiam. O que não o confortava muito, pois ele detestava cocos. Mas sabia que sua água mataria a sede e o coco em si aliviaria sua fome. Felizmente, havia alguns cocos pelo chão. Cerca de uns sete cocos. Sua perna direita não permitia que ele subisse em alguma árvore, então ele decidiu se arriscar em pegar um coco do chão. Pedro se lembra de ter assistido o filme “Náufrago”, interpretado por Tom Hanks. Mesmo sem saber se ajudaria muito, ele tenta lembrar-se de como o personagem principal conseguiu furar o coco, sendo que não tinha lâmina alguma em seu bolso. Em meio a seus pensamentos, ele percebe algo que talvez fosse capaz de resolver pelo menos aquele problema. Um pouco mais adiante havia uma pedra pontiaguda. Era uma pedra com metade da altura de Pedro. Um pouco de sorte parecia estar aparecendo. Chegando a pedra pontiaguda, ele pega o coco com força, o suspende no ar e lança o coco sobre a ponta da pedra. Foi exatamente como ele imaginou. O coco furou, liberando a água e facilitando o corte da própria fruta, possibilitando a degustação. Pedro consumiu aquele coco como um errante no deserto que acabara de encontrar água.

De repente, um barulho ativa a atenção de Pedro. Algo caiu em meio aos arbustos onde Pedro estava minutos atrás. Mesmo sabendo que poderia ser mais um coco que havia caído, ele resolve averiguar a situação. Ele não sabia onde estava, muito menos que surpresas o aguardariam. Baixar a guarda naquele momento seria uma péssima ideia. A curtos passos, ele vai se aproximando do arbusto até finalmente ter a resposta de sua dúvida. Nada além de cocos no chão. Pedro leva as mãos ao rosto para enxugar o suor quando misteriosamente é tomado por uma onda de calma em seu corpo. Estranhamente sua respiração torna-se mais suave, seu corpo se torna mais leve. Seus batimentos cardíacos aos poucos vão diminuindo, reduzindo também sua sudorese. Ele mais uma vez olha ao redor e, mesmo estando sozinho, não sente mais tristeza. Ele começa a caminhar lentamente pela areia, observando as pegadas que já havia deixado em seu

percurso para abrir o coco. Porém, ao dar mais uma volta naquela praia, ele percebe algo muito perturbador: As pegadas dele não eram as únicas ali. Pequenos pés também marcavam a areia, bem ao lado das pegadas do homem. Pedro só poderia estar louco. Não havia mais ninguém ali além dele. E as pequenas pegadas foram feitas naquele mesmo momento, pois estavam bem fundas, da mesma forma que as suas. De repente, uma leve e suave brisa sopra sobre Pedro. Parecia que aquela pequena fração de vento trazia lembranças boas, sentimentos bons. Ele já sentiu aquele mesmo vento três vezes. Tanta coisa havia acontecido que Pedro pôde prever o que ocorreria a seguir. Respirando fundo, ele fechou os olhos por um instante e os abriu logo depois. Caminhou calmamente pela praia, seguindo as pequenas pegadas. Já imaginando quem encontraria vivo naquela ilha, ele olha ao redor na esperança de encontrá-lo. Aquele misterioso garoto sobreviveu e certamente foi ele quem o salvou. Agora não haveria mais segredos. Se os dois quisessem sobreviver na ilha, teriam de se conhecer e confiar um no outro. Era questão de tempo até encontrá-lo.

As pequenas pegadas seguem misteriosamente em direção ao mar. E então, próximo de onde a primeira onda pôde alcançar, elas desaparecem. Não fazia o menor sentido. A menos que o garoto tivesse entrado no mar para se matar, aquela era uma situação absurda. Pedro tenta novamente seguir as pequenas pegadas e procura por rotas por onde elas provavelmente tenham passado. Nada. As pegadas começavam no início do bosque e terminavam na margem. Foi então que Pedro concluiu que o garoto também não sobreviveu. Provavelmente ficou apavorada vendo a imensidão daquela ilha e tentou voltar nadando para o navio. Pedro caiu aos prantos, de joelhos. Foi o responsável pela morte de centenas de pessoas e sua tendia a morrer também naquela ilha. Solitário e miserável. Foi então que ele se lembrou de Deus. Ele era o único que o estava acompanhando naquele momento e só Ele teria a capacidade de mostrar uma luz a Pedro ou tomá-lo para sempre consigo. Com lágrimas incessantes em seus olhos e voz extremamente soluçante, o homem que estava de joelhos deita-se de bruços na areia em reverência e começa a fazer algo que há muito tempo não fazia: No silêncio de seu coração, em voz baixa, ele começou a orar:

- Senhor meu Deus! Há muito tempo eu não converso com o Senhor! Nem sei que palavras apresenta-Lo. Eu perdi tudo! Minha família, meus amigos, minhas posses e até a mim mesmo! Eu sei que foi o Senhor que me salvou daquele navio, mas por que, Senhor? As pessoas que lá estavam não mereciam morrer. Eu é quem merecia, Pai! Eu fui mal e injusto com todas aquelas pessoas. Por mais que eu merecesse a posição que ocupava, eu não

me mostrei digno dela! Talvez se eu ouvisse mais o que Sofia tinha a dizer, talvez se eu fosse mais amigo dela, isso não teria acontecido, meu Senhor! Eu era responsável por todas aquelas pessoas e consegui perdê-las num piscar de olhos! E agora, nessa ilha tão grande e deserta, eu não sou capaz nem de buscar meu próprio alimento! Não fui capaz de salvar aquela criança que me perseguia. Por algum motivo que desconheço, aquela criança era muito especial, Pai! Ela parecia me conhecer profundamente. Eu queria tanto conversar mais com aquele garoto pra saber o que mais ele tinha a me dizer! Eu estraguei tudo, Senhor! Não tenho mais condições de viver! Se for da Tua vontade, pode me levar com o Senhor!

Em meio a sua oração, Pedro ouve uma voz doce e serena. Uma voz que ele já tinha ouvido antes. Era a voz do menino:

- Seu coração é muito sincero! Você é valente em suas palavras e em sua vontade!

Pedro pensou estar imaginando coisas. Sua cabeça devia estar tão atordoada que ele já podia estar começando a ouvir vozes. Mas estava enganado. Porque além das vozes, ele podia ouvir passos na areia. Se aproximando. E a voz ia ficando mais nítida:

- Olha, eu consegui! Encontrei a moeda que estava procurando!

Virando o rosto rapidamente, Pedro percebe que não estava delirando. O garoto estava ali, são e salvo, sem nenhum ferimento. Suas roupas estavam intactas. Parecia um milagre. Pedro nunca esteve tão feliz em encontrar um desconhecido. Correndo na direção do garoto, ele o apalpa para ver se ele não é um fantasma. Cheio de euforia, ele diz:

- É você! Está vivo! É você mesmo! Como conseguiu escapar do navio?

- Ah, aquilo foi fácil! – respondeu o garoto – Mas seria mais fácil ainda se eu não tivesse que salvar você!

- Você me salvou? – perguntou Pedro, assustado – Como conseguiu fazer isso? Pelo que me lembro, o lugar onde eu estava foi inundado pela água. Ninguém podia sair vivo daquele lugar! Ainda mais uma criança carregando um homem de setenta quilos!

Aproximando-se lentamente de Pedro, o garoto responde:

- Eu não podia deixar você morrer! Você era o único que poderia me ajudar a encontrar minha moeda valiosa! Sempre confiei em você! É por isso que estamos aqui agora!

Olhando as mãos do menino, Pedro notou que não havia nenhuma moeda. Então, espantando-se com tal fato, ele o questiona:

- Você me falou tanto dessa moeda durante tanto tempo... Como eu te ajudei a encontrá-la? E por acaso onde está essa moeda?

O garoto deixou de ostentar uma expressão séria e misteriosa, dando lugar agora a um grande e entusiasmado sorriso. Então, aproximando-se mais ainda, ele aponta seu dedo indicador em direção ao coração de Pedro. O homem apenas o encarava sem entender absolutamente nada. Depois de algum tempo com o dedo indicador sobre o peito do homem, o menino responde:

- Está aqui! Acabei de encontrar! Você é o tesouro que eu estive procurando por todo esse tempo! Estava perdido, mas eu o encontrei!

Pedro ficou estático. Naquele momento, ele não encarava mais o menino como alguém que não tinha noção do que dizia. Na verdade, ele não sabia mais o que pensar. Por alguma razão, aquele garoto significava alguma coisa muito especial. Ele olhava Pedro de uma forma que ninguém olhava até então. Era uma espécie de carinho, um amor divino. Pedro sentia uma enorme tranquilidade com a presença daquela criança. Foi então que ele se sentiu á vontade para perguntar:

- Menino... Qual é o seu nome?

Os olhos azuis do garoto agora exalaram um brilho como nunca havia se visto. Olhando Pedro com ternura, ele responde:

- Tenho te observado todo esse tempo. Não só a você, mas também sua esposa e sua filha de colo. Tenho admirado todas as suas atitudes de liderança desde criança. E tenho me agradado de sua vida. Não foi o acaso que trouxe você até mim. Tudo o que aconteceu desde o seu nascimento até sua queda nesta ilha. Eu sou aquele que guia seus caminhos, que tem todo o controle de sua vida, desde antes de formar no seio de tua mãe. Sou o Início e o Fim. Eu sou o que sou!

Pedro já ouviu aquelas palavras antes. Mas não da boca do menino. E sim na Bíblia Sagrada. Deus falou daquele jeito com seus discípulos mais fiéis. Ele não podia acreditar. Aquele garoto poderia mesmo ser o que ele estava pensando? Finalmente ele resolve perguntar:

- Você é... Deus?

- E quem mais Eu poderia ser? – responde, dando uma gostosa risada – Você já havia suspeitado, mas nunca quis tirar a conclusão. Ficou com medo de mim, ficou apavorado!

- Não, Senhor! – responde Pedro, atordoado - Como eu poderia... Mas é mesmo o Senhor?

O garoto, que era na verdade Deus revestido na forma de uma criança cruza os braços e adota uma expressão mais séria:

- Mas que geração incrédula é essa a sua! Você vivia em minha casa, me louvava, me agradecia, orava a mim, entoava cânticos em meu louvor e agora que apareço em sua vida, duvida que Eu esteja aqui! Saiba que abri uma exceção á você unicamente por que tens encontrado graça diante de Mim.

Demorando um pouco ainda para acreditar, Pedro pergunta:

- Mas como eu posso achar graça diante de Deus?

- Todas as pessoas são pecadoras. – Responde Deus – O pecado está presente desde a fundação da raça humana. O homem me desobedeceu logo no início, e era uma ordem simples. De todas as árvores do Éden o homem poderia comer, menos uma, que era a árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Mesmo assim, Adão e Eva sucumbiram à desobediência e, desta forma, amaldiçoei esta Terra. Mas com o passar dos anos e séculos fui descobrindo que alguns homens eram justos como foi o caso de Noé, Abraão, Moisés, Josué e tantos outros. O que estou querendo dizer é que hoje, neste momento, você passará a fazer parte desta contagem de homens justos.

Confuso com todas aquelas informações apresentadas de uma vez, Pedro diz:

- Mas, meu Senhor... Tenho feito tantas coisas erradas durante minha vida. Eu acabei de matar uma quantidade enorme de pessoas. E não matei apenas no sentido literário da palavra. Como diretor da empresa que trabalho, fiz muita gente passar por situações de constrangimento, causei vergonha á muitos. Minha esposa ainda permanece na Igreja orando, jejuando, fazendo campanhas e tudo o mais... Enquanto eu apenas caí como pessoa. Como o Senhor disse a mim, recebi um grande presente dos homens, mas desprezei o grande presente que o Senhor me deu. Eu não entendo como uma pessoa como eu possa ser escolhida pelo Senhor para viver e fazer o que quer que seja.

- Isso é o discurso de todos vocês! – responde Deus, com ar autoritário – Sempre se dizem incapazes de concretizar os projetos que Eu tenho antes mesmo de saberem do que se trata! Por acaso não percebem que Eu posso colocar vida onde antes essa não existia? E ainda mais você, que sabe dos milagres que meu filho Jesus operou nesta Terra! Muitos antes de você não tiveram a oportunidade de ouvir falar de Jesus e mesmo assim se mostraram fieis a Mim e Me engrandeceram com seus feitos. Pode acreditar quando digo que, ninguém nesta Terra tem a capacidade de realizar a missão que eu irei te apresentar. Somente você terá condições de realizar essa Minha vontade!

- Mas por que tirou tudo que amo, meu Senhor? – pergunta Pedro - Por que tirou minha família de mim? Por que permitiu que aquele acidente acontecesse?

Ainda com uma expressão séria, Deus lhe responde:

- Se todas essas coisas não te acontecessem, você ainda iria acreditar que eu era uma criança insana, que não diz nada com nada, e que simplesmente apareci em sua vida para cobrar uma dívida por um atropelamento. Faz muito tempo que você não se dirige a Mim, faz tempo que não ora, que não jejua, que não faz a Minha vontade. E Eu nunca me desanimei de você! Tu és um grande instrumento pelo qual quero realizar uma grande obra!

Não ousando levantar-se de seus joelhos, Pedro pergunta:

- Permita-me perguntar, Senhor: Essa é Sua verdadeira forma? A de uma criança?

O Senhor, dando agora um sorriso e aproximando-se do homem ajoelhado, responde:

- Por mais que vocês sejam a Nossa forma e semelhança e que apenas Eu possua a bondade infinita que as crianças apresentam, essa ainda não é minha verdadeira forma. Em verdade te digo que como vocês estão repletos do pecado, não suportariam ver minha glória enquanto estão nesta terra cheia de maldição. O único que viu minha forma na condição de homem foi Moisés e, no entanto, ele foi imediatamente arrebatado. Nenhum de vocês, seres humanos podem ver minha verdadeira forma sem perecerem diante de Minha Glória. Essa forma de criança Eu tomei especialmente para conversar contigo.

Pedro antes ajoelhado volta a colocar seu rosto por terra e diz ao Senhor:

- Agradeço-Te por tudo, Pai! Como está aqui de corpo presente em minha frente, quero te pedir perdão por tudo o que fiz em favor de Tua desonra. A ambição tomou conta de mim e isso gerou consequências gravíssimas. Rogo-Te por misericórdia. E, de forma alguma, eu sei como posso ser útil a Ti.

- Misericórdia é um dos dons que possuo, não precisa ficar pedindo! – retrucou Deus – Como eu disse, o que você fez de mal até agora pra mim é irrelevante! A questão agora é o que você pode fazer pela Minha obra a partir de agora.

Pedro ficou parando olhando, como se estivesse esperando uma resposta a mais do Senhor. Vendo que Ele ainda continuava calado, ele pergunta:

- Será que o Senhor pode me dizer que obra é essa?

- É muito simples! – respondeu Deus, sorrindo – Preste muita atenção! Você, durante toda a sua vida, contribuiu muito para que pessoas alcançassem o sucesso, mas o problema é que você também teve grande participação na queda pessoal e espiritual de muita gente. Então, a missão que tenho para você desde antes de seu nascimento é exatamente salvar a vida de cinco pessoas que você ajudou a destruir. Tu entrarás em contato direto com essas pessoas e as ajudará a reconstruir suas vidas! Esse será o teu trabalho em Meu nome!

- E quem exatamente seriam essas pessoas, Senhor? – perguntou Pedro, sentindo um pouco de medo e ansiedade.

- Tu saberás somente no momento certo! – respondeu o Senhor – Você vai voltar a tua vida naturalmente, e Eu me encarregarei de colocar essas pessoas de volta no seu caminho para que possas trabalhar em cima da vida delas.

Limpando a sujeira de suas coxas, Pedro sente um pouco de alívio e uma certa prepotência com relação a ordem de Deus. Então, ele diz:

- Bom, Senhor, eu sou um homem bem-sucedido graças ao Senhor! Não será difícil pra mim uma tarefa simples como essa! Pra dizer a verdade, se me permite, não era preciso causar tanta turbulência em minha vida para me dar esse trabalho!

Com um sorriso nos lábios e sentindo pena pela inocência e prepotência do homem, o Senhor lhe responde:

- Como sempre você pensa que todas as coisas acontecem apenas ao seu redor! Eu não te seguiria todo esse tempo se fosse tão fácil assim! E não pense você que neste momento é um homem ainda bem sucedido. Saiba que Masao Kurosaki e os representantes orientais de sua empresa estão há muito tempo cobiçando a posse da filial brasileira. O que estou querendo dizer é que o ocorrido no transatlântico não foi um acidente!

A expressão presunçosa de Pedro desapareceu, dando lugar a uma apatia e um espanto surpreendentes. Apavorado, ele pergunta:

- O Senhor está querendo dizer que alguém provocou aquela explosão?

- Isso! – respondeu o Senhor – Kurosaki desejou tomar conta de todas as filiais da montadora, mas sua própria capacidade não permitiu que ele conseguisse alcançar isso. Seu chefe, o Sr. Garcia sabia de todos os planos de Kurosaki e inclusive conseguiu exonerá-lo de sua posição em Tóquio. No entanto, Kurosaki conseguiu subornar um empresário em Nova York para que ele entrasse em contato com Garcia falando sobre um suposto projeto de uma filial internacional. A conversa desse empresário foi tão convincente que Garcia não pensou duas vezes antes de fechar o negócio e viajar para a América do Norte, deixando você, que é uma pessoa com quase nenhuma experiência em Gestão Internacional no comando da filial brasileira. Kurosaki mandou alguns “espiões” para fazer um reconhecimento de território na empresa. Na época vocês pensaram que eram novos sócios e então abriram todas as portas do prédio, sem perguntar-lhes absolutamente nada. Foi aí que Kurosaki descobriu que ninguém naquela empresa teria a capacidade de substituir Garcia, a não ser o líder de produção, que tinha pleno conhecimento de todas as rotinas administrativas da empresa. Em outras palavras, Masao Kurosaki já sabia em quem Garcia iria confiar caso precisasse se ausentar para cuidar dos negócios no Exterior. E foi aí que você entrou!

Terrivelmente espantado, Pedro diz:

- Então quer dizer que não existe nenhum projeto em Nova York, que tudo isso foi uma tramoia dos japoneses e que neste momento Kurosaki está à frente de toda a filial do Brasil?

- Ainda não! – disse o Senhor – Você, assim como Garcia, elaborou uma procuração que determinava a direção da montadora para uma pessoa de sua confiança caso você não pudesse mais dirigi-la por qualquer motivo.

- Isso mesmo, Senhor! – respondeu Pedro – Eu passei a autoridade para Davi Siqueira, que ocupava o cargo de líder da produção, assim como eu! É

a pessoa que depois de mim, tem mais experiência no que diz respeito á parte burocrática da empresa! Mas agora que ele morreu no naufrágio do Samurai, não sei como as coisas estão agora!

- Errado! – respondeu o Senhor, com autoridade – Davi foi salvo, juntamente com algumas outras pessoas! E caso não saiba, já se passaram sete meses desde o desastre do transatlântico. Neste momento, ele está à frente da montadora, administrando-a admiravelmente.

Pedro quase se levanta de seus joelhos:

- Sete meses? Está me dizendo que eu estive desacordado durante sete meses?

Deus se inclina para frente, dando um gracioso sorriso e apontando mais uma vez o dedo indicador na direção de Pedro:

- Você acha que conseguiria por suas próprias forças suportar a queda daquele suporte de madeira gigante na sua cabeça? Aquela estrutura pesava cento e dez quilos! É claro que interfeiri naquele momento, protegendo-te. Caso contrário, Meus planos não poderiam se realizar! Você não concorda? O fato de você ficar desacordado por sete meses se deve exatamente ao prazo que devia se estender até nós nos encontrarmos novamente.

Voltando a se acalmar e respirando fundo, Pedro diz ao Senhor:

- Eu entendo e mais uma vez Te agradeço, meu Senhor! Mas o que ainda não entendo é por que Kurosaki causou aquela tragédia!

Respirando fundo e voltando a adotar expressão séria, Deus responde-lhe:

- Kurosaki não contava que existia mais alguém que pudesse dirigir a montadora. Em sua mente, atraindo você para uma armadilha e destruindo-o, ele teria plenos poderes para ser o diretor da empresa, já que em território nacional, ele seria o único que teria o conhecimento necessário para administrar tudo. E o plano não termina por aí. Fora as filiais que ele já é dono, ainda existe a filial do Brasil e mais duas, uma na Holanda e outra na Austrália. Resumindo, todo o plano maldoso de Kurosaki não o ajudou em nada. E agora ele precisa esperar algum tempo para tramocar outra armadilha para eliminar Davi Siqueira. Se acontecesse outra tragédia em um espaço tão curto de tempo, as autoridades certamente iriam suspeitar.

- Então Davi está em perigo e não sabe disso! – diz Pedro, prestando muita atenção á cada palavra que o Senhor profere.

- Vejo que estão compreendendo qual é sua missão! – responde o Senhor Deus, mais uma vez satisfeito com a inteligência de Pedro – Mas quero salientar que essa é apenas uma vida que você deve salvar! Não se esqueça de que essa missão fará parte do seu processo de Redenção. E não temas! Estarei sempre contigo e você perceberá isso. E mais uma coisa: Neste momento você está dado como morto. Para as pessoas na Terra você não conseguiu sobreviver a tragédia e seu corpo nunca foi encontrado. Isso quer dizer que quando voltar a sua realidade, estará desprovido de tudo! Não há nenhum documento em seu nome, você não possui mais dinheiro algum, nem conta no banco, nem nome em lugar nenhum! Vai começar sua tarefa do zero!

Uma pausa seguiu-se entre os dois. Pedro olhava para o Senhor com espanto e uma certa indignação. Ele acabou de ouvir do próprio Deus que ele iria a partir de agora viver como um indigente, um mendigo, sem nome e sem identidade e teria que salvar cinco vidas que ele mesmo ajudou a destruir. E salvar do que, exatamente? Salvar como? Mesmo sabendo que o Senhor o conhecia no mais íntimo do coração, Pedro tenta esconder o temor da missão e questiona:

- Mas, meu Senhor? Como é possível eu concretizar essa tarefa para o Senhor se eu não tiver posse alguma? Como irei comer ou me vestir? Minha longa barba me incomoda demais e minhas roupas estão uns farrapos! Será mesmo possível eu salvar cinco vidas no prazo que o Senhor determinar?

O Senhor Deus fulmina Pedro com o olhar e adota uma expressão frustrada e logo lhe diz:

- Por que vós, Filhos do Pecado, sempre Me questionam sobre o que vão comer, sobre o que vão vestir, sobre dinheiro e o que o dinheiro compra? Acaso não sabem que Eu sou o Senhor de todas as coisas e que sem dúvida alguma providenciarei tudo o que precisares?

Pedro abaixa a cabeça, envergonhado. No fundo ele sabia qual seria a resposta de Deus a esse questionamento. Ele só queria saber se Ele não abriria uma exceção para ele. “Péssima ideia”.

O Senhor Deus foi aos poucos se afastando de Pedro. Andando de costas, Ele foi-lhe falando sobre os detalhes da tarefa e quando chegou ao centro exato da ilha, entre o oceano e o imenso bosque, o Senhor ainda com voz de criança, dá um poderoso brado:

- Agora é chegado o momento, Pedro Alcântara! Voltes para tua realidade agora e honre o Meu nome, o nome de toda a tua parentela desde gerações que você mesmo desconhece! Pois sou Eu, o Senhor, que te envio a uma longa e difícil peregrinação rumo a salvação de vidas que para Mim são preciosas! Não olhes para trás e não te preocupe com nada a não ser com sua missão!

Após ouvir essas Palavras, Pedro viu uma grande e forte luz crescente diante de seus olhos. Era uma luz tão forte que ele não conseguiu manter-se de olhos abertos. Na verdade, ele não conseguiu sequer se manter consciente. Da mesma forma que aconteceu há alguns minutos quando ele ainda estava com Sofia em sonho, seus olhos e sua cabeça pesam e seu corpo inteiro começa a formigar. Aquela enorme paz que ele vinha sentindo nos últimos dias veio à tona novamente. Por um momento, ele se esquece da bomba no transatlântico, de todo aquele pânico, da água em seus pulmões e da falta de ar. Ele só pensava nos momentos bons que ele teve ali na Presença do Senhor, na paz que somente Ele seria capaz de trazer. Mesmo que estivesse no corpo de uma criança, Pedro podia sentir uma pequeníssima fração de sua Glória e isso já era o bastante. Ele conseguia se lembrar de seu casamento, de sua formatura, do nascimento de Beatriz. Todos aqueles momentos passavam-se claramente em suas lembranças. O perfume de Sofia era inconfundível. O sorriso de Beatriz era como ver uma linda paisagem ao pôr-do-sol. Pedro não sentia mais o peso do seu corpo. Estava mais uma vez leve e totalmente à mercê do vento como as folhas de um dente-de-leão que acabara de ser soprado. Não havia mais escuridão e sim uma grande luz que se transformara em borboletas, Peônias, Beija-flores e um rio tão cristalino como um espelho. No entanto, depois de algum tempo, se é que era possível calcular o tempo naquele estado de Paraíso, a imensa paisagem vai desaparecendo e a escuridão vai novamente invadindo sua visão. Mas desta vez, ele sente uma pequena dor em sua face direita. Depois, mais uma dor. Então, em questão de segundos, ele vai sentindo diversas dores em sua face. Uma após a outra. Como se alguém o estivesse esbofeteando-o sem parar. De repente, sua visão vai ficando mais clara e ele vai se recuperando de sua inconsciência. Sua primeira visão era no mínimo estranha: Uma mulher, aparentando ter meia idade, cabelos grisalhos, dentes maltratados, o rosto sujo e com alguns ferimentos, trajando roupas que deixavam bem claro que faziam uns dez dias que estavam vestidas naquele corpo, estava estapeando o rosto de Pedro na intenção de acordá-lo. Quando ela percebeu que o homem recobrou a consciência, ela sorri alegremente e lhe diz:

- Até que enfim acordou! Bem-vindo de volta, Marujo!

## Capítulo 13

A mulher que acordara Pedro Alcântara de suas belas imagens o encarava como se ele fosse um alienígena ou algo do gênero. O olhava dos pés à cabeça enquanto ele ainda estava deitado. Pedro por sua vez, apenas olhava atordoado para cima e para os lados. Havia um grande muro de concreto atrás da estranha mulher. Ao lado havia alguns barris de lixo e uns pneus velhos apoiados sobre eles. Gatos magros e esfarrapados andavam em cima do muro e também por todo o ambiente. Pedro só foi ter certeza de que aquele encontro com Deus não foi um sonho quando sentiu que sua barba estava muito longa. Ele não se questionou muito sobre como foi parar ali, levando-se em conta de que há uns minutos atrás o próprio Deus esteve na sua frente. Era natural que esse encontro e o que viesse depois dele fossem marcados por mistérios. Com sua visão cada vez mais nítida, ele se dava conta que estava em um ambiente totalmente novo para ele. Um grande muro todo pichado se estendia por todo o lugar e, enquanto ele estava caído, podia ver passos apressados pra lá e pra cá. Foi aí que ele se deu conta do que realmente aconteceu: Ele não tinha mais identidade, não tinha mais empresa, não tinha mais fama e nem dinheiro, não tinha mais sua família. Se tornara um mendigo a partir daquele momento e a única personificação de esperança que ele poderia ter era aquela senhora que ele jurou ter ouvido o chamar de marujo. Então, diante de toda aquela mudança brusca de situações, a razão ainda voltando juntamente com sua consciência, Pedro pergunta a mulher:

- Como eu vim parar aqui?

A mulher, segurando o rosto de Pedro com as duas mãos, como se quisesse prender totalmente sua atenção a ela, responde:

- Você sobreviveu! Sim, sobreviveu! Aquela onda enorme, aquela tempestade violenta, criaturas terríveis! Você é um marinheiro muito valente!

- Você estava no cruzeiro? – Pedro pergunta, finalmente recobrando a consciência.

- Cruzeiro? Do que está falando? – responde a mulher, finalmente soltando o rosto de Pedro – Eu estava em uma pequena e frágil embarcação tentando atravessar o Pacífico quando fui surpreendida por ventos terríveis, uma tempestade feroz, relâmpagos, trovoadas... Tudo o que você puder imaginar, Marujo!

Pedro não sabia se levava fé naquela mulher, pois da última vez que ele desacreditou de alguém que ele julgava ser insano, acabou tendo uma surpresa atrás da outra. Então a única coisa que pensou em fazer, foi fazer uma pergunta mais óbvia:

- E que lugar é esse?

A mulher percorre o olhar sobre o ambiente e responde:

- Essa é nossa casa agora! Você estava à deriva e eu te salvei! Aqui tem de tudo: Comida, água, lugar pra se esconder na chuva e quando damos sorte, aparecem alguns cobertores para nos proteger do frio.

- Meu Deus! – exclama Pedro, contemplando o que agora seria a sua realidade. Pessoas passam o tempo todo sem ao menos olhar para os dois. A única amizade que Pedro tinha naquele momento parecia não dizer coisa com coisa. Ele se perguntava como faria para salvar as tais cinco vidas que Deus lhes deu como missão. Mas vindo do próprio Deus, não poderia ser à toa que ele estivesse ali naquelas condições, conversando com uma moradora de rua. Ainda estava usando as roupas que se estragaram no naufrágio do Samurai. Aquilo tinha que ter um significado. Deus não havia citado um castigo, pelo que ele se lembra. Seja qual fosse a situação, Pedro sabia que não iria ser fácil. Então, estrategista como ele sabia ser, resolve tentar conhecer a mulher para que talvez ela pudesse dá-lo alguma pista:

- E já que esta é minha mais nova casa, eu posso saber o nome da senhora?

- Claro que pode, Marujo! – responde a mulher – Eu me chamo Rosângela! Estou ao seu dispor!

Pedro levanta-se, tenta recobrar sua classe, estapeia sua roupa para tentar tirar o pó e responde:

- Pedro Alcântara! Encantado! A senhora tem família, Dona Rosângela?

- Ah, eu tenho sim – responde Rosângela – Minha família é a mais importante desta Terra! Temos inúmeros tesouros, amigos em todas as partes do mundo, temos as melhores embarcações, já cruzamos os melhores e piores mares. Além do mais, minha família é a mais numerosa que existe. Nem eu sei quantos parentes eu tenho!

Pedro balança positiva e lentamente sua cabeça, apertando os lábios, como se tudo aquilo parecesse absurdo demais. Mas ele não desistiu de tentar conseguir alguma pista de sua missão. O homem faz mais uma pergunta:

- Eu posso imaginar, minha senhora! Mas me diga: O que faz uma nobre como a senhora aqui e não junto com sua importante família?

Rosângela faz uma expressão de espanto, como se Pedro, de alguma forma, fizesse uma pergunta muito correta, muito objetiva. Ela via que ele realmente queria uma amizade sincera. Então, ela responde:

- Bom, Pedro, eu estou em uma missão muito importante! Minha família está há muito tempo procurando um valioso tesouro! Ele está escondido em um lugar que talvez ninguém ousou pisar! Está muito além dos sete mares, além de todos os horizontes e além de todos os reinos deste mundo!

Por mais que nada do que Rosângela dissesse parecesse ter sentido, Pedro continua a entrevista-la:

- E a senhora acha que esse tesouro pode estar aqui, neste lugar?

Rosângela dá um grande sorriso e diz:

- Na verdade, eu nunca estive tão próxima desse tesouro como estou agora!

Pedro arregalou os olhos e se espantou. Tudo parecia estar se repetindo. Uma pessoa aparentemente isenta de razão dizendo coisas sem sentido, como um tesouro valioso perdido, o fato de ela estar muito próxima ao tesouro... Foi assim com o garoto, que se tratava de Deus e estava sendo assim também com a primeira pessoa que ele encontrava após seu encontro com o Mestre. Aquilo só poderia ser um sinal. Talvez essa fosse a primeira vida que ele devia salvar. Mas o que ela tinha a ver com a sua arrogância e seus erros do passado? Como Pedro ajudou a destroçar a vida daquela mulher a ponto de ela se tornar uma moradora de rua? Pedro sabia que o único jeito de solucionar esse mistério era entrar de cabeça na missão de Deus. Foi então que ele pergunta:

- E será que eu posso ajudá-la a encontrar esse tesouro?

A mulher logo lhe responde:

- Mas é claro! Você é a pessoa certa pra me ajudar! Tem um grande coração e é um marujo muito valente! É a pessoa perfeita!

Sem saber o que iria enfrentar, Pedro lhe diz:

- Que bom que serei útil! Mas para que eu te ajude, você deve me dizer exatamente o que vamos ter que descobrir! A senhora me ajuda e eu te ajudarei! Temos um acordo?

Pedro estende sua mão:

- Temos um acordo! – responde Rosângela, apertando a mão de Pedro.

Ao concordar com a mulher, Pedro começou a notar que aquele lugar onde estava não lhe era estranho. Olhando para o final do muro todo pichado, ele reparou em um cenário que lhe era muito familiar: Pessoas apressadas, bem-vestidas, um grande número de carros e motos, semáforos e faixas de ônibus e pedestres. Era o centro de São Paulo. Pedro passava por aquele pedaço todos os dias, e sempre parava sob aquele mesmo semáforo, mas nunca reparou naquele muro, naquele lugar e muito menos naquela mulher. E havia ainda mais uma coisa que o perturbou muito: Uma grande árvore se apresentava em um canteiro no lado direito de onde ficava o semáforo. Essa árvore tinha uma característica diferente das outras árvores que Pedro estava acostumado a ver: Ela estava amassada, danificada, violada. Não estava muito, pois era uma grande, velha e forte árvore. Pedro reconheceria aquela árvore mesmo se estivesse completamente embriagado. Era a árvore que ele havia batido com seu carro, quando tentou desviar da criança que atravessara no farol, no primeiro encontro entre ele e Deus. Um turbilhão de lembranças começara a surgir em sua mente, fazendo-o ficar parado por alguns segundos. Logo, ele é interrompido por Rosângela, que lhe pergunta:

- Aquela árvore lhe parece especial! Estou certa?

Sorrindo e respirando profundamente, Pedro responde:

- Fui eu que bati naquela árvore com meu carro! Eu tentei desviar de uma criança que estava atravessando a rua e acabei indo de encontro a essa árvore! Já faz alguns meses!

De repente, ouve-se uma outra voz, de alguém vindo de trás dos dois. Uma voz masculina, que parecia vinda de uma pessoa idosa:

- Ah, então é você, meu jovem! Mas o que aconteceu com você?

Olhando repentinamente para trás, Pedro repara no dono da voz. Era um homem de cabelos longos e grisalhos, amarrados como rabo-de-cavalo. Trajava um smoking verde-abacate, já muito maltratado devido ao enorme tempo de uso. Usava sapatos também surrados, que o acusavam claramente de ser um mendigo errante. Pedro lembrava-se daquele homem com muita nitidez. Mesmo sendo por poucos segundos, ele recordava-se do idoso que foi a primeira pessoa que se aproximou e perguntou sobre o seu estado de saúde depois do acidente com seu conversível há oito meses atrás. Mesmo que ele ainda fosse um estranho, era um alívio ver uma pessoa conhecida depois de tudo o que ocorrera. A passos mancos, o idoso aproxima-se,

analisa o rosto de Pedro mais uma vez e lhe pergunta, com ar de muita dúvida:

- Diga-me uma coisa: Você é o rapaz que bateu com o carro naquela árvore há algum tempo?

- Sim, sou eu! – responde Pedro – E olha, antes de tudo, quero te agradecer por se preocupar comigo! Achei que não iria sobreviver!

- Parecia mesmo que não iria sobreviver! – responde o idoso – Vi como tudo aconteceu! Você perdeu o controle, derrapou repentinamente, avançou violentamente contra aquela árvore! Sei que agora não vem ao caso, mas... O que aconteceu? Você dormiu?

Pedro teve receio de contar que desviou de uma criança que só ele via. Deus poderia não gostar muito se ele contasse os fatos a qualquer pessoa que ele encontrasse. Então, depois de refletir uns segundos, ele responde:

- Sim, sim, foi exatamente isso! Eu não havia conseguido dormir naquela noite, estava ansioso com alguns fatos em meu trabalho e acabei dormindo ao volante no caminho.

- Eu entendo! Deus gosta muito de você, meu jovem! Eu não sobreviveria a uma pancada como aquela!

Depois de muito tempo de angústia e tristeza, Pedro finalmente consegue abrir um sorriso e responder:

- Eu tenho certeza de que Deus me ama muito! E eu tenho uma enorme dívida com Ele!

- Todos nós temos, meu jovem! – exclamou o idoso – Mas infelizmente nunca vamos poder pagar o que Ele nos faz!

Pedro olha para o idoso vagamente e responde, dando um suspiro de exaustão e lamento:

- Talvez não, meu senhor! Talvez não!

- Mas diga-me outra coisa: - pergunta o velho – Pelas vestes que trajava naquele dia e pelo seu carro, você me parecia bem-sucedido! Não faz muito tempo que aquilo aconteceu! Como veio parar aqui e nessas condições?

Abaixando a cabeça, Pedro responde:

- Eu cometi muitos erros! Erros terríveis! Tinha a felicidade em minhas mãos, mas deixei-a escapar por entre meus dedos! No dia do acidente, eu

estava indo para a o meu trabalho assumir o cargo de presidente. Confesso que tudo estava indo muito bem, mas acabei metendo os pés pelas mãos. Perdi minha família, muitos amigos, todo o meu dinheiro... Minha identidade!

O idoso coloca as mãos na cintura, dá um grande suspiro e diz:

- Todos cometemos erros, meu rapaz! Mas o nosso grande trunfo é ter a chance de iniciar do zero e fazer tudo diferente! É como se Deus nos permitisse nascer de novo!

- Nascer de novo! – Pedro diz isso em um tom de reflexão, olhando para o céu, sorrindo. – Mas a propósito, senhor, eu me chamo Pedro Alcântara, é um prazer conhecê-lo!

- O prazer é todo meu! Eu me chamo Charles Vincenzo! Bem, antes de me encontrar neste estado deplorável, eu exercia a profissão de médico neurocirurgião. Na época, eu era muito conhecido e respeitado entre a minha classe, mas também cometi um erro terrível e desde então, não tive mais coragem de trabalhar. Não fui mais ao hospital, fui demitido sem direito algum, não tive mais como sustentar minha família e eles me abandonaram. Isso foi há muito tempo, meu jovem! Hoje estou conformado, aprendi a viver nas ruas, comer o que antes eu jogava fora, fiz amizades com muitos outros moradores de rua, formamos grandes famílias! Eu aprendi a viver do outro lado da vida, meu rapaz! E espero que você não sofra por tanto tempo quanto eu!

Ao mesmo tempo em que ouvia a história de Vincenzo, Pedro notava que Rosângela escrevia algo no chão de terra, com a ponta de seu dedo indicador. Pedro era cristão, e ele sabia muito bem quem já fez aquele mesmo gesto há dois milênios atrás. Jesus Cristo, na ocasião em que salvara Maria Madalena de ser apedrejada por adultério, também escreveu no chão de terra com a ponta do dedo indicador. Pedro sempre teve grande curiosidade para saber o que Jesus tinha escrito na época. Mas não foi possível alguém ler algo naquele dia, pois o vento imediatamente apagou a gravação de Jesus na areia. Pelo que se via, não eram letras comuns do alfabeto. Era uma linguagem diferente, símbolos. Uma linguagem que Pedro ainda não havia tido contato. Eram algo parecido com hieróglifos, difíceis de serem decifrados. Pedro pensou na hipótese daquela mulher ser mesmo de uma família importante. Curioso, Pedro resolve perguntar a Vincenzo:

- E quanto a Senhora Rosângela? O senhor a conhece há muito tempo?

Olhando por cima do ombro esquerdo de Pedro, Vincenzo cerra os seus olhos e diz:

- Na verdade, eu nunca vi essa senhora por aqui! E olhe que estou sempre nesse pedaço de vila. A vida dela também não deve ter sido fácil!

Pedro, coçando sua longa barba, continua:

- Acredito que não! Ela não diz coisa com coisa! Sempre fala sobre navios, marinheiros, mares, tempestades... Acho que o isolamento dela deva ser por conta de alguma coisa relativa a isso!

Colocando a mão no ombro de Pedro, Vincenzo responde:

- Existem muitas histórias, meu rapaz! Algumas nunca conseguiremos entender!

De repente, ouve-se um grande cantar de pneus. Um alarde inicia-se na Avenida Paulista. Pessoas correm em pânico tentando se salvar de um carro desgovernado. Pedro e Vincenzo correm em direção ao mesmo semáforo daquele acidente marcante. Agora eles estavam prestes a presenciar outro acidente. Uma Captiva preta vinha em alta velocidade, ameaçando a todos em seu caminho. Após avançar o sinal vermelho, o veículo quase colide contra os dois homens, invadindo a praça e atingindo em cheio a mesma árvore que Pedro marcou com seu conversível azul. Foi uma grande batida. Chegou a ser pior. A frente do carro se destruiu e em segundos, um aglomerado imenso de pessoas começava a se aproximar. Pedro, Vincenzo e dezenas de pessoas avançaram em direção á Captiva. Uns já estavam com os celulares nos ouvidos, acionando uma ambulância. Pedro e Vincenzo conseguem chegar primeiro do que os curiosos e tentam olhar através do vidro fumê. Por sorte, eles não eram tão escuros assim. Porém, a imagem que Pedro contemplou dentro do veículo o assustou. E não era por causa dos ferimentos, mas sim de quem se tratava. Inconsciente, ferido e preso às ferragens, se encontrava um homem que aparentava ter os seus sessenta anos. Com poucos cabelos, muito bem-vestido, os óculos de grandes lentes bifocais, colocados sobre o peito, e uma valise no banco do passageiro, tornavam-se inconfundíveis. Pedro perdeu o fôlego. O homem que acabara de sofrer um acidente e aparentava estar morto era ninguém menos do que o Sr. Garcia.

## CAPÍTULO 14

Pedro Alcântara observava estático e espantado seu antigo chefe ali, desacordado e ferido, vítima de um acidente no mínimo estranho. No mesmo lugar onde ele havia colidido meses atrás, com a mesma derrapagem, mas com uma proporção maior e, diferente da ocasião, ele parecia não ter sobrevivido. Mas antes que Pedro pudesse dizer ou perguntar alguma coisa, Charles Vincenzo abriu rapidamente a porta e pareceu analisar o homem desmaiado. “É mesmo, ele é médico!” Muitas pessoas estavam ao redor, acionando a ambulância, a polícia de trânsito, os bombeiros, o que pudessem chamar. De repente, alguém segura Vincenzo pelo smoking surrado e diz:

- Saia daí, imbecil! Não vê que irá piorar a situação?

Após ouvir esse insulto, Vincenzo é jogado com violência para trás, caindo no chão, como se fosse um velho saco de lixo. Então, os dois homens não estavam mais à frente da situação e o que viam em sua frente era uma multidão de pessoas que evidentemente não iria ajudar em nada.

De repente, Pedro ainda olhando para o carro, exclama:

- Meu Deus! Eu não posso acreditar! Não pode ser ele!

Levantando-se com dificuldade e parecendo segurar suas costas para conter a dor, Vincenzo pergunta a Pedro:

- Você conhece esse homem?

Ainda olhando para a multidão, Pedro responde:

- S-Sim, eu o conheço! Ele foi o meu patrão na empresa! Eu o substituí quando ele viajou para o exterior! Eu não tenho o visto desde então!

Vincenzo, finalmente conseguindo ficar de joelhos, diz:

- É bom que essa ambulância venha depressa! Ele ainda está vivo, mas a situação dele não é nada boa, se quer saber!

Parecendo acordar de um transe, Pedro repentinamente olha para baixo e pergunta ao amigo ajoelhado:

- Ei, o senhor está bem?

- Sim, estou bem, mas ouça: Aquelas pessoas precisam se afastar dele! Estão abafando o seu oxigênio! Mas que droga, eu não consigo gritar e nem afastar essas pessoas!

Pedro pensou se ainda poderia ter alguma habilidade de liderança. Era acostumado a lidar com situações difíceis, que exigiam uma voz ativa, alguém no comando. Ignorando todos os fatores coincidentes, ele começa a bradar para aquela multidão:

- POR FAVOR! SENHORES, AFASTEM-SE DELE! ELE PRECISA RESPIRAR! ABRAM CAMINHO E ACIONEM UMA AMBULÂNCIA!

Ninguém respondeu. O fato de Pedro se tornar um mendigo tirava dele qualquer tipo de autoridade ou respeito. As pessoas estavam acostumadas a verem mendigos embriagados, jogados às guias de calçadas, em situações deploráveis, nojentas e lamentáveis. Mas Pedro, por sua natureza, era insistente e nunca desistia na primeira rejeição. Havia aprendido isso com Garcia. E não seria em um momento como aquele que ele iria esquecer esse ensinamento. Aproximando-se da quase centena de pessoas, ele vai tentando afastar os curiosos do seu caminho. Em seu trajeto, ele tenta suplicar:

- Por favor, pessoal! Abram caminho! O homem precisa respirar! Vão mata-lo!

Nada. As pessoas continuam com seu falatório insuportável, se espremendo cada vez mais e empurrando aquele mendigo que gritava incessantemente. Pedro era teimoso demais para desistir em um momento crucial como aquele. Ele tentava empurrar as pessoas para trás, gritando como um sargento com seus soldados, implorando para que as pessoas se afastassem até a chegada da ambulância. Em determinado momento, Pedro estava no auge do seu desespero quando é surpreendido com um soco em seu rosto. Ele cai na hora, estonteado. Podia ouvir claramente um insulto de seu agressor:

- Sai daqui seu louco vagabundo!

Ao dizer isso, o covarde homem desfere mais um chute na região do abdome de Pedro. Mesmo sem ar, ele ainda se levanta e insiste em afastar as pessoas. Mais pessoas se aglomeram, tentando ver o Sr. Garcia. Ninguém mexia um dedo para ajuda-lo, mas insistiam em colocar seus rostos curiosos na direção da vítima. Pedro estava desesperado. Nunca teve tanta dificuldade em conduzir uma multidão, que não era tão grande, levando-se em conta o número de funcionários que ele cuidava na montadora. Vincenzo também tentava afastar a multidão, mas Pedro tinha atitude mais forte e estava quase caindo no chão novamente com dor em seu abdome. Seu suor estava gelado, aquele grande grupo de pessoas o

abafava. Depois de quase dez minutos de batalha, Pedro cai pela segunda vez diante do mar de gente. Foi quando um grande e contínuo assovio ecoou no ambiente. Não era um assovio comum, de alarme. Era um assovio suave, mas intenso ao mesmo tempo. Parecia que era apenas um sopro que viajava pelo vento, mas era um ruído baixo, incessante, como um índio convocando uma ave de rapina. E em questão de segundos, as pessoas pareciam fazer uma espécie de corredor. Metade do grupo se concentrou a esquerda e a outra metade a direita. Pedro continuou caído exatamente no meio do corredor. Pouco a pouco o barulho ia sumindo, a confusão ia desaparecendo, a luz do sol voltava a pairar sobre a cabeça de Pedro. Além disso, a dor no abdome também havia passado em um piscar de olhos. Retomando aos poucos sua respiração, Pedro levanta-se lentamente. E como em um rápido flash de instinto, ele vira-se para trás. A imagem que se segue diante dos seus olhos é no mínimo fantástica: A grande quantidade de curiosos organizou-se de forma sobrenatural em um grande corredor. E no final desse corredor, estava a criança, o Senhor, com os dois braços estendidos em sinal de pedido de silêncio. O assovio que apenas Pedro escutara saiu dos lábios de Deus e serviu para acalmar os ânimos das pessoas, sem essas ao menos perceberem. Todas pareciam estar em câmera lenta, sem notar o sobrenatural. Pedro admira o Senhor enquanto Ele termina de acalmar o povo e abaixa os braços lentamente. Pedro parece estar congelado, olhando aquela situação quando o Senhor o olha com amor e diz:

- Pronto! É a tua chance! Vá e lidere este povo!

Ainda admirado e sem coragem de dizer uma só palavra diante do Milagre, Pedro se volta na direção do carro do Sr. Garcia e corre para frente para assumir a palavra. No momento em que ele se encontra de frente à porta do carro, as pessoas voltam a se mexer naturalmente, sem se darem conta do que tinha acontecido. Então, ele toma fôlego e diz:

- Pessoal, por favor! Um minuto da atenção dos senhores!

Estranhamente, todos param ao mesmo tempo para dar atenção a Pedro. Todos se calaram e voltaram à sua atenção para perto do carro. Aquele fato também fazia parte do milagre de Deus, porque naquele momento, Pedro não estava mais sozinho, mas o Espírito Santo de Deus estava com ele. E o Espírito impunha-lhe uma grande autoridade, um grande poder nos lábios daquele homem. E Deus estava muito certo em escolhê-lo, pois seu poder de percepção já havia captado a mensagem do fato. Foi então que, enchendo-se de confiança, começou a dizer a toda a multidão de curiosos:

- Pessoal! Só um minuto de sua atenção, por favor! Esse homem, como os senhores perceberam, está em estado grave! Ele precisa de um pouco de ar e isso será impossível se vocês continuarem se aproximando dele! Estão o sufocando! Peço encarecidamente á vocês que se mantenham afastados até a chegada da ambulância, que eu sei que vocês já acionaram! Muito obrigado!

Entre todas aquelas pessoas que ali estavam apenas um o desafiou mais uma vez. E foi o mesmo homem que agrediu Pedro minutos atrás:

- E quem você pensa que é pra nos dar ordens? – pergunta o homem, visivelmente nervoso – Você não passa de um mendigo!

Em uma calma admirável, Pedro responde:

- Bom, eu não sou ninguém! Mas o meu amigo que está logo atrás de vocês era um neurocirurgião e ele acabou de examiná-lo!

No mesmo instante todos olharam para trás e lá estava Charles Vincenzo, já em pé, também olhando para toda aquela gente. Aproveitando o silêncio dos curiosos e a recomendação de Pedro, ele responde:

- Sim, é verdade! Esse homem precisa de oxigênio e não pode ser sufocado! Como o nosso amigo disse, eu fui neurocirurgião por muito tempo e sei que esse homem dentro do carro precisa de cuidados especiais! Confie em mim. Vocês só estarão contribuindo para a morte desse homem!

Em silêncio, todos vão se afastando aos poucos, deixando o carro de Garcia livre. Pedro agradece muito á todos pela cooperação e desce do carro, indo encontrar-se novamente com Vincenzo. Este, por sua vez, olha admirado para Pedro e diz:

- Obrigado, rapaz! Você acaba de prolongar a vida de seu amigo!

- O médico aqui é você! – responde Pedro, com um leve sorriso – Não fiz nada demais. Ninguém iria arriscar a vida de um desconhecido assim, por mais que o ser humano seja cruel. Mas me responda uma coisa, Doutor: Você já sabe dizer mais ou menos o que o Senhor Garcia sofreu?

Com uma séria expressão, Vincenzo responde:

- Não diria mais ou menos, eu diria que sei exatamente o que esse homem tem! Está com um grande coágulo em seu cérebro!

Pedro ficou apavorado.

- Não diga uma coisa dessas! Como pode dizer isso sem fazer um exame ou um eletro da cabeça dele? Como pode saber que há um coágulo no seu cérebro?

Ainda mantendo a expressão séria, Vincenzo responde:

- Quando o examinei, ele ainda estava consciente. Porém, ele não compreendia o que eu falava e seu corpo estava totalmente paralisado. Ele não sofreu por causa do impacto do acidente. É provável que ele tenha sofrido um Acidente Vascular Cerebral enquanto dirigia e por isso o carro ficou desgovernado. Se essa ambulância não chegar a tempo, certamente esse homem não poderá sobreviver!

Enquanto Pedro suava de pavor com essa notícia, uma ambulância e um carro do Corpo de Bombeiros se aproximam da multidão. Rapidamente, paramédicos e bombeiros descem do veículo com uma maca e iniciam o processo de remoção da vítima das ferragens. Pedro colaborava com os profissionais, mantendo os curiosos longe da cena. Felizmente os bombeiros tiveram facilidade para retirar Garcia das ferragens da Captiva preta. Em exatos oito minutos, Garcia já estava na maca e se dirigia até a ambulância. Pedro e Vincenzo já haviam feito tudo o que podiam, mas mesmo assim sentiam-se inúteis. Mais uma vez Pedro agradece ao novo amigo:

- Olha, eu quero te agradecer! Eu nem imaginaria a gravidade do problema se não fosse o senhor!

- Não se preocupe, meu jovem! Ele agora está em boas mãos. Os médicos chegaram no tempo certo e felizmente ele tem chances de melhora!

Pedro coça a nuca, apreensivo e diz:

- Eu não sei! Tudo isso é muito estranho! Garcia sempre teve uma saúde de ferro, não entendo como ele pôde ter esse mal súbito ao volante!

- Pedro, um mal súbito pode acontecer com qualquer um! Não tem hora e nem avisa! Provavelmente deve haver alguma questão psicológica no meio disso tudo!

- É esquisito, eu passei muito tempo naufragado depois do acidente. Há muitas perguntas que precisam de respostas! Nada está batendo!

Curioso, Vincenzo pergunta:

- E o que você deseja fazer?

Pedro pensa por uns instantes e então responde:

- Garcia é a única pessoa que neste momento pode me explicar o que aconteceu e como aconteceu! Eu preciso muito falar com ele!
- Eu receio que isso seja impossível, meu rapaz! Pelo menos por agora! Como toda pessoa que sofre um AVC, ele não pode falar, além de haver chances de ele não se lembrar de muitas coisas. Um derrame pode afetar até mesmo a memória da pessoa, dependendo de sua intensidade!

Pedro pareceu não ouvir o que Vincenzo acabar de dizer. Ele olha para o amigo e pergunta:

- Precisamos ir ao hospital! É evidente que do jeito que Garcia estava, eles o levaram para o hospital mais próximo, e não fica muito longe daqui!
- Não diga besteiras, garoto! Nunca deixarão dois mendigos entrarem em um hospital. Estamos sujos, maltratados, malvestidos! Só iremos sofrer mais humilhações! O melhor que temos a fazer é esperar por alguma notícia! Melhor dizendo, é esperar que ALGUÉM venha nos dar alguma notícia!

Pedro se aproxima de Vincenzo e o cutuca na gola do smoking, como se quisesse chamar ainda mais a sua atenção. Então, ele insiste:

- Não no estado em que estamos! Precisamos nos livrar de toda essa roupa imunda, voltarmos a ser apresentáveis, tomar um bom banho! Garanto que eles nos deixarão entrar no hospital, mesmo se for para esperar Garcia se recuperar!

Colocando a mão no queixo, Vincenzo responde:

- Acorde para a realidade, meu jovem! Somos moradores de rua! Não temos mais nada a não ser as ruas e um ao outro! Como espera que melhoremos nossa aparência?
- Veja bem! Eu conheço este lugar com a palma da minha mão! Tenho um amigo que mora aqui perto! Tenho certeza de que se o encontrarmos ele irá nos ajudar com isso!
- Talvez, garoto! – responde Vincenzo, voltando a se sentar na guia da calçada – Mas será que esse seu amigo vai aceitar que tomemos banho em sua casa, vistamos suas roupas e façamos a barba em seu banheiro?

- Nunca saberemos se não tentarmos! – exclama Pedro – Além disso, ele é meu melhor amigo desde a infância! Posso assegurar que, se ele descobrir que estou vivo, fará o que puder para me ajudar!

Levantando-se exaustivamente, Vincenzo responde:

- Bem, o que temos a perder? É uma boa oportunidade pra tirar todo esse cansaço do meu corpo! Vamos lá, meu jovem! Talvez dê certo!

- Ótimo! – Pedro olha para trás, lá no muro, onde Rosângela brinca com um cachorro, tranquilamente – E quanto a senhora, Dona Rosângela? Quer nos acompanhar?

Sem tirar os olhos do cachorro, Rosângela responde, de longe:

- Podem ir na frente, valentes marujos! Eu logo os acompanharei!

- É melhor ir com a gente! – insiste Pedro – Vamos a casa de um amigo, podemos comer alguma coisa! 97

Rosângela acena para os dois homens e responde, ainda de longe:

- Tenho tudo o que preciso aqui, eu garanto! Agora vocês devem continuar sua viagem!

Percebendo que não adiantaria insistir mais, Pedro acena de volta, sem saber exatamente como reagir e diz:

- Tudo bem! Tome cuidado, logo voltaremos!

- Deus os acompanhe! – responde Rosângela, voltando a brincar com o cão.

Olhando atentamente para Rosângela, Charles Vincenzo diz á Pedro:

- Temo não a encontrar mais com vida por aqui! Existem pessoas cruéis aqui nesse pedaço da cidade!

Colocando a mão sobre o ombro de Vincenzo, Pedro diz:

- Doutor Vincenzo, algo me diz que essa mulher é mais astuta do que parece ser! Garanto que ela ficará bem!

Respirando fundo e lentamente, Vincenzo responde:

- Sim, talvez você esteja certo! Vamos indo, então!

Quando Pedro falava de um amigo á Vincenzo, ele estava se referindo a Maurício Cavalcante, que morava ali mesmo, próximo àquelas imediações.

Pedro esperava que, depois de tanto tempo seria muito bom reencontrar um velho amigo. É claro que Maurício iria se assustar, pois segundo Vincenzo, há sete meses atrás, os jornais noticiaram uma explosão em um transatlântico de luxo, próximo ao cais do porto de Santos. Muitas pessoas não sobreviveram e algumas ficaram feridas ou desapareceram. O corpo de Pedro Alcântara, que foi considerado um dos empresários mais importantes daquele ano nunca foi encontrado. Um simbólico funeral foi realizado para as vítimas, três dias depois do acidente. Maurício quase nunca saía de casa. Então, sem dúvida alguma ele soube da explosão do Samurai. E Pedro sabia que, infelizmente, não haveria tempo hábil e tampouco condições de se contar o que aconteceu. Os mendigos simplesmente chegariam à porta de Maurício, tocariam a campainha e esperariam todos os tipos de reação. Não demorou muito tempo para que Pedro e Vincenzo chegassem à casa de Maurício. Pedro se sentiu estranho, estava com grandes calafrios e seu coração acelerava a ponto de parecer que iria perfurar o seu peito por dentro. Vincenzo, percebendo o incômodo do amigo, coloca a mão em seu ombro e lhe pergunta:

- Quer mesmo fazer isso, Pedro?

Respirando fundo e com a voz quase nula, ele responde:

- Sim, não há outra maneira! Vamos!

Sem hesitar mais, Pedro toca a campainha. Seu coração toma um pulso mais rápido a cada segundo. Quando o som de um telefone saindo do gancho repercute pelo interfone, ele perde o fôlego.

- Quem é? – diz a voz no interfone.

Gaguejar não era uma opção. Juntando todos os fragmentos de coragem que ainda restavam em seu coração, Pedro responde:

- Oi, Maurício! Pode me receber? Sou eu, Pedro!

Silêncio. Uma pausa de quase um minuto se segue até que Pedro insiste:

- Maurício, você está aí?

- Que brincadeira é essa? – pergunta Maurício. Ele olhava pela câmera duas personalidades e nenhuma parecia o Pedro que ele conhecia.

- Maurício, não é brincadeira, sou eu, Pedro! Eu posso explicar tudo a você, mas não agora! Pode nos receber?

- Do que estão falando? – responde Maurício – Estou vendo vocês! Não sei sua intenção, mas respeite a memória do meu amigo! Se não se afastarem da minha porta agora mesmo, eu aciono a polícia!

Pedro ficou em silêncio por um tempo, pensando no que faria para ganhar a confiança do amigo, quando de repente uma luz ilumina sua mente:

- Seu filhote de raposa! Abra logo essa porta! – esbraveja Pedro, não com raiva, mas em tom de escárnio, relembrando os tempos de faculdade, quando apenas ele chamava Maurício de filhote de raposa. Não era exatamente um insulto. A raposa tem a fama de ser o mais astuto dos animais, exatamente como Maurício. Ele tinha ideias brilhantes, também era muito bom em trabalhar em grupo. Sempre que se juntava com Pedro, tudo saía melhor do que o planejado, desde os tempos de pré-escola. Então, Maurício ficou pálido, trêmulo, não conseguia acreditar que seu amigo havia sobrevivido. Demorou quase um minuto até a ficha cair. Então, voltando à razão, ele olha mais uma vez a câmera da porta e dirige-se até a porta. Quando abriu, ele teve a certeza. Sim, era Pedro Alcântara. Por mais que ele estivesse cabeludo, barbudo, todo sujo, com roupas rasgadas e cheirando mal, Maurício nunca o confundiria. Ele praticamente cresceu com o amigo e o reconheceria em qualquer lugar. Correndo na direção de Pedro e dando-lhe um forte e longo abraço, seguido de um choro de alívio por parte dos dois, Maurício exclama:

- Eu não acredito! Achei que eu tinha perdido você para sempre, cara! Quando os noticiários alertaram sobre o naufrágio, eu não acreditei, o chão sumiu pra mim! Mas o que aconteceu com você? Por que não veio antes?

- Muita coisa aconteceu, meu amigo! – responde Pedro – Há muitas coisas que quero te contar, mas terá que ser uma outra hora! Aliás, deixe eu te apresentar esse cara aqui. Ele me ajudou muito de algumas horas pra cá. Esse é o Doutor Charles Vincenzo!

Estranhamente, a expressão de Maurício mudou. Quando dirigiu seu olhar para Vincenzo, sua afeição não era nada amigável. Ficou em silêncio o olhando por um tempo, sem dizer absolutamente nada. Percebendo o incômodo, Pedro pergunta:

- Maurício, algum problema?

Olhando repentinamente para Pedro com o mesmo olhar de fúria, Maurício responde:

- Não sei como teve coragem de vir com esse homem até a minha casa! Eu poderia perdoar qualquer coisa vindo de você, menos isso!

Vincenzo estava com a mesma expressão de dúvida de Pedro. Não estava entendendo absolutamente nada. Ele não se lembra de conhecer Maurício. Imaginou que talvez fosse um mal-entendido. Mas antes que ele perguntasse algo, Pedro se manifesta:

- Do que você está falando? Conheci esse homem hoje! Olha, há cerca de uma hora aconteceu uma coisa terrível e o Doutor Vincenzo me ajudou a resolver um grande problema! Por que falou dele dessa maneira?

Maurício cruza os braços e se mostra visivelmente frustrado:

- Pelo jeito, tantas coisas aconteceram com você ao mesmo tempo que, sequer se lembra do que esse homem fez comigo e com minha família!

Pedro caminha na direção de Maurício, falando sério, como se ele estivesse pedindo para parar com a brincadeira e começar a falar sério:

- Eu não posso ler a sua mente, Maurício! Vamos, responda o que está acontecendo aqui!

Voltando a olhar para Vincenzo e apontando o dedo indicador em sua direção, Maurício diz:

- Pedro, esse homem destruiu a minha vida e a da minha mãe há dezessete anos! Me responda uma coisa: Por acaso ele é ou já foi neurocirurgião?

Boquiaberto e terrivelmente espantado, Pedro responde:

- Sim, ele era sim! Mas como sabe disso?

Respirando fundo e fulminando o amigo com um olhar de impaciência, Maurício responde:

- Pedro, foi esse homem que matou o meu pai!

## CAPÍTULO 15

Aquele dia mais parecia um pesadelo. Mais uma vez Pedro Alcântara tem uma sensação estranha e desagradável. Ele acabara de levar o assassino do pai de seu amigo bem à sua porta. E não tinha dado conta disso. Foi Charles Vincenzo o responsável por realizar a cirurgia que removeria o câncer no cérebro de Jonas Cavalcante, que acabou em uma tragédia. E agora, na situação de morador de rua, estava bem em frente à casa do filho do seu último paciente. Pedro viu Vincenzo sem ação, tremendo, engolindo as lágrimas, respirando fundo, soluçando. Era evidente agora a história do homem: Depois de uma cirurgia malsucedida e de ganhar o ódio de uma família inteira, o neurocirurgião deixara de exercer a profissão e entrara em uma depressão tão profunda que aos poucos foi perdendo tudo o que tinha. Entregou-se á bebida, não sentia mais vontade de salvar vidas, muito menos a sua. Fugiu de casa sem deixar notícias, abandonando mulher, filhos e netos. Tentara duas vezes suicídio, lançando-se na frente de automóveis. Por algum motivo, Deus o queria vivo. E Deus queria que ele se encontrasse com Pedro, que incomodado com aquela situação, dirigiu-se a Maurício e disse, com toda a calma:

- Meu amigo, você não irá entender nada no começo, mas eu garanto que as coisas são muito diferentes agora! Muitas coisas aconteceram e eu prometo que vou te contar tudo com detalhes! Será que você pode tentar esquecer o que aconteceu? Olhe para esse homem! Ele não é mais cirurgião devido á decepção que sofreu consigo mesmo! Acredite em mim quando digo que agora não devemos mais olhar para o passado!

- Você voltou muito estranho, cara! – exclama Maurício – Estou curioso pra saber o que aconteceu com você durante esse tempo em que esteve desaparecido. Bom, não percamos mais tempo! Entre, você está péssimo!

Pedro olha firmemente para Maurício e diz:

- Eu suplico, querido amigo! Deixe o Doutor Charles entrar também!

Olhando fixamente o médico por algum tempo, Maurício responde:

- Vamos, venha você também!

Vincenzo se sentia muito mal. Os fantasmas do passado aterrorizaram como nunca naquele momento. Mas ele precisava se conter. Por algum motivo, ele sentiu uma simpatia muito grande por Pedro. Em seu íntimo, ele queria o ajudar no que quer que fosse. Ele não ousou passar da porta. Enquanto Maurício pegava uma toalha e um sabonete para Pedro tomar um

banho, Vincenzo permanecia em pé, em frente à porta. Maurício era um homem que, desde criança era misericordioso. Assim como Pedro, ele também era evangélico e sempre aprendeu muitas coisas a respeito do perdão, da paciência e da misericórdia. Olhando para aquele homem envolto em uma angústia visível e no estado em que estava, Maurício muda um pouco seu olhar para ele e diz, em um tom de voz mais sereno:

- Por favor, entre! O senhor também precisa tomar um banho e comer alguma coisa!

Ainda imóvel, Vincenzo consegue encarar Maurício, ainda com uma dose de arrependimento profundo e diz:

- Meu rapaz, sobre aquele dia... Há muitas coisas que quero te contar! Não foi do jeito que...

- Esqueça! Isso já faz muito tempo, não é? – interrompe Maurício, com a voz trêmula – Pelo que parece, Pedro tem algo a fazer e pelo jeito está muito empenhado. Eu não faço a menor ideia do que se trata, mas ele precisa de sua ajuda! Por favor, fique e cuide-se para ajudá-lo no que quer que seja!

- Obrigado, rapaz! – diz Vincenzo, com os olhos repletos de lágrimas – Eu nunca vou poder recompensa-lo por isso!

- Não se preocupe! – diz Maurício, com um tímido sorriso – Pedro é meu melhor amigo desde criança! Se ele conseguir realizar o que está pretendendo, sei que sua ajuda será decisiva! E assim, como ele, eu te serei grato pela eternidade!

Contendo-se agora, Vincenzo se sente à vontade para contar então o que aconteceu:

- Na verdade, hoje nós estávamos próximos a uma praça aqui perto quando presenciamos um acidente muito grave. Então, quando corremos pra ver se o motorista estava bem, esse garoto, o Pedro, descobriu que era um tal de Garcia, que foi seu chefe, que lhe deu a oportunidade de dirigir a empresa. Parece que ele respeita muito esse homem, pois me pareceu muito preocupado. E não é pra menos. Pelo que eu pude analisar olhando a vítima, ele sofreu um derrame cerebral e perdeu o controle do carro. Quando vi seu estado, pude concluir que ele está com um grande coágulo em seu cérebro. E agora, esse jovem pretende ir até o hospital, por mais que não possa fazer nada.

- Meu Deus, isso é terrível! – exclama Maurício – Eu tive a oportunidade de conhecer o Senhor Garcia e ele realmente é um homem de bom caráter! Digamos que ele, além de patrão, foi um grande amigo para Pedro, além de ser o único naquela empresa que tivesse total confiança no profissionalismo dele. É natural que ele queira acompanhá-lo no hospital! E é bom mesmo que o senhor vá com ele. Pedro sabe que como neurocirurgião, o senhor pode de alguma forma conversar com os médicos mais abertamente e mantê-lo informado de tudo.

- Sim, isso eu posso fazer! – responde Vincenzo – Farei o que for preciso para ajudar esse menino! Eu gostei dele, deve ter a mesma idade do meu filho!

Maurício agora olha mais intensamente para Vincenzo, respira fundo e diz:

- Doutor, o senhor está me dizendo todas essas coisas, mas eu preciso lhe ser sincero sobre algo.

Vincenzo olha atentamente para Maurício para ouvir o que ele tem a dizer. Parecendo temer as próximas palavras que iria proferir, o jovem continua:

- Bem, eu... Estava há alguns minutos culpando o senhor pela morte do meu pai, dizendo que o senhor era negligente, mas... – Maurício engoliu seco e interrompeu-se.

- Continue, meu jovem! – Vincenzo insistiu.

- A verdade é que a culpa não foi totalmente do senhor naquela época!

- Continue, estou ouvindo!

Maurício pareceu olhar com cuidado para ver se Pedro não aparecia. Havia uma coisa que apenas Maurício sabia e estava agora para contar para o Doutor.

- Doutor Vincenzo, naquele dia o senhor chegou atrasado para fazer a cirurgia do meu pai, não foi isso?

- Foi sim! – responde Vincenzo – como eu disse na época, aconteceu um acidente e eu acabei chegando atrasado para realizar a cirurgia! É claro que você sabe que seu pai não poderia esperar muito! O câncer estava avançadíssimo e a remoção tinha que ser realizada antes das onze da manhã, foi o cálculo que nós fizemos. Após esse horário, o câncer atingiria seu estado terminal e não haveria mais o que fazer. Também não podíamos realizar a cirurgia muito antes, pois a imunidade do seu pai estava muito frágil e com certeza não aguentaria os procedimentos. A remoção tinha que

ser feita exatamente às onze da manhã. E eu acabei por... – Vincenzo engole seco e tenta conter as emoções – Acabei chegando para a cirurgia vinte minutos depois! Foi o suficiente para a cirurgia não dar certo! Fui eu, Maurício! Você tem razão. Fui eu quem matou o seu pai!

O homem mais uma vez não conseguiu conter as lágrimas. Foi então que Maurício, chegando mais perto, perguntou a Vincenzo:

- Você não chegou atrasado por incompetência! Na verdade, o senhor queria chegar ao hospital até com antecedência, apressando-se especialmente para a cirurgia. Não foi isso?

- Sim, foi! – respondeu Vincenzo, olhando para Maurício, surpreso.

- E no meio do caminho, uma criança com uma bicicleta cruzou o caminho do seu carro, não foi?

- Exatamente! Eu não vi essa criança, ela entrou de repente na frente do meu carro! Foi por obra de Deus que não a atropeli. Eu estava certo de estar a mais de oitenta por hora. E por algum motivo, eu consegui controlar o carro, mesmo àquela velocidade, batendo apenas no pneu de trás da bicicleta da criança! Lembro-me que a criança caiu com a bicicleta e eu entrei em pânico. Não pensei duas vezes para descer do carro e socorrê-la. Por mais que as pessoas ao redor quisessem me agredir, não me importei com nada naquele momento. Não me importei se elas iriam me agredir ou não. Eu só me lembro de implorar para que elas me deixassem examinar a criança. Mostrei minha credencial de médico para a população e me dirigi àquele garoto. Mesmo vendo com meus próprios olhos, eu demorei a acreditar. Mas aquele menino estava sem nenhum arranhão. Eu disse á ele que era médico e me propus a leva-lo ao hospital, mas sabe o que ele me disse?

- Ele disse que já estava indo ao hospital e queria chegar antes do seu amigo! – respondeu Maurício, com um sorriso melancólico e com lágrimas nos olhos.

Surpreso, Vincenzo pergunta:

- Mas como você sabe de todas essas coisas?

Colocando a mão no ombro de Vincenzo, Maurício responde:

- Doutor Vincenzo, quando eu disser o que vou dizer, o senhor é que vai ter muita mágoa de mim, e não sei se será capaz de me perdoar!

- Eu... Eu não compreendo! O que quer dizer?

- Doutor, aquela criança que acabou cruzando o seu caminho e impedindo o senhor de chegar a tempo de salvar meu pai é o meu melhor amigo! Essa criança hoje já é um adulto e está neste momento no banheiro da minha casa!

Inesperadamente, Charles Vincenzo não esboçou nenhuma reação de mágoa. Muito pelo contrário: Ele olhou Maurício com muita piedade e abre um leve sorriso, o que espantou muito o jovem. Então, demorando um pouco para compreender aquela reação, Maurício pergunta:

- O senhor não entendeu? Por muitos anos eu condenei o senhor, te chamando de assassino! Eu sou o responsável pelo estado em que o senhor se encontra hoje! Foi uma enorme injustiça, eu gritei aos quatro ventos que o Doutor Charles Vincenzo matou o meu pai! Mas o que eu queria na verdade era...

- Proteger o seu amigo! De você mesmo e dos outros! – interrompeu Vincenzo – Você resolveu me culpar para eliminar qualquer mágoa que pudesse ter de Pedro e também o protegeu, para que ele não carregasse essa culpa pelo resto da vida! Apenas um verdadeiro amigo faria isso, Maurício!

Indignando-se com a resposta do velho, Maurício responde:

- Mas foi o senhor que carregou essa culpa no lugar dele! Se não fosse isso, provavelmente o senhor ainda teria muitos anos como cirurgião e salvaria muitas vidas! Eu acabei com a vida do senhor! Hoje mesmo quando veio a minha porta eu o condenei mais uma vez! Como pode ainda estar falando comigo com um tom de voz tão sereno?

Colocando agora sua mão misericordiosa no ombro de Maurício, e tentando consolá-lo, Vincenzo responde:

- Tudo isso é vontade de Deus, meu querido jovem! Tudo o que eu sempre quis em minha vida depois daquele dia foi encontrar você e sua mãe, pedir perdão e dizer á você que não importa o que tenha feito, não importa se você desesperadamente culpou injustamente a pessoa errada... Você fez isso para proteger e cuidar da amizade daquele que foi seu amigo desde criança! Eu levei algum tempo para compreender isso. Eu resolvi abandonar minha família, também em um ato de desespero e comecei a viver nas ruas. Não tinha mais coragem de olhar na cara de ninguém! Eu era um assassino, apareci em diversos jornais! Por algum tempo isso me incomodou, mas com o tempo o Espírito de Deus foi me confortando e me esclareceu qual foi a real intenção daquele menino que perdera o pai pelo atraso do médico

cirurgião. O seu pai morreu, meu jovem! Você e sua mãe confiaram a vida dele a mim, e eu não cuidei da vida dele como deveria cuidar!

- Mas o senhor poderia ter fugido, em vez de socorrer meu amigo, ainda mais sabendo que toda aquela gente poderia fazer mal ao senhor! – exclama Maurício, banhando-se em lágrimas – E mesmo assim, parou tudo o que tinha que fazer para examiná-lo e se ofereceu para leva-lo ao hospital! O senhor não matou meu pai! O câncer o matou! O senhor se preocupou em salvar a vida do meu amigo e por isso ele está aqui hoje conosco! E em vez de agradecê-lo, eu julguei o senhor e o condenei por toda a minha vida! Por favor, Doutor... Me perdoe!

- Todos nós cometemos erros o tempo todo, garoto! – diz Vincenzo, enxugando as lágrimas de Maurício! – Mas o que importa é que, neste momento e neste lugar, posso presenciar vidas mudando! A vida de Pedro, pelo que ele me disse, era uma vida de egoísmo e luxo desnecessário! Mas agora, sua única preocupação é proteger a vida de um dos seus amigos, mesmo desprovido de tudo. E neste momento eu quero ajudá-lo com tudo o que eu puder! E não se preocupe! Nunca culpei você por nada! Tire agora esse peso do seu coração, tudo bem?

Neste momento, uma voz, vinda da porta da cozinha interrompe a conversa:

- Então foi isso que aconteceu, Maurício? Por que me protegeu tanto assim? – Pedro, já de banho tomado e barba feita, havia escutado a conversa e se comoveu profundamente com a bondade de Vincenzo e a amizade de Maurício – Por que nunca me contou que seu pai morreu por minha causa? Você nunca falou sobre isso comigo! Aliás, nunca falou sobre isso com ninguém!

Tomando coragem para encarar o amigo depois daquela revelação, Maurício responde, envolto em lágrimas:

- Você sempre esteve comigo em todos os momentos, desde criança! Não apenas nas horas de brincadeiras, mas principalmente quando meu pai esteve internado no hospital. Nenhum dos meninos da escola queria ficar comigo, pois eu nunca queria brincar e estava sempre preocupado! Mas você, Pedro, era diferente! Você sempre queria me colocar pra cima, sempre dizendo que tudo iria dar certo e que meu pai logo sairia dali pra irmos pescar! Sempre foi comigo ao hospital para visita-lo, mesmo sentindo pavor daquele tipo de ambiente! E ficava comigo e com a minha

mãe até a hora de ir embora e não reclamou em momento algum! Eu não poderia permitir que você soubesse as circunstâncias da morte do meu pai!

Muito triste e emocionado, Pedro diz ao amigo:

- Por acaso você não lembra como aquilo aconteceu? Não lembra de como tudo aconteceu antes de eu ser atropelado? Não lembra do que eu te disse? Maurício apenas olha para Pedro em uma tentativa de amenizar algum tipo de situação. Em uma tentativa de dizer um “mas”, ele é interrompido pelo amigo:

- Naquele dia, Doutor Vincenzo, eu estava com pressa, muita pressa! Combinei com Maurício de assistir a um filme que iria estreiar e queria até que a cirurgia não durasse muito tempo. Queria acabar logo com aquilo! Só que naquele dia, a Dona Eleonor, que é a mãe do Maurício, demorou um pouco mais do que o habitual para sair de casa. Ela estava muito ansiosa, mas eu como criança, não entendia. Eu fiquei apressando o Maurício, pedindo para que ele chamasse a Dona Eleonor para irmos logo! Eu via que o Maurício também estava nervoso, ansioso com a cirurgia, mas a única coisa em que eu pensava era no filme! Eu deixei de me preocupar com o Senhor Jonas, com a Dona Eleonor e com o Maurício. Depois de uns dez minutos, acho que foi isso, eu não aguentei mais esperar, propus ao Maurício que fôssemos à frente e esperássemos a mãe dele lá. É óbvio que ele não aceitou, ele não queria deixar a mãe sozinha naquele momento decisivo! Mas na hora eu não pensei. Apenas saí da presença dele, peguei minha bicicleta e saí correndo para o hospital! Foi aí que, ignorando o semáforo, atravessei e dei de cara com o carro de Vincenzo! Juro que até hoje, neste momento, não sabia que se tratava do carro do médico que iria operar o Senhor Jonas. Lembro-me dele ter ficado bastante tempo me examinando, preocupado, querendo me levar ao hospital e mesmo assim, com meu egoísmo, só queria levantar a bicicleta e voltar a correr. Nem dei o tempo para o homem explicar que ele iria para o mesmo hospital! Talvez se eu tivesse um pouco mais de humildade e fosse menos arrogante, o Doutor Vincenzo não teria me atropelado e com certeza teria chegado a tempo de curar o Senhor Jonas!

Olhando firmemente para Pedro, Vincenzo diz:

- Todas as coisas devem acontecer por um motivo, Rapaz! O momento do Senhor Jonas havia chegado e ele iria partir com ou sem a sua intervenção!

- Mas eu não entendo! – exclama Pedro – Se sabia de tudo isso, então por que desanimou de sua profissão, desanimou de tudo e foi morar nas ruas?

Abaixando a cabeça, Vincenzo responde:

- Depois que perdemos o Senhor Jonas, eu não tive mais vontade de ser médico! Decidi largar tudo, não queria trabalhar mais! O problema é que eu não sabia fazer outra coisa! Seria impossível eu continuar sustentando minha família. E eu não tive a menor coragem de olhar minha esposa, meus filhos e netos nos olhos e dizer que não queria mais ser médico! Foi então que peguei o dinheiro que havia na minha poupança, enviei á minha casa e fui para as ruas. E foi onde aprendi a ver a vida de outras formas!

E então, naquele momento, Pedro pôde compreender o sentido da missão que Deus o encarregara de cumprir. E a situação era ainda mais grave do que ele imaginava. Mesmo na condição de criança, Pedro com sua arrogância cooperou para que uma vida fosse destruída. Ele pensou que Charles Vincenzo talvez fosse uma das cinco vidas que Pedro teria que salvar.

Mas ao mesmo tempo, ele pensava como estaria o estado de saúde do Sr. Garcia. Enquanto os três homens conversavam, Garcia poderia ter piorado ou então passado por algo pior. Então, sem perder mais tempo, Pedro disse á Vincenzo:

- Bom, Doutor! Nada disso parece ter relevância neste momento! Apresse-se em se arrumar, precisamos ir depressa para aquele hospital! Maurício, gostaria de ir com a gente?

- Gostaria muito, Pedro! – responde Maurício – Mas tenho aulas pra preparar e estou em cima da hora! Mas qualquer coisa de que precisarem, podem contar comigo!

Um longo e forte abraço segue entre os dois amigos. Rapidamente, Charles Vincenzo toma o seu banho, faz a barba e adota finalmente a aparência de um respeitado médico, com um blazer que Maurício lhe emprestara, além de algumas roupas de tom social. Os três homens, de alguma forma, se sentiam mais leves depois daqueles instantes de conversa, de maneira especial Maurício, que guardara aquele sentimento negativo durante tanto tempo, sentia-se menos triste, menos aborrecido. Uma nova rajada de vida havia sido injetada naquele homem. E quanto a Pedro e Vincenzo, estes se despediram de Maurício e seguiram rumo ao hospital onde Garcia estava internado. Durante o caminho, Pedro seguia pensativo, distante, meditando todo o tempo. Percebendo os devaneios de Pedro, Vincenzo atreve-se a iniciar novamente uma conversa:

- Meu jovem, procure não se martirizar tanto com essa história! Como dissemos, tudo isso foi vontade de Deus, fazia parte de Seus planos. Sua presença foi apenas mais um fator, tente não se culpar!

- Não, não é isso... – responde Pedro – É que aconteceram tantas coisas em tão pouco tempo que ainda preciso processar essas informações em minha cabeça!

Olhando para o caminho, Vincenzo diz:

- Quando se vive nas ruas, essa realidade é constante! Você nunca sabe o que acontecerá no minuto seguinte! A rotina simplesmente não existe. Você apenas deve viver o momento e resolver os problemas de acordo com a necessidade! Isso você só aprende nas ruas, sem ninguém te ensinar!

- Pode ser! – responde Pedro, ainda pensativo.

Após alguns minutos de uma caminhada apressada, Pedro e Vincenzo chegam ao hospital. De fora já era possível perceber quão intenso era o movimento. Era um dos melhores e mais conceituados hospitais de São Paulo, além de abranger muitas regiões. Montado na forma de uma enorme estrutura, o hospital era imenso. Além do setor central de atendimento, era possível avistar mais dois prédios, um do lado direito, outro do lado esquerdo. Incontáveis carros de ambulância entravam e saiam do imenso pátio o tempo todo. Pedro e Vincenzo pensaram que entrar naquele hospital para conseguir notícias de um paciente sem portar documentação nenhuma e não provar nenhum parentesco com o paciente seria praticamente impossível. Mas não era do feitio de Pedro desanimar de realizar uma tarefa sem antes ter começado. Além disso, em seu coração ele tinha certeza de que Deus logo lhe daria instruções, sejam elas quais fossem. Não se importando com suas limitações e com as dificuldades do momento, Pedro disse á Vincenzo:

- Vamos, não temos tempo a perder!

- Pedro, não seria conveniente pensarmos em alguma estratégia para entrarmos? Eu conheço este hospital e sei que, suas regras são rígidas com relação ao acesso de pessoas e a preservação do bem-estar dos seus pacientes!

- Por hora, nossa única estratégia é entrarmos pela porta da frente! Eu sei que conseguiremos, não se preocupe! Deixe essa parte comigo, enquanto você se encarrega de traduzir qualquer tipo de situação que ocorrer!

- Tudo bem, mas... Como pode ter tanta certeza de que conseguiremos qualquer informação?

Começando a se dirigir para a portaria do hospital, Pedro responde:

- Minha intuição nunca esteve tão certa como hoje! Não sei por que, mas é a primeira vez que tenho tanta convicção de que uma tarefa alcançará o sucesso!

Sorrindo, como se sentisse revigorado com uma boa dose de ânimo, Vincenzo responde:

- Sendo assim, não percamos mais tempo! Vamos, meu jovem, temos um trabalho a fazer!

Chegando a portaria do hospital, os dois logo são interrogados pelo controlador de acesso:

- Posso ajuda-los?

Mantendo a expressão séria e objetiva, Pedro responde:

- Bom dia! Uma pessoa chamada Otávio Garcia deu entrada neste hospital vítima de um acidente de carro! Viemos saber sobre seu estado de saúde! Pode nos ajudar?

Como era de se esperar, o guarda olha para os dois homens com desconfiança e um certo desdém. Realmente, Pedro e Vincenzo não aparentavam ser quem diziam ser. Com um ar rude, o guarda pergunta:

- Posso ver os documentos dos senhores?

- Nós fomos assaltados meia hora atrás, senhor! – responde Pedro – Estávamos vindo pra cá e no caminho, dois homens em uma moto nos abordaram com um revólver e levaram todo o nosso dinheiro e documentos! Veja, nem carteira temos!

- Sinto muito, senhores! Não posso liberar a entrada de vocês sem ver seus documentos!

- Por favor, seu guarda! Nós estávamos lá no momento do acidente, vimos como tudo aconteceu, precisamos saber como ele está!

Estando prestes a tomar outras atitudes para mandar os homens embora, o guarda responde, com um tom agora mais áspero:

- Senhores, eu já disse que não posso deixá-los entrar! Normas são normas! E se não se retirarem agora mesmo, serei obrigado a...

Neste momento, do lado de dentro do pátio, uma voz não tão estranha interrompe a ordem do guarda:

- Pode deixá-los entrar, meu querido! Eu estava mesmo esperando por esses dois!

Aquilo definitivamente foi estranho. Como assim “esperando”? Quem poderia estar esperando Pedro e Vincenzo naquele hospital? Mas aquela voz Pedro já havia ouvido antes. E não faz muito tempo. Por estar sete meses desacordado, sem ter contato com ninguém naquela ilha até a chegada do Senhor, ficou muito fácil distinguir se uma voz era estranha ou não. O que era surreal era a circunstância em que a dona da voz se encontrava. A voz rouca e doce era a de uma mulher de meia idade, com longos cabelos grisalhos, dentes maltratados e com um grande sorriso no rosto. Rosângela, a mulher que despertou Pedro para a nova realidade no início do dia estava ali, posicionada do lado de dentro do hospital, próxima ao guarda, pedindo para que ele liberasse a entrada dos dois. 109

## CAPÍTULO 16

Ainda olhando para Pedro e Vincenzo, o guarda acha melhor perguntar:

- Dona Rosângela, a senhora conhece esses dois homens?
- Sim, conheço! – responde a senhora – Estava mesmo esperando por esses dois homens! Pode deixá-los entrar!

Pedro e Vincenzo se entreolhavam, certamente se perguntando que relação Rosângela tinha com Garcia e, se ela também era moradora de rua, como conseguiu passe livre naquele severo hospital? Pedro resolveu tentar ignorar mais aquele mistério. Permaneceu calado e aproveitou o portão aberto antes que o guarda mudasse de ideia. Adentrando os portões, Pedro juntamente com Rosângela e Vincenzo caminhou pátio abaixo. O silêncio entre os três representava uma grande dúvida. Apenas Rosângela mantinha um grande sorriso nos lábios. Também em silêncio, com uma calma que chegava a incomodar. Não aguentando mais a curiosidade, Pedro exclama:

- Dona Rosângela, perdoe a minha indelicadeza! Eu queria agradecer por nos ajudar! Com certeza, sem a senhora, não conseguiríamos entrar aqui! Mas se não for incomodá-la, eu queria fazer uma pergunta!

Rosângela nada lhe respondeu. Apenas seguiu olhando para frente, com o sorriso inabalável. Pedro continua:

- Eu desejo saber como foi que a senhora entrou aqui e por que exatamente está nos ajudando!

Após uma pequena pausa, Rosângela olha fixamente nos olhos de Pedro e responde-lhe:

- Eu vi que você deseja muito ajudar esse homem que sofreu o acidente! Eu queria ser útil em alguma coisa, portanto fiz com que vocês entrassem aqui!

Mesmo que isso não tenha respondido à pergunta de Pedro, ele a agradece e continua a acompanhando. Ao que parecia, Rosângela não estava mais tão insana como no primeiro encontro. Muito pelo contrário. Ela parecia segura de si e disposta a ajudar no que for preciso. Chegando à porta de entrada, Pedro contempla a fila para identificação de pessoal no balcão de atendimento. Quando ele e Vincenzo se dirigem para apanhar uma senha, Rosângela diz aos dois:

- Vamos, me acompanhem! Otávio Garcia está no terceiro andar!

Em pé, próximo ao balcão, Pedro responde a mulher:

- Temos que pegar uma senha, senhora! Do contrário, não poderemos ver o Senhor Garcia! Além disso, precisamos aguardar o horário de visitas!

- Meu jovem, não se preocupe com essas coisas! – diz Rosângela, com a voz ainda calma! Vamos, me acompanhem!

Pedro ficou ainda em pé parado, pensando se dava ouvidos àquela mulher ou se retirava um papel com uma senha. Ela continuava esperando. Quando olhou para Vincenzo, viu que o homem torcia os lábios, também em dúvida. Em forma de gesto, Vincenzo diz a Pedro para acompanhá-la. Afinal, o que tinham a perder? Já haviam entrado naquele hospital por causa da velha. Que mal poderia acontecer se a acompanhassem sem senha e fora do horário de visitas? A cada passo, a dúvida e o medo dos homens aumentavam ainda mais. Incrivelmente, à medida que Pedro e Vincenzo andavam atrás de Rosângela, ninguém os interrompia. Médicos, enfermeiros, funcionários e outras pessoas que tinham relação com a rotina do hospital sequer observavam aqueles três entrarem por todas as portas, cruzar corredores que Pedro pensava serem restritos a estranhos. Ele olhava ao redor e via que todos continuavam o que estavam fazendo, parecendo não notar a presença deles. Foi nesse momento de espanto e dúvida que Pedro não se conteve mais:

- Dona Rosângela, a senhora trabalha aqui no hospital?

- Eu sempre estou por aqui, meu jovem! – responde a mulher – conheço cada metro quadrado deste prédio! Acreditem em mim quando digo que o seu amigo está em um dos melhores hospitais da cidade!

- Mas... Eu não entendo! Por que então está com essas roupas, essa aparência, por que estava naquela viela junto com os outros moradores de rua? E aquele papo todo sobre família importante, sobre um tesouro escondido, navios, mares e embarcações?

Neste momento, Rosângela faz um gesto para Pedro solicitando silêncio e diz, em voz baixa:

- Não fale sobre o tesouro assim, para todas as paredes ouvirem! É preciso que eu passe por aqui para encontrar o tesouro do meu Rei! Por isso eu trouxe vocês aqui, são os únicos que podem me ajudar!

De repente, Vincenzo cutuca o ombro de Pedro e pergunta-lhe em voz baixa:

- Pedro, eu conheço esse hospital! Estamos sem documentos, sem senha, é estranho que ninguém tenha nos repreendido até agora, mas com certeza vão vir com guardas e nos tirarão daqui à força!

Neste momento, Rosângela para repentinamente o seu trajeto, volta-se para Vincenzo e diz:

- Por favor, meu amigo! Não duvide da ajuda que quero dar a vocês! Confie em mim e verão que juntos encontraremos esse tesouro! Inclusive, a cura desse homem é um fator crucial para traçarmos o caminho rumo ao nosso objetivo! Mas para que isso aconteça, peço que mantenham a confiança em mim, está bem?

Espantadíssimo por aquela mulher conseguir ouvir o seu sussurro, mesmo àquela distância, Vincenzo apenas concorda, envergonhado:

- Sim, senhora! Eu peço perdão!

Se entreolhando mais uma vez, um pouco assustados, Pedro e Vincenzo continuam seguindo atrás da misteriosa mulher. Chegando ao hall de elevadores, Rosângela diz aos homens:

- Falta muito pouco, meus irmãos! No terceiro andar está a Unidade de Terapia Intensiva e logo estaremos juntos com o Sr. Garcia.

Pedro e Vincenzo permanecem em silêncio. Estava difícil tirar alguma conclusão sobre aquela mulher. O elevador chega e o hall permanece vazio. O grupo embarca e após a fechadura das portas, Rosângela digita o número três. Não demorou nada para chegarem ao terceiro andar. Quando as portas se abrem, Pedro e Vincenzo descobrem que aquela mulher sabia do que estava falando. Percorrendo o corredor até o final, uma placa se mostra na parte superior da porta dupla. Ela marcava o nome “U.T.I.” Vincenzo toma à frente e localiza as toucas e jalecos de proteção. O grupo trilhou o caminho até o hall de elevadores, passaram pela recepção sem cruzar as cancelas de acesso, pegaram o elevador, chegaram até a U.T.I. e não foram incomodados por ninguém. Isso muito intrigava principalmente Vincenzo, que conhecia toda a rotina do hospital, além de saber a rigidez da segurança. Mas minutos depois, toda a dúvida e intriga deram lugar a um grande alívio. Logo na primeira cama do lado esquerdo, estava uma placa com o nome Otávio Garcia. Sobre a cama, deitado estava um homem paralisado, de poucos cabelos grisalhos, entubado e sob constantes cuidados. Não havia mais dúvidas. O Sr. Garcia realmente estava lá e, por algum motivo, Rosângela tinha muito a ver com toda essa situação.

Desconsiderando toda aquela situação estranha, Pedro corre em direção à cama de Garcia. O homem ainda estava inconsciente, aparentemente respirando com auxílio dos aparelhos que o cercavam. Contemplando aquele que mudou definitivamente sua vida, Pedro o encara com tristeza. Mesmo que em poucas proporções, mas ele tinha um pouco de culpa por Garcia estar ali. Certamente, se Pedro não tivesse assumido de cara a direção da montadora, Garcia teria avaliado melhor as situações. Teria visto que tudo não passava de um golpe que visava tira-lo do poder da filial brasileira. A empolgação de Pedro convenceu Garcia a fazer tudo de forma rápida, mesmo inconscientemente. Vincenzo e Rosângela apenas assistiam Pedro velar o amigo em silêncio. Não ousavam interrompê-lo. Então, depois de três minutos, Pedro dá um suspiro e diz aos dois companheiros:

- Podem me dar licença um minuto? Preciso ir ao banheiro!

- Esteja à vontade! – responde Rosângela, com um timbre de voz.

Tirando o jaleco e a touca de proteção, Pedro dirige-se novamente ao elevador, envolto em pensamentos. Ele não sabia de que maneira, mas estava certo de que teria que salvar a vida de Garcia. Mas não que ele pensasse somente em cumprir a ordem de Deus. Pedro tinha um carinho especial por aquele homem e apenas naquele momento se deu conta disso, como se deu conta de que, apesar de suas condições precárias e de todas aquelas situações, a vida parecia tomar um sentido novo, e ele se sentia uma nova criatura. De volta ao térreo, ele percorre o corredor à esquerda, seguindo as placas que indicavam a direção dos toaletes. Sim, desde que Rosângela o despertou horas atrás, ele não sabia o que era urinar. Mas aquilo não o incomodava. Na verdade, ele precisava mesmo era de um tempo sozinho para pensar nas próximas rotas que sua vida deveria tomar. Respirando fundo para tentar colocar as ideias em ordem, Pedro entra pela porta do banheiro. O ambiente estava agradável. Bem limpo, com os azulejos em um branco quase que impecável, e as portas sem nenhum rabisco. Havia papéis-toalha nos respectivos suportes e todas as pias tinham sabão para as mãos. Um lugar que com certeza não teria nenhum problema com a vigilância sanitária. Após fazer a sua necessidade, Pedro novamente tem uma sensação agradável de limpeza de mente e de alívio do coração. Toda a tensão dos momentos anteriores desaparecera aos poucos e o cheiro de um belo jardim com as flores mais perfumadas que se poderia existir invadira suas narinas. Seus pulmões respiravam o ar sem dificuldade nenhuma e todo o suor que estava em seu rosto e em suas mãos desapareceram por completo. Pedro sabia que todos aqueles sinais só

poderiam significar uma coisa: Deus estaria presente mais uma vez de forma direta em sua vida. O homem teria mais uma vez um encontro íntimo com o Criador. Então, sabendo disso, Pedro apressadamente lava suas mãos com muito cuidado e trata de se ajoelhar ali mesmo, no meio do banheiro. Como era de se esperar, ouvem-se passos leves ao redor do cômodo. Pedro já sabia distinguir que aqueles passos não eram de um homem comum. Seu forte senso de percepção já era capaz de identificar os passos do Dono do Universo. À medida que os passos se aproximavam, ele se prostrava mais em direção ao chão, até colocar seu rosto totalmente sobre o piso. Então, aquela criança de olhos azuis como piscina e cabelos loiros e cacheados apareceu na frente de Pedro mais uma vez.

- Levanta-te, Filho! – diz o Senhor, com uma voz serena e carinhosa.

Obedecendo ao Senhor, Pedro lentamente se levanta, com todo o cuidado e respeito. Demorou um pouco para conseguir encarar aquela criança, uma vez que agora ele sabia de quem se tratava.

- Senhor, meu Deus! Que bom encontrar o Senhor! Tantas coisas passam pela minha cabeça! Fantasmas do passado vieram me assombrar e eu não sei o que fazer!

Olhando para o homem com um belo sorriso que apenas uma criança poderia ter, o Senhor lhe responde:

- Não tenha medo dos fantasmas do passado! Lembre-se que Eu sou o Senhor do passado, do presente e do futuro! Tudo o que já te aconteceu faz parte de um grande propósito, de um grande plano! E é esse plano que estamos concretizando neste momento! Em verdade te digo que após concluir a tarefa que lhe designei, sua vida com certeza mudará.

Mas, meu Senhor! – exclama Pedro – Há tantas pessoas neste mundo pelas quais o Senhor poderia trabalhar! Pessoas justas, bondosas, humildes, fortes! Por que o Senhor escolheu logo a mim para esta tarefa? Como pode ter tanta certeza de que não irei decepcioná-Lo?

Deus, ouvindo essa pergunta de Seu escolhido, aproxima-se dele e, apesar da diferença de tamanho, consegue colocar Suas mãos nos ombros de Pedro e responder-lhe:

- Há muito tempo atrás, Eu já disse: “Eu escolho as coisas insanas para confundir as sábias!” Ao contrário do que pensa, você é o tipo de pessoa perfeita para Eu poder fazer uma obra de restauração!

- Mas por que, Senhor? – Pedro pergunta:

- Pense bem! Desde sua infância, você sempre achou que todas as coisas giravam em torno de você, e que nada poderia acontecer se você não estivesse presente! Muitos de vocês são assim! É por isso que gosto de trabalhar com corações como os seus! São duros, egoístas e ríspidos, mas depois que se quebrantam, se tornam suaves como a menor das brisas! E com a sua capacidade de liderança e seu senso de percepção, Meu trabalho com você tende a dar muito certo! Veja o que está fazendo com aquele que quase jogou a vida fora! Aquele médico já está se familiarizando novamente com sua profissão, e pode ter certeza de que isso é apenas o começo de tudo!

Pedro entendeu que Deus estava falando de Charles Vincenzo. Mesmo assim, ele ainda ousa perguntar:

- Mas, meu Senhor! Eu não entendo nada de medicina, tampouco sei sobre o que esse homem pensa agora! De que maneira posso salvar a vida dele?

O Senhor cruza os braços em um agradável sorriso e lhe responde:

- Ora, eu já lhe dei pistas até demais! Isso não terá graça nenhuma se eu te disser todos os procedimentos! Vai por Mim, você saberá o que fazer!

## CAPÍTULO 17

Charles Vincenzo não aguentava mais esperar. Pedro havia saído há quase meia hora e ainda não havia voltado. Otávio Garcia permanecia entubado naquela cama da U.T.I. Vincenzo estava preocupado, pois além de sofrer um derrame cerebral, foi possível se perceber um coágulo em seu cérebro. E não havia sinal algum de cirurgia. Todos os enfermeiros mantinham sua posição naturalmente, sem maiores preocupações. Apenas vinham, conferiam os monitores de batimentos cardíacos e voltavam ao seu balcão de origem. Não havia correria, nem sequer uma solicitação de encaminhamento para operação. O fato é que ninguém, a não ser Vincenzo, percebeu o coágulo no cérebro de Garcia. E ele sabia que um coágulo deve ser removido o mais rápido possível. Sendo assim, ele não perdeu tempo e dirigiu-se a enfermeira-chefe. A mulher, que aparentava ter de quarenta e cinco a cinquenta anos, mal olhou para Vincenzo quando este falava:

- Bom dia, Enfermeira! Me responda uma coisa: Vocês já solicitaram a internação daquele paciente, Otávio Garcia, para a sala de cirurgia?

- Ele não precisa de cirurgia! – responde a enfermeira, rispidamente – Sofreu um derrame, mas não foi forte. Provavelmente sairá sem sequelas alguma!

Vincenzo não se conformou. Ele não conseguiu fazer com que aquela mulher parasse de ler aquela revista de fofoca e lhe prestasse a devida atenção. Então, ele teve que insistir:

- Como não precisa de cirurgia? Há um coágulo no cérebro daquele homem! A situação dele está ficando mais grave a cada minuto! Não percebem isso?

A enfermeira-chefe solta a revista de fofoca sobre o balcão, visivelmente sem paciência:

- Olhe aqui, senhor! Já fizemos exames neste homem! Não há nenhum coágulo no cérebro dele! A sala de internação é apenas para os pacientes que PRECISEM de uma cirurgia. E se quer saber, o quadro do Senhor Otávio está melhorando e, se continuar assim, poderá ir para o quarto amanhã de manhã.

Tentando manter o controle, Vincenzo olha ao redor da U.T.I. e se volta para a enfermeira-chefe, apoiando suas mãos sobre o balcão:

- Por favor, Enfermeira! Eu vi o coágulo no cérebro daquele homem! Tenho experiência o suficiente para dizer que esses seus exames podem estar errados! Ele vai morrer e vai ser por culpa de vocês!

A enfermeira-chefe tirou os seus óculos e fulminou Vincenzo com o olhar, dizendo, já em alta voz:

- Quem o senhor pensa que é pra se dirigir á mim desta maneira? Eu já te disse que fizemos todos os exames! O AVC do Senhor Otávio foi mínimo e não há nenhum coágulo no cérebro dele! A única anomalia por aqui deve estar nessa sua cabeça!

Vincenzo avermelhou o seu rosto e gotas de suor começaram a brotar de sua testa:

- Minha senhora! Não faz ideia de com quem está falando!

- O senhor é quem não sabe com quem está falando! É melhor descer e ir embora antes que eu chame a segurança!

Neste momento, aproxima-se daquela discussão uma mulher alta, aproximadamente um metro e oitenta, um corpo magro, de acordo com sua estatura, cabelos longos e loiros, apesar de estarem presos em um coque. Seus olhos cor-de-mel fitavam aquela discussão entre aquele homem desconhecido e a chefe das enfermeiras. Era inadmissível. Vidas corriam risco ali naquela sala. Aqueles dois deveriam acertar suas diferenças uma outra hora, e era exatamente isso que a subgerente do hospital, a Doutora Juliana Conceição veio dizer àqueles dois. O seu grande jaleco branco aguçava sua autoridade e o seu respeito entre os médicos e os enfermeiros. Com passos longos e decididos, Doutora Juliana se aproxima da bancada dos enfermeiros e diz:

- Por favor, podem fazer silêncio? Esqueceram-se de onde estão? Principalmente você, Enfermeira Marta!

- Desculpe, Doutora, mas esse homem está causando um tumulto enorme por aqui! – responde Marta, colocando de volta seus óculos.

A Doutora Juliana agora se dirige a Vincenzo:

- E eu posso saber o motivo do tumulto?

Vincenzo nada lhe respondeu. Não por arrogância, mas ele fitou os olhos naquela mulher e a olhou por um tempo. Ele olhava seus olhos cor-de-mel, sua expressão de autoridade e sua estatura. Doutora Juliana, incomodada com isso, lhe pergunta novamente:

- Senhor, eu posso saber o motivo desse tumulto?

Após ouvir aquele tom de voz, analisar aquela mulher da cabeça aos pés, olhar sua fisionomia, e a especialidade em seu crachá, Vincenzo diz, admirado:

- Ju...Ju... Juliana? É você?

- Nós nos conhecemos? – pergunta a doutora.

- Você conseguiu! Realizou seu sonho! Você é uma das líderes deste hospital tão respeitado! Como estou orgulhoso!

A mulher, ainda estranhando o espanto de Vincenzo, insiste:

- Como assim? Não está me confundindo com alguém?

Depois de muito tempo sem conseguir dar um sorriso de felicidade, Vincenzo se alegra uma vez mais e diz a mulher:

- Juliana Conceição! Sim, é você mesma! A mesma fisionomia séria de comprometimento, a mesma postura firme e ereta de uma profissional que se dedica aos pacientes e aos colegas de trabalho, assim como se dedicava aos colegas de aula!

Juliana levou um choque. “Colegas de aula”. Ela ouvia essa expressão muitas vezes em sua juventude, nos tempos de faculdade. Por dois anos, ela aprendeu sobre o valor e a importância do cérebro humano, da sensibilidade do nosso sistema neural e sobre os cuidados que as pessoas devem ter com o membro do corpo que as faz pensar. Sofreu muito, se dedicou, realizou inúmeras atividades em grupo, seminários, deixou de dormir várias noites seguidas, na esperança de obter boas menções para assim se tornar uma profissional com diferencial. E foi exatamente isso que aconteceu. Foram quatro semestres sofridos, mas que valeram a pena. Todas as aulas eram fantásticas. E seu professor era excepcional. Um neurocirurgião de renome. Um dos mais respeitados em seu ramo. O Professor Charles Vincenzo era rigoroso com seus alunos, era categórico, gostava de impulsionar a vontade de aprender dos seus pupilos. Aplicava diversas tarefas que obrigava os alunos a usarem o raciocínio. Claro, uma aula de neurologia devia basear-se principalmente no uso do cérebro em sua máxima potência. E era isso que Vincenzo desejava e conseguia ver. A cada dia, seus alunos se tornavam mais inteligentes, mais criativos, mais aplicados. Resolviam problemas facilmente, trabalhavam em grupo com facilidade, eram exímios. E de todos os seus alunos brilhantes, uma em especial o encantava. Não por sua beleza, tampouco por seus olhos cor-de-

mel, mas sim pelo seu desejo de trabalhar salvando vidas, e salvando com honra e dedicação. A jovem Juliana Conceição ficava o tempo inteiro lendo e relendo as imensas apostilas que Vincenzo mesmo escreveu, enquanto o restante dos alunos se divertia na hora do intervalo. E quando não ficava dentro da sala de aula, lá estava ela nos bancos do pátio do campus, estudando e fazendo anotações. E todo esse esforço só podia ter um resultado: Juliana sempre recebia nota máxima em todas as provas, avaliações, trabalhos em grupo. Vincenzo tinha certeza de que aquela garota poderia ser uma profissional de renome. Mas na verdade, ele não imaginou que ela poderia se tornar subgerente de um hospital tão grande. Além disso, trabalhar em um hospital como aquele era o sonho de qualquer aspirante a neurocirurgião. Ver sua aluna ali, com toda aquela postura, toda aquela autoridade e ocupando a posição que ocupava, era um motivo de extremo orgulho e alegria para Vincenzo.

Por outro lado, Juliana olhou com mais atenção para o mentor, que ela jurava estar morto, pois a única notícia que havia tido sobre ele era que, simplesmente desapareceu e ouviu boatos sobre sua tentativa de suicídio, no auge de sua depressão. Desde então, não soube mais de fato algum. Não havia dúvidas, ela não estava sonhando. Charles Vincenzo estava ali, na sua frente, e a reconheceu. Sem saber direito como reagir, ela diz:

- P...Professor? É o senhor?

- Sim, minha querida! É muito bom te ver depois de tudo!

- Mas... O que aconteceu com o senhor? Por que desapareceu assim?

Baixando a cabeça por um instante e levantando novamente, Vincenzo responde: - Eu cometi um erro no passado! Mas o pior não foi ter cometido o erro, e sim fugir dele! Desacreditei de mim mesmo, não me interessei mais em salvar vidas! Eu não conseguia nem ao menos salvar a minha! E eu estaria no fundo do abismo até hoje, se não fosse...

Vincenzo fez uma pausa. Curiosa, Juliana lhe pergunta:

- Professor... Se não fosse o que?

Levantando os olhos, e olhando para sua aluna, Vincenzo responde:

- Hoje foi um dia incrivelmente diferente! – ele dá uma leve gargalhada – Conheci um rapaz cheio de mistérios! Não sei direito o que aconteceu com ele, mas a verdade é que ele estava nas mesmas condições que eu! Mas, diferente de mim, ele quis, com todas as suas forças, voltar do abismo! Ele estava muito motivado e, apesar de estar em farrapos, sem nenhum dinheiro

no bolso e sem identidade, foi capaz de me devolver à vida. Há muito tempo eu não sentia uma liderança, uma força que fosse capaz de me mover. E esse garoto, que está lá embaixo e logo estará aqui é o responsável por eu estar aqui novamente, em um ambiente que praticamente eu havia esquecido. E o mais engraçado é que eu já tenho um paciente em minhas mãos!

Olhando ao redor pela segunda vez, Juliana lhe pergunta, intrigada:

- Paciente? De quem se trata, Professor? Alguém aqui da U.T.I.?
- Sim, é aquele homem do primeiro leito! Eu estava explicando para a enfermeira-chefe que ele tem um coágulo em seu cérebro, e ao que parece, ninguém ainda o percebeu!

Imediatamente se posicionando frente àquela afirmação, Marta, a enfermeira-chefe, diz:

- Doutora Juliana, nós fizemos todos os exames necessários naquele paciente! Não há nenhum coágulo em seu cérebro, eu posso assegurar!

Olhando para Vincenzo, Juliana lhe pergunta:

- Professor, com todo o respeito, mas tem mesmo certeza do que está falando?

Vincenzo respira fundo. Mas de repente ele tem um flash, uma ideia, uma solução aparece em sua mente. Então, ele olha nos olhos de Juliana e diz:

- Juliana, venha comigo! – Vincenzo olha também para a enfermeira-chefe – E você, Marta, venha também!

Marta estava convencida de que o homem com quem discutira há pouco não era um velho insano, como ela havia pensado. Uma pessoa que a enfermeira-chefe reverencia, que tem aquele respeito, e o chama de Professor não era uma pessoa qualquer. Então ela resolve acompanhá-lo.

Vincenzo se incomodou por um instante. Rosângela, aquela senhora misteriosa, não estava mais lá. Por um momento, ela estava em pé, ao lado do leito de Garcia, calada, como se estivesse o velando e no momento seguinte havia simplesmente desaparecido. Talvez também tivesse ido ao banheiro. Deixando de lado todas aquelas dúvidas, o médico voltou a se concentrar no leito de Garcia. Depois de contemplar o homem mais uma vez, ele se volta para Juliana e diz:

- Minha querida, você se lembra de quando ensinei a vocês uma técnica simples de identificação de um coágulo ou de um tumor?

- Claro! Faz muito tempo, mas como irei esquecer?

- Ainda se lembra de como se faz?

Com um grande sorriso de nostalgia e de boas lembranças, Juliana responde:

- De cada detalhe, Professor!

- Muito bem, então comece o exame!

Marta olha tudo aquilo com espanto. O exame seria ali? Sem nenhuma máquina? Sem radiografia? Sem técnicas padronizadas? Aqueles exames que ela tinha em suas mãos não valiam nada? E o mais incrível era ver que Juliana, uma pessoa que era séria, razoável, que prezava pela tecnologia e sempre requeria equipamentos de última geração para aquele hospital, aceitara fazer um exame manual, de aparência primitiva. E era verdade. A Doutora Juliana olhou fixamente para aquele homem entubado, tirou suas luvas cirúrgicas do bolso do jaleco, e apoiou sua mão esquerda sobre a cabeça de Garcia. Segundos depois, os seus dedos passearam sobre o crânio do homem, como se ela estivesse fazendo de conta que sua mão era uma aranha. Os sentidos de cada dedo de sua mão representavam um quadro clínico. Ela estava concentradíssima. Não ouvia mais nada ao seu redor, seus tímpanos tamparam-se. Ela repetia o movimento diversas vezes, lentamente, e mantinha seu olhar em nada. Apenas concentrava-se no seu tato.

Foi então que, em um momento, Juliana interrompeu a trajetória de sua mão e concentrou-a em apenas um ponto. Então, neste ponto, seu dedo indicador pressionava com muito cuidado, como se estivesse localizado alguma coisa. Então, de repente, o alarde. Em um raptó de euforia e tensão, Juliana dirige-se à Marta e ordena:

- Marta! Reserve a sala de cirurgia, agora!

O coração de Marta acelerou. Ela ficou paralisada, sem saber o que fazer. Então, Juliana mostrou que não estava brincando:

- MARTA! AGORA!

Em menos de dez segundos, aquela unidade de terapia, antes calma e pacífica, transformou-se em um pandemônio de correria, pressa e agonia. Ninguém entendia ao certo o que estava acontecendo, mas a ordem de

reservar a sala de cirurgia foi bem clara. Marta corria de um lado para outro, esbravejando com todas as enfermeiras, as portas se abriam e fechavam em um ritmo frenético. Duas enfermeiras pegaram o leito de Garcia, cada uma em um lado da cama e em segundos, Otávio Garcia estava sendo preparado para uma delicada cirurgia. Respirando com mais alívio, Juliana dirige-se á Vincenzo e pergunta:

- Professor Charles! Agora eu me lembro que fizemos e até refizemos todos os exames nesse paciente para tentar detectar alguma anomalia decorrente do derrame. Mas nenhum deles acusou coágulo. Por que será que isso aconteceu?

- Pode ser um coágulo avançado, que os exames convencionais não puderam detectar! Era preciso ser feito um exame mais detalhado! Mas a culpa não é de nenhum de vocês. Apenas receberam o paciente desacordado. Sem movimentos. Todos aqui, com exceção da enfermeira-chefe são novos profissionais, recém-formados. Um erro comum de se cometer!

- Eu sinto muito, Professor! – lamenta Juliana – Eu devia estar mais atenta à U.T.I!

- Não é o momento para se desculpar! Felizmente, o coágulo apesar de avançadíssimo, ainda não é irreversível. Ao que tudo indica, o derrame foi leve e ele irá escapar sem carregar sequelas. Mas para que isso aconteça, aquele coágulo deve ser retirado o mais rápido possível!

Juliana volta a apresentar euforia:

- Claro, agora mesmo! Vou convocar o neurocirurgião de plantão para subir...

Vincenzo apoia sua mão direita no ombro da aluna e diz, em tom de ordem:

- É uma cirurgia delicadíssima! Sabe disso, não sabe?

Compreendendo o que aquele tom de voz queria dizer, Juliana responde:

- S...Sim, eu sei! Por isso irei chamar um dos melhores neurocirurgiões aqui do hospital!

Ainda com a mão no ombro da mulher, Vincenzo insiste:

- Essa cirurgia deve ser feita por alguém que conheça profundamente todas as propriedades cerebrais! Alguém que ame o que faz! Seus médicos são fantásticos, mas não foram capazes de detectar esse coágulo tão sensível.

Sendo assim, eles não podem tratar desse homem! É arriscado, e acredite em mim quando digo que quero muito que ele seja salvo! Devo isso ao rapaz que salvou minha vida!

Olhando fixamente para Vincenzo, Juliana acena positivamente a cabeça, em sinal de obediência, e responde, com a voz um pouco tensa:

- Claro, Professor! Eu mesma irei realizar a cirurgia do Senhor Garcia! Farei isso pelo senhor e pelo rapaz que o senhor tanto preza! Mal posso esperar para conhecê-lo! Tenho muito a agradecer!

- Ótimo, então se apresse! – exclama Vincenzo! – Não irei sair daqui enquanto essa cirurgia não terminar!

- Na verdade, eu queria que o senhor estivesse lá comigo! – diz Juliana – É um paciente especial para o senhor. Acho que seria bom que esteja por dentro de todos os detalhes da operação!

- Bom, seria muito bom, mas não sei se me permitiriam ficar lá dentro!

Juliana dá um sorriso para o professor:

- Se esqueceu de que eu sou a subgerente do hospital? Se eu quiser o senhor lá dentro comigo, é lá que o senhor vai estar!

Vincenzo teve de respirar fundo. Há anos ele não entrava em uma sala de cirurgia. Não tinha boas lembranças da última vez que adentrou em um ambiente como aquele. Mas a sua pupila precisava de seu apoio naquele momento. Estava visivelmente apreensiva e ansiosa. Sabia da gravidade da situação. Então, percebendo aquele sentimento, o médico seguiu na frente, para dar um pouco mais de segurança para Juliana. Durante o trajeto da U.T.I até a sala de cirurgia, alguns médicos com mais experiência pareciam ter reconhecido Vincenzo. O olhavam com espanto, alguns levavam a mão a boca, como se custassem a acreditar que depois de tantos anos, aquele neurocirurgião brilhante estaria de volta às salas de cirurgia. E isso não era tudo: Ainda estava em companhia da Doutora Juliana Conceição, uma das mais influentes neurocirurgiãs que aquele hospital já abrigara. O pensamento de todos os médicos e enfermeiras que acompanharam toda a movimentação era apenas um em comum: “Aquele paciente deve ser extremamente importante, para que dois fenômenos da neurologia o operassem juntos!” Ao mesmo tempo que corriam de um lado para outro, todos os médicos e enfermeiros admiravam-se com aquelas duas pessoas. Todos ali sabiam quem era Juliana Conceição e conheciam ou ouviram falar de seu mentor. Aquele homem, com uma aparência estranha, afeição

de sofrimento e causando tumulto em plena U.T.I era um dos mais respeitados neurologistas de todo o Brasil.

## CAPÍTULO 18

Pedro Alcântara ainda estava na presença do Senhor. Após conversarem durante um tempo sobre diversas passagens da vida de Pedro, o Senhor Deus diz a ele:

- Todos vocês, criaturas da Terra, são completamente inseguros no que diz respeito à Minha proteção e o meu zelo por vocês! Sempre se perguntam se vão voltar pra casa com vida, se não é perigoso sair á noite ou viajar sozinho. Em verdade Eu te digo, Pedro, que se confiar totalmente em Mim e entregar sinceramente sua vida em Minhas mãos, nenhum inimigo tocará em um só fio de cabelo teu!

- Sei bem disso, meu Senhor! Mas esse mundo está tão hostil e violento que sentir medo se tornou tão comum quanto sentir o ar que respiramos!

Ouvindo essas palavras, o Senhor estende a mão para Pedro e diz:

- Segure minha mão e venha comigo!

Intrigado, Pedro Lhe pergunta:

- E pra onde me levaria, meu Senhor?

- Não faça perguntas! Apenas venha comigo!

Então, indo lentamente ao encontro de Deus, Pedro estende sua mão, agarrando a mão divina do Mestre.

- Feche os teus olhos! – ordena o Senhor.

Não havia dúvidas de que agora Pedro estava totalmente confiante em Deus e que, não importaria o que acontecesse, ele sabia que estaria seguro. Em questão de dois segundos, ele abre os olhos e vê que não estava mais no banheiro do hospital e sim em uma movimentada avenida da Cidade Grande. Deus ainda permanece visível em sua presença e convida Pedro para segui-lo. À medida que vão caminhando, vão contemplando muitas pessoas naquele corre-corre rotineiro que Pedro conhecia bem. Executivos engravatados iam e voltavam por todos os lados. Uma horda de carros e motos atravessava a cidade sem parar e o barulho ensurdecedor não parava um minuto. Tudo aquilo seria totalmente familiar para Pedro, exceto por um detalhe: Além de todas as pessoas vestidas socialmente, além dos office-boys travando sua jornada, seja em suas motos, seja em suas bicicletas, algumas babás levando os carrinhos de bebês, além de tudo isso

havia uma outra população naquele ambiente. Não era preciso analisar piamente para se perceber que aquele grupo de pessoas era totalmente incomum na rotina de São Paulo, mas apesar disso, tudo seguia normalmente como sempre. Se tratavam de dezenas de pessoas, vestidas com algo que pareciam sobretudos brancos, que exalavam um brilho colossal. Era um branco idêntico ao branco do sapato que o menino que Deus havia tomado forma calçava em seus pés. Um branco imaculado, mesmo andando tanto, mesmo passando por todos os tipos de ambientes. O mesmo branco que encantara Pedro desde seu primeiro encontro com o Criador. Essas pessoas caminhavam lentamente, a despeito de todas aquelas pessoas que apressavam o passo para chegar a seus compromissos. Todas aquelas pessoas tinham uma postura reta, autoritária, mas ao mesmo tempo, tinham a expressão misericordiosa e condolente. Era realmente um exército, que parecia escoltar todas aquelas pessoas, uma por uma. Pedro olhava aquilo espantado e maravilhado. Era uma visão fantástica. Estavam por todos os lugares, estavam também sentados dentro de cada carro que passava. Foi então que Deus, aproximando-se do homem, coloca o braço direito em volta de sua cintura, abraçando-o e diz:

- Está vendo essas pessoas, meu filho? É um pequeno grupo da Minha Grande Família nos céus. Desde a fundação desta Terra, tenho enviado esses anjos para proteger cada criatura das mãos de Satanás e de seus demônios! Esses meus anjos não descansam, não dormem, e não desviam nem por um minuto sua atenção aos meus filhos, assim como Eu! – Deus então aponta para o outro lado – Veja aquilo!

Virando então para o lado oposto, Pedro contempla outra multidão: Se tratavam de pessoas com o olhar enfurecido, os rostos agoniados, suas peles tostadas por todas as partes. Apresentavam inúmeros sinais de tortura em seus corpos. Seus rostos eram flagelados, alguns estavam com os dois olhos feridos, outros estavam com a boca deformada, sem condições de pronunciar palavra alguma. Uma parte desses seres aterrorizantes estava com braços mutilados, pernas quebradas, e uma coisa todos tinham em comum: Eles corriam desesperadamente na direção das pessoas da Terra e eram impedidos pelos anjos. Nenhum daqueles demônios ousava aproximar-se demais de um anjo, quanto mais de qualquer um dos mortais, pois uma vez posicionado á certa distância, eram imediatamente colocados com o rosto por terra. Não suportavam olhar o brilho que aqueles anjos exalavam todo o tempo. Quando um dos anjos caminhava na direção de um grupo de demônios, estes por sua vez corriam amedrontados, procurando um alvo mais fácil. Pedro assistia aquela batalha e notava que nenhum dos

cidadãos percebia o que estava acontecendo. E Deus, vendo o espanto de Pedro por aquela cena, o orienta, dizendo:

- Filho, todos esses demônios que você está vendo tem a eterna missão de roubar as almas de todas as pessoas da Terra. Alguns desses seres rastejantes têm o poder de entrar na mente das pessoas, outros têm o poder de causar pequenos acidentes e outros mais fortes tem o poder de matar. Todos esses demônios são subordinados de Satanás e como você pode ver, são torturados por ele toda vez que falham nessas missões. Mas o próprio diabo sabe que nem ele, e nenhum membro de seu exército tem poder algum sobre essas pessoas, enquanto Eu estiver com elas. Meu filho Jesus isentou Satanás de todo o poder sobre essa Terra ao morrer na cruz e vencer a morte.

- Perdoe minha ousadia em perguntar, Senhor, mas... Por que então as pessoas ainda perecem na violência e na maldade?

- Tudo acontece exclusivamente por Minha vontade. Cada pessoa que aqui está é traçada por um plano, cada uma delas. Lembre-se que sou o Deus da vida e da morte. Mas se quer saber o porquê de tantas tragédias, você deve analisar o significado do livre arbítrio. Desde o início de todas as coisas, Eu dei ao ser humano a liberdade de tomar decisões, sejam elas boas ou ruins. Mas sempre ressaltei que cada escolha terá uma consequência. Aquele que observa os Meus mandamentos e os põe em prática, é completamente cercado por esse Meu exército de anjos e de maneira alguma, Eu permitirei que o exército do Inferno toque em um fio de cabelo sequer dessa pessoa. Mas aquele que Me despreza, despreza o Meu Filho e os Meus mandamentos, este cairá nas mãos dos anjos das trevas e sucumbirá por sua própria maldade.

Pedro continua observando, espantado, aquela grande batalha que parecia interminável. Então, o Senhor mais uma vez o pega pela mão e os dois são transladados para outro ambiente da Terra. Desta vez, eles estão em uma casa em chamas. Houve um vazamento de gás naquela casa e em seguida, uma grande explosão. Aquele lugar estava envolto em um calor que roubava o oxigênio. Bolas de fogo subiam janela afora e do lado de fora, um grande número de pessoas assistiam aflitos à aquela situação. Pela expressão de angústia de alguns ali, era possível perceber que ainda havia alguém naquela casa além dos dois. De repente, são ouvidas algumas vozes:

- Vamos, ela está no cômodo de cima! Rápido, não temos tempo!

Juntamente com as vozes, passos corridos são ouvidos. Alguém estava se aproximando. O som dos passos aumentava de baixo para cima, dando a entender que havia uma escada há poucos metros dali. Então, segundos depois, começam a aparecer uns homens vestidos com um uniforme característico. Grandes jaquetas antichamas, capacetes anti-impacto, alguns equipamentos e máscaras de gás. Estavam apressados, tensos e evidentemente com um objetivo. Eles passam pelo Senhor e por Pedro aparentemente sem perceberem que estão ali. Foi então que Pedro percebeu que Deus apenas estava apresentando algumas situações, a fim de lhe passar alguma mensagem. Nada do que Pedro pensasse em fazer iria interferir na situação. Os bombeiros começam a procurar por alguém. Eles reviram o cômodo, afastam os móveis em chamas, tropeçam em escombros ainda envoltos pelo fogo. Alguns caem, devido à dificuldade de se andar naquele lugar, e logo são socorridos por algum companheiro. A pessoa que eles procuram não está ali. Imediatamente, o pelotão avança para o cômodo ao lado. Deus faz um sinal pedindo para que Pedro o acompanhe. Então, chegando a outra parte da casa, eles se deparam com um momento decisivo: No extremo canto direito do quarto, uma menina de nove anos estava agachada, encolhida, cercada por um círculo de fogo. Os bombeiros temem avançar, pois o teto está prestes a desabar com a pressão do calor. O líder do pelotão encoraja os homens:

- Temos tempo! Isso não vai ceder agora! Se demorarmos mais, essa garota irá morrer! Mesmo que se salve, ela irá morrer asfixiada!

Os homens relutam muito. Também temem por suas vidas. O medo é que aquele teto desabe de repente, matando a todos. Então, o Senhor se dirige a Pedro e diz:

- Veja aquilo! Homens que trabalham com a coragem e com honra estão entregues ao medo! Lembre-se que eles são humanos falhos como você, como todos os seres da Terra. E é aí que início o meu trabalho.

Pedro apenas observa o Senhor, esperando Sua resposta. Então, ele vê o Senhor se afastar dele em direção ao pelotão. Ele andava devagar, entre as chamas. O fogo O obedecia e Ele andava por entre aquele inferno até chegar bem próximo ao comandante. Então, chegando mais próximo ainda, ele diz ao seu ouvido:

- Não temas! Bem sei da força de vontade que tens em salvar esta criança! Preocupa-te apenas em liderar teu grupo, tomar a criança em teu colo e escapar daqui! Eu cuidarei do resto!

O comandante não podia interagir com o Senhor da mesma forma que Pedro. Ele não o via, mas podia sentir o Espírito Santo falar diretamente em seu coração. Em poucos instantes, o medo e a ansiedade foram se afastando daquele comandante, dando lugar ao sentimento de paz, vigor e vontade de cumprir seu dever. Foi então que, virando-se para os seus homens, o comandante ordena:

- Pelotão! É agora ou nunca! Esqueçam aquele teto! Essa criança vai morrer na nossa frente se não fizermos nada! Não precisam se preocupar, eu irei à frente e vocês me dão contenção! Não se esqueçam de que Deus está conosco e não temos nada a temer!

Nesse momento, todos aqueles homens se encheram então de coragem e avançaram rumo à garotinha presa pelo círculo de fogo. Eles encaravam as gotas de lava que caíam do teto e mantinham o seu foco à frente, sob a liderança do comandante. Foi então que Pedro presencia um outro grupo de pessoas adentrar àquele quarto. Trajavam as mesmas vestes brancas reluzentes, apresentavam a mesma autoridade e traziam a mesma paz com a sua presença. Seus passos eram calmos, como os do Senhor. Eles acompanhavam os bombeiros de perto, ficavam ao redor de cada um deles. Enquanto isso, outro grupo de lamentadores espreitava e corria na direção dos bombeiros, enquanto outros demônios estavam no teto, tentando derrubá-lo de vez. Mas são surpreendidos pelos anjos, que os derrubam e os fazem desaparecer por entre as chamas. O Exército de Deus escoltava aqueles bombeiros, impedindo que as chamas o atingissem e que os demônios os tocassem. Todos os lamentadores gemiam de pavor à medida que os anjos se aproximavam. Foi então que o comandante dos bombeiros chega até a menina, a toma em seu colo, a envolve em um cobertor que eles haviam trazido e correm para fora, ainda acompanhados pelos anjos de Deus. O resgate foi um sucesso. Então, Deus diz a Pedro:

- Assim como estou presente nas vidas daquelas pessoas da cidade que vimos há pouco, estamos também nas vidas desses homens valentes, que todos os dias renunciam a sua vida em favor dos outros. Meu Exército os acompanha por toda a parte e guardam suas vidas e as vidas que eles salvam. Quando quero tomar uma vida pra mim, nada pode mudar isso! Faz parte de um plano único. Um projeto! Consegue Me entender?

- Perfeitamente, Meu Senhor! – responde Pedro, maravilhado.

- Agora precisamos ir! – diz o Senhor – Tem mais um lugar que quero mostrar a você!

Então, sendo transladado mais uma vez, Pedro agora se encontra em uma sala toda branca, com uma luz fortíssima. O ambiente não era comum á Pedro. Atrás de si estava uma grande parede branca. Ele estava exatamente na intersecção de duas paredes. Mais à frente ele podia ver o centro da sala. Lá estavam algumas pessoas de branco, mas desta vez não eram anjos. Vestiam toucas e luvas verdes. Pareciam vestir máscaras também. Eram cerca de cinco pessoas, não dava pra ver muito bem o que estava acontecendo. Porém, em um momento, a pessoa do meio se afastou um pouco para a direita e com isso, Pedro conseguiu ver o que estava no centro daquele grupo. Havia uma cama e uma pessoa deitada nela. Não restavam dúvidas. Pedro estava presenciando uma cirurgia. O clima era de tensão entre os médicos. Era uma operação de urgência e de risco. Olhando ao redor da sala, ele consegue ver mais lamentadores. Seres horripilantes andavam em direção a maca de cirurgia, posicionados como se quisessem se apoderar da pessoa ali deitada. Eram cerca de dez ou quinze demônios, que se materializaram em questão de segundos. Pareciam sedentos de sangue, gargalhavam descontroladamente e salivavam de desejo por aquele moribundo que estava sendo operado. Mas antes que dessem mais um passo em direção ao paciente, eis que anjos vestidos com aquele branco reluzente, quase que simultaneamente, pegam os demônios pela parte de trás do pescoço e os jogam violentamente contra a parede. Um a um. Espadas flamejantes brotavam de seus punhos e com elas, os anjos derrotavam aqueles lamentadores. Conforme mais demônios iam surgindo, aquelas espadas se movimentavam deixando uma luz ofuscantíssima, o que fazia Pedro maravilhar-se. Os demônios caíam um a um e davam gritos de horror, mas as pessoas ali dentro não ouviam coisa alguma. E então, uma vez que os lamentadores desapareceram completamente daquela sala, os anjos ficavam ali ao redor de todos aqueles médicos e enfermeiros, os protegendo com toda aquela luz. E naquele movimentar de pessoas, Pedro pôde reconhecer, mesmo vestindo uma touca e uma máscara, uma pessoa conhecida. Seu forte senso de percepção acusa que aquele homem, de olhos enrugados, postura meio acorncundada e rápidos movimentos era Charles Vincenzo, o neurocirurgião que, há meio dia, era um morador de rua, procurando alimentos nas latas de lixo, vestindo roupas que mais pareciam lonas velhas. Parecia loucura, mas ele estava ali, na condição de médico. Pedro perguntava a si mesmo se Deus o havia transportando pelo tempo ou coisa parecida. Foi então que repentinamente, aparece a criança de cabelos loiros cacheados e olhos azuis, bem ao seu lado. Porém, ela agora trajava uma roupa diferente de todas as ocasiões anteriores. Um grande manto branco o envolvia do pescoço até os pés e, além disso, o menino vestia um

cinturão dourado. E era de um ouro tão brilhante e puro como Pedro nunca havia visto, nem mesmo em filmes de ficção. Deus estava não mais na missão de convencer Pedro de sua tarefa. O homem, sem perceber, havia cumprido parte das ordens do Senhor. Foi então que Ele disse:

- Ao contrário do que está pensando, não levei você ao passado. O que está acontecendo aqui faz parte do presente momento. Aquele homem que você conheceu horas atrás teve o desejo de jogar sua vida fora. Por causa de um erro que ele sabe que não cometeu, se lançou à depressão e aos domínios de Satanás. Se quer saber, hoje mesmo, se Eu não tivesse colocado você na vida desse homem, ele tentaria o suicídio mais uma vez e conseguiria. E então, ele não poderia ter chance de salvação.

Com uma expressão de lamento, Pedro diz ao Senhor:

- Mas ele não estaria naquela condição se eu não tivesse sido tão egoísta naquela ocasião, ainda na minha infância!

- Esqueça o passado, Filho! – responde o Senhor – Como eu já te disse, nada escapa aos Meus planos. Agora, preste atenção, vou te levar mais próximo daquele ambiente e você verá em que pé se encontra sua missão.

Então, o Senhor o pega pela mão e anda com ele pela sala de cirurgia. E à medida que vão andando, os anjos, um a um se ajoelham perante o Senhor e o louvam incessantemente, entoando canções a Ele. Eram canções como Pedro nunca havia ouvido. Vozes sinceras e cheias de alegria cantavam de forma que transmitissem uma enorme paz no mais íntimo do coração de qualquer pessoa que pudesse ouvir aquilo. Em todos os anos que Pedro passou na Igreja, nada se comparava àqueles hinos que ele ouvia naquele momento. Foi então que, aproximando-se da mesa de operação, Pedro pôde ver que a pessoa que estava ali deitada, não era de forma alguma um estranho. Otávio Garcia estava prestes a ter o coágulo de seu cérebro retirado e aquela jovem mulher era a médica responsável pela cirurgia. Ela estava completamente focada e dedicada naquele processo. Pedro sentia uma segurança e uma certa alegria por saber que seu amigo estava sob os melhores cuidados. Então o Senhor, aproximando-se disse:

- Entenda, Filho! Você salvou a vida de Charles Vincenzo, e este está para salvar a vida de Otávio Garcia. Vou te contar um segredo: Além de sobreviver a cirurgia, este homem vai se recuperar rapidamente e sem nenhuma sequela. E então, você também terá salvado a segunda vida.

Olhando alegremente para o Senhor e com lágrimas nos olhos, Pedro diz:

- Isso é maravilhoso, Senhor! Serei eternamente grato a Ti por isso! Mas receio que não poderei guardar esse segredo para sempre! Assim que tudo terminar, quero que todos saibam o que o Senhor fez por mim, se assim me permitir, é claro!

Então, Deus admira Pedro profundamente, o olha com ainda mais amor, acena positivamente com a cabeça e diz ao homem:

- Se for assim, quero que conte isso para o maior número de pessoas que conseguir!

- Com toda a certeza, meu Senhor! – responde Pedro, com reverência.

Em seguida, Deus caminha na direção do leito de Garcia e diz á Pedro:

- Em algumas horas, a cirurgia irá terminar com sucesso, como Eu te disse. E amanhã pela manhã, Otávio Garcia irá mandar te chamar para dizer algo crucial. Portanto, é bom que você esteja aqui. E se prepare! A partir de amanhã, sua missão alcançará a etapa final. E não temas, sempre estarei contigo!

Estou pronto pra fazer Sua vontade, meu Senhor, seja ela qual for! – responde Pedro.

- Isso é bom! – responde o Senhor! – Agora, precisamos ir! Meus anjos cuidarão para que tudo saia perfeito por aqui!

Então, pegando Pedro pela mão, o Senhor o conduz até onde eles iniciaram a trajetória. Em questão de segundos, Pedro estava novamente no banheiro do hospital, exatamente no mesmo ponto onde encontrara o Senhor. E o Altíssimo não estava mais ali de corpo presente. Mas isso não incomodava Pedro. Pelo contrário. Ele sentia muita paz. Não tinha mais nenhuma gota de suor em seu rosto e sua respiração era suave. Então, ele sai pela porta do banheiro e caminha lentamente pelo corredor até o hall de elevadores.

Algumas pessoas já estavam ali, aguardando. Um minuto e meio depois, o elevador chega e Pedro embarca, digitando o terceiro andar. Em meio aos seus pensamentos, ele se lembra de Rosângela, aquela mulher misteriosa que ajudara ele e Vincenzo a entrar naquele hospital. Se não fosse por ela, talvez Garcia, naquele momento, não estaria mais vivo, já que ninguém conseguiu diagnosticar o coágulo em seu cérebro a não ser Vincenzo. Pedro se convenceu de que devia muito àquela mulher. Mas já fazia um tempo que se ausentou e não foi mais vista. Aquela simpática senhora era puro mistério. Talvez o que Garcia havia de dizer no dia seguinte tivesse alguma relação com aquela mulher. Só o tempo diria.

Chegando a U.T.I, Pedro nota que Vincenzo não estava mais lá. Realmente ele estava na sala de cirurgia, retirando o coágulo de Garcia. Então, uma mulher toda de branco se aproxima dele, a passos rápidos. Pedro a olhava, perguntando-se do que poderia se tratar. Era Marta, a enfermeira-chefe, que havia discutido com Vincenzo, momentos atrás. Ela chega perto de Pedro, olha para ele e depois de tomar fôlego, pergunta:

- O senhor estava com o Doutor Vincenzo, não estava?

- Sim, eu estava! – responde Pedro.

- Em primeiro lugar, quero lhe pedir desculpas! Fui muito hostil com vocês agora há pouco! Eu não sabia que se tratava do Doutor Charles Vincenzo, um dos mais competentes neurocirurgiões de São Paulo! A Doutora Juliana sempre nos fala dele e de suas façanhas. Assim que descobrimos que era ele, não hesitamos em encaminhá-lo para a sala de cirurgia para tratar do Senhor Garcia. Como foi que você o encontrou?

Com um sorriso alegre no rosto, Pedro responde:

- Tudo isso, minha querida, foi obra de Deus! Não há nenhuma consequência nisso.

Retribuindo o sorriso, Marta responde:

- Tenho plena certeza disso! Não se preocupe, seu amigo está nas melhores mãos! Aguarde só um pouquinho na sala de espera. Qualquer novidade, avisarei o senhor imediatamente.

- Eu espero, muito obrigado! – responde Pedro, caminhando de volta para o elevador. A sala de espera ficava no primeiro andar.

## CAPÍTULO 19

A cirurgia estava tensa naquele momento. A situação era ainda mais grave do que Charles Vincenzo esperava. O coágulo no cérebro de Otávio Garcia era minúsculo e mortal. E como se isso não fosse suficiente, estava alojado exatamente no núcleo do seu cérebro. Qualquer movimento errado poderia ocasionar a morte cerebral daquele homem. A Doutora Juliana Conceição sabia muito bem disso. O problema é que ela nunca havia feito uma cirurgia de tamanho risco. Apesar disso, ela se mantinha firme, estava empenhada em salvar aquele homem. Cada vez que suas mãos tremiam, ela respirava fundo para aliviar a tensão. Uma vez dentro do cérebro, a mão daquela médica não poderia tremer nem por um milímetro sequer, e isso a deixava ainda mais ansiosa. O tempo passava. Aquele processo não podia demorar muito. Cada segundo de atraso poderia proporcionar a Garcia alguma sequela ou a sua morte. A equipe trabalhava intensamente para tornar o coágulo menos difícil de ser removido. Então, é chegada a hora. Aquele momento era o mais propício para a retirada daquele mal da cabeça de Garcia. Não havia mais tempo de Juliana pensar ou respirar. Aquele minuto era o mais crucial para determinar a vida ou a morte daquele homem. Apoderando-se do cateter, ela leva sua mão rumo à cabeça aberta de Garcia. O Doutor Vincenzo estava muito próximo. Seu apoio moral seria muito importante para aquele momento tão decisivo. Então, ele vê que sua aluna ainda não havia inserido o cateter no coágulo. E isso era ruim, pois cada segundo de atraso poderia ter uma consequência desagradável. Quando estava prestes a acelerar Juliana, Vincenzo enxerga uma lágrima correndo dos olhos da mulher. Ela estava em pânico. Travou. O medo tomou conta do seu coração, pois muito estava em jogo naquela hora. Ela lembrou-se da história de Vincenzo e temeu ter o mesmo destino. Não por ela. Mas seu medo era de desapontar seu mentor, temia matar um paciente na frente da pessoa que ensinou tudo que ela sabia. E Vincenzo percebeu isso. Foi então que, pegando na mão trêmula da médica, disse, em voz baixa e autoritária:

- Minha querida, não tenha medo! Essa é a sua vida, você nasceu para isso! Tudo que aconteceu hoje foi por obra de Deus. Tenho certeza, inclusive, que Ele escolheu você para salvar a vida deste homem aqui presente! Ninguém mais pode realizar essa operação a não ser você!

- Me desculpe, Professor! Estou muito nervosa! Qualquer movimento errado que eu fizer vai matar esse homem! E o pior é que não há mais tempo! Não consigo colocar esse cateter, estou muito tensa!

Vincenzo compadeceu-se de sua aluna. Realmente a situação era tensa e ela não estava totalmente pronta para aquilo. Mas ao mesmo tempo, ele queria que ela amadurecesse. Ela tinha que vencer aquele desafio de alguma forma. Foi então que, tendo uma ideia, ele diz á Juliana:

- Escute, minha querida! Esse homem precisa de você! Mas você não está sozinha. Vamos lá, pegue o cateter e acalme-se! Garanto que vamos conseguir!

Juliana, com as mãos ainda trêmulas, pega mais uma vez o cateter, mas naquele momento, a mão de seu mentor envolve a sua. Enquanto ela segurava o cateter, Vincenzo segurava sua mão e dizia:

- Nós dois iremos salvar o Senhor Garcia! Apenas deixe-me conduzi-la e preste atenção a todos os movimentos que farei junto com você! Agora relaxe sua mão!

Foi instantâneo. A mão leve de Vincenzo fazia Juliana ficar mais segura, sua mão parou de tremer e, aos poucos, ela foi se acalmando e enxergando a situação. Relaxando os movimentos de sua mão direita, ela foi-se deixando conduzir pelo professor. Era incrível como ele realizava os movimentos como se ele mesmo estivesse segurando o cateter. Todos os membros da equipe de Juliana ficaram abismados e àquela altura, apenas observavam aquele profissional realizar a cirurgia. Apesar de tanto tempo sem atividade, Vincenzo não perdeu nem um pouco a prática. Juliana observava com olhos atentos sua mão caminhar lentamente até a cabeça de Garcia, o cateter se posicionando exatamente na direção do núcleo do cérebro e, em uma incrível harmonia, o coágulo sendo furado com habilidade. Era um espaço minúsculo entre o cateter e a veia principal do cérebro. Vincenzo soube encontrar aquele ponto com uma facilidade admirável. E então, Juliana contempla o coágulo se desmanchar em sangue e aos poucos, correr normalmente pela região do crânio de Garcia. Em seguida, com a mesma suavidade, Vincenzo retira o cateter e a mão de Juliana do interior da cabeça do paciente, sem esbarrar em uma veia sequer. A cirurgia fora concluída e, pelo relógio de Juliana, no tempo correto. Todos olhavam admirados para Vincenzo e Juliana. A mulher respira fundo, solta um suspiro de alívio e uma lágrima de alegria escorre de seus olhos cor-de-mel. Apesar de ainda estar usando a máscara, pôde-se ver nos olhos de Charles Vincenzo um sincero e alegre sorriso. Um sorriso de orgulho. Em todos aqueles anos de exílio, era a primeira vez que ele voltava a exalar tanta alegria. Ele olha para a equipe de cirurgia e começa a gargalhar de alívio e felicidade. Ninguém consegue conter a emoção. Todos choram,

extremamente realizados pelo sucesso da cirurgia. Vincenzo olha fixamente para Juliana e lhe dá um abraço apertado e cheio de carinho. A mulher agora chora como criança e o restante da equipe aplaude aquela dupla fantástica.

Duas horas depois, a própria Juliana traz o diagnóstico para Vincenzo, que estava mais uma vez acompanhado por Pedro na sala de espera. Ela fez questão de ler que o Sr. Otávio Garcia estava totalmente fora de perigo, não iria permanecer com nenhuma sequela e no dia seguinte, poderia ir para o quarto, para finalmente repousar. Dirigindo-se para Pedro, Juliana estende sua mão e diz:

- Não tenho palavras para te agradecer! Tudo o que aconteceu hoje foi por mérito seu! Serei eternamente grata a você!

Então, apertando a mão de Juliana, Pedro responde com um sorriso:

- Nada do que aconteceu foi por mérito meu! Agradeça somente a Deus! Foi por Ele que tudo isso aconteceu!

- Graças a Deus pude reencontrar meu professor, que depois de tanto tempo, ainda foi capaz de me dar uma aula de medicina! – responde Juliana, rindo – E como gratidão, quero que ele venha trabalhar com a gente aqui no hospital! Será maravilhoso ter uma pessoa como ele em nosso meio!

Vincenzo olha repentinamente para Juliana e diz, espantado:

- Trabalhar? Mas... Juliana, faz tanto tempo! Não sei se seria uma boa ideia! Há muitos profissionais melhores do que eu...

Juliana segura os ombros do seu professor com suas duas mãos:

- O senhor é o melhor profissional que eu já conheci em toda a minha vida! Além disso, é meu segundo pai e minha fonte de inspiração! E como subgerente deste hospital, eu o convoco para fazer parte de nossa família!

- Bom, eu não sei... – responde Vincenzo – O que acha, Pedro?

- É a sua vida, Doutor! Pegue-a de volta!

Então, Vincenzo aperta a mão de Pedro e diz, com emoção e gratidão:

- Quero te agradecer por tudo, meu rapaz! Você trouxe de volta minha vida! Nunca esquecerei o que você fez! E te desejo boa sorte em sua jornada!

- Não me agradeça! Apenas faço a vontade daquele que me enviou! Você tem muitas vidas para salvar! Nunca mais se afaste do bom caminho!

Sorrindo agradecido, Vincenzo responde:

- Claro! Quero recuperar o tempo perdido! E por falar em vidas, saiba que seu amigo estará no quarto de repouso amanhã. Pode visita-lo a hora que quiser!

- Obrigado, Doutor! Se não se importa, ficarei por aqui até amanhã cedo! Quero ver Garcia na primeira hora! Tudo bem, Doutora Juliana?

Sorrindo, ela responde:

- Fique o tempo que quiser! Esteja à vontade para tomar um café conosco e jantar no refeitório mais tarde! Assim que o Senhor Garcia recuperar a consciência, eu mesma o chamarei para vê-lo!

- Muito obrigado, Doutora! – responde Pedro, dando um bocejo.

Em seguida, dando um grande suspiro, Charles Vincenzo diz a todos:

- Bom, agora é chegada a hora de mais uma aventura! Voltarei para casa, verei meus filhos e netos! Acho que nem os reconhecerei mais e nem eles a mim. Mas como saber se não tentar?

- Boa sorte, Professor! – responde Juliana – Descanse bastante e amanhã venha para assinar sua contratação!

- Conte comigo, minha querida!

E dizendo isso, Vincenzo mais uma vez se despede de todos e vai embora, rumo ao seu antigo lar. Só Deus sabia que surpresas o aguardariam.

No dia seguinte, às sete e meia da manhã. Pedro desperta de seu longo sono. Há muito tempo ele não repousava em algo confortável, embora dormisse no sofá, na mesma posição em que adormecera. Ao redor dele, estavam alguns acompanhantes de pacientes que também estavam internados ali. Uns pareciam bastante tensos e dava para identificar quem conseguiu dormir tranquilamente e quem não pregou o olho nem por um minuto. Havia ali uma senhora de idade, que estava inquieta, andando para lá e para cá, angustiada. Seu filho levava um tiro na noite anterior e estava passando por uma cirurgia para retirada da bala. Também havia ali um rapaz que estava aguardando sua namorada sair da U.T.I. Ela sofreu um acidente de automóvel há uma semana. Durante todo esse tempo, o rapaz não se ausentou dali. E depois de uma longa espera, ele é noticiado de que

a mulher já estava fora de perigo. Pedro olhava todas aquelas situações, tendo em mente o que o Senhor lhe disse uma vez: “Nada foge aos Meus olhos, e ninguém está desamparado!” Depois de uma xícara de café sem açúcar – Pedro gostava do café assim -, uma pessoa atravessa o salão e se aproxima de Pedro, enquanto este estava observando a janela. Com uma voz doce e com palavras lentas, a pessoa pergunta ao homem:

- Bonita a vista dessa altura, não é?

Olhando para o lado, Pedro logo reconhece a pessoa:

- Senhora Rosângela? Por onde esteve?

- Estive por perto, Marujo! Tive que acompanhar a tripulação em nossas missões!

Dando uma leve gargalhada e voltando a olhar pela janela, Pedro diz:

- Foi uma pena a senhora não estar aqui! Se lembra daquele senhor que sofreu o acidente, o meu amigo? Ele está fora de perigo! E a senhora não imagina quem o salvou...

Olhando com ternura para Pedro, Rosângela responde:

- Sei de tudo que acontece com meus companheiros, jovem Pedro! Por acaso não foi aquele nosso amigo médico que o salvou?

Apesar de tudo o que já havia visto no dia anterior, Pedro ainda se espantava com aquela mulher. Olhando-a com um certo ar de admiração durante quase um minuto, ele responde em seguida:

- Sim, senhora! Foi ele mesmo! E a partir dessa semana, ele volta às suas atividades, depois de anos!

- Você realmente conseguiu salvar a vida dele, não é?

- Eu apenas o ajudei a despertar o que havia adormecido dentro dele – responde Pedro. Eu nunca imaginei o quanto ele é importante!

- Todos nós temos a nossa importância, meu rapaz! Temos talentos, características que se aplicam a cada pessoa, sentimentos particulares. Ninguém nesse mundo é insignificante! Todos têm a sua própria luz e missão nessa vida tão curta!

Pedro deu um sorriso e respondeu:

- Espero que um dia a senhora me responda qual a sua missão e qual a sua luz!

- Não é tão importante, eu garanto! E à propósito, o Senhor Garcia acordou, soube que está aqui e quer conversar com você!

Pedro finalmente se desapoiou da janela e virou seu corpo inteiro na direção de Rosângela:

- Puxa, que notícia ótima! Irei agora mesmo! Vamos, venha comigo!

Rosângela permaneceu calma e respondeu:

- Pode ir na frente, meu jovem! Logo o alcançarei!

- Eu gostaria tanto que a senhora fosse! Vai gostar de conhecê-lo!

- Eu tenho certeza absoluta que sim! Insisto para que vá na frente! Logo, mas eu te acompanho, prometo!

- Como quiser! Estarei no quarto vinte e sete!

- Eu sei, Marujo! Agora vá e cuide do seu capitão!

Pedro ainda não sabia ao certo o porquê, mas aquela mulher misteriosa não lhe parecia mais insana, ainda que ela parecesse estar fingindo. Então, seguindo em direção ao corredor dos quartos, Pedro avança rápida e ansiosamente. Seu coração estava alegre, mas ao mesmo tempo tenso. O que será que Garcia poderia dizer? Depois de tanta loucura, Pedro estava prestes a saber o que aconteceu em Nova York, a relação de Garcia e Masao Kurosaki e o porquê de sua volta repentina ao Brasil e quem sabe, a causa daquele acidente horrível que trouxe todos àquele hospital.

## ***CAPÍTULO 20***

Pedro Alcântara não conseguia conter sua ansiedade. Seu amigo Otávio Garcia já estava fora de perigo e queria conversar com ele. Evidentemente não seria uma conversa qualquer, já que foi o próprio Deus que o alertou sobre isso. Apanhando o elevador, ele digita o segundo andar. Dessa vez, embarcou sozinho. Teve um pouco mais de liberdade para organizar seus pensamentos. O elevador chega rapidamente ao segundo andar e Pedro logo desembarca. Era um saguão um pouco mais movimentado, diferente da U.T.I. Não havia tanta correria por parte dos profissionais do hospital, o que fazia com que todos o cumprimentassem. Pedro ficou muito conhecido naquele lugar por ser o responsável por trazer o brilhante Doutor Charles Vincenzo de volta à medicina. Alguns até tentavam pará-lo para fazer algumas perguntas ou puxar qualquer conversa, mas Pedro deixava transparecer sua pressa. Algo dentro de seu íntimo lhe dizia que o tempo era precioso e que cada ordem do Senhor precisava ser seguida à risca. Pedro não sabia ao certo o que iria acontecer no minuto seguinte. A única coisa que sabia no momento era que não poderia voltar atrás, já que ele não tinha mais nada para recuperar.

As portas de número vinte em diante começavam a aparecer e, a cada sala, o coração de Pedro batia mais rápido. Ele decide conter a pressa e andar um pouco mais devagar. Euforia naquele momento não iria ajudar. Finalmente, Pedro chega às portas do quarto vinte e sete. De fora, não era possível ver nenhuma cama. Aparentemente, era um quarto bem pintado. Havia até uma decoração na parede. Dava-se a entender que Garcia estaria sozinho no quarto. E realmente estava. Quando Pedro entrou, lá estava o amigo, assistindo ao noticiário da manhã, sentado em uma poltrona próxima a cama. Quando Garcia o viu, ficou maravilhado. Com a expressão ainda um pouco abatida, abre um sorriso e diz a Pedro:

- Há quanto tempo, Pedro Alcântara! Como estou feliz em vê-lo!

Pedro se apressa para dar um forte abraço no amigo e diz:

- Senhor Garcia, eu digo o mesmo! Puxa, mas que susto o senhor me deu! Como está se sentindo?

- Estou bem melhor! O Doutor Vincenzo me contou sobre como tudo aconteceu e como me trouxeram pra cá! Lamento muito por Sofia e Beatriz. Aquele cruzeiro foi um verdadeiro desastre!

Respirando fundo e contendo as emoções, Pedro responde:

- Senhor, o que irei falar pode parecer loucura, mas... Acredito piamente que aquilo não foi um acidente! Alguém tentou me destruir!

- Não é loucura de sua parte! – responde Garcia, entristecendo um pouco sua expressão – Aquele cruzeiro não passou de um atentado desde o começo!

Pedro sabia do que se tratava, mas como queria saber mais sobre o assunto, resolveu fingir espanto, para que Garcia confessasse algo que fosse importante:

- Atentado?

- É isso mesmo! O homem que você conheceu, Masao Kurosaki, é um executivo que há anos tem a ambição de obter a presidência total de nossa empresa. É um homem inteligentíssimo, participou dos projetos de elaboração de quase todas as máquinas de última geração que foram distribuídas para todas as filiais pelo mundo. Conforme a demanda foi crescendo, ele contribuiu para que nossa empresa alcançasse níveis altíssimos de faturamento na unidade do Japão. O problema é que com o tempo, ele foi ficando obcecado por resultados. Não admitia falhas, e demitia todo funcionário que ele julgasse ser inútil. Sem nenhum escrúpulo, começou a abusar da autoridade, estendeu o horário de trabalho de uma forma assustadora. Reduziu um turno para tentar cortar custos com mão-de-obra e reaproveitava os turnos já existentes. Aquele que se queixasse de cansaço, ele o demitia sem nenhuma conversa. Contratou os melhores engenheiros do Japão e cada vez mais incrementava sua linha de produção, descartando trabalho humano e recrutando máquinas. Ele viu que isso aumentou o faturamento mais ainda. E tais resultados chegaram até os ouvidos do sumo presidente, que resolveu ceder á ele a gestão das unidades da Austrália e da Coréia do Sul. E da mesma forma, Kurosaki conseguiu levantar aquelas duas filiais que até então, estavam quase falidas. Em sua mente, o presidente como gratificação o colocaria à frente de mais filiais até que um dia ele pudesse contratá-lo para trabalhar como seu braço-direito, na Alemanha. Mas isso não foi o que aconteceu. O presidente, vendo que as unidades da Austrália e da Coréia estavam nos eixos novamente, resolveu contratar administradores dos mesmos países e os colocarem na gestão de suas respectivas filiais, o que deixou Kurosaki furioso. Foi então que ele iniciou seus planos doentios para tomar conta das filiais. No ano de 2001, ele marcou uma reunião com o gestor da unidade australiana, com a pauta de unificação de negócios. Foi até fechado o negócio nessa reunião, mas tudo não passava de uma fachada. Terminada a

reunião, o diretor da unidade australiana pegou seu carro para ir embora e sofreu um acidente que o matou. Os freios falharam e seu carro despencou de cima de um viaduto. Quatro meses depois, Kurosaki marcou uma assembleia com a unidade coreana, com a desculpa de apresentar projetos tecnológicos. No meio da reunião, o diretor coreano teve um colapso e morreu subitamente, depois de beber um gole do licor que estava sobre a mesa, envenenado.

Espantado, Pedro pergunta:

- Então esse homem é um assassino serial e eu não fui o primeiro alvo?
- Exatamente! Com a morte dos dois diretores, o presidente tinha Kurosaki como homem de confiança mais próximo. Então, Kurosaki assumiu definitivamente a diretoria das duas unidades. E vendo ele que esse plano deu certo, coagiu alguns homens para serem seus comparsas e desde então, secretamente vem cometendo atrocidades, eliminando os diretores das filiais e assumindo seu controle. Sua fortuna cresceu de uma forma assustadora e ele ainda não está satisfeito. Tenho certeza absoluta de que o último alvo será o diretor-presidente.

Intrigado, Pedro lhe pergunta:

- Mas, como o senhor sabe de tudo isso? E como ninguém ainda não o impediu?

Olhando fixamente para Pedro e respirando fundo, Garcia lhe responde:

- Pedro, a verdade é que aquela filial de Nova York sobre a qual conversamos naquela ocasião nunca existiu!
- Como é?
- Sim. Eu fui enganado redondamente. Tudo fazia parte de um plano de Kurosaki e o alvo era a filial aqui do Brasil. Foi tudo tão bem orquestrado que eu não desconfiei nem por um segundo. Realmente representantes americanos entraram em contato comigo e me apresentaram a planta de uma empresa enorme próxima ao Central Park. Mas esses representantes também eram aliados de Kurosaki. Acontece que eu já conhecia o caráter dele, e por isso não havia como ele me atingir diretamente com algum plano. Ao longo da minha carreira, sempre tentei alertar o diretor-presidente sobre as intenções de Kurosaki, mas nunca fui ouvido. O diretor achava que isso era um golpe de inveja. Em contrapartida, Kurosaki sempre apresentou resultados e lucros, e isso é o que importa ao presidente. E como você sabe, Pedro, nossa filial é uma das mais fortes e mais estáveis

economicamente. Tudo isso encheu os olhos de Kurosaki e durante muito tempo ele tentou bolar uma estratégia para tomar conta da filial brasileira. Foi então que, mandando comparsas fazerem uma sondagem, com um pretexto de uma visita, Kurosaki soube que alguém na empresa tinha quase o mesmo conhecimento administrativo que eu e que tinha total capacidade de me substituir na minha ausência.

- E essa pessoa era eu... – Pedro pela primeira vez parecia lamentar-se por ter esse dom.

- Isso! Masao concluiu então que, se ele conseguisse armar uma estratégia para me tirar de circulação, poderia entrar em contato direto com você, te fazer uma armadilha e te eliminar, conseguindo então o comando da filial do Brasil. E é aí que começa a história do cruzeiro do Samurai.

Pedro se enfurece com Masao Kurosaki e também consigo mesmo, por não desconfiar de nada:

- Miserável! Ele destruiu meus amigos, minha família e minha vida! Eu sabia que havia algo de estranho naquele momento, mas estava cego por causa da minha ambição! Mas me diga Senhor Garcia: Onde o senhor estava durante esse período? Eu sempre tentei contatar o senhor para pedir conselhos e orientações, mas nunca conseguia. Achei estranho, pois durante dois meses o senhor também nunca nos procurava.

Foi então que Garcia preparou-se para revelar a Pedro um período de agonia, pelo qual havia passado:

- Pedro, eu nunca desconfiei que essa viagem a Nova York pudesse fazer parte de algum plano de Kurosaki! Não pensei que ele fosse tão inteligente e calculista. Tudo estava envolto em um enredo perfeito! A viagem, as passagens de primeira classe, a pontualidade do voo... Kurosaki organizou tudo. E estando no voo, comecei a achar estranho, pois já estávamos no alto há muito tempo e não havia sido feita nenhuma escala. E depois de um total de quase onze horas, sendo que um trajeto direto de São Paulo até Nova York é de nove horas, resolvi ir até a cabine do piloto para pedir uma explicação. Foi então que tive uma surpresa desagradável: Entrando na cabine, me deparei com dois homens japoneses, com uma expressão mal intencionada. Antes que eu pudesse perguntar alguma coisa ao piloto, o copiloto rapidamente se apossou de uma seringa tranquilizante e lançou no meu pescoço. Senti meu corpo extremamente pesado, minha cabeça girava sem rumo e eu não conseguia mais identificar o que se passava na minha cabeça. Quando acordei, estava em um lugar totalmente imundo, sem

iluminação alguma, estava com meus braços amarrados por cordas e segundos depois, senti como se fosse um jato de água em meu rosto. Quando recobrei os sentidos, avistei dois orientais altos, vestidos com terno e gravata, além de usarem óculos escuros e panos envolviam a região de sua boca. Eles não queriam ser identificados. Diziam apenas para eu ficar calado e cooperar, pois em poucos dias eu iria ser libertado. Olhei em volta e não vi mais nada. O cômodo estava vazio. Concluí então que aquilo era um galpão abandonado, que eles poderiam ter alugado apenas para me manter cativo. Eu não sabia em que lugar estava. Não sabia nem em que país eu estava. Como se tudo isso não bastasse, eles ainda zombavam de mim, dizendo que eu era ingênuo por ter caído na história da filial de Nova York. E nesse mesmo espírito de zombaria, contaram-me todo o plano de Kurosaki e sobre você, que era o alvo principal. Naquela hora, Pedro, eu me senti horrível. Você iria morrer e eu seria o principal responsável. Foi então que dias depois, o momento havia chegado. Os bandidos haviam me contado que todas as pessoas haviam entrado no transatlântico e a bomba já havia sido plantada no convés inferior. Seria uma questão de uma ou duas horas. Eu estava ansiosíssimo, angustiado, não podia fazer nada. Então, depois de momentos, não sei ao certo quanto tempo foi, eles me deram a notícia de que o navio havia explodido, deixando cerca de cem feridos e cinquenta mortos, incluindo você.

Pedro ficou extremamente estarrecido. Ele não sabia que o número de mortos era tão alto. E o que o deixou mais triste era que em meio a esse número estavam Sofia e Beatriz, que Pedro sequer conseguiu salvar. Então, depois de levantar a cabeça com os olhos cheios de lágrimas, Pedro questiona:

- Isso quer dizer que neste momento, Kurosaki está dirigindo a filial?
- Não exatamente, Pedro! – responde Garcia, de imediato – Se lembra do dia em que te promovi a diretor da empresa?
- Sim, senhor!
- Então deve se lembrar de que havia uma pessoa de sua inteira confiança, para que pudesse te substituir na liderança na linha de produção!
- Sim, era Davi Siqueira! Ele aprendeu muito, tinha muita força de vontade, além de uma capacidade enorme de liderança! Não havia outra pessoa que pudesse assumir meu lugar!

Garcia então lhe responde:

- Sim, exato! Ele é uma das pessoas que sobreviveram ao desastre! Teve pouquíssimos ferimentos e em uma semana já pôde voltar a trabalhar. Então, depois de se recuperarem do trauma da tragédia, os funcionários organizaram uma reunião com o intuito de elegerem um novo diretor. O nome de Davi Siqueira foi escolhido por unanimidade, e ele logo assumiu. E quando Masao Kurosaki se preparou para pedir o cargo ao presidente geral, ele ficou sabendo da reunião e da eleição de Davi para a responsabilidade.

Nesse momento, uma corrente de ar sinistra atravessa o corpo inteiro de Pedro. Ele juntou todos os fatos que Garcia citou e gerou então um mau pressentimento. Foi então que Garcia continuou:

Logo após a tragédia, os dois japoneses me aplicaram outra vez uma seringa de tranquilizante. Quando despertei, estava em um aeroporto. O mesmo aeroporto que embarquei para ir para a falsa viagem. Uma multidão olhava para mim e um médico estava me examinando. Quando recobrei de vez a razão, uma ideia passou pela minha cabeça: Se eu estava em São Paulo, Kurosaki e seus comparsas também estavam. E se Davi Siqueira estava na direção da montadora, iria ser alvo dos japoneses. Não pensei duas vezes, me levantei de onde estava e corri na direção do estacionamento. Incrivelmente, meu carro ainda estava lá, intacto. Nada me importava naquele momento. Quebrei o vidro da janela, entrei no carro e fiz a ligação direta. Saí pelo estacionamento quebrando a cancela. Peguei a estrada a quase cento e trinta por hora. Eu tinha a certeza de que chegaria a montadora em menos de vinte minutos para alertar Davi e os outros. Mas quando cheguei próximo à entrada da Avenida Paulista, senti uma enorme fraqueza no corpo. Meus dois braços ficaram dormentes e meu corpo já não me obedecia mais. Então, depois de um tempo, apaguei e não me lembro de mais nada. Quando acordei, estava aqui neste quarto. Foi aí que o Doutor Vincenzo e a Doutora Juliana me contaram o que aconteceu e que você estava aqui, vivo.

Então, Pedro teve um lapso de temor e exclamou:

- Meu Deus! Neste exato momento Davi e os outros correm perigo!
- Não tenha dúvidas! Não sei de que maneira, mas Kurosaki certamente irá matar mais pessoas para conseguir o que quer!

Levantando-se subitamente da cadeira, Pedro diz á Garcia:

- Não posso mais esperar! Aquele monstro não perde tempo! Preciso ir até a fábrica para avisar o pessoal!

- Mas, Pedro... – diz Garcia, espantado – Você não tem posse alguma e a montadora está um pouco longe daqui! Será que consegue avisá-los a tempo?

- Com certeza Deus estará pronto para me ajudar! – diz Pedro, já se dirigindo á porta. Apressadamente ele sai da sala e bate à porta. Olhando tudo aquilo, Garcia apenas responde a si mesmo:

- Boa sorte, meu rapaz! Boa sorte!

Pedro corre apressado pelo corredor em direção á porta de saída. Não havia nenhuma possibilidade de ligar para a montadora e falar com Davi. Isso iria demorar, já que havia o risco dele não atender por estar ocupado, além de Pedro não ter nenhum celular. Os médicos, enfermeiras e pacientes viam aquele homem correr como louco, desviando-se de todos que fossem lhe perguntar alguma coisa. Não quis sequer pegar o elevador. Ele abre a porta das escadas e desce por elas violentamente. Chegando ao penúltimo degrau, ele dá um grande salto e continua correndo em direção á porta. Quando passa pela porta, seus olhos são ofuscados, pois desde o dia anterior ele não sai daquele prédio. Enquanto corre, ele pensa em como chegar á montadora antes de Kurosaki, se é que ele ainda não havia chego. O porteiro, vendo Pedro correr, pergunta:

- Seu Pedro, alguma emergência?

Rapidamente, o homem responde:

- Tem sim, mas não é aqui! Espero voltar logo, obrigado por tudo!

Então, o porteiro sem entender nada, apenas observa Pedro correr desenfreado, pegando a avenida a direita. Ele corria muito, sem questionar se seu corpo aguentaria o esforço, depois de tanto tempo desacordado, sem maiores esforços. Depois de cerca de duzentos metros correndo, seu peito começa a doer e sua respiração começa a desaparecer. Ele não quer ceder ao cansaço, mas seu corpo inteiro está dolorido. Suas pernas começam a tremer, e ele tropeça duas vezes. Então, depois de quase meia hora correndo sem parar, Pedro ouve o som de um carro se aproximando rapidamente. Olhando para trás, ele vê um grande conversível prateado avançando em sua direção. Estava em alta velocidade e cortava o imenso trânsito com uma habilidade fora do comum. Pedro se assusta e pensa na possibilidade de Masao Kurosaki ter descoberto que ele ainda estava vivo. Se esse fosse o caso, ele precisava correr como nunca. Porém, parecia que quanto mais ele corria, mais o conversível se aproximava. Pedro conhecia sobre carros o suficiente para saber que os modelos e a tecnologia japonesa são

eficientíssimas e os seus carros voavam baixo. Ele começou a desconfiar que não conseguisse andar por mais trinta metros. Foi aí que ele invocou o Senhor e começou a orar enquanto corria:

- Senhor! Por favor, eu preciso de Tua ajuda! Não sei a intenção de meus inimigos, mas eu sei que se eles conseguirem, outra tragédia irá acontecer e muitas pessoas morrerão! Eu preciso chegar àquela montadora, Senhor! Não permita que algum mal me atinja! Livra-me desses malfeitores, eu Te imploro!

Quando Pedro terminou sua oração, o conversível prateado já estava ao seu lado. Estava quase beirando o meio-fio ao lado do homem. Pedro olhou para o céu, implorando pela ajuda de Deus. Então, o vidro da porta do passageiro começa a descer e quando Pedro finalmente tem coragem de olhar para o interior do carro, ele tem outra grande surpresa: Quem guiava o carro não era um comparsa japonês, nem tampouco Masao Kurosaki. Atrás do volante estava aquela mulher misteriosa de meia-idade, com cabelos grisalhos agora amarrados em um rabo-de-cavalo e com um belo sorriso, que já era característico de sua personalidade. Era incrível, mas era verdade: Dona Rosângela estava dirigindo aquele conversível prateado. Finalmente diminuindo a velocidade, ela grita lá de dentro:

- Vamos, jovem marujo! Temos muitas vidas para salvar!

## Capítulo 21

Pedro Alcântara permaneceu boquiaberto enquanto olhava a Dona Rosângela dirigir aquele conversível de última geração. Há dois dias atrás, ela estava no mesmo beco que ele, vestindo farrapos, sem moradia, mendigando à beira da Avenida Paulista. Nada fazia sentido. Então ele perguntou da calçada:

- Como conseguiu esse carro?

Então, Rosângela responde:

- Você faz perguntas demais, jovem aspirante! Entre no carro e vamos embora! Não temos muito tempo!

Pedro olha ao redor e pensa por uma fração de segundos. O que poderia acontecer? Muitas coisas além do normal já haviam acontecido até aquele momento. Então, ele resolve entrar no carro e não fazer mais perguntas. O carro acelera em um cantar de pneus e viaja em uma velocidade assustadora. Rosângela corta todo aquele trânsito em manobras perigosíssimas. O conversível mais parecia um carro de Rally. Não havia buraco ou saliência alguma que o fizesse diminuir a velocidade. Então Pedro muito assustado, resolve falar:

- A senhora não acha que estamos indo rápido demais? Aliás, a senhora sabe pra onde eu quero ir?

Ainda com os olhos fitos na estrada, Rosângela responde:

- Fique tranquilo, Marujo! Chegaremos inteiros e cumpriremos nossa missão!

- Nossa missão? Do que a senhora está falando? Como sabe que...

- Confie em mim, Rapaz! Chegaremos antes do tempo se esgotar e você conseguirá fazer o que precisa fazer!

Naquele momento Pedro não estava mais reparando na estrada e nas peripécias que Rosângela fazia com aquele carro em alta velocidade. Ele ficou reparando no rosto e no olhar da mulher. “Como ela pode saber disso? Nem Vincenzo sabe dessa missão! Quem é ela, afinal?” A mulher não se abalava. Parecia não sentir medo. Apesar de toda a adrenalina, sua expressão permanecia calma e serena. Em certo ponto da avenida, o semáforo passa de verde para amarelo. Pedro viu que a velocidade não diminuiu nem um pouco. Então ele diz à mulher:

- Senhora Rosângela, o sinal vai fechar! É melhor diminuir um pouco!

Além de parecer não ouvir o que Pedro disse, Rosângela acelera mais ainda. Com o ronco súbito do motor, Pedro quase entra em pânico. O sinal fica vermelho antes deles chegarem e mesmo assim, Rosângela acelera ainda mais. Então, Pedro grita para a mulher:

- Pelo amor de Deus, senhora! Pare esse carro ou vamos morrer!

Nenhuma resposta. Na rua paralela, um caminhão vem cruzando. Também parecia estar em alta velocidade. O coração de Pedro começa a bater em todas as partes do corpo, enquanto Rosângela permanecia tranquila. O conversível ultrapassa o sinal vermelho e o caminhão vem em direção deles á todo o vapor. Pedro fecha os olhos e prende a respiração. Trinta segundos depois, nada aconteceu. Ele lentamente tira as mãos dos olhos e observa o caminhão seguindo seu trajeto normalmente pela janela. O homem ficou confuso. Não havia como escapar daquele acidente. Rosângela ainda estava com a mesma impressão, sem nenhum sinal de nervosismo ou de medo. Depois de olhar para a mulher, Pedro percorre o olhar sobre seu próprio corpo, apalpando-o para ter a certeza de que não estava sonhando. Foi então que Rosângela disse:

- Ei, Marujo! Tenha mais fé! Não se acovarde tanto! Confie em mim, está bem?

Muito ofegante, Pedro olha mais uma vez para Rosângela e responde:

- Tudo bem! Como a senhora quiser!

Depois de tantas curvas perigosas e tantas ultrapassagens que Pedro jamais ousaria fazer com seu conversível azul, eles chegam às portas da montadora. Então, aproximando o carro da portaria, Rosângela diz:

- Apresse-se, Marujo! Aqueles que você precisa salvar ainda estão aí dentro!

Pedro olha com uma expressão muito séria para aquela mulher e diz:

- Olha, não sei como sabe de tudo isso! Não conheço nada sobre a senhora, e a senhora parece conhecer tudo sobre mim! Mas de qualquer forma, muito obrigado! Nada disso seria possível sem a ajuda da senhora! Prometo que em breve encontrarei uma maneira para lhe retribuir tudo isso!

Voltando a dar um bonito sorriso, Rosângela responde:

- Não se preocupe com nada disso! Apenas faça o que tem que fazer e volte com a vitória nas mãos!

Ainda sem entender a frase daquela mulher, Pedro sai do carro e corre para a portaria da montadora. O controlador de acesso ainda era o mesmo. Ele vê Pedro chegando, mas parece não acreditar. Boquiaberto, ele parece estar congelado. Apenas vê o homem que ele jurava estar morto se aproximar e dizer:

- Há quanto tempo, Senhor Michel! Como tem passado?

O porteiro, depois de ouvir a voz de Pedro, abaixa a sua cabeça e começa a orar, temendo que fosse um espírito do mal a falar com ele. Vendo isso, Pedro se aproxima até a portaria e diz:

- Não fique com medo, Michel! Sou eu mesmo! Olhe de novo, você não está vendo coisas!

Muito lentamente, Michel abre seus olhos e mede Pedro dos pés á cabeça. Então, recompondo-se de seu instante de pânico, ele diz ainda com a voz trêmula:

- Senhor Pedro? É mesmo o senhor?

- Sim, claro que sou! E não deve ter sentido nenhuma falta minha, não é?

- Perdão, senhor, mas... Todo mundo disse que o senhor morreu no desastre do transatlântico!

- Estive muito perto da morte, meu caro! E é por isso que agora estou vivendo de uma forma diferente! E como vão as coisas por aqui?

Tomando um gole de água, Michel responde:

- Bom, o clima era de muito pesar naturalmente no início, depois do acidente. Mas agora parece que tudo está voltando ao seu normal! Davi Siqueira está na diretoria agora!

- Sim, com certeza não poderiam ter escolhido melhor!

- E já que o senhor está vivo e bem, imagino que queira retomar o posto que o Senhor Garcia deixou pra você...

- Ainda não, meu caro! Há coisas muito urgentes que tenho que resolver!

Michel percebeu muito mistério vindo de Pedro. Que assuntos ele teria pra resolver que fossem mais importantes que a retomada de sua diretoria? E por que ele ninguém ainda estava sabendo de sua sobrevivência? Por que

retornou só agora e como retorno? Michel tinha todas essas dúvidas em sua mente, mas achou não comentar nenhuma delas. Sendo despertado de seus pensamentos, ele ouve Pedro perguntar:

- Bom, será que eu posso falar com Davi? É muito urgente!
- Às ordens, Senhor! – diz Michel, pegando rapidamente o telefone.
- Mas espere! – diz Pedro repentinamente – Preciso ir direto para a sala dele! Não posso perder muito tempo! E por enquanto preciso que apenas ele saiba que estou aqui. Pode cuidar disso?
- Como quiser, Senhor – responde Michel, assustado.

O porteiro volta a pegar o telefone e solicita um carro com urgência até a portaria. Em menos de cinco minutos, o carro chega e estaciona próximo aos portões. Jamal, o motorista, acha muito estranha toda essa pressa. Ninguém além de Davi precisaria ter tanta pressa para chegar á sala da diretoria. Apenas com um mexer de lábios, sem emitir som, ele pergunta á Michel:

- Quem é?

Michel responde à pergunta apenas com um sinal que dizia: “Veja você mesmo!” Jamal ouve a porta traseira se abrir e quase tem um ataque do coração ao olhar pelo retrovisor quem acaba de embarcar no seu carro:

- S...S... Senhor P..Pedro? O senhor está vivo?

Com a expressão séria, Pedro lhe responde pelo retrovisor:

- Estou sim, Jamal! Mas eu preciso que você mantenha isso em segredo por enquanto! Seja o mais discreto possível no trajeto e me deixe na escadaria dos fundos, pode ser?

Visivelmente apavorado, Jamal responde:

- Claro, Senhor! Mas está acontecendo alguma coisa?
- Está sim, Jamal! Por essa razão peço discrição! Prometo que esclarecerei tudo assim que eu terminar o que tenho que fazer! Mas por enquanto faça apenas o que eu disser, tudo bem?
- Sim, Senhor! – diz Jamal, deixando de olhar para o retrovisor e voltando a olhar para a sua frente.

O Honda Civic preto avança pelo pátio principal sem levantar a menor suspeita. Pedro pôde ver pela janela filmada o pessoal da manutenção,

fazendo retoques em algumas máquinas que estavam paradas. Também viu que toda a parte de fora dos galpões estava sendo pintada e novas instalações elétricas estavam surgindo ao longo do caminho. Então. Não se contendo, Pedro comenta com Jamal:

- Davi não brinca mesmo em serviço! Está reformulando toda a infraestrutura da fábrica!
- Na verdade, Senhor, tudo isso tem um motivo: Todos os colaboradores ficaram muito abalados com o que aconteceu no cruzeiro. Davi imaginou que se mudasse um pouco a cara da empresa, os funcionários iriam esquecendo aos poucos dessa tragédia.
- O impacto visual sobre o subconsciente! Eu ensinei isso a ele! – diz Pedro, muito alegre e orgulhoso – Sem dúvida nenhuma, ele é um excelente gestor!
- Eu tive a oportunidade de participar de uma das reuniões! – diz Jamal – Tanto o senhor quanto o Senhor Garcia foram lembrados diversas vezes.
- Ser lembrado ou é muito bom ou é muito ruim, dependendo da situação!

Jamal não conseguiu compreender o que Pedro quis dizer. Ele pareceu distante ao falar. Talvez só estivesse pensando alto. Então o motorista decidiu não prolongar a conversa e prestar cem por cento de sua atenção na estrada. Foi então que, depois de quase sete minutos, o Honda Civic chega às portas da escadaria que conduzia ao escritório da diretoria. Pedro ficou parado durante um instante, olhando todo aquele ambiente. Jamal respeitou o homem. Decidiu que esperaria o quanto fosse preciso e ficar à disposição caso Pedro precisasse novamente do carro. Então, respirando fundo, Pedro estende a mão à Jamal, agradecendo-o:

- Obrigado, meu amigo! Prometo que no tempo certo, todos vocês irão entender tudo!

Retribuindo o gesto, Jamal responde:

- Às ordens, meu senhor! Se precisar, estarei aqui!

Agradecendo-lhe mais uma vez, Pedro levanta-se do banco, abre a porta, e sai correndo em direção ao escritório de Davi Siqueira. Jamal solta todo o peso do seu corpo sobre o banco e respira fundo. Definitivamente, em quinze anos de profissão, aquele foi o dia mais estranho que ele já viveu. Por outro lado, Pedro sobe rápida e silenciosamente aquelas escadas. Qualquer pessoa que o parasse para lhe perguntar sobre o que aconteceu

significaria em uma enorme perda de tempo. Ele não sabia qual seria o plano de Kurosaki para eliminar Davi, por isso todos os minutos eram cruciais. Chegando ao final das escadas, passos são ouvidos. Passos rápidos e leves. Podiam ser ouvidos a metros de distância, por se tratarem de passos de sandálias de salto alto. Eram as duas meninas do setor financeiro. Provavelmente estavam fazendo uma de suas pausas para o cafezinho. Pedro procura se esconder em um espaço entre o corredor do bebedouro à esquerda e o restante do corredor. Sucesso. As duas garotas passam rapidamente, conversando distraídas e nem se deram conta de que o antigo chefe estava a menos de cinco metros delas. Sem perder tempo, Pedro corre o mais rápido possível, temendo que alguém pudesse abrir de supetão uma daquelas portas ao redor. Não havia mais onde se esconder. Ele simplesmente tinha que ser rápido. A última porta está à vista. Estava entreaberta. Ótimo, estava tudo indo melhor do que as expectativas. Chegando então à porta do escritório do diretor, Pedro a abre lentamente, observando o seu interior. Tudo estava extremamente organizado. O chão estava bem encerado, o ambiente perfumado, um jazz agradabilíssimo tocava ali. Mas Davi não estava na sala. Pelo visto, havia acabado de sair e como a porta estava entreaberta, tudo indicava que ele voltaria em poucos minutos. Então Pedro resolve entrar e se sentar na cadeira em frente à cadeira do diretor e aguarda-lo ali, como se fosse um candidato aguardando uma entrevista.

Durante aqueles minutos que antecederiam o encontro com Davi, Pedro resolveu tentar entrar no computador e acessar a caixa de entrada de E-mail na esperança de descobrir qual era o plano de Kurosaki. Porém, ele tem uma desagradável surpresa: Davi alterou a senha, impedindo o acesso de qualquer um que não fosse ele naquele computador. Então Pedro resolve pesquisar sobre a mesa algum documento, anotação, algum rascunho que Davi pudesse ter feito a respeito de Kurosaki ou a filial japonesa. Nada. Só o que havia ali eram planilhas, esquemas de produção, desenhos mecânicos e um velho calendário. Não havia outro jeito. Pedro teria que ficar ali e aguardar o diretor chegar. Ouvem-se passos se aproximando. Passos de uma pessoa só. Passos rápidos e firmes, de um sapato social masculino. Pedro respira fundo e ora para que não seja algum curioso. E não era. Abrindo a porta rapidamente, Davi Siqueira pareceu ter um colapso quando viu a pessoa que estava assentada sobre a cadeira em frente à sua. Um copo descartável com café cai de sua mão e o atual diretor fica pálido e começa gotas de suor começam a brotar de sua testa. Pedro olhou bem para Davi e disse:

- Há quanto tempo, velho amigo! – e estende-lhe a mão, ainda sentado.

Davi não esboçou nenhuma reação. Pareceu estar hipnotizado, pois sua mão ainda pensava segurar o copo com café. Sua boca e seus olhos estavam escancarados. O homem não piscava.

- Não vai me cumprimentar depois de saber que ainda estou vivo? – pergunta Pedro.

- O...O... O que aconteceu? Todos disseram que você havia morrido! – pergunta Davi, com a voz extremamente trêmula.

Pedro enfim se levantou e ainda com a mão estendida se aproxima de Davi, dizendo:

- É uma longa história que não poderei contar agora! Só o que posso dizer é que fui salvo! E voltei aqui unicamente pra dizer que você corre perigo!

Quando Davi retribui o aperto de mão, Pedro percebe que a mão do homem está muito trêmula e suando. Como alguém que viu um fantasma. Mesmo apavorado, Davi questiona:

- Perigo? Do que está falando?

- Vou direto ao assunto! Aquele desastre no cruzeiro do Samurai não foi um acidente! Foi um atentado contra mim!

Davi arregalou os olhos:

- Atentado?

- Sim. Masao Kurosaki estava por trás de tudo aquilo, junto com o seu bando. Ele quer se apoderar dessa montadora e com certeza está tramando algo contra você também!

- Se apoderar da montadora? – Davi estava cético – Como uma pessoa poderia tramar tanta coisa apenas para tomar conta de uma empresa?

- Acredite, Davi! Kurosaki já conseguiu matar dois diretores de filiais e está atualmente na linha de frente das montadoras da Austrália e da Coreia. Pelo visto a filial do Brasil também esteve na sua mira por muito tempo, mas o Senhor Garcia conhecia os planos de Kurosaki e por isso sempre o impediu. Mas agora com Garcia fora, aquele bandido tentará nos matar mais uma vez!

Depois de ouvir aquelas palavras, Davi caminha pela sala, pensativo. Depois de chegar próximo à janela com persianas, ele fulmina Pedro com o olhar e diz:

- Deixe-me ver se entendi! Há algum tempo atrás, você estava na liderança desta empresa. Fazia o que queria e quando queria com os funcionários e as rotinas daqui! Encheu seu ego de orgulho quando recebeu o cruzeiro de presente dos japoneses e se achou o mestre dos mestres, fazendo questão de mostrar isso pra todo mundo! Quando de repente, você desaparece no acidente do cruzeiro e reaparece como um espírito meses depois em minha sala dizendo que tudo aquilo foi um atentado pra te tirar do poder!

Pedro tenta manter a calma, enquanto conversa com o amigo, na intenção de alertá-lo:

- Sei que isso parece loucura, mas a verdade é que não há tempo para te explicar o que aconteceu durante todo esse tempo. O que importa no momento é fazer você saber que Kurosaki pode ter você como alvo e irá tentar te matar a qualquer hora!

- Eles são empresários, Pedro! Não são a Yakuza! Sei da história de Masao Kurosaki, ele é um respeitado empreendedor, muito influente e é o número um quando se trata de administração e lucratividade! Ele nem deve saber pegar em um revólver! Aonde quer chegar com tudo isso?

Pedro começa a caminhar lentamente na direção de Davi, enquanto dizia:

- Se está me dizendo isso, é porque certamente ele já fez algum contato com você! Me diga o que ele te falou ao telefone!

- Com todo o respeito, Pedro, mas acho que isso não lhe diz mais respeito!

- Isso diz respeito á todos nós! Sei das intenções daquele homem e não quero que ele acabe com a vida de mais ninguém como fez com a minha família! Agora, Davi, me conte o que ele te falou ao telefone!

Davi se sentiu acuado e perdeu completamente a paciência:

- Não foi só a sua família que morreu naquele acidente! Meu filho de dez anos morreu naquela explosão! Ele me pediu para ir ao banheiro e eu mostrei o convés inferior pra ele! Segundos depois, aquele monstro marinho explodiu do nada, e a explosão veio exatamente da direção de onde meu filho tinha ido! Procurei por ele como louco, mas não encontrei nada, nem um resto! Ele simplesmente desapareceu! Um pedaço de mim

foi arrancado naquele dia e desde então, não sinto mais alegria de viver. Minha alegria se foi junto com meu filho!

Pedro abaixou a cabeça e respirou fundo. Voltando a olhar para Davi, ele diz:

- Eu não sabia disso! Lamento imensamente, meu amigo!
- Masao Kurosaki me procurou dias depois do acidente. Ele financiou um velório simbólico ao meu filho, juntamente com todas as pessoas que morreram no acidente! Ele tem me ajudado muito desde então. E quando descobriu que você não sobreviveu, ele me colocou na direção da empresa, já que Garcia também não mandava notícias. Ele disse que conhecia o meu trabalho como líder de produção e resolveu me promover a diretor da filial brasileira. Mas o mais importante eu perdi para sempre: Nunca verei meu filho novamente e isso me destrói a cada dia. E respondendo à sua pergunta, ele propôs um novo cruzeiro em memória de todas as vítimas do acidente!

Pedro lança um olhar sério para Davi:

- E você aceitou?
- Claro que sim! É o mínimo que posso fazer pelos funcionários que perderam familiares e amigos naquele navio! Devo isso ao meu filho!

Pedro então se deu conta de que Kurosaki armaria um novo atentado e desta vez o alvo seria Davi Siqueira, junto com todos que estivessem a bordo nessa nova viagem. Pedro estava tenso. Davi não acreditava em suas palavras. Estava abalado demais pela morte do filho e sentia que devia sua vida à Kurosaki que por sinal havia sido o único que o “amparou”. Então, Pedro retira o telefone sem fio do suporte e entrega para Davi, dizendo:

- Precisa ligar para Kurosaki e cancelar esse cruzeiro!

Davi olha com ceticismo para Pedro:

- Do que está falando?
- Ele vai plantar uma nova bomba no transatlântico e com certeza será de uma potência maior, para garantir que ninguém sobreviva! Vamos, cancele esse cruzeiro e nós pensaremos em uma forma de...

Neste momento, Davi toma o telefone da mão de Pedro com violência e diz:

- Você perdeu completamente sua razão! Por onde esteve? Não se atreva a vir dar ordens a mim! Nunca nos mandou notícias e quando vem, diz essas insanidades! Acha que não sei o que você quer? Não se conforma com o fato de eu ter assumido a diretoria da fábrica e agora quer me tomar esse direito com essas estratégias ridículas! Eu já aguentei demais de você! Se quiser voltar a trabalhar aqui, será no setor de produção, que é o teu lugar!

Pedro não se conformava. Davi estava totalmente cego e só pensava na superioridade que ele havia conseguido das mãos do próprio Kurosaki. Se encontrava na mesma arrogância em que Pedro estava quando era o diretor. E Pedro sabia que nenhuma palavra que ele dissesse poderia surtir efeito. Mas mesmo assim, ele insistiu:

- Por favor, Davi, abra os olhos! Isso é estranho! Kurosaki não acompanha o nosso trabalho aqui e já quer nos recompensar dessa forma! Isso não existe! Confie em mim, eu sei do que aquele homem é capaz! Eu te peço, cancele esse cruzeiro e vamos discutir uma forma de nos protegemos de Kurosaki!

Davi começou a se afastar da janela e andar lentamente na direção de Pedro, e dizia:

- Chega, eu já ouvi demais! Pedro, estou muito feliz que você esteja vivo. De verdade! Mas tudo o que está me dizendo me soa como pura asneira! É melhor que vá para um hospital e tente se recuperar. Ainda deve estar com traumas do acidente!

- Você não entende, não é? – diz Pedro, com um tom mais agressivo – Por que não deixa um pouco de lado essa sua arrogância e me escuta? Eu não estou louco! Acredite em mim quando digo que sua vida está em risco! 148

Davi passou a ignorar tudo o que Pedro dizia:

- Vamos, Pedro! Tenho muito trabalho a fazer! O cruzeiro será neste final de semana e eu preciso agilizar a produção para não correr o risco de atrasos.

- Eu não sairei daqui sem que você me ouça, Davi!

Nesse instante, Davi pega o telefone e diz:

- Sendo assim, precisarei chamar a segurança!

Pedro ficou estático. Meses atrás, ele estava na liderança suprema daquela empresa. Ditava as regras, conduzia o pessoal e organizava toda aquela rotina. E agora estava ali, sendo ameaçado pelo homem que agora ocupava sua posição. Estava sendo tratado como um intruso, prestes a ser expulso daquela sala pelos seguranças. Ele sabia que se isso acontecesse, causaria um enorme tumulto naquele ambiente, e a última coisa que ele precisava naquele momento era de uma confusão. Então ele acalma os ânimos e diz:

- Muito bem! Não precisa chamar a segurança, eu estou indo! Mas por favor, pense no aviso que estou te dando!

Davi se aproxima de Pedro. Agora estava há menos de um metro de distância dele. Com voz baixa, ele diz:

- Não pense que perdi o respeito e a admiração por você! Sempre foi a minha inspiração, e eu nunca chegaria aonde cheguei se não fosse pelo que você me ensinou. Mas o que eu sinto é que você não está com a cabeça no lugar. Toda aquela tragédia te afetou de muitas maneiras! Eu te peço que descanse por uns dias e volte logo depois. Essa cadeira de diretor sempre será sua!

Pedro olha agora muito sério e com muita autoridade para Davi:

- Foi por causa dessa cadeira que eu perdi tudo o que eu mais amava, Davi! E temo que essa cadeira faça o mesmo com você e com os outros nessa empresa! Não desistirei de te fazer mudar de ideia!

E dizendo isso, Pedro saiu da sala. Davi por sua vez, ficou ali parado, vendo a porta se fechar. Ele começou a se sentir confuso. Apesar das coisas que Pedro dizia não fazerem sentido, ele não parecia estar louco. Na verdade, Pedro nunca pareceu estar tão convicto de uma coisa como ele estava naquele momento. Davi olhou para o telefone em sua mão durante alguns momentos, mas logo o colocou de volta no lugar. *Não! Pode ser a chance da minha vida! Eu não posso largar tudo de mão por causa dessa história sem pé nem cabeça!*

Pedro andava calmamente pelo corredor. Sua mente estava longe, pensando em uma estratégia para impedir que esse cruzeiro acontecesse. Mas ali não era lugar para parar e pensar. Pedro precisava ser rápido. Já era Sexta-feira e assim como na ocasião anterior, um novo transatlântico embarcaria no Sábado de manhã. Então ele olha para o corredor. Tudo está limpo, não há ninguém. Pelo horário, todos estavam em processo de fechamento de estoque. Essa rotina aparentemente não foi mudada por Davi. Mesmo assim, Pedro se apressa e corre até a escadaria, onde também desce

rapidamente. Chegando ao último degrau, ele se depara com algo que o deixa muito alegre: Jamal e o 149

Honda Civic ainda estavam parados em frente à porta, o esperando. O motorista lá de dentro grita:

- Se apresse, Senhor! Eu te levo de volta!

Mais do que depressa, Pedro corre tomando todo o cuidado para não ser visto e entra pela porta do passageiro, que estava aberta. Sentando no banco, ele diz ao motorista:

- Obrigado, Jamal! Você me ajudou muito!

- Espero que tenha dado tudo certo!

Olhando na direção do para-brisa, Pedro responde:

- Não saiu como eu esperava, mas nem tudo está perdido!

- E pra onde o senhor pretende ir agora?

- Irei ao Hospital Castellari! Minha casa foi desocupada e pelo que eu soube, há outra família morando lá. Não posso toma-la de volta, já que estou morto para o resto da cidade. Então, estou me abrigando no hospital, por enquanto!

- Eu não sabia disso, Senhor Pedro! Olha, se quiser, pode se instalar na minha casa até a situação do senhor melhorar! Moro sozinho, e minha casa não é muito grande, mas garanto que será muito bem-vindo!

Pedro responde-lhe com um sorriso:

- Obrigado, meu amigo! Mas estou ótimo lá no hospital, não quero te incomodar! A ajuda que você está me dando não tem como ser descrita com palavras!

- Então deixe-me leva-lo até o hospital! Seria arriscado se o senhor andasse por aí afora!

Então, Pedro responde, colocando a mão no ombro de Jamal:

- Nunca esquecerei isso, Jamal! Obrigado por tudo!

O Honda Civic não andava tão perigosamente quanto o carro que Rosângela dirigia, mas não deixou de ser também uma grande ajuda. Jamal Rodriguez era motorista daquela montadora há cerca de dezesseis anos. No

caminho ele contou a Pedro sobre algumas das intermináveis viagens para levar o Senhor Garcia ao aeroporto ou para outras empresas localizadas na cidade ou fora dela. Garcia nunca foi exigente com relação a pontualidade ou agilidade, mas Jamal fazia questão de ser eficiente ao máximo. Garcia nunca perdeu um compromisso sequer desde que Jamal assumiu o carro da empresa. O homem conhecia as ruas da cidade como a palma de sua mão e conseguiu evitar todo o trânsito, pegando atalhos que os milhares de motoristas daquela cidade não conheciam. Em cerca de doze minutos, eles já estavam na porta do hospital Castellari. Pedro achou melhor não dizer que Garcia estava internado lá. Então, com um grande aperto de mão, ele se despede do amigo:

- Obrigado mais uma vez, Jamal! Te devo uma para o resto da minha vida! Conte comigo para o que precisar!

- Não me deve nada, Senhor Pedro! Fico muito feliz em ajuda-lo! E se mudar de ideia, minha casa está de portas abertas!

Agradecendo novamente, Pedro desce do Honda Civic e dirige para o hospital.

## CAPÍTULO 22

Pedro Alcântara entrou pela portaria do hospital e caminhou rumo à sala de espera, na intenção de falar com Otávio Garcia. Chegando ao hall principal, ele se depara com Charles Vincenzo, agora com uma aparência muito melhor. Ele aparentava estar mais jovem e todo o sofrimento que antes estava estampado em seu rosto desapareceu. Estava vestido com um enorme jaleco e um crachá com seu nome e foto pendia do seu pescoço. Então com um forte abraço, Pedro diz:

- Doutor, é bom vê-lo novamente! Como foi a volta pra casa?

Com um enorme sorriso, Vincenzo responde:

- Foi uma alegria imensa! Meus filhos me abraçaram todos ao mesmo tempo, quase fraturaram minhas costelas! E meus netos não são mais bebês! Minha esposa teve que se internar aqui para ficar no soro, devido à alegria excessiva!

Pedro solta uma gargalhada, coisa que não fazia há tempos. Vincenzo logo lhe pergunta:

- E como está indo sua missão?

- Mais difícil do que eu esperava! – responde Pedro, recolhendo o sorriso – Eu preciso ver o Senhor Garcia. Será que ele está bem?

- Claro, claro! – responde Vincenzo – Ele acabou de almoçar. Está ótimo e poderá deixar esse hospital logo, logo. Venha, me acompanhe!

Chegando ao quarto de Garcia, Pedro se depara com o homem ainda melhor. Estava mais corado e já podia se mover sem ajuda alguma. Vendo o amigo passar pela porta, Garcia lhe pergunta, em tom de brincadeira:

- Já vieram me buscar pra ir embora?

Pedro sorriu e trouxe para Garcia um abraço carinhoso. Vincenzo então diz aos dois:

- Bom, fiquem à vontade! Preciso observar duas pacientes na U.T.I. Qualquer coisa podem me procurar ou então procurem a Doutora Juliana!

- Obrigado, Doutor! Serei breve, eu prometo! – responde Pedro, com um aceno de agradecimento.

Garcia olha rapidamente para Pedro e pergunta:

- Você conseguiu falar com Davi?

- Consegui sim, senhor! – responde Pedro com um ar de desânimo – Mas ele não quis acreditar em mim quando disse a ele sobre a ameaça de Kurosaki.

- Imaginei que ele não acreditaria! – responde Garcia – É apenas um garoto como você! Está obcecado pela sensação de grandeza na liderança da montadora. É preciso ter cuidado com isso! Eu tive uma experiência horrível quando achei que era o centro de tudo naquela empresa! Ouça, Pedro: Toda essa história nos ensinou uma lição que você deve também ter aprendido!

Abaixando a cabeça, Pedro responde:

- Claro, Senhor! Ninguém é o centro de nada! Todos estamos aqui com um propósito em particular e não conseguimos nada se não tivermos humildade e não se importarmos uns com os outros!

- Exatamente! Leve isso para o resto de sua vida, garoto! Deve continuar sua vida agora. Forme uma nova família e abra o seu próprio negócio! Você provou a todos que tem um enorme talento empreendedor. Não será uma tarefa tão difícil pra você!

Olhando com um ar de espanto, Pedro pergunta:

- Quer me dizer que eu não irei trabalhar mais na montadora?

- Nem você e nem eu! Kurosaki assumirá o lugar de Davi com certeza! Não terei tempo de informar as autoridades sobre ele e nem tenho provas para incriminá-lo! Infelizmente Davi não aprenderá sobre essa lição á tempo e teremos que nos conformar em perder a montadora e muitos amigos!

- Não se eu puder evitar! – diz Pedro, levantando-se subitamente.

Olhando assustado para Pedro, Garcia pergunta:

- O que quer dizer? Que está pensando em fazer?

- Isso é óbvio, Senhor! Irei impedir o massacre de Kurosaki e salvarei mais uma vida que Deus me confiou!

- Espere, não diga besteiras! Aqueles japoneses são terríveis e você não tem condições de impedi-los! Não tem os recursos necessários!

Com um sorriso animado, Pedro responde:

- Eu tenho a maior ajuda que alguém pode ter, Senhor Garcia! – dizendo isso, Pedro sai em disparada pra fora do quarto.

Desesperado, Garcia começa a gritar:

- Pedro, não vá! Espere! Alguém segure esse garoto! Ele quer se matar!

Ninguém parece ouvir. De repente, uma ideia pareceu surgir na mente de Pedro e fosse o que fosse não podia esperar nem mais um minuto. Mais uma vez ele abre mão do elevador e resolve tomar a escadaria. Chegando ao hall principal, passa pela doutora Juliana e esta o vê correr e fica espantada. *Mas afinal de contas, o que acontece com esse rapaz?* Saindo pela porta dupla de entrada, ele sinaliza para o controlador de acesso liberar sua saída rapidamente. Este por sua vez também começa a pensar que Pedro é um maluco que corre à toa todos os dias. Correndo portões afora, Pedro novamente dirige uma oração a Deus:

- Senhor meu Pai! Não sei se o que irei fazer agora é o certo, mas é a única forma que encontrei de evitar mais uma tragédia! Eu te imploro, Senhor, me dê forças para que eu consiga chegar ao Porto de Santos até amanhã de manhã. Mesmo que isso custe minha vida, Pai, me ajude a chegar lá a tempo. Sei que pra Ti isso é possível! E quando eu chegar lá, ilumine minha mente para que eu possa impedir essas mortes! Minha vida agora não importa mais. O que eu quero é cumprir a tarefa que Tu me encarregaste de fazer!

Pedro mal terminou sua oração quando ouve um ronco de motor familiar. No início daquele mesmo dia, ele ouviu aquele mesmo ronco e se apavorou, pensando ser o carro de Kurosaki e seus homens. Então Pedro para de correr e olha pra trás. E eis que se tratava do mesmo conversível prateado. A placa era a mesma: MYG-1536. Pedro abaixou sua cabeça, soltou um suspiro de alívio e deu uma leve gargalhada. Aquela senhora misteriosa chegou de novo na hora exata e com certeza mais surpresas estariam por vir. E ele estava certo. No banco do motorista estava Dona Rosângela, que diminuiu a velocidade à medida que ia se encontrando com o rapaz. Chegando ao seu lado, Dona Rosângela grita:

- Embarque, Marujo! Não temos tempo e o tesouro está a apenas um dia de distância! Tempestades ferozes nos aguardam, mas nosso capitão está conosco e nada temos a temer!

Ainda sorrindo, Pedro responde:

- Sim, Capitã! Vamos indo!

Pedro mal entrou no carro e Rosângela pisou fundo no acelerador. Àquela altura, ele não se perguntava mais se a mulher sabia sobre o seu destino e se

sabia da missão que ele estava para concluir. Foi Rosângela que o despertou de um longo sono após a tragédia do Samurai. Foi ela que ajudou ele e Vincenzo a entrarem no hospital para salvarem Garcia da morte. Ela o conduziu com aquele mesmo carro até a montadora a tempo de avisar Davi sobre os planos de Kurosaki. Não havia mais dúvida alguma: Rosângela era, como ela certamente iria dizer, uma marinheira de Deus. Quando ela citou a frase “Nosso capitão está conosco e nada temos a temer”, certamente estava se referindo ao Altíssimo. Pedro não sentia mais a mínima tensão em seu coração. Ele sabia que, chegando ao Porto, Deus iria o conduzir até a vitória. Ele só precisaria estar ali e abrir os seus olhos e os seus ouvidos. O carro dirigia pela cidade como se o trânsito não existisse. Todos os semáforos estavam abertos e absolutamente nada os impedia. Em menos de uma hora estavam no trecho de serra e a mulher pilotava aquele conversível de uma maneira fantástica. Pedro tinha a certeza de que, ainda que ele vivesse por trezentos anos, nunca iria conhecer ou mesmo ver alguém dirigir tão habilidosamente.

A noite enfim se mostrou e o conversível chega ao porto, exatamente em um cais onde um enorme transatlântico havia acabado de atracar. Era imenso, colossal. Um grande castelo preto, com incontáveis janelas que se seguiam pelas laterais. De onde Pedro e Rosângela estavam era impossível se ver a proa do navio. Mas era possível avistar seu topo. A grande chapa preta fazia final na parte de cima. Antes que se pudesse visualizar os enormes mastros, o nome do transatlântico estava estampado de branco ali, com letras bonitas e separadas lindamente uma da outra: S A M U R A I II.

Sim. Samurai dois. Não havia dúvidas de que Kurosaki preparou aquele imenso navio para sepultar uma grande quantidade de pessoas, apenas para saciar sua sede de poder. Pedro ainda estava olhando para a imensidão do navio quando Rosângela pousou a mão sobre seu ombro e disse com um tom sério de voz:

- Muito bem, Jovem Marujo! Nesse momento eu preciso deixar o restante da travessia com você! O grande navio está aberto. Pode entrar antes que se completem quinze minutos e ninguém te verá! Uma vez lá dentro, corra para o compartimento de cargas e aguarde até que plantem a bomba. Não se preocupe, ela detonará somente em doze horas. Será o tempo em que o nosso Capitão virá ao seu encontro e te dirá o que fazer! Até lá, não saia do compartimento de cargas por nada!

Pedro escutou atentamente as instruções de Rosângela e quando ela terminou de falar, o homem lhe presenteia com um sincero e forte abraço:

- Obrigado por tudo! Sem você nunca teríamos conseguido nada! Espero que possamos nos ver em breve!
- Nunca mais deixe um tesouro valioso escapar de suas mãos, Marujo! Que sua nova vida seja imensamente abençoada e que a felicidade nunca mais deixe de estar com você!
- Que a senhora também nunca deixe de encontrar tesouros! Boa sorte em suas aventuras! – diz Pedro, com lágrimas nos olhos.
- Que a paz sempre esteja contigo! – responde Rosângela.

Naquele momento, o conversível prateado não estava mais ali. Sumiu de repente. Não foi roubado. Eles estavam ali ao lado. Incrivelmente, Rosângela não se incomodou nem um pouco com isso. Apenas se despediu de Pedro pela última vez com um aceno e caminhou rumo à passarela que dava acesso à praia. Ela caminhava lentamente, seus cabelos agora soltos, voavam ao vento e ela parecia sumir juntamente com a escuridão da noite. Olhando mais uma vez a imensidão do transatlântico, Pedro parte em direção à porta. Como Rosângela disse, não havia ninguém no caminho da passarela de entrada. A entrada era imensa, lembrava um grande navio Viking. Como acabara de atracar, não havia iluminação nenhuma. Seria uma travessia difícil, mas Pedro estava confiante. Entrando então pela grande porta, resolveu seguir à direita. Como o navio tinha o mesmo formato de seu antecessor, o Samurai Um, não seria tão complicado fazer uma rota até o compartimento de carga. Andando pelo escuro corredor, Pedro imaginou que se fosse até o final, sairia no hall principal e dali já teria uma ideia para continuar o trajeto até o ninho da bomba. *Bom, eu me lembro que, passando por esses corredores, muitas pessoas me abordavam! Então, o que eu pensei na hora foi seguir em frente em direção à minha cabine. Sim, sempre em frente!*

E assim foi. Pedro seguiu por cerca de oitenta metros corredor adentro até chegar ao hall principal. Tudo estava escuro ali também. Felizmente, a luz dos refletores do cais no lado de fora iluminava o interior do salão. Foi então que Pedro se lembrou de que, naquele ponto, discutiu com Sofia pela última vez por causa da abordagem das pessoas. Depois daquilo, ela correu desesperada pelo segundo corredor, visando fugir para a cabine. *Sim, Sofia fugiu de mim na certa sem saber pra onde ir! Foi quando comecei a correr atrás dela!* Então Pedro seguiu andando por aquele corredor. Em sua mente, ele tentava materializar imagens daquele dia. Todas aquelas pessoas, os guardas, até o seu desespero. Assim, ele poderia se lembrar perfeitamente do caminho até o lugar onde a primeira bomba explodiu.

Seguindo até o final do corredor, eis que Pedro se depara com o pátio externo. É o mesmo ambiente. É idêntico ao local onde ele se encontrara com o Senhor antes da tragédia acontecer. Então, ele se lembra de ouvir a bomba explodir na parte de trás, exatamente no lado direito, onde havia uma escadaria de serviço. Sendo assim, ele se vira para o mesmo lado e se depara com uma entrada semelhante a um poço no lado direito no corredor que antecede o pátio. Chegando mais perto daquele acesso, ele avista uma escadaria de serviço. *Tomara que Kurosaki tenha arquitetado tudo como antes!* Pedro começa a descer pela escada lentamente, pois o lado de baixo estava ainda mais escuro.

Aquela escada era perigosíssima. Era toda feita de madeira e ainda estava torta. O senso de cautela de Pedro tinha que estar aguçadoíssimo naquele momento. Não se sabia o que estava logo abaixo daquela escada precária. Qualquer queda poderia ser fatal. E como somente esse fato não bastasse, as pernas dele tremiam a cada degrau que ele descia. Uma vez que uma de suas pernas estava no vácuo procurando o próximo degrau, aumentava o calafrio, pois a madeira da escada estava de despedaçando a cada passo. Ele não olhava pra baixo, até porque isso não o ajudaria em nada, uma vez que a zona embaixo ainda estava num breu total. E então, em meio aos calafrios e á sudorese, Pedro consegue chegar ao chão depois de oito degraus de tortura.

O cômodo cheirava mofo. Estava claro que ali estavam amontoadas dezenas de coisas. Pedro não poderia se arriscar a encontrar um interruptor, pois levantaria suspeitas se acendesse alguma luz. Ele resolve parar em um ponto e olhar ao redor, procurando a melhor estratégia para se movimentar. Foi então que, bem ao fundo, uma luz fraca se apresentava. Não ajudaria muito naquele momento, mas serviria como um farol que guia os navios pelo oceano. Aquela luz era composta de três traços iluminados, quase formando um quadrado. Havia uma outra porta ali. Por aquela porta entrariam os bandidos que plantariam a bomba. Então Pedro concluiu que tinha que se manter fora do campo de visão daquele ponto. Ele começou a andar devagar, com cuidado para não tropeçar em nada ou fazer algum barulho. Estava tão escuro que Pedro não teve confiança em andar apenas com os dois pés. Resolveu então agachar-se e andar de quatro, procurando o melhor lugar para se esconder. Procurando tatear cada lugar que passava, eis que ele encontra algo parecido com um pequeno contêiner, bem ao canto esquerdo do sentido da porta. Então ali ele resolve se esconder e esperar a chegada dos japoneses.

Duas horas se passam desde então. Pedro se mantém firme em sua posição. Os primeiros ruídos começavam a ser ouvidos do lado de fora. Passos iam de um lado para outro no andar de cima. Ele estava extremamente tenso. Absolutamente nada poderia dar errado. Sua vida e a dos outros tripulantes dependiam daquele momento. Seu corpo começava a cobrar as necessidades mais básicas. Sentia fome, sede e frio. Seus olhos começavam a ter alucinações por passarem tanto tempo abertos no escuro. Porém, sua fé o mantinha firme. Ele sabia que aquele Exército de anjos estava ao redor, e que demônio algum poderia sequer encostar-lhe a mão. Quando todo o seu corpo começou a doer, a fome começou a apertar cada vez mais, quando o seu fôlego começava a se extinguir, ele iniciou uma oração ao Senhor:

- Meu Pai Eterno! Guarda-me neste momento de dificuldades! Preciso do Teu amparo e do Teu consolo aqui neste lugar! Que meus inimigos nunca triunfem sobre mim e que todo o plano maligno possa cair por terra e que os Seus planos possam prevalecer! Fica comigo essa noite, Pai! Rogo á Ti que quando eu sair daqui, possa sair com a vitória em mãos. Que seja feita a Tua vontade, Pai e não a minha!

Quando Pedro terminou de dizer essas palavras, eis que seu coração novamente se tranquilizou. Toda a sudorese desapareceu de seu corpo e sua respiração aos poucos foi voltando ao ritmo normal. A paz de espírito voltou ao corpo de Pedro. Então, sem que se esperasse, uma luz estranha adentrou àquele depósito. Não era uma luz vinda de alguma lâmpada ou refletor. Na realidade, a luz não vinha de lugar algum. Simplesmente se projetou em meio ao cômodo, o iluminando fortemente. Foi então que Pedro percebeu onde estava. Era um mundaréu de ferramentas e peças de máquinas industriais espalhadas por toda a parte. Não aparentava, de jeito nenhum, fazer parte de um transatlântico tão luxuoso. Onde ele estava escondido era a parte mais afastada do depósito. De fato, ninguém o encontraria ali. Pedro permaneceu onde estava, na mesma posição, de cócoras, apenas aguardando a chegada do artefato destruidor. Não sentia mais fome e nem frio. Nem suas pernas sentiam a mínima dor, estando ele na posição em que estava. Pedro não parecia sentir seu corpo. Poderia ficar ali por até um mês se assim quisesse.

A noite alcança seu estágio mais avançado. São quatro e quarenta e sete da manhã. Vozes são ouvidas na parte de fora do depósito. O idioma falado é o Japonês. As vozes vão ficando mais altas e claras, à medida que os passos também vão se aproximando. Pedro se prepara para se camuflar ali e não

temer de jeito nenhum. A porta então se abre, depois de horas. Ela abre com um barulho apavorante, semelhante ao de uma cela de prisão. Como estava tudo em silêncio, foi possível ouvir o eco da abertura da porta, dando um tom ainda mais sinistro para a situação. Pedro então avista dois homens, vestidos com terno e gravata. Um deles está com uma pequena caixa preta nas mãos. Após alguns instantes de conversa, o outro homem pega um emaranhado de fios e começa a ligar a caixa preta em um outro suporte que ali havia. Parecia ser um trabalho difícilimo, pois eles manuseavam tudo muito lentamente e nem se deram conta de que mais alguém estava naquele depósito. Muitos fios de diversas cores iam sendo conectados á caixa. Aqueles dois cochichavam. Àquela distância, não dava para se ter uma ideia do que diziam. Mas era bem possível perceber que eles tinham muita maldade em suas intenções e não estavam para brincadeira. Montaram rapidamente o artefato. Foi coisa de minutos. Aqueles dois eram especialistas. Foi então que Pedro sentiu um grande calafrio: Após a montagem da bomba, um dos bandidos aciona um pequeno botão e uma contagem se inicia. Algarismos vermelhos dentro de um pequeno display entram em uma cronometragem em ordem decrescente: 11:59:59. A arma mortal estava posicionada e os homens então se ausentaram do cômodo. Pedro estava tenso, mas seguindo a orientação de Rosângela aguardou pacientemente até o Senhor Ihe dar instruções. Os passos são ouvidos com cada vez mais frequência e em um intervalo de vinte em vinte minutos alguém aparecia para vigiar a bomba, confirmar se a contagem estava correta. Ninguém sequer imaginava que Pedro Alcântara, que sobreviveu a primeira tragédia estava ali, presenciando tudo, mais vivo do que nunca. Testemunhava o entra-e-sai dos bandidos, a intensa movimentação, a grande ansiedade por parte dos japoneses. Tudo era apavorante. De repente, tudo parou. Pedro não ouvia mais o passear daquela gangue do lado de fora, nem escutava qualquer palavra. O único som que era possível de se ouvir era o tique-taque do cronômetro da bomba.

A madrugada entra em cena e percorre por aquela realidade. Pedro ainda espera pela presença do Senhor. Seus olhos estão muito pesados. Apesar da tensão do momento, o homem sente um grande cansaço em seu corpo. Estava há muito tempo sentado na mesma posição. O cronômetro marca 08:45:33. Uma nova tragédia se aproximava a cada segundo. Foi então que de repente, uma luz se acende novamente naquele depósito. Mas não era como a luz anterior. Agora era uma luz muito mais forte. Um clarão imenso tomou conta daquele lugar. Pedro não conseguia abrir seus olhos devido á intensidade daquele clarão. Não era possível enxergar mais nada. Nem as

ferramentas espalhadas pelo chão, nem a porta e nem a bomba. Tudo ali ficou em um branco extremamente reluzente. Então, segundos depois, o grande clarão ia se dissipando, revelando a imagem daquela criança que acompanhou Pedro durante todos esses momentos de sua vida. Ele estava todo vestido de branco. E sua roupa era da mesma tonalidade daquele clarão que o envolvia. E o cinto dourado, que antes estava em sua cintura, posicionava-se agora em seu peito. Ele vai se aproximando lentamente na direção de Pedro, que ainda estava com os olhos ofuscados. Pouco a pouco, a imagem do Senhor ia ficando mais nítida e Pedro ia abrindo lentamente seus olhos. Então, depois de quase um minuto, o Senhor se encontra mais uma vez a menos de dois metros de distância de um mortal. Então, colocando a mão no rosto do homem, o Senhor lhe diz:

- Que bom ver que guardou a tua fé! Mesmo com todas essas situações, não desanimou e continuou firme! Você é um soldado muito forte!

Pedro já mal conseguia levantar totalmente a cabeça:

- É bom ouvir isso, Meu Senhor! E ainda bem que está aqui!

- Sempre estou com vocês! – responde Deus – O problema é que muitas vezes sou obrigado a me retirar! Vocês me excluem completamente dos seus planos, de seus projetos, de suas vidas. Por isso muitas vezes resolvo não fazer aquilo que quero fazer! Porque vocês não querem!

Pedro olha para o Senhor com um ar de grande tristeza e diz:

- Se as pessoas conseguissem ver o que eu vi, ouvir o que eu ouvi e sentir o que eu senti, certamente não Te trocariam por nada, Mestre!

- Se isso acontecesse, Filho, não seria fé! – diz o Senhor, com um ar de extrema autoridade – Me entristeço profundamente com o fato das pessoas sempre quererem provas, evidências de Minha existência, a existência do Meu Filho e a existência de Meu Santo Espírito. Só querem acreditar naquilo que podem tocar, que podem entender, que podem dominar! Se tornam escravos de sua própria razão! Nunca deixam os olhos da fé enxergarem por elas! Mas em contrapartida, Eu os amo profundamente! Os amo por sua ignorância, pela capacidade de serem facilmente persuadidos por Satanás. A verdade é que, quanto mais os anos passam, mais vocês precisam de Minha graça!

- Infelizmente, Mestre, eu aprendi sobre isso da maneira mais difícil! – diz Pedro, cabisbaixo.

Então, voltando a sorrir, o Senhor lhe responde:

- Vamos, anime-se! Estamos quase no final de sua tarefa! É chegada a hora! Vá e desative aquela bomba!

- Sim, Senhor! – responde Pedro, levantando-se imediatamente.

A contagem não para e ainda a caminho do artefato, Pedro tenta pensar em uma forma de desativar aquela bomba sem correr o risco de detona-la. Ele nunca tinha feito nada parecido em sua vida. Mesmo com a presença de Deus, sua ansiedade é enorme. Imagens de filmes de ação passam em sua cabeça. Todos aqueles fios de várias cores estavam ali, presentes, exatamente como na ficção. Também havia um teclado numérico. Foi então que Pedro percebeu que aquela bomba tinha que ser desativada ou por um desligamento de algum fio, ou por alguma senha do teclado numérico. A contagem é constante. Os passos começam novamente a ecoar do lado de fora. Não havia muito tempo. Pedro começa a se desesperar. Não fazia ideia de como desativar aquela arma e ele sabia que só tinha uma chance: Ou ele salvava a todos, ou matava a todos. De repente, uma mão pequena e leve pousa em seu ombro. O Senhor se aproxima de seu ouvido e diz, em voz doce e suave:

- Não tenha medo! Isso parece impossível, mas é brincadeira de criança!

- Mas, Meu Senhor! – exclama Pedro – Só tenho uma chance! Se eu fizer algo de errado, tudo aqui vai pelos ares!

- Bem sei disso! E bem sei também que você nunca se destruirá e nunca mais destruirá a vida de mais ninguém! Concentre-se naquele relógio!

Pedro respirou fundo e olhou a contagem que já marcava 08:23:00. Lá ele mantinha seu foco e tentou encontrar alguma solução. Então, o Senhor continuou:

- Agora observe esse teclado numérico!

- Sim, Senhor! – responde Pedro, com os olhos fixos no teclado.

- Lembra-se do número de sua cabine no primeiro transatlântico?

Pedro leva um choque:

- Sim, me lembro! O número era 410!

- Correto! Agora me diga: Lembra-se do número da placa do carro da mulher que te trouxe até aqui?

- Perfeitamente, Mestre! MYG-1536, estou certo?

- Sim, está certo! – responde o Senhor, com muito entusiasmo – Agora, use sua capacidade de percepção e sua ótima memória para digitar as primeiras três letras, usar a numeração da cabine e os outros quatro números restantes!

Pedro olhou o Senhor admirado e espantado. De fato, todos os acontecimentos até aquele momento foram arquitetados pelo próprio Deus. A combinação de desativação da bomba não era de jeito nenhum uma coincidência. O cartão da cabine 410, da qual Pedro nunca desfrutou, chamou a atenção do homem. Na ocasião, aquele número o atraiu durante quase um minuto, por um motivo que nem ele mesmo conhecia. Da mesma forma, o número da placa do carro de Rosângela ficou estampado em sua mente. Apesar de Pedro ter visto aquele número apenas uma vez, em um relance de vista, sua memória o guardou com muito carinho, de forma que toda aquela combinação não sumia de sua cabeça de jeito nenhum. Então, seus olhos se encheram de lágrimas ao ver que estava na presença do Altíssimo, daquele que orchestra todas as situações de todas as vidas. O Senhor repreendeu aquele sorriso e faz um sinal para que Pedro se apresse. Obedecendo, ele coloca seus pensamentos em ordem e começa a digitar:

MYG4101536

Então, toda aquela tensão deu lugar a um grande alívio. A contagem parou e o display se apagou, assim como a luz de força da bomba. Estava acabado. Não havia mais ameaça de explosão. Observando seu grande feito, Pedro ajoelha-se diante do Senhor e o agradece:

- Louvado seja o Teu nome, Mestre!

- Levante-se, filho! Recomponha teus pensamentos e se prepare para a ameaça que vem a seguir! Não fraqueje neste momento!

Pedro então se levanta e ousa perguntar ao Senhor:

- Será que irei conseguir sair vivo desse navio, Meu Senhor?

- Não se preocupe! Estou no controle da situação! Apenas siga sua fé! Nesse momento, passos apressados são ouvidos do lado de fora. A bomba continha um sensor que acusava caso alguma pane aparecesse e a contagem se interrompesse. Não demorou muito para que os homens de Kurosaki comesçassem um alarde nos arredores do Samurai Dois. Pedro estava cercado. Não poderia subir as escadas e nem tampouco sair pela porta dos fundos do depósito. Não podia mais se esconder, pois os bandidos iriam vasculhar o cômodo em busca de um intruso. À ele então só restou ficar

parado onde estava e observar a porta abrir violentamente. De um minuto para outro, cinco homens engravatados estavam posicionados em frente á porta olhando para Pedro com uma expressão de puro ódio. Além da bela vestimenta, os homens tinham outra coisa em comum: Todos mantinham suas mãos em coldres embutidos em suas cinturas. Estavam prontos para sacarem suas armas para eliminarem o invasor que sabotou os planos daqueles bandidos. Ainda não o haviam feito porque estavam aguardando a ordem de um homem que se aproximou logo depois. Era alto, e pesava aproximadamente oitenta quilos. Sua expressão era arrepiante, demonstrava uma clara vontade de matar. Pedro já havia visto aquele rosto estampado com um sorriso suspeito. O jeito como ele amarrava seu longo cabelo em um rabo-de-cavalo e ostentava aquela corrente de ouro em seu pescoço não proporcionou uma primeira boa impressão. E mais uma vez o senso de percepção de Pedro estava correto. Com uma arma apontada em sua direção, Masao Kurosaki exclama em um tom amedrontador:

- Ora, ora! Vejam só quem voltou do mundo dos mortos!

## CAPÍTULO 23

Pedro Alcântara estava parado entre uma bomba desarmada e seis homens portando revólveres. Seu coração estava acelerado, mas ele não sentia tanto medo. Ainda naquele momento, o Senhor Deus estava ali, presenciando toda aquela situação. Ele não observava com cautela, nem tampouco com ira. Deus olhava para todas aquelas pessoas no depósito com um sorriso cálido, tendo todo o controle daquela situação. Então, Masao Kurosaki, apontando firmemente o seu revólver na direção da cabeça de Pedro, diz em um tom ameaçador:

- Pelo visto, nem a morte é capaz de deter a tua arrogância! Por que não ficou quietinho, boiando, na última vez que nos encontramos? E o que está fazendo aqui de novo? Por acaso enlouqueceu?

Com os braços erguidos, Pedro responde:

- Não posso permitir que ceifem mais vidas em prol da sua ambição ridícula! Desista dessa loucura e volte para onde veio!

Os comparsas de Kurosaki soltam simultaneamente uma gargalhada de escárnio. Kurosaki então se aproxima de Pedro, ainda com o revólver na mão e diz:

- “Não posso permitir”? Está brincando comigo, garoto? Quem você pensa que é para entrar nesse navio, justamente neste convés e desligar nossa bomba? E que, aliás, só poderia ser desativada se alguém te desse a senha!

Ao dizer isso, Kurosaki olha para cada comparsa, desconfiando de todos. Ninguém apresenta qualquer mudança de reação. Todos respondem, no idioma japonês, o que estavam fazendo no momento do alarme de desativação da bomba. Todos os álibis foram válidos. Kurosaki se convenceu de que nenhum dos seus homens havia entregado a senha para Pedro. Então ele diz:

- Garoto, você é surpreendente! Não imagino como tenha conseguido o código de desativação da bomba, mas isso não mudará em nada o seu destino, o destino desse navio e dessas pessoas! E assim que isso acontecer, a filial brasileira também será minha e minha fortuna crescerá ainda mais!

- Não entendo essa sua intenção! – responde Pedro – Por que não lutou como todos para merecer esse cargo? Por que toda essa crueldade?

- Acha que tenho idade para ficar me humilhando e puxando o saco de grãos finos como vocês fazem? Quando você engatinhava, eu já administrava empresas, moleque! Não venha você me falar em lutar! E agora chega de conversa mole! Você vai reativar essa bomba e quem sabe pouparemos a sua vida! A senha é a mesma!

Pedro mantém uma expressão de frieza diante dos canos de todos aqueles seis revólveres apontados em sua direção e diz:

- Essa bomba nunca mais será reativada e, como eu disse, nenhuma vida se perderá enquanto eu estiver aqui!

Kurosaki estava perdendo a paciência:

- Não estou brincando, moleque! É sua última chance de obedecer! Se não fizer o que eu mando, esse convés imundo será o seu túmulo, sem direito a Epitáfio!

- Kurosaki! Nem você e nenhum desses homens ao seu lado podem me matar!

O bandido então destrava o revólver e brada, com ódio:

- Como pode ter tanta certeza?

Pedro então tem um lapso de tranquilidade. Uma grande paz invade o seu corpo e um sorriso sincero brota em seus lábios. Então, com voz menos ofegante, ele diz:

- Deus está comigo neste exato momento! Nenhum mal me acontecerá, assim como não acontecerá a nenhum dos meus amigos!

- Deus? – pergunta Kurosaki, em tom de zombaria – Que Deus é esse que permite que toda a sua família morra e que você fique na sarjeta, neste estado deplorável? Que Deus é esse que permite que você perca totalmente o juízo?

- Na verdade é o contrário, Kurosaki! – responde Pedro, ainda com um sorriso – Eu nunca estive tão lúcido e tão feliz como estou neste momento! E se quer saber, o Deus que eu sirvo já me deu provas suficientes de que Ele tem o controle sobre toda essa situação!

- Eu já ouvi demais! Vou dar um jeito nessa sua boca prepotente!

Dizendo isso, Kurosaki sinaliza para que seus homens destravem suas armas e se preparem para fuzilar Pedro. O clique dos outros cinco revólveres foram ouvidos simultaneamente e o coração de Pedro dá um

salto. Ele contempla os bandidos ficarem em silêncio e centrarem seus olhares na direção do seu peito. Nesse momento, Pedro sente um impulso de olhar ao redor do convés. Então, pouco a pouco, ele consegue enxergar pessoas se materializarem ao redor do cômodo diante dos seus olhos. São aqueles seres celestiais novamente. Anjos dotados de uma forte luz em suas vestimentas vão surgindo e vão caminhando em volta de todas aquelas pessoas. Todos eles portavam espadas flamejantes e olhavam na direção de Pedro com bondade em seus rostos. Kurosaki então pergunta a Pedro:

- O que está olhando, idiota? Está com tanto medo que está tendo alucinações?

Pedro nada responde. Está maravilhado com a imagem daqueles lindos anjos o rodeando e sorrindo para ele. E exatamente no meio deles estava o Senhor Deus, também com uma grande espada flamejante, se posicionando exatamente entre ele e a gangue de Kurosaki. Havia então uma linha imaginária naquele lugar: Pedro estava à esquerda, próximo a bomba, Masao Kurosaki e seus homens estavam no outro canto do depósito, a direita e o Senhor Deus estava no meio, olhando os dois lados. E os seus anjos se posicionavam nas laterais dessa linha. Então, finalmente, Kurosaki dá a ordem:

- Vamos, atirem nesse maluco!

Todos apertaram o gatilho ao mesmo tempo, mas nada aconteceu. Nenhuma bala sequer saiu daqueles canos. De nenhum deles. Kurosaki ainda não viu o que aconteceu e ordenou novamente:

- Vamos! O que estão esperando? Mandem esse retardado para o Inferno!

Mais uma vez os bandidos tentam atirar, mas sem sucesso. Os gatilhos estalam, mas nada acontece. Então, um dos homens avisa, em seu idioma nativo, o que estava havendo. Kurosaki não acredita. Ele toma o revólver da mão do companheiro, volta-se rapidamente e tenta atirar. Nenhuma bala. O homem averigua o tambor de cada arma. Todas estavam carregadas. Kurosaki começa a suar de espanto e frustração. Então, mais uma vez, ele grita:

- Vamos! Todos de uma vez!

Incontáveis estalos de gatilhos vacilantes são ouvidos e ecoados naquele depósito, mas nenhum disparo é efetuado. Vendo Pedro que os homens tentavam incansavelmente atirar, mas nunca conseguiam, apesar das armas

estarem totalmente carregadas, ele responde, abaixando os braços e caminhando em direção aos homens:

- Eu disse a vocês que nunca iriam me matar! O meu Deus está aqui presente e é Ele pertence a minha vida! Sendo assim, homens como vocês, nunca conseguirão me fazer algum mal, por mais que tentem!

Incrivelmente os homens começaram a criar um grande temor. Estavam recuando, enquanto Pedro avançava na direção deles. Conforme recuavam, Kurosaki bradava:

- Estou dizendo para não se aproximar, garoto! Não brinque com a gente, não tem ideia de quem nós somos!

Então, ainda avançando, Pedro responde:

- Vocês é que não conhecem o Deus a quem sirvo! Mas Ele conhece perfeitamente a cada um de vocês, e digo que será Ele quem deixará vocês de joelhos!

- Nos deixar de joelhos? – pergunta Kurosaki, amedrontado – E por acaso quem é esse Deus que você serve? Por que nós não o vemos?

Finalmente chegando muito próximo de Kurosaki, estando face a face com ele, Pedro o toca no ombro e diz, em voz cálida e suave:

Eu digo a vocês: Se arrependerem-se sinceramente e se entregar perante o Senhor Jesus, que é o Redentor de todos nós, acreditem: Toda essa ambição de vocês desaparecerá e o que vier a partir desse momento, dinheiro algum nesse mundo poderá comprar!

Nesse momento, os anjos que estavam ali presentes, começam a se posicionar ao redor de Pedro, estando muito próximos a ele. Logo em seguida, o próprio Deus, com um grande e doce sorriso, aproxima-se mais ainda e pousa a leve mão no ombro de Pedro. Os homens de Kurosaki já não são capazes de manifestar reação alguma. Estavam com as pernas bambas, sem palavras. Então, o líder dos bandidos, observando aquela situação, vira-se e diz aos homens:

- O que está havendo com vocês? Por acaso viram um fantasma? O que estão esperando pra atirarem nesse homem? Ele sabe demais! Se ele sair daqui todo o nosso plano e fortuna estarão arruinados! Andem!

Os comparsas pareciam não escutar. O olhar de Pedro se tornou ainda mais puro e inocente, mas ao mesmo tempo, causava muito temor àqueles homens. Não conseguiam dar sequer um passo, nem para frente, nem para

trás. Estavam congelados, boquiabertos, trêmulos. Então, em um tom firme de voz, Pedro exclama, influenciado pela boca de Deus, que também falava:

- Todos vocês! Larguem agora essas armas cheias de morte e se entreguem perante o Senhor Jesus!

Imediatamente, os revólveres caíram das mãos de todos os bandidos. Porém, Kurosaki ainda estava armado, espantado como jamais esteve em todos os momentos de sua vida. Ele apenas olhava para Pedro e para os homens, espantado, ainda apontando a arma. Em uma última tentativa, tenta atirar novamente. Quando Pedro vê a atitude de Kurosaki, ajoelha-se perante ele, inclina sua cabeça na direção do cano da arma, e diz:

- Masao Kurosaki! Eu já disse a você que é impossível me matar, estando eu na presença do Senhor! Se ainda não acredita nos planos do Senhor, mire exatamente no meu cérebro e descarregue essa arma sem medo!

Kurosaki estava mudo. Estava espantadíssimo com a coragem e a autoridade de Pedro. Mesmo assim, ele mira seu revólver exatamente na direção do cérebro do homem, ajoelhado a seus pés e tenta atirar. Dessa vez, o seu dedo indicador não obedece aos seus comandos. Está duro como pedra. Não consegue fazer um movimento. Não conseguia sequer encostar no gatilho. E por mais que ele se esforçasse, o resultado seria o mesmo. Foi então que, finalmente sua arma cai no chão. Kurosaki sente suas pernas bambas e seu orgulho não consegue mais sobreviver. O homem então cai de joelhos e diz, com os olhos apertados e uma expressão de extrema angústia:

- Me perdoe, Senhor! Agora eu sei que este homem está contigo! Não permita que ele tire minha vida e nem a vida de nenhum dos meus homens! Eu me rendo, Senhor Deus! Eu me rendo! Me perdoe por tudo o que eu fiz, Pai!

Então, o Senhor Deus coloca a mão direita no ombro de Pedro, que estava ajoelhado, e diz:

- Levante-se, Filho! Não se preocupe mais! Agora a vida de todos esses homens pertence a mim!

Pedro então abre os olhos e presencia Masao Kurosaki e todos aqueles bandidos ajoelhados, com a cabeça baixa, envoltos em lágrimas. Estavam

164

todos naquele momento, entregando suas vidas para Jesus. Então Pedro ouviu um som que não parecia fazer parte daquele ambiente. Tratava-se do som de muitas harpas e trombetas, que se juntavam, tocando uma grande orquestra. Era uma canção lindíssima, como Pedro nunca havia ouvido em sua vida. Vozes alegres começavam então a entoar louvores em línguas estranhas, em uma sincronia de voz perfeita. Finalmente olhando em volta, Pedro contempla todos aqueles anjos fazendo uma grande festa, cantando alegremente e dançando ao redor do Senhor Deus. Então, vendo o Senhor a admiração de Pedro, Ele diz:

- Pode ver isso, Filho? Esses anjos estão se alegrando juntamente comigo, pois esses homens na tua frente estavam mortos e ressuscitaram! Estavam perdidos e foram encontrados! A vida de cada um deles a partir deste momento nunca mais será a mesma, creia nisso!

Depois de ouvir as palavras do Senhor, Pedro sorri alegre e aliviado. Foi exatamente como Deus o havia revelado. Davi Siqueira agora estava a salvo, juntamente com todos os tripulantes daquele navio. Os olhos de Pedro encheram-se de lágrimas de alegria quando viram todos aqueles anjos sentados ao redor de Kurosaki e os outros, que ainda estavam ajoelhados. Um após o outro, eles iam sentando-se e impondo as mãos em cada um daqueles que, naquele momento, não eram mais bandidos, mas eram agora filhos do próprio Deus. Então, o Senhor olha mais uma vez nos olhos de Pedro e diz-lhe:

- Ouça, Pedro! É preciso que se cumpra a justiça humana para esses homens! Eles precisam pagar pelos graves pecados na forma da lei do seu povo!

- Então, eles serão presos, meu Senhor? – pergunta Pedro.

- Sim! Neste exato momento, as autoridades pertinentes já estão sabendo de toda a história de Kurosaki e estão a caminho! Ele será julgado e condenado por seus crimes! E ele aceitará tudo isso dignamente, sem resistir nem por um momento! Mas a verdade é que, ainda na prisão, ele ganhará muitas almas para o Meu Filho Jesus!

- Fico muito feliz que tudo se conclua dessa forma, Meu Senhor! Te agradeço imensamente por tudo!

Abrindo então um grande sorriso, o Senhor responde:

- Bom, você acaba de salvar a terceira vida! A de Davi Siqueira! Recapitulemos a tua tarefa: A primeira vida foi a de Charles Vincenzo,

como já deve saber! A segunda vida foi a de seu patrão e amigo Otávio Garcia que, por tua fé, livrou-se das mãos da morte!

Pedro então adota mais uma vez sua expressão decidida e diz:

- Sendo assim, então faltam duas! Será que o Senhor pode me dar uma pista de quem possa ser, Mestre?

O Altíssimo então se aproxima de Pedro, coloca suas duas mãos em seus ombros e diz, piscando um olho:

- Mantenha o seu coração em paz! Você saberá o exato momento em que deve salvar essas duas vidas! Eu me ausentarei agora, Filho! Mas, lembre-se do que Eu sempre te disse: Não importa o que ocorra, sempre estarei no controle de todas as coisas! A Minha bênção sempre será contigo e com todos que são seus! Vá em paz agora, e sempre conte Comigo para o que precisar!

Os olhos de Pedro envermelharam-se, lacrimejaram. Ele não pôde conter uma lágrima de tristeza por ter que se despedir do Senhor, mesmo que fosse apenas fisicamente. Ele não se sentiu digno de pedir um abraço de adeus, mas se colocou na liberdade de ajoelhar-se e lançar-se aos Seus pés:

- Obrigado, Pai! Não tenho palavras para descrever o que fez por minha vida! De agora em diante, quero ganhar ainda mais almas para o Senhor, assim como aconteceu com estes homens!

O Senhor então impõe suas mãos sobre os ombros de Pedro e faz um gesto com a cabeça, solicitando para que ele se levantasse. E estando Pedro de pé, o Senhor, com seu pequeno corpo de criança, se atira na direção dele, presenteando-o com um forte abraço. Pedro, por sua vez, ficou totalmente sem reação. Aquele abraço trazia consigo uma sensação maravilhosa. Jamais em sua vida, ele havia sentido tamanho carinho, tamanho amor e tamanha pureza. Então, sendo envolvido por aquela paz, Pedro finalmente fecha os olhos e retribui o abraço de Deus. Ainda sentindo aquele amor, ele abre os olhos, e eis que não há mais ninguém em sua presença, a não ser Kurosaki e seus homens. Deus retirou-se juntamente com todos os seus anjos, deixando resquícios de seu Espírito no ar.

De repente, o som de sirenes é ouvido por Pedro e os outros. No lado de fora do compartimento de carga, o Samurai Dois, que ainda não havia embarcado, se viu cercado pela Marinha. Além dos soldados, estava também ali uma grande multidão que aguardava o desatracar do transatlântico. Entre aquelas pessoas estava Davi Siqueira, espantado e

confuso. Além de ainda não ter visto Kurosaki, deparou-se com homens armados e navios militares cercando aquele navio. Então, um soldado da Marinha faz um alerta pelo megafone de seu barco:

- Atenção! Aqui é a Marinha! Este navio está cercado! Masao Kurosaki, saia com as mãos para cima, é uma ordem! O senhor está preso!

Todos estavam atônitos. Por que razão Kurosaki seria preso no Brasil? Por que toda aquela operação e toda aquela escolta? Será que algo aconteceu dentro do navio? Todos olhavam atentos e confusos, formando teorias, tentando entender a situação. Então, ainda no compartimento de cargas, Kurosaki se levanta e dá ordem aos seus homens para fazerem o mesmo. Então, o homem aproxima-se de Pedro e estende sua mão:

- Eu estava errado! Não só ao teu respeito, mas a respeito de tudo ao meu redor! Mas agora, sinto que estou livre. Desde que você me apresentou a esse Deus, meu coração não se atribula mais. Minha consciência está totalmente diferente e o que sinto agora é uma vontade enorme de contar sobre isso ao maior número possível de pessoas!

- E esse é exatamente o projeto! – responde Pedro, apertando a mão de Kurosaki – Comece a mudança de sua vida hoje mesmo! Agora você não irá mais liderar alguns poucos homens em planos imundos! Mas irá liderar multidões em um Plano Divino!

- Com toda a certeza! Não posso perder mais tempo do que já perdi! Preciso ir agora, junto com esses homens! Obrigado por tudo, garoto! Que Deus o abençoe!

Dizendo essas palavras, Kurosaki e seus homens se retiram, subindo a escada de madeira, a fim de se entregarem para a Marinha. Do lado de fora, todas aquelas pessoas assistem boquiabertas aqueles seis homens engravatados se dirigirem para fora do transatlântico calados, sujeitos a autoridade dos soldados, descendo a rampa de acesso e entregando-se voluntariamente. Davi Siqueira não sabia mais o que pensar. Lembrou-se da advertência de Pedro no dia anterior. O amigo tinha razão e por algum motivo, cerca de quinhentas pessoas escaparam de uma segunda tragédia. Todas as pessoas se entreolharam e finalmente encararam Davi em busca de uma resposta. A única reação do homem foi dar as costas e se afastar da multidão. De repente, Davi desperta um instinto de olhar para o transatlântico mais uma vez e a visão que ele tem o deixa mudo e no mínimo em pânico: Pedro Alcântara também estava deixando o navio, intacto, inteiro, andando lentamente e com uma postura de líder que agora,

mais do que nunca, fazia parte de sua personalidade. Davi tinha a certeza de que Pedro tinha muito a ver com tudo aquilo, mas ele queria ouvir da boca do próprio Pedro. Davi vê o homem descer as passarelas. Já com um sorriso no rosto. Vendo que Davi estava ali, Pedro apressa o passo para encontrar-se com o amigo. Davi, ainda boquiaberto, fica ali parado, olhando Pedro se aproximar. Então, ele diz, de longe:

- Eu preciso pedir desculpas por ter arruinado a sua viagem!

Davi, quase sem saber o que dizer, responde:

- Mas, o que foi que aconteceu?

- Eu disse a você que Kurosaki era um criminoso, e aqui está a prova!

Então, Pedro mostra para Davi a bomba com o contador desativado. Davi dá um salto assustado e exclama:

- Santo Deus! De onde saiu isso?

- Kurosaki e seus homens plantaram essa bomba no compartimento de carga do navio! Ela explodiria oito horas depois que vocês embarcassem! Felizmente as autoridades chegaram bem a tempo. Mas, seria interessante se eu soubesse como a Marinha descobriu os planos de Kurosaki e veio prendê-lo no lugar certo!

Nesse instante, uma voz muito conhecida é ouvida por detrás dos dois:

- Foi porque finalmente eu consegui convencer os militares das tramoias dos japoneses!

Pedro e Davi rapidamente olham para trás e avistam um homem de poucos cabelos brancos, óculos bifocais nos olhos e andando ainda com um pouco de dificuldade. Tratava-se de Otávio Garcia, que saíra do hospital e estava ali no porto, indo ao encontro dos dois. Davi, mais espantado do que já estava, exclama:

- Senhor Garcia! O que está fazendo aqui? Achei que estaria em Nova York!

- Muitas coisas aconteceram, Davi! – responde Garcia – Contarei tudo quando tivermos mais tempo!

Pedro então, pergunta-lhe:

- O senhor disse que conseguiu convencer os militares da intenção de Kurosaki? O que quis dizer, Senhor?

Garcia coloca a mão em seu bolso, lança mão de seu celular e responde aos dois:

- Felizmente, eu me lembrei no hospital que, no dia em que fui sequestrado, liguei o gravador do meu celular para registrar as conversas, caso eu precisasse um dia! E então, eu pedi para o Doutor Vincenzo avisar a Marinha Local e conferir a minha gravação. Foi então que eles conseguiram chegar antes do embarque! Quanto a você, Pedro, não sei o que foi fazer lá dentro, mas saiba que correu um grande risco!

- Não há riscos quando Deus está do nosso lado! – responde Pedro, com um grande sorriso.

Davi Siqueira estende a mão para Pedro e diz:

- Me perdoe por ter duvidado de você! Se não fosse a intervenção de vocês, estaríamos seguindo para uma nova catástrofe e certamente, não iríamos escapar dessa vez!

- Não se preocupe mais, Davi! – responde Pedro, retribuindo o aperto de mão – Concentre-se agora em ajudar o Senhor Garcia na montadora!

Davi e Garcia perguntam, quase em um mesmo tom de voz:

- Como assim? O que quer dizer com isso?

Pedro se afasta um pouco dos dois, andando em direção ao mar. Quando estava há sete metros de distância, ele enfim responde:

- Receio que não poderei voltar a ser o braço-direito do Senhor Garcia, Davi! Terei outros projetos a partir de agora e não poderei entregar-me inteiramente a montadora, como fazia antes! Mas você, meu amigo, revelou ser um excelente líder! Não apenas aprendeu tudo o que te ensinei, como superou todas as expectativas! Será uma honra pra mim se você for nosso gerente de produção!

Nesse momento, Garcia intervém:

- Pedro, tem certeza do que está dizendo? Está cedendo um cargo desse patamar ao Davi? Tem consciência de que assim você voltará a ser o líder de produção e que será subordinado de Davi?

Davi também se manifesta:

- O Senhor Garcia tem razão, Pedro! A empresa sobreviveu por sua causa! Eu não mereço o cargo de gerente, não tive capacidade de te escutar quando você me alertou! Esse cargo é seu por direito!

Pedro volta a se aproximar e colocando as duas mãos nos ombros de Davi, responde-lhe:

- Tenho certeza absoluta de que agora, você escutará a todos e gerenciará os interesses daquela montadora com braço de ferro! Todos os nossos colaboradores te respeitam muito e você tem um grande senso de planejamento! Eu insisto, fique com o cargo! Senhor Garcia, pode atender esse meu pedido?

Fazendo uma pequena pausa e olhando para os dois amigos com orgulho e admiração, Garcia responde:

- Se é o que deseja, Pedro, assim será! A partir da próxima semana, Davi Siqueira será o meu mais novo gerente!

Davi não consegue se conter de emoção. Seus olhos enchem-se de lágrimas e ele não resiste mais. Extremamente agradecido, abraça Pedro de uma forma sincera e diz:

- Obrigado, meu amigo! De coração! Perdoe-me por tudo o que fiz durante nossa convivência! Conte comigo para o que precisar!

- Não há ninguém ali tão preparado como você, Davi! – responde Pedro – Com você no comando juntamente com o Senhor Garcia, certamente levantaremos aquela empresa ainda mais!

Garcia então se aproxima e diz:

- Bem, garotos, eu preciso ir agora! Estou louco para voltar pra casa, depois de tanto tempo! Eu aluguei um carro lá em São Paulo assim que saí do hospital. Venham comigo, vou deixá-los em casa!

- Senhor Garcia, se não se for incomoda-lo, queria pedir-lhe um favor! – exclama Pedro.

- Claro, filho, o que quiser!

- Será que pode me deixar lá no hospital? Eu queria me despedir do Doutor Vincenzo e da Doutora Juliana antes de recomeçar minha vida!

- Com certeza, Pedro! Eu também quero dar uma passada lá e agradecê-los mais uma vez! Vamos, Davi, venha conosco!

E então, os três homens se dirigem até o Alpha Romeu que Garcia alugara e seguiram para o Hospital Castellari.

## CAPÍTULO 24

Pedro Alcântara, Otávio Garcia e Davi Siqueira chegam ao Hospital Castellari para agradecerem mais uma vez as pessoas que fizeram a diferença na história daqueles homens. Tanto Pedro quanto Garcia desenvolveram a sensação de que aquele lugar estaria para sempre gravado em suas lembranças. Foi o centro de uma grande metamorfose do projeto de vida de muitos ali. Naquele lugar, Pedro teve sensações até então desconhecidas para ele mesmo. Ele sentiu como a vida de uma pessoa pode ser preciosa, como cada minuto é decisivo e como cada atitude representa uma continuidade no trajeto vital, seja ela boa ou ruim. Ali então Garcia teve tempo suficiente para contar a Davi Siqueira sobre tudo o que aconteceu e como aconteceu. Pedro também deu o seu testemunho ao amigo e, se ele mesmo não tivesse visto Kurosaki sendo preso, Davi não acreditaria nas palavras de nenhum daqueles dois. Tudo aconteceu muito rápido e de forma inacreditável, pelo menos para uma pessoa de pouca fé. Ao adentrarem a sala de espera e pegar um copo de água no bebedouro, eis que Charles Vincenzo se aproxima e fica extremamente feliz por ter visto aqueles homens novamente:

- Não sabem o quanto estou feliz por vê-los em tão boa forma! Pra dizer a verdade, a cara de vocês nunca esteve tão boa! E quem é o novo amigo?
- Esse é Davi Siqueira – responde Pedro – É o gerente da montadora onde eu trabalho!
- É um enorme prazer conhece-lo, de coração! – diz Vincenzo á Davi, estendendo-lhe a mão.
- O prazer é todo meu! – responde Davi, retribuindo o cumprimento – Ouvi a história de vocês! O senhor é realmente um homem admirável!
- Todos nós! – dizem todos em uníssono. Uma gostosa gargalhada segue-se entre todos.

Porém, de repente, o momento de descontração é quebrado por uma grande agitação. Em menos de cinco segundos, médicos e enfermeiros correm por todos os lados e uma maca passa em uma velocidade incrível na direção da Emergência. A Doutora Juliana passa também correndo, dando orientações aos numerosos enfermeiros que ali estavam:

- Quero essa maca na emergência agora! Todos os enfermeiros com prioridade aqui! Vamos, não temos tempo!

O Doutor Vincenzo, preocupado com aquela situação tensa, corre atrás de Juliana, pega-a pelo braço e pergunta:

- O que aconteceu, Doutora?

Com uma expressão de pavor, Juliana responde:

- Uma mulher com uma criança de colo acabou de dar entrada aqui, Professor! Ela sofreu um acidente gravíssimo e nenhuma das duas parece estar bem!

Foi um choque para todos. Pela expressão de Doutora Juliana, a situação não era nada boa. Todos trabalhavam rapidamente. Parecia que todos os médicos deixaram o caso em que estavam trabalhando para atender somente aquela mãe com criança de colo. Garcia então pergunta a Juliana:

- Doutora, estamos dispostos a ajudar no que for preciso!

- Obrigada, Senhor Otávio! Temos os melhores profissionais já a postos! Eu preciso ir até lá para ver a gravidade da situação!

- Claro, Doutora – responde Garcia, abrindo caminho – Por favor, mantenha-nos informados!

- Não se preocupem, eu mantere! Professor, o senhor vem comigo?

- Claro, minha querida! Vamos indo!

Então, em instantes, os médicos correm em direção ao Pronto Socorro. Davi, testemunhando toda aquela situação, comenta:

- Meu Deus, a realidade médica deve ser muito cruel! Em um momento estávamos conversando e rindo, e no momento seguinte, toda essa correria e desespero!

Garcia senta-se em uma poltrona, tira os seus óculos e diz:

- Isso faz parte de uma eterna lição, Davi! Nunca saberemos o que acontecerá no momento seguinte! Tudo nos espera, momentos maus e bons! A verdade é que devemos estar preparados para tudo!

Pedro, por sua vez, continuava parado em frente ao bebedouro, cabisbaixo e pensativo. Garcia, estranhando aquilo, se dirige á ele:

- Pedro, está tudo bem?

Pedro parecia não o ouvir. Nem sequer piscava. Olhava para o chão e não mudou sua expressão. Então, inclinando sua cabeça na direção do bebedouro, ele insiste:

- Pedro?

O homem então pisca por três vezes seguidas, parecendo ter acordado de um transe:

- Desculpe, Senhor Garcia! O que o senhor dizia?

- Não, eu é que peço perdão! – responde Garcia, recolocando os óculos – Não me dei conta de que tudo isso parece lembrar sua esposa e sua filha!

Pedro dá um profundo suspiro:

- Sim, senhor! Faz muito pouco tempo que perdi minha família e tantas coisas aconteceram que não tive tempo nem pra chorar por elas! E agora que vejo uma mãe com criança de colo entrar aqui entre a vida e a morte, é impossível não me sensibilizar!

Davi então se levanta, coloca sua mão no ombro de Pedro e diz:

- Bem, como gerente da montadora, eu sugiro que você tire umas férias!

Dando um tímido sorriso, Pedro responde:

- Não será preciso, Davi! Na verdade, o que eu quero é me concentrar mais ainda no trabalho que é pra poder me esquecer dessa loucura toda!

Garcia também se levanta:

- Nós respeitamos isso! Como já dissemos, conte conosco para o que precisar! Sempre seremos sua família!

- Já me provaram isso infinitas vezes! – responde Pedro, agradecido.

Garcia dá um leve suspiro e diz, apontando para o corredor do Pronto-Socorro:

- Bom, lá estão o Doutor Vincenzo e a Doutora Juliana! Será que já tem alguma notícia?

A situação naquele momento não era nada animadora. Vincenzo e Juliana andavam cabisbaixos e caminhavam lentamente, muito calados e pensativos. Quando chegaram à sala de espera, Garcia ousou perguntar-lhes:

- Alguma novidade, Pessoal?

Vincenzo e Juliana se entreolhavam, como se perguntassem em pensamento quem iria começar a falar: Juliana então toma a iniciativa:

- As notícias não são nada boas, Gente! A situação é muito mais grave do que todos imaginavam! Aquela mulher sofreu um acidente automobilístico horrível aqui perto! O impacto foi forte e tanto ela quanto a bebê foram lançadas violentamente pelo para-brisa. As duas tiveram muita hemorragia e é provável que nenhuma delas sobreviva!

Um silêncio perturbador seguiu entre todos. Davi resolve tomar a palavra:

- Não é possível salvá-las pelo estoque de sangue do hospital?

- O estoque está baixo demais! – responde Vincenzo, suspirando de tristeza – Aquelas duas precisam de muito sangue para sobreviver! Será impossível conseguir a quantidade necessária a tempo, elas têm poucos minutos de vida!

Garcia então manifesta-se:

- Não deve ser tão difícil assim! Podemos organizar um grande mutirão e convocar as pessoas para doarem o sangue!

- Infelizmente não é tão fácil! – responde Juliana – Nós precisaríamos fazer testes nas pessoas, prepara-las, realizar exames, sem contar que ainda existe a questão da boa vontade delas!

- Eu doarei o sangue! – responde Pedro, repentinamente.

- O que? – Espantaram-se todos.

- Eu salvarei essa mulher e essa criança! Doarei todo o sangue que for preciso!

Juliana olha com muito carinho para Pedro e diz:

- Pedro, eu agradeço imensamente, mas isso está fora do alcance de uma só pessoa! Aquelas duas precisam de uma grande quantidade de sangue!

Pedro encara a mulher e pergunta:

- De quanto sangue estamos falando?

Juliana passa as duas mãos nos cabelos, profundamente entristecida com a situação. Então, Pedro volta a perguntar:

- De quanto sangue estamos falando, Doutora?

- O equivalente à metade de todo o sangue de uma pessoa!

Todos então compreenderam a gravidade do problema. Garcia começou a andar de um lado para o outro. Davi volta a sentar-se e observa tudo aquilo com tristeza. Vincenzo coloca suas duas mãos na cintura, provavelmente esperando alguma ideia brotar em sua mente. Então, de repente, Pedro diz algo que surpreende a todos:

- Pois bem, eu doarei esse sangue!

Todos entram em parafuso com aquilo. Pensam que ele enlouqueceu. A Doutora Juliana se aproxima dele, olha no fundo de seus olhos e diz, em voz baixa e triste:

- Pedro, qualquer ser humano morre se perder um terço de todo o seu sangue! É exatamente isso que está pra acontecer com aquela mulher! Falta muito pouco para ela entrar em óbito! Não há dúvidas de que você morrerá se doar todo esse sangue!

- Ela tem razão, filho! – diz Vincenzo – Não há como salvar á todos! Infelizmente não temos sangue o suficiente pra salvar a mulher e sua filha e nós não podemos ceifar a sua vida dessa forma!

Garcia é o próximo a falar:

- Você salvou as vidas de todos nós, Pedro! Mas infelizmente esse é um momento no qual não podemos fazer nada! Pessoas nascem e morrem todos os dias, isso é natural da vida! Pedro, escute os médicos, isso é uma loucura!

Pedro olha para todos por um momento. Então, em voz calma, ele diz:

- O que eu tinha que fazer eu já fiz! Na verdade, minha vida não se resume em mais nada! Deus me deu uma tarefa e eu pude cumprir parte dela. Estou muito feliz com o resultado! Aqui estão vocês, vivos, inteiros, com saúde! Se quiserem saber a verdade, ainda preciso salvar duas vidas! Não faço a menor ideia de quem sejam! A única coisa que sei é que são vidas que eu ajudei a destruir! Porém, eu não posso deixar essas duas morrerem sem que eu possa fazer nada! Não sei quem são, mas o que eu sinto é que se eu deixar essa oportunidade passar, nunca mais me perdoarei!

Pedro segura as mãos de Juliana e suplica:

- Doutora, permita-me que eu doe este sangue! Meu sangue é doador universal! Até nisso Deus trabalhou! Por favor, não tire de mim esta chance! Garcia então se precipita e fala com desespero para Pedro:

- Não compreendeu o que a doutora disse, Pedro? Doar essa quantidade de sangue significará a sua morte! E quem sabe quais as circunstâncias pelas quais essa mulher se acidentou? E se estivesse embriagada ou mesmo estivesse tentando se matar? Quer mesmo arriscar sua vida por alguém que você nem conhece?

- As circunstâncias não importam, Senhor! Se continuarmos perdendo tempo aqui, aquelas duas vão morrer! E então, o que me diz, Doutora? Vamos, me leve para doar o sangue!

Juliana está pálida, estática, não sabe como reagir. Todos olham para ela aguardando uma resposta razoável. Pedro ainda está segurando suas mãos. Mãos essas que começam a tremer sem parar. Então, não vendo outra opção, ela se dirige ao seu mentor, o Doutor Charles Vincenzo:

- O que eu faço, Professor?

Vincenzo anda de um lado para outro durante um momento. Então, olhando para cada pessoa que estava ali, ele sorri timidamente e diz:

- Quero dizer algo á vocês: Quando eu conheci este homem que entre nós está, eu pensei que era apenas mais um mendigo com pensamentos conturbados! Ele me falou de Deus, de uma missão e de uma tragédia pela qual ele havia passado um pouco tempo antes! No início, eu achei que o que ele dizia não fazia sentido algum e por um momento, pensei em ignorá-lo. Mas depois que presenciamos o acidente com o Senhor Garcia, eu pude ver em Pedro uma autoridade e um senso de liderança incrível. De forma alguma ele parecia ser apenas mais um morador de rua comum. Mas depois que vi a forma como ele agia e como ele resolvia as situações, por mais graves que fossem, resolvi nunca mais duvidar desse homem! Desde o momento em que o conheci, tudo o que ele disse e fez tiveram resultados positivos!

Garcia se precipita:

- Está querendo me dizer que vai concordar como ele? Vai permitir essa loucura?

Aproximando-se de Garcia, Vincenzo diz ainda com um sorriso:

- Pense bem, Senhor Garcia! Todos que estamos aqui nesse grupo, tivemos a vida salva por Deus a partir deste homem! Se não fosse por ele, seria impossível de estarmos tendo essa conversa. Graças a ele, podemos estar próximos de nossas famílias, vivendo nossas vidas não como pessoas que éramos, mas agora como pessoas diferentes!

Pedro dá um sorriso satisfeito. Percebeu que Vincenzo entendeu o sentido de sua missão. Então, Vincenzo conclui:

- Devemos nossas vidas a Deus e á Pedro Alcântara! Se ele está manifestando essa vontade, é porque com certeza está vindo de Deus! E se Deus está dando essa ordem a partir dele, devemos respeitar, mesmo que pareça absurdo!

Garcia não respondeu mais nada. Ninguém respondeu mais nada. Todos abaixaram a cabeça em pesar. Então, Garcia se aproximou de Pedro e lhe deu um grande abraço, dizendo:

- Apesar de eu não estar nem um pouco feliz de como essa história vai terminar, saiba que eu admiro você por demais, Pedro! Se essa é sua vontade, eu a respeitarei! Não será nada fácil lidar com isso, mas no fundo estarei feliz porque você o fez para salvar vidas, e isso faz de você uma inspiração!

Pedro não aparentava estar triste. Pelo contrário. Parecia mais feliz do que nunca. Apesar de ser impossível sobreviver após a extração de metade do sangue de seu corpo, ele sabia que não estaria morrendo em vão. Ele sentiu que poderia ficar em paz consigo mesmo se conseguisse salvar as vidas de uma mãe e sua filha, já que perdera Sofia e Beatriz meses atrás. Davi, depois de conter o seu choro, também se aproxima de Pedro e o abraça, dizendo:

- Eu não me arrependo jamais de ter conhecido você! Aprendi não apenas fatores profissionais, mas com você, eu aprendi os valores de um homem honrado! Queria eu ter essa fé que você tem e essa coragem de fazer o que é certo! Hoje você está me ensinando a maior das lições!

- Nunca se amedronte, Davi! – responde Pedro, impondo as duas mãos no rosto do amigo – Deus sempre está com aqueles que O amam e nunca deixará que o mal se apodere de vocês!

Juliana estava firmemente segurando suas lágrimas. Então, adotando sua firme posição, ela diz:

- Te agradeço mais uma vez, Pedro! Nunca nos esqueceremos de você! Quando aquela paciente acordar, eu mesma direi o que aconteceu!

- Não se esqueça de mim! – diz Charles Vincenzo – Eu acompanharei vocês durante todo o processo! Quero estar com Pedro pela última vez! Quanto a vocês dois, infelizmente não podemos autorizar que entrem na

sala devido ao risco de contaminação! Mas desde já agradeço por tudo o que fizeram!

Vincenzo se dirige a Pedro:

- Está pronto, rapaz?

- Mais do que nunca! – responde Pedro, decidido.

Um abraço muito comovente se segue entre os amigos. Ali encerrava-se uma grande amizade, uma grande história, e iniciava-se um legado eterno. Garcia e Davi resolveram ficar até o final da doação para poderem contar á mulher quem a havia salvado e grandiosidade daquele homem. Então, Pedro Alcântara despede-se de seus amigos pela última vez.

## CAPÍTULO 25

Pedro Alcântara chegou à sala de doação juntamente com o Doutor Charles Vincenzo e a Doutora Juliana Conceição. Era incrível como ele não sentia medo algum. A mesma paz que reinou em seu coração durante o tempo que teve contato íntimo com Deus estava agora mais forte do que nunca. Pedro sabia que o Senhor também o estava acompanhando, embora não pudesse mais vê-Lo. Ele chega então à cama onde irá se deitar para doar o sangue. Antes que ele possa deitar, Vincenzo diz:

- Pedro, não faz parte de nossa rotina dar adeus a um paciente antes que ele possa passar por um processo médico! Por isso, não estranhe essa nossa possível frieza!

- Vocês não são frios! – responde Pedro, com uma grande paz em sua voz – Se assim fossem, não permitiriam que esse meu desejo fosse atendido!

Juliana deixa escapar uma lágrima de seus olhos cor-de-mel:

- Que Deus o abençoe sempre, Pedro! Vá em paz!

- Muito obrigado, Pessoal! – diz Pedro, em sua última frase.

Sem que se perdesse mais tempo, Pedro deitou na cama e Juliana se encarregou de preparar a seringa e as bolsas vazias de sangue e iniciar a extração. Pouco a pouco, o sangue de guerreiro saía de suas veias e se dirigia às bolsas, a fim de salvar as duas últimas vidas, ainda que elas não fizessem parte do Grande Projeto. Juliana e Vincenzo acompanharam cada momento da extração. Pedro não apresentava sofrimento algum em seu rosto. Mantinha-se inabalável. A única mudança foi o aumento assustador da palidez em sua face e o ressecamento de seu corpo. A quinta bolsa de sangue já estava cheia. Pouco a pouco todos os médicos e enfermeiros do Hospital Castellari iam chegando e presenciando o sacrifício de Pedro. Todos estavam comovidos e choravam, tanto pela vida do homem quanto pelo fato do hospital precisar de uma atitude daquela para salvar duas vidas. Oito bolsas de sangue foram preenchidas. Era o suficiente. Já era possível salvar a vida da mulher e do bebê. Mas àquela altura, não se podia fazer mais nada pela vida de Pedro. Metade do seu sangue se foi, juntamente com o seu viver.

Após assistirem a triste cena, todos os médicos e enfermeiros que ali estavam, com exceção de Vincenzo e Juliana saíram da sala extremamente tristes, em silêncio. Então, Vincenzo segura a mão de sua aluna e diz:

- Minha querida, eu queria fazer uma coisa que não faço há muito tempo! Queria fazer uma oração, se você me permitir!

- Sim, por favor, Professor! – diz Juliana, com a voz embargada, quase não suportando a tristeza.

- Querido e amado Deus! – inicia Vincenzo – Nós Te agradecemos grandemente pela vida deste homem que o Senhor acaba de tomar para Si! Obrigado, Pai, por ter nos enviado Pedro Alcântara e permitir que nossas vidas recomecem do ponto em que pararam, e mais do que isso: Permitir que nossas vidas tomem um rumo ainda melhor do que o momento em que a perdemos! Que o Senhor possa nos perdoar por todas as nossas transgressões e nossa infidelidade! Que nós possamos nos espelhar em Pedro Alcântara e possamos ter a atitude de salvar vidas, abrindo mão das nossas, se a situação assim nos exigir! Coloca sua mão, Senhor, na vida dessa minha aluna. Que ela possa ter ainda mais coragem e mais sabedoria do que já tem, para que ela possa ser a responsável por tantas vidas salvas! É o que Te pedimos e agradecemos, em nome de nosso Senhor Jesus!

- Amém! – concluem os dois, em uníssono.

Depois de abraçar e consolar Juliana, Vincenzo diz:

- Não chore mais, minha querida! Se não fosse esse sacrifício, perderíamos mais duas vidas inocentes! Não tivemos escolha, mas Pedro nos abriu essa saída! Concentremo-nos agora em realizar os exames necessários e transferir esse sangue precioso para aquelas duas pacientes! Após isso, cuidarei para que o seu corpo receba um tratamento honrado. Por hora, vamos indo! Tudo bem?

Assentindo com a cabeça, Juliana se dirige a porta, na frente do seu mentor. Vincenzo, por sua vez, olha para o corpo de Pedro e se encarrega de cobri-lo com um grande lençol branco. Depois disso, sai da sala.

Pedro estava com seu corpo em perfeita paz. Não podia mais ver, nem escutar e nem tocar. Depois de meia hora da doação de sangue, a sala estava escura e desabitada. Apenas o corpo de Pedro jazia tranquilo naquele ambiente. Porém, momentos depois, a sala não estaria mais deserta. Alguém caminhava por aquele lugar. Eram passos leves, tranquilos, sem pressa. Alguém andava ao redor da cama de Pedro. Era alguém de baixa estatura. Pouco a pouco, a sala estava deixando de ser tão escura. Conforme a pessoa andava, uma luz se acendia. Não de um interruptor, nem era uma luz que vinha de fora. A luz parecia se manifestar de dentro da pessoa. A cada passo, a luz ficava mais forte. E depois de quase sete voltas ao redor

da cama, a sala ficou totalmente iluminada. E eis que a imagem da pessoa começa a surgir. Tratava-se de uma criança de cabelos loiros cacheados, um sorriso extremamente doce e agradável. Trajava um grande manto, branco como a neve, que o envolvia do pescoço até os pés. Em seu peito, havia um grande cinturão, cingido com o ouro mais puro do Universo. Reluzia tanto quanto a luz que envolvia aquele lugar. Ao redor do seu corpo, reluzia uma aura divina, dotada de bondade e bênçãos. O Senhor voltara para Pedro e estava contemplando o seu corpo sem vida. Depois de mais uma volta ao redor da cama, Ele para ao lado de onde pendia o seu braço esquerdo, que ainda estava ferido pela agulha. Então, fechando seus olhos, Ele impõe sua mão naquele braço, envolvendo-o com todo o cuidado. De repente, a aura percorre sua mão e alcança o braço de Pedro. Pouco a pouco seu corpo vai e sua face vão ganhando cor e o sangue começa a fluir novamente em suas veias. O Senhor não tem pressa em devolver a vida ao homem. Estava paciente, com os olhos fechados e um sorriso aberto. Em instantes, Pedro recebia de presente uma nova vida, literalmente. Depois de dez minutos, Pedro abre lentamente os seus olhos e se depara com uma superfície branca diante do seu olhar. Então, lentamente o lençol sai de seu rosto e a primeira pessoa que Pedro contempla após o seu renascimento não lhe podia trazer mais alegria. Com um grande sorriso de felicidade e agradecimento, Pedro diz ao Senhor, com voz baixa:

- Ora, ora! Não me diga que perdeu Sua moeda valiosa novamente...

Com uma doce gargalhada, o Senhor responde:

- Como eu te disse, nunca mais perderei esse tesouro de novo! Uma vez que eu Te encontrei, nunca mais irei perdê-lo! E enquanto você estiver Comigo, nunca irá morrer!

Pedro se levanta lentamente até ficar sentando na beira da cama. Olhando para seu braço, ele vê que até mesmo a ferida da agulha havia desaparecido. Olhando então para o Senhor, ele diz:

- Eu preciso pedir desculpas, meu Senhor! Acabei sucumbindo antes de completar a tarefa que me deu!

- Do que está falando? – questiona o Senhor – Você cumpriu a tarefa direitinho!

Pedro olha com dúvida:

- Mas, Senhor, eu mal conheço essa mulher e essa criança para as quais doeí meu sangue, e o Senhor disse que as vidas que eu precisava salvar eram vidas que eu havia ajudado a destruir!

Deus então se aproxima de Pedro, segura sua mão e diz:

- Que não se preocupe o teu coração, Filho! Você acaba de salvar as vidas que faltavam para a conclusão da tarefa! E Eu vim aqui para te agradecer! Pois além de salvar as cinco vidas que te apresentei, ainda ganhou almas para o Meu Reino! Saiba que Minha Providência estará sempre com você!

Pedro, coçando a cabeça, permanecia confuso.

- Agora, recomece a sua vida! – exclama o Senhor – Não se afaste do Caminho, nem para a direita e nem para a esquerda. Continue resgatando as vidas para a Salvação! Eu conto com você!

Dizendo isso, o Senhor desaparece envolto em sua aura divina, deixando resquícios de sua Glória pelo ambiente. Pedro então respira fundo, olha para o céu e pensa: *Agora acabou!*

De repente, a porta se abre e Pedro se depara com uma pessoa congelada de pavor. O Doutor Charles Vincenzo acabara de voltar para enviar o corpo de Pedro para o Instituto Médico Legal e se deparara com o homem mais vivo do que nunca. Ele ficou paralisado, com a mão na maçaneta da porta e não conseguia proferir nenhuma palavra. Então, Pedro ainda sentado, com um sorriso, diz:

- Olá, Doutor! Não tenha medo, sou eu!

- V...V... Você perdeu metade do seu sangue! Você morreu! Eu vim aqui para mandar seu corpo para o IML! Diga-me que estou sonhando!

Então, Pedro levantou-se lentamente e caminhou em direção a Vincenzo, e dizia:

- Depois de tudo o que passamos, Doutor... Depois de presenciarmos tantos milagres... Ainda duvida que o impossível se torna possível para Deus?

Com as pernas trêmulas, Vincenzo responde, com a voz comprometida pelo medo:

- Sim, mas... Você está corado! Eu te vi pálido, sem vida! Até orei por você!

- Doutor... Estou vivo e feliz pela vida daquela mulher e daquela criança! Que bom que conseguimos salva-las!

- S... Sim! – responde Vincenzo, agora dando uma gargalhada de alívio – Esse Deus me surpreende á todos os segundos mesmo! Sim, Pedro, conseguimos salvá-las! Elas já estão fora de perigo!

- Isso é ótimo, mas... Ainda estou intrigado! O Senhor Deus me disse que eu concluí a missão, mas a verdade é que ainda não sei o que tenho a ver com essas duas últimas vidas.

De repente, Vincenzo sorri com uma grande alegria e seus olhos se enchem de lágrimas. Pedro então, perturbado, pergunta:

- Doutor, o que aconteceu?

- Pedro! – responde Vincenzo, com a voz embargada com lágrimas – Você tem sim muito a ver com essas duas pessoas!

O coração de Pedro começa a acelerar. Ele não compreendia do que se tratava. Sua mente não conseguia imaginar quem eram essas duas pessoas e como ele interferiu em suas vidas:

- Doutor, eu não sei do que está falando!

Então, enxugando os olhos, Vincenzo responde:

- Aguarde aqui por um momento! Preciso preparar o coração de todos antes de entrarem nesta sala, principalmente o coração dessas duas vidas! Não saia daqui!

- S... Sim, Doutor!

Vincenzo se apressa em sair da sala. Pedro vê a porta se fechar e se encontra um tanto perdido. Ele não sabe mais o que pensar. Começou a olhar para os lados, na esperança de encontrar o Senhor para lhe perguntar o que aconteceu. Seu coração agora estava mais acelerado e sua respiração estava mais ofegante. Depois de caminhar vacilante pela sala durante um tempo, a porta se abre novamente. A Doutora Juliana é a primeira a entrar. Seus olhos estavam envoltos em um choro de alegria. Ela dá um enorme abraço em Pedro, que logo lhe retribui. Após isso, chegam Garcia e Davi, também embriagados de felicidade. O mais estranho era que, conforme todos chegavam, olhavam imediatamente para a porta. Pedro achou aquilo muito estranho e também não desgrudava os olhos da porta da sala. E então, segundos depois, uma criança de aproximadamente dois anos de idade adentra a sala. Quando Pedro avista aquela criança, imediatamente

tem um lapso de emoção. Seus olhos transbordam de lágrimas e ele solta um grito de felicidade, com a voz trêmula. Aquela criança era ninguém mais, ninguém menos do que sua filha Beatriz. Sem saber, ele salvou sua vida, renunciando a si mesmo. O mundo pareceu sumir diante dele. Correu como louco ao encontro de sua filha. Parecia não acreditar quando a pegou no colo, abraçando-a fortemente. Não conseguia conter seu choro. E algo o alegrava ainda mais: Se Beatriz estava ali, era claro que Sofia também estava. E lá estava ela. Com as mãos no rosto não se contendo de felicidade, ela corre ao encontro de seu amado e o abraça mais uma vez, depois de tanto tempo. Ninguém na sala conseguia conter a emoção. A Família Alcântara foi reunida mais uma vez através de uma obra do Senhor, que Pedro simplesmente contribuiu de boa vontade, nunca sabendo ao certo o real propósito daquela missão. Agora ele compreendia o que Deus queria fazer por sua vida. Toda aquela situação, todos aqueles acontecimentos fizeram com que muitas vidas fossem salvas e o que parecia impossível, naquele momento estava se concretizando diante dos olhos de todos.

Quando Pedro conseguiu falar, perguntou a sua amada Sofia:

- Meu amor! Eu não acredito que está aqui! Pensei que haviam morrido na explosão do transatlântico!

- Também achei que não iríamos sobreviver, Querido! – responde Sofia, cheia de emoção – Eu procurei você como louca, chamei pelo seu nome, mas a água estava dominando tudo! A inundação já estava chegando ao meu pescoço e tive que colocar Sofia por cima de minha cabeça! Ninguém estava mais ali para nos ajudar! Não sei como aquilo aconteceu, mas me deu o instinto de olhar para a esquerda, onde a água ainda não havia chegado. Foi então que avistei um bote salva-vidas ali, sem ninguém, como se estivesse à minha disposição desde que a inundação começou! Foi então que corri com Beatriz e consegui desamararrar o bote e descer com ele mar adentro. Depois de quase dez minutos procurando, um outro navio se aproximou e nos resgatou. Perguntei ao capitão e às pessoas que ali estavam se haviam visto você, mas ninguém soube de nenhum rastro seu! Então me vi chorando sua morte até chegar em casa. Os noticiários não diziam outra coisa a não ser a tragédia e o fato de você ter desaparecido. Procurei a polícia, o exército, tentei contatar o Presidente, mas todos me diziam a mesma coisa: Estavam te procurando, mas sem sucesso! Foi então que na semana passada, Maurício me ligou e me disse que você havia ido até a casa dele. Foi quando eu comecei a tentar vir aqui ao hospital, mas sempre me barravam, dizendo não saberem nada sobre você. Tentei por

quase uma semana vir te ver! E hoje, peguei meu carro e saí novamente na esperança de poder me encontrar com você. E quando cheguei próximo á uma praça na Avenida Paulista, um menino atravessou de repente na frente do carro. Foi repentino, eu não ia conseguir me desviar dele. Então, pisei com tudo no freio, e o carro derrapou violentamente e bateu em uma árvore na praça. Eu não me lembro de muita coisa, mas depois que bati na árvore, não vi mais a criança, ela havia sumido! E ninguém na multidão de curiosos comentou nada a respeito de criança alguma! Eu queria pegar Beatriz no colo, mas não tive mais forças. Depois disso, não me lembro de mais nada!

Pedro levou um choque:

- Você disse que atropelou uma criança?
- Não, eu consegui me desviar dela! Mas não consegui evitar o acidente!
- E me diga, meu amor! Você conseguiu ver como era a criança?

Sofia olha para Pedro como se estivesse se perguntando que relevância teria a aparência da criança. Mesmo assim, ela responde:

- Sim, apesar de tudo ter sido muito rápido, eu consegui ver! Era um garoto! Tinha cabelos cacheados loiros e parecia vestir um macacão jeans e uma camisa verde!

Então, Pedro sentiu de novo a energia que sentia quando se encontrava com o Senhor. Agora ele sabia de todo o Grande Projeto. No mesmo lugar e nas mesmas circunstâncias, Sofia acidentou-se com seu carro e se viu levada ao Hospital Castellari, já que por suas forças ela não conseguia e sempre era barrada. O Senhor colocou Sofia e Beatriz para dependerem do sangue de Pedro Alcântara e, sem que ele soubesse, devolveu a vida a elas. Pedro sentiu um instinto de olhar para trás. E eis que ele vê novamente o Senhor, acompanhado daquela mulher misteriosa que o deixou no porto de Santos. Rosângela estava agora vestida com um manto branco como a neve e estava ao lado de Deus, sorrindo, muito feliz pela Família Alcântara. Com lágrimas nos olhos, sentindo-se extremamente agradecido, Pedro diz em voz baixa:

- Obrigado!

O Senhor, assentindo com a cabeça, diz também em voz baixa:

- Que Minha bênção esteja com todos vocês!

Então, o Senhor e Rosângela observam todas aquelas pessoas ausentarem-se da sala. Pedro não conseguia parar de olhar para trás. Então, depois de ser envolvido pelos braços de Sofia, ele enfim, passa pela porta e a fecha. Rosângela, ainda sorrindo, diz ao Senhor:

- Ele é uma pessoa muito agradável, Mestre! Todos eles!
- Sim, ele conseguiu alegrar meu coração! E terei muitas alegrias ainda com ele a partir deste momento!
- Cuidarei dele, juntamente com o Santo Exército! – diz Rosângela, curvando sua cabeça em respeito ao Senhor.
- Fico feliz, Filha! Mas agora precisamos ir! Temos outra vida para trabalhar!

Sorrindo alegremente, Rosângela responde:

- Agora mesmo, Senhor!

E assim, os dois desaparecem lentamente, partindo ao Céu, deixando rastros de Glória.

## EPÍLOGO:

Durante o restante de sua vida após ter uma experiência máxima com o Senhor Deus, Pedro Alcântara trabalha duramente em favor do Reino, pregando a Palavra e ganhando almas para Jesus. Sua grande aventura serviu como testemunho para a conversão de muitas pessoas.

Ele, juntamente com sua esposa Sofia e Beatriz, que agora tinha vinte e sete anos e era obreira, rodavam o mundo anunciando o nome do Senhor Jesus. Foi um ministério abençoado. Os anjos de Deus estavam o tempo todo combatendo todas as legiões de demônios que a todo momento, tentavam interromper o caminho da Família Alcântara. Deus era com eles em todos os minutos, mas Pedro nunca mais o viu na forma de humano.

Chegando aos noventa anos de idade, Pedro já havia deixado sua missão para sua filha e os seus netos, que também perseveravam firmemente na fé. No meio da caminhada, presenciaram ainda muitos sinais e prodígios, que também foram servindo de testemunho. Pedro louvava e engrandecia o nome do Senhor até o fechar definitivo de seus olhos. Sua vida encerrava-se, deixando um grande legado aos seus descendentes e também a todas as almas que ele havia resgatado. Pedro Alcântara pôde enfim descansar em paz.

Em meio a escuridão e a paz de seu eterno descanso, Pedro recebe mais uma vez um despertar. Lentamente, ele abre novamente seus olhos, depois de um tempo que ele mesmo já não podia contar. Então, a figura do garoto que há muitos anos atrás mudou definitivamente sua vida aparece novamente diante de sua visão. Sorrindo alegremente, o Senhor diz:

- Oi! Já acordou?

- Meu Senhor! Ainda estou morto?

- Não mais! Nunca mais morrerá! Levante-se! A Terra passará neste momento por uma enorme tribulação! A maior tribulação de sua história! Ai de quem ficar aqui quando esse momento começar! Eu já distribuí Meus anjos pelos quatro cantos da Terra e eles já tocaram as trombetas! Chegou o momento da sua salvação. Juntamente conosco, o Espírito Santo deixará este lugar e sua mansão celestial já está reservada! Vamos, se apresse, Filho!

- Agora mesmo, Mestre!

E assim. Pedro Alcântara e todas as almas salvas puderam enfim subir aos ares para enfim iniciarem a Vida Eterna.